

Carol Wall

O Jardim do Sr. Owita

*Como descobri a
inesperada alegria de
possuir um dedo verde
e um coração aberto*

LAZULI
editora

Carol Wall

**O Jardim
do Sr. Owita**

*Como descobri a
inesperada alegria de
possuir um dedo verde
e um coração aberto*

LAZULI
editora

Sumário



Prólogo

Capítulo 1 - Anjo da Guarda

Capítulo 2 - Especialmente Belas São as Azaleias

Capítulo 3 - Uma Rosa Entre Dois Espinhos

Capítulo 4 - Uma Promissora Folha de Grama

Capítulo 5 - Flores Precoces

Capítulo 6 - Abordando Sistemas

Capítulo 7 - A Copa da Batata Yukon Gold

Capítulo 8 - Todo Jardim Deve Ter Suas Próprias Flores

Capítulo 9 - Tons de Branco

Capítulo 10 - A Árvore de Natal Perfeita

Capítulo 11 - Frágil Magnólia

Capítulo 12 - Limão

Capítulo 13 - Um Lindo Céu

Capítulo 14 - Vasos de Plantas e Flores Recém-Colhidas

Capítulo 15 - Somente Plantas Verdes

Capítulo 16 - Marias-sem-vergonha

Capítulo 17 - Seminários sobre Jardinagem

Capítulo 18 - Neve

Capítulo 19 - Pés de Tomate

Capítulo 20 - Mudas

Capítulo 21 - O Rio

Capítulo 22 - Um Caminho Difícil

Capítulo 23 - Os Lírios do Campo

Capítulo 24 - Águas que Fluem

Capítulo 25 - Todas as Coisas que Ele Amava

Epílogo

Nota do Autor

Agradecimentos

Sobre a autora

Prólogo



Nunca gostei de sujar as mãos. Essa é uma das razões pelas quais nosso jardim parecia tão triste. Mas também havia outros motivos — mais graves e muito mais difíceis de enfrentar do que a grama quebradiça ou as moitas altas demais.

Não é que eu ignorasse nosso jardim de propósito. De vez em quando, contratávamos alguém para plantar ou aparar algo. Meu marido, Dick, fazia sua parte cortando a grama. Mas nunca de boa vontade. Não éramos do tipo de gente que sente orgulho do seu jardim, como algumas pessoas. E quando as crianças eram pequenas, sempre havia alguma coisa mais importante a fazer do que cuidar dessa parte da casa. Vê-los jogar ou participar de algum evento, correr para deixá-los na escola, ajudar nas lições ou levá-los ao médico — todas essas coisas ocupavam uma posição bem mais alta em nossa lista de prioridades.

Depois que as crianças cresceram, ainda dei um jeito de descobrir coisas mais importantes para fazer. Preferia ler um livro, assistir a um documentário na TV ou sair para jantar com Dick a podar uma planta. Eu adorava nossa casa e gostava de decorá-la, mas não havia nada no ato de *manter* uma casa que eu gostasse de fazer. Existem casais em que um dos cônjuges supre as deficiências do outro. Mas, para o bem ou para o mal, meu querido marido e eu compartilhávamos a mesma deficiência nesse departamento. Nenhum de nós era habilidoso. Ignoramos a maçaneta solta

da nossa porta da frente enquanto ela estava instável e vacilante, até o dia em que finalmente caiu quando tentávamos sair de casa uma noite. Dick ficou olhando a maçaneta atingir o piso de tábua corrida com um ruído surdo e então olhou para mim e disse:

— Hora de nos mudarmos.

Não acho que estávamos totalmente errados em nos aferrar à nossa política de intervenção mínima. Um dia, Dick e eu estávamos passeando pela cidade quando fomos abordados por um grupo de moças que estavam comemorando o casamento de uma amiga que aconteceria em breve. Elas estavam pedindo conselhos, para dar a futura noiva, a todas as mulheres obviamente casadas que encontravam. Respondi:

— Sabe, minha vida realmente começou quando me casei.

Todas elas riram e me disseram que eu havia sido a primeira mulher que haviam abordado que não tinha dito: “Não case”. Então disse a elas que o melhor conselho que podia dar era que não tratassem o casamento como um acordo entre duas pessoas responsáveis por uma propriedade. Eu tinha a impressão de que muitas pessoas passavam a maior parte do tempo cuidando de suas casas em vez de aproveitar a companhia de seus maridos ou esposas. E o que tinha de divertido nisso?

Gostava de pensar que o que me mantinha longe do jardim era uma filosofia de vida válida e não pura e simplesmente a preguiça. Em todo caso, para mim, pior do que remexer a casa em busca de uma chave de fenda era remexer a terra. Eu não tinha absolutamente nenhum interesse por essa parte da nossa propriedade. Acho que nem cheguei a olhar para ela.

Então um dia, percebi que nosso jardim havia lenta e gradualmente se transformado. Não podia continuar me sentindo orgulhosa, achando que sua aparência era natural e descuidada porque essa era a estética que eu preferia. Não, nosso jardim não tinha apenas o contorno irregular. Ele havia se tornado uma verdadeira vergonha. Pode ser que ele não fosse o pior de todo o quarteirão, mas estava bem perto disso, e uma boa aparada na grama do jardim do nosso vizinho mais negligente poderia facilmente nos empurrar para o último lugar. E isso seria simplesmente constrangedor. Pode ser que eu nunca tenha sentido orgulho do meu jardim, mas não queria sentir vergonha dele.

Foi então que decidi que já era tempo de fazer algo a respeito. Afinal de contas, era um problema que podia ser resolvido — e como seria bom ter

um daqueles jardins.

Quando passei pelo jardim de nossa vizinha Sarah, não pude deixar de ver que trabalho incrível seu jardineiro havia feito. Sarah era uma jardineira de mão cheia, mas ultimamente estava muito ocupada com seu trabalho, e acabou contratando alguém para ajudá-la um pouco. Até eu podia dizer que havia um verdadeiro artista trabalhando ali. Pensei que talvez pudesse contratar seu jardineiro. Então nosso jardim ficaria tão bonito quanto o dela. Seria cheio de vida, exuberante e bem cuidado — exatamente como eu gostaria de ser.

Alguns dias depois, vi o misterioso jardineiro em carne e osso — o artista que havia forjado essa miraculosa transformação no jardim de minha vizinha — foi o destino. Amor à primeira vista. Não, não era o tipo de amor que faz você questionar seu casamento. Era o tipo de amor que faz com que você questione a si mesma. Do tipo que faz com que você deseje ser uma pessoa melhor. Do tipo que muda sua vida completamente.

Seu nome era Giles Owita e, desde o começo, alguma coisa floresceu não apenas entre nós, mas em volta de nós também. Primeiro ele se tornou meu jardineiro e depois meu amigo. Embora eu soubesse desde o momento em que nos encontramos que se tratava de alguém especial —honestamente, não conhecia nem a metade da história.

Capítulo 1



Anjo da Guarda

O jardim bem cuidado e a casa majestosa de minha vizinha Sarah Driscoll, Jardineira Mestre, passaram despercebidos à minha direita. Eu estava tão presa àquela visão que, por um momento, parecia que estava parada e que a magnólia de 12 metros se movia para trás.

Foi quando o vi.

Ele estava usando um uniforme azul-marinho com tênis de couro de um branco brilhante. Nossos olhos se encontraram e meus pés pisaram no freio. Rápido assim.

Quando parei, ele já havia se afastado. Eu o vi mergulhar a pá em um amontoado de palha, folhas e estrume que não estava lá quando saí de casa naquela manhã. Cuidadosamente, ele esvaziou a pá e sacudiu uma pequena pirâmide de serragem com o que parecia ser uma mão experiente. Sua pilha era leve e resistente.

Eu sabia que o novo jardineiro de Sarah também trabalhava com ela no Garden Shoppe, onde ela era subgerente. Sarah disse que ele era diligente e capaz. Enquanto continuava descendo a rua e parava o carro na garagem, seguia seu reflexo no meu retrovisor. Continuei observando-o enquanto se dirigia aos arbustos de buxos de Sarah, onde havia deixado a mistura de palha, folhas e estrume deslizar de sua pá para dentro de pequenos espaços vazios recém-abertos no canteiro. Ele lançou um olhar para baixo, em

minha direção, como se também estivesse curioso. Ou então estava pensando porque essa mulher, dona daquele lastimável jardim, estava encarando-o. Isso me pegou de calças curtas. Não queria ser a mulher branca que encarava o negro desconhecido na vizinhança. Já havia encontrado muitas pessoas de mentalidade tacanha ao longo dos anos e tinha horror a ficar parecida com elas.

Estávamos na segunda semana de março, pouco depois das cinco horas, e eu tinha 52 anos. Mesmo agora, ainda consigo me imaginar gravando esses detalhes em uma espécie de diário mental, como se já soubesse que esse momento — a primeira vez em que coloquei meus olhos em Giles Owita — seria algo de que eu sempre me lembraria. Foi durante esse vislumbre de consciência que notei a grama verde-limão que acabara de brotar no jardim de Sarah e as folhas frescas das árvores de bordo que forravam as calçadas do nosso bairro. Alguns galhos pendentes, que ainda não estavam completamente floridos e cobertos de folhas verdes, curvados em uma simetria quase perfeita acima da cabeça do desconhecido, me lembravam um halo abstrato e imperfeito. Tudo nesse homem, desde o verde luxuriante das plantas em que ele trabalhava, até a energia contida que parecia conduzir seus movimentos, transpirava saúde. Eu o invejava por essa benção.

Quase dez anos se passaram desde que fui diagnosticada pela primeira vez com câncer em meu seio esquerdo, mas ainda me sinto abalada. Não é que alguém, além de meu marido, soubesse disso. Se você fosse meu amigo naquela época, diria: *Ela lidou tão bem com a doença, a mastectomia e a radioterapia. Ela continuou fazendo suas atividades sem reclamar. Sua fé foi reforçada. Ela não sentiu medo. Ela foi um exemplo maravilhoso para todos nós.* Mas nada disso teria sido verdade. Cá entre nós, eu era uma tremenda covarde. Sentia como se estivesse marcada — condenada. Fiquei deprimida e fui consumida pelo medo. Eu me preocupei quando soube do diagnóstico e continuo me preocupando todos os dias desde então. Passei incontáveis horas nos últimos dez anos examinando meu corpo em busca de maus presságios.

O céu se tingiu daqueles adoráveis azuis e rosas de fim de tarde. Estacionei na entrada de nossa garagem e caminhei em direção à varanda da frente, feita de tijolos, pensando o tempo todo na sorte e nas orações — naquelas que pareciam ter sido respondidas e naquelas que não foram. Em

meu quarto, no andar de cima, escondida em minha caixa de joias, ainda guardava uma pequena oração em forma de poema que escrevi para meus filhos antes da minha cirurgia, dez anos atrás. A oração deu certo — vivi para ver todos os três crescerem e esperava viver muito mais ainda. Mas a esperança é uma coisa frágil e se para mim esse poema simbolizava uma oração respondida, também me lembrava que nosso apego a tudo que amamos é tênue. Quanto mais amor sentimos, mais temos medo de perder.

Girei minha chave na porta da frente ao som do nosso beagle, Rhudy, se mexendo pelo vestibulo. Deixei que ele saísse para o jardim pela porta de tela. Alguns minutos mais tarde, com meu copo de chá doce e gelado, parei em frente da janela da cozinha, olhando para o riacho. As águas caíam rápidas com o degelo da estação. Rhudy farejava junto à linha do muro. As sombras das árvores se moviam e se misturavam umas às outras sobre o pavimento verde da quadra de basquete em que nossos filhos costumavam jogar. Com vergonha cada vez maior, reparei nas manchas lamacentas em meio à grama rala, nos arbustos que se tornaram marrons ou selvagens e fora de controle, em todo o jardim cheio de galhos soprados pelo vento e nas horripilantes espirais de ervas daninhas. Parecia decadente. Essa era a vista que nossos vizinhos tinham diante deles todos os dias.

Arrisquei-me a sair novamente e subi a rua, meus passos caindo ritmados sobre a calçada de concreto. Atravessei o jardim da frente de Sarah e espiei para a parte de trás, por cima do muro. Não vi nem sinal do desconhecido. Tirei meu celular do bolso da jaqueta e disquei o número de Sarah. Caiu direto na caixa postal, então deixei uma mensagem:

— Oi — é a Carol. Vi aquele cara novo trabalhando no seu jardim. Você acha que ele tem tempo para outro cliente?

Demorei-me no muro e olhei para o jardim de meditação de Sarah. No ano passado, ela havia acrescentado um encantador caminho de seixos que percorria um canteiro de gardêneas e copos-de-leite. Havia bancos de ferro forjado e um anjo da guarda especialmente adorável moldado em concreto que constituía o foco do local. Meu mundo estava prestes a se expandir de maneiras inesperadas, mas tudo que vi nesse dia sem nuvens foi um jardim que me fez sentir inferior. Inveja, teu nome é Carol Wall.

Desci a rua de volta para casa. Rhudy latiu no jardim, mas eu simplesmente segui em frente e entrei. O cansaço tomou conta de mim. Não era a primeira vez que eu me perguntava como é que algumas pessoas

conseguiam pular do trabalho para o supermercado, voltar para casa novamente e, logo em seguida, abrir um sorriso e cozinhar uma refeição nutritiva para toda a família saborear. Nunca fui assim. Tínhamos muitas refeições deliciosas juntos, em família, e nossa casa era cheia de alegria. Mas sempre que eu entrava pela porta depois de um longo dia de trabalho, a primeira coisa que procurava era uma cadeira. Eu precisava recarregar minhas baterias. Então, depois de meia hora mais ou menos, eu conseguia levantar novamente.

Quando nos mudamos de Radford para Roanoke e todo o trabalho de pintura e decoração havia terminado, olhei para meus três filhos e disse:

— Subam, levem o Rhudy com vocês e não desçam de novo até terem crescido.

É claro que eu estava brincando (mais ou menos). Nossa vida era um amontoado de agendas em eterno conflito — eu dava aulas na escola secundária, meu marido era advogado e somem-se a isso todas as atividades das crianças: esportes, aulas de dança, piano e recitais. Sem falar nas emergências que se multiplicam a cada filho que se traz ao mundo. O caos me prendia às coisas do dia a dia que tinham de ser feitas para os demais. Havia o transtorno de aprendizagem do nosso filho mais velho, Chad, bravamente superado por ele; a terrível experiência de nossa filha Jennie com um melanoma (um tumor que acabou se mostrando benigno, mas não antes de matar de susto todos nós) e a perda quase devastadora de uma tireoide em funcionamento do nosso filho caçula, Phil. Como consequência disso, ele entrou em uma profunda depressão com apenas onze anos — no mesmo ano em que recebi meu diagnóstico de câncer. Não foi um bom ano.

Com a doença de meu filho ocupando meus pensamentos, sobrava muito pouco tempo para me preocupar comigo, mas, de alguma forma, consegui fazer isso. O câncer iria voltar? Essa era uma pergunta que eu me fazia todos os dias da minha vida, e, em alguns dias, várias vezes. As probabilidades de reincidência eram mínimas. Pelo menos foi isso que me disse meu lindo oncologista (dei-lhe esse título sem medo de parecer contraditória). Mas quando aquela palavra que começa com “C” já foi mencionada uma vez em sua vida, o diagnóstico é como um fantasma que persegue você para sempre depois disso. É melhor se manter em movimento e o mais rápido possível. E se de vez em quando paro em frente ao espelho, é somente para arrumar a franja ou retocar o batom. Não me

atrevo a olhar para o espelho muito de perto, por medo de descobrir um caroço, um inchaço ou uma verruga que alguém não notou. Minha vida se transformou nisso.

Sempre pensei em mim como uma samaritana — aquela pessoa cuja missão na vida era *trazer* a comida pronta e não recebê-la. Quando estava na sétima série e estávamos fazendo nossos discursos como candidatos a líderes estudantis, percebi que uma amiga estava quase desmaiando no meio de sua apresentação. Levantei-me sem hesitar, me dirigi a ela e disse:

— Patty, você precisa se sentar.

Ainda me lembro do quanto foi profundamente gratificante ver que eu era capaz de ajudar. Já naquela época, pensei: *Esse é o tipo de pessoa que eu sou. Mantenho o sangue-frio em meio ao tiroteio e ajudo quem precisa.* Mas o câncer de mama virou meu senso de identidade de cabeça para baixo. Eu tinha a estranha sensação de que Deus devia ter me confundido com outra pessoa.

Talvez tenha sido por isso que todos os meus amigos acharam que eu venci o diagnóstico de câncer tão lindamente. Eu achava minha doença tão vergonhosa, tão embaraçosa, que simplesmente me recusei a confiar em qualquer outra pessoa que não fosse o Dick para contar sobre meus medos. Também não gostei da forma como o câncer me deixou exposta. Introvertida por natureza, achei perturbadora a forma como as pessoas se sentiam totalmente confortáveis ao fazer perguntas sobre os detalhes mais íntimos de minha doença e do meu tratamento. Abençoados sejam os meus amigos, pois quando me telefonavam já haviam feito suas pesquisas — já tinham perguntado a outra pessoa qual havia sido o resultado dos meus últimos exames e, portanto, sabiam se as notícias eram boas ou más. Eu me sentia como se estivesse andando pela cidade com um grande “C” de câncer, como se fosse um brasão, em meu peito. Em nossa pequena cidade, a procura por fofocas recentes podia ser intensa. Era o tipo de moeda que as pessoas trocavam. E eu odiava a sensação de que minha doença havia se tornado tema de conversas, bem intencionadas ou não.

Também não achava que poderia ser tão positiva como todos esperavam que eu fosse. Eu não queria ser otimista ou dizer que achava que o futuro seria brilhante e cor-de-rosa quando a verdade é que na maior parte do tempo eu estava apavorada. Aprendi da forma mais difícil que as pessoas não querem ouvir esse tipo de conversa daqueles que sobreviveram ao

câncer — soa muito derrotista aos seus ouvidos. Mas descobri que tinha direito a me sentir um pouco desencorajada. O câncer me fez perceber que eu não estava no controle das coisas e que nunca estivera. Isso me assustou e, é claro, aterrorizou Dick. Ele detestava quando eu parecia ficar negativa. Queria que nos concentrássemos no lado positivo. Estava constantemente me lembrando de que os médicos haviam dito que era improvável que o câncer voltasse — eu só precisava tomar cuidado, continuar atenta e suportar a espera angustiante pelos resultados dos exames depois de cada mamografia. Era fácil para ele dizer isso.

Então eu refreava meus medos. Mas, da mesma forma que meu jardim, quanto mais eu tentava ignorá-los, mais eles cresciam e florescia em forma de raiva. Tornaram-se violentos e incontroláveis, com suas raízes me fazendo tropeçar quando menos esperava. Eu queria que houvesse um jardineiro que pudesse me ajudar com esse problema em particular. Em vez disso, eu me contentaria com certa melhora na erva daninha e com a ajuda do desconhecido, autor dos milagres no jardim da minha vizinha.

ORAÇÃO PARA MEUS FILHOS DE 16, 13 E 10 ANOS

[Escrita com mãos trêmulas, na véspera da biópsia após uma mamografia “suspeita”]

*Que nada de ruim aconteça com eles jamais, meu bom Deus
Que eles possam olhar para o topo da montanha
e me ver andando em direção a eles, através das campinas
Que eles nunca tenham nenhum tipo de abandono
Que eu esteja bem
Que eu esteja lá
Porque sou a mãe deles.
Amém.*

Capítulo 2



Especialmente Belas São as Azaleias

*P*esados pingos de chuva caíram como agulhas em meu rosto e se espalharam por meu cabelo à medida que eu corria pela calçada em direção à minha porta da frente. Virei o capuz da minha capa de chuva para cima e baixei a cabeça contra esse ataque violento, que agora incluía pelotas de granizo. Em minha pressa de entrar em casa, quase perdi a folha de papel dobrada que pendia da antiquada caixa de correio que ficava embaixo e à direita de nossa porta da frente.

O papel tremia ao vento como algo delicado, vivo. Eu o agarrei, adivinhando que devia ser algum tipo de folheto. Talvez uma propaganda de pizza ou talvez uma oferta do tipo “dois por um” do novo *self-service* chinês no centro comercial onde fazíamos nossas compras de supermercado. Sem pensar muito, deixei-o escorregar sob meu polegar, prendendo-o de encontro ao livro que estava carregando. Já dentro de casa, desdobrei a misteriosa página o suficiente para ver o que parecia ser, em linhas gerais, uma carta escrita à mão. A umidade havia escurecido algumas linhas escritas na parte superior, onde deveria estar a data, mas o resto estava seco.

Rhudy colocou suas patas no alto das minhas pernas e se esticou vigorosamente, como se dormir durante horas em sua cadeira favorita tivesse sido cansativo. Ele foi trotando para a cozinha e sentou-se ao lado da geladeira para ganhar seu petisco, mas eu o fiz esperar. Curiosa agora, fui até a mesa da sala de jantar e alisei a carta aberta.

Havia sido escrita com uma caneta e começava com uma saudação apropriada: “Cara Sra. Wall.” A caligrafia era singular, com letras estreitas inclinadas para a direita, como se uma brisa estivesse tentando soprá-las para fora da página. A assinatura na parte de baixo, “Giles Owita,” era composta por letras ligeiramente maiores do que as do próprio texto da carta. Ele havia colocado seu número de telefone abaixo da assinatura.

Cara Sra. Wall,

A Sra. Driscoll me deu seu recado. Muito obrigado. Tomei a liberdade de passar por seu complexo hoje, embora seu carro não estivesse na garagem. Seu pequeno beagle espreitou-me com latidos alegres de advertência da janela ao lado da porta. Vocês têm sorte de poder contar com ele. Você possui um jardim muito bonito, com muitas espécies bem estabelecidas. Algumas plantas irão se beneficiar de uma poda. Podemos até dizer que elas estão com excesso de florescência. Especialmente belas são as azaleias. Nós iremos podá-las assim que tiverem florescido, tomando o cuidado de concluir o processo antes que elas estejam preparando seus brotos para o próximo ano. Enquanto isso, podemos aplicar determinados produtos químicos, os quais ficarei muito alegre em fornecer, pois restaram alguns de outro projeto que realizei na cidade. Discutiremos o novo plano da próxima vez que nos encontrarmos, mas, por enquanto, estou muito satisfeito por aceitar o trabalho em seu complexo. Tenho que ir a outro compromisso à noite, mas estou ansioso para encontrá-la em breve.

Erokamano,

(Isso significa “obrigado” em Luo, minha língua materna)

Giles Owita

Olhei para fora da janela.

Erokamano.

Será que eu conseguiria me lembrar disso?

Queria apenas que ele se sentisse à vontade.

O vento empurrou os grossos galhos de azevinho, com suas folhas cheias de espinhos, contra os vidros da janela. Produziam um som persistentemente estridente. Pesadas gotas de granizo bicavam o vidro e faziam tremer as folhas brilhantes. Suspirei porque esse azevinho em particular, a planta favorita de um antigo dono da casa nos anos 1950 (assim me disseram), havia crescido demais com o passar dos anos. O azevinho é um arbusto que mais se parece com uma árvore e que cresce obstinadamente, especialmente quando cortado rente à raiz, um procedimento que Dick e eu tentamos seguir apenas uma vez, devido aos espinhos desagradáveis. Como será que Giles Owita reagiria se alguém lhe pedisse para realizar uma tarefa ingrata como essa? Ele estaria disposto a fazer isso? Ou nem saberia por onde começar? Lembrei-me de sua aparência de calma dignidade ao parar ao lado da pilha de palha, folhas e estrume na garagem da Sarah. Certamente ele tentaria podar o azevinho, concluí. Ele parecia consciencioso e faria o que pudesse para agradar.

Não tinha certeza do porquê a carta de um desconhecido haver despertado minha imaginação. Talvez tenha sido meu gene de professora de inglês. A carta era mais longa do que o necessário e havia certa poesia nela. Eu estava encantada com o fato de ele ter pensado em escrever, por ele não ter se contentado com uma rápida conversa por telefone, como a maioria das pessoas faria. E então fiquei pensando: *Por que ele se deu ao trabalho de escrever uma carta, em vez de me telefonar?* Sarah me disse que ele era do Quênia e obviamente o inglês era seu segundo idioma. Talvez ele tivesse um sotaque acentuado que o fazia se sentir envergonhado em uma conversa falada. Se ele soubesse que eu havia ensinado inglês como segunda língua, talvez não ficasse tão nervoso. Já haviam se passado alguns anos desde que eu dera aulas de inglês como segunda língua, mas me lembrava muito bem das lutas e triunfos de meus determinados alunos de outras regiões desse nosso rodopiante planeta.

Rabisquei a palavra em Luo para “obrigado” na margem do bloco de anotações que mantinha sempre ao meu lado (como professora achava que esses blocos eram uma necessidade), para o caso de ter a oportunidade de expressar meus agradecimentos a Giles Owita. Sentada à mesa oval, comecei a sonhar acordada — uma das minhas atividades favoritas. O vento amainou. A chuva continuava, mas ficava mais suave à medida que seus

minúsculos pingos batiam nas folhas. O tijolo antigo da casa do meu vizinho criava um agradável pano de fundo para o azevinho.

O homem que me escreveu aquela carta parecia alegre (a palavra “alegre” aparecia duas vezes e na penúltima frase ele dizia que estava “muito satisfeito”). De fato, ele parecia ser o tipo de pessoa que poderia aceitar um projeto espinhoso sem reclamar. Pensei em como nossos vizinhos mereciam ser recompensados com uma vista agradável de suas janelas da sala de jantar, para variar. Tudo o que meu jardim precisava era que surgisse a pessoa certa e o livrasse das imperfeições. Em um salto irracional da minha fantasia, achei que se esse espaço verde do lado de fora da minha janela pudesse ficar bonito, então talvez eu pudesse voltar a ter esperanças de uma vida em que todas as coisas associadas a mim pudessem facilmente prosperar, florescer, alegrar e causar impressões favoráveis.

Havia apenas um pequeno problema — a mosca na sopa da minha fantasia. Havia uma linha na carta de Giles Owita que me fez hesitar.

Especialmente belas são as azaleias.

Li a frase novamente e, em seguida, ergui os olhos, antevendo uma cena na qual eu explicava a Giles Owita — no meu tom de voz mais suave e gentil — que eu detestava azaleias e queria que todos os três pés do arbusto fossem removidos. Também colocados ali pelo antigo dono, os pés de azaleia se alinhavam no declive do lado esquerdo de nossa casa e eu sempre os detestara. Achava que suas cores conflitantes lembravam campos de minigolfe em que moinhos de vento cortavam os canteiros de tulipas multicoloridas. Ou aqueles parques temáticos com amontoados de plantações espalhafatosas — o tipo de lugar onde se é enganado, nos quais meus filhos costumavam reclamar de enjoos e implorar por lembranças de mau gosto.

Eu me perguntava como Giles Owita reagiria a uma discordância tão importante com relação ao apelo estético das azaleias. Disse a mim mesma que eu provavelmente não seria a primeira pessoa a não gostar de algo que ele adorava. Em todo caso, minha decisão já estava tomada. Giles Owita poderia se recusar, mas algo me dizia que seu lado bom e suas maneiras impecáveis fariam com que ele concordasse. Isso sem falar que o jardim era meu e ele estaria trabalhando para mim. Isso é algo que eu não diria em voz alta, porque não precisaria. Nós dois estaríamos bastante conscientes de nossas posições relativas sobre o assunto.

Mesmo assim, eu detestava ser desagradável. Então pensei em um meio-termo. Para ajudar a engolir o sapo mais facilmente, eu deixaria que Giles Owita me ajudasse a escolher o que plantar no lugar das azaleias. Isso acalmaria eventuais tempestades. Eu poderia até mesmo visitá-lo em seu trabalho no Garden Shoppe, onde poderia fazer uma grande apresentação divulgando em alto e bom som suas habilidades, sua força ao arrancar coisas do solo, seu conhecimento de fertilizantes e assim por diante. Eu elogiaria Giles Owita de tal forma que impressionaria Sarah e sua chefe, Melanie.

Rhudy deu um pequeno e suspirante latido. Era um lembrete de seu prometido petisco e provavelmente não era o primeiro que ele tinha dado enquanto eu estava ocupada planejando. A carta de Giles Owita descrevia nosso pequeno beagle com tanto calor e senso de humor. Essa parte da carta me fez ter a impressão de que, de alguma forma, já conhecia Giles Owita, embora, é claro, isso fosse impossível.

Meus olhos passaram pela sentença: *Vocês têm sorte de poder contar com ele*. Dei uma espiada em Rhudy. Engraçado, mas eu nunca havia pensado nele dessa forma — nunca pensei que ser um cachorro era a função de Rhudy. Depois que Phil, nosso filho caçula, foi diagnosticado com o problema na tireoide e se viu exausto e solitário, ele nos implorou para ter um cachorro, algo que havíamos jurado que jamais teríamos. Mas não podíamos dizer não ao Phil, não depois de tudo pelo que ele passou. Ainda me lembro da missa de São Francisco daquele ano, na escola católica onde eu lecionava. Todas as crianças mais novas trouxeram seus bichos de estimação para o altar, para serem abençoados pelo padre. Havia filhotes com coleiras de nylon vermelhas ou violeta, gatos espreitando sobre os ombros das crianças, papagaios trazidos em gaiolas e até mesmo aqueles adorados peixes dourados girando dentro de tigelas. No ano em que Rhudy entrou em nossas vidas, Phil foi uma dessas crianças que caminhavam até o altar. Rhudy cabia facilmente nas palmas das mãozinhas de Phil. Quando ele levantou seu filhote em direção ao padre, lembrei-me das palavras do Gênesis, nas quais Deus declara que tudo que Ele fez era “Bom”. Sem dúvida, Rhudy era uma das criaturas abençoadas por Deus e uma profunda gratidão cresceu em nossos corações quando, dia após dia, aquele filhote cheio de vida se juntava a Phil durante seus frequentes cochilos.

Finalmente, Phil recuperou a saúde. Giles Owita estava obviamente certo sobre Rhudy — tínhamos sorte de poder contar com ele.

Na cozinha, joguei um petisco para o Rhudy. Ele habilmente agarrou-o em pleno ar.

Giles Owita.

Só o nome já era intrigante.

Complexo.

Soava elegante, exótico.

Giles Owita parecia inclinado a promover e elogiar tudo e todos. Disse a mim mesma que ligaria para ele no dia seguinte e agradeceria por ter deixado uma carta assim tão amável.

Erokamano. (Lembrei.)

Capítulo 3



Uma Rosa Entre Dois Espinhos

*A*cabiei me dedicando de forma obstinada à minha missão de transformar nosso jardim. Eu mal havia acabado de ler cuidadosamente a carta de Giles Owita quando decidi fazer minha própria lista, a fim de me preparar para sua visita na semana seguinte. Peguei meu bloco de compras e pus a caneta sobre a página estreita:

1. Por favor, remova as azaleias.
2. Aquele azevinho ao lado da garagem... aparar um pouco? (e cuidado com os espinhos)
3. Precisamos de ajuda com a nossa grama!

Continuei rabiscando, acrescentando mais projetos e ideias, alguns com pontos de interrogação. O que plantar no lugar das azaleias? Mais buxos? Não, já tínhamos demais.

O telefone tocou e era Dick. Eu sei que devia ter prestado atenção aos detalhes sobre sua viagem de negócios, que o fizera ficar fora da cidade até o meio da semana. Em vez disso, à medida que ele explicava os dilemas de seus clientes, um próspero casal com uma segunda casa na praia, minha

mente vagou. Quem sabe rododendros para substituir as azaleias? Sarah me disse que algumas vezes até nosso supermercado local, o Foodland, vendia rododendros. De qualquer forma, precisávamos fazer compras, então decidi ir até lá e dar uma olhada.

A temperatura havia despencado para cerca de quatro graus e uma garoa constante mantinha meus limpadores de para-brisa ocupados. As rodas da minha perua faziam ruídos como se fosse papel amassado no pavimento escorregadio devido à chuva. Quando saí do carro no estacionamento do Foodland, meu guarda-chuva vermelho se abriu como uma enorme flor acima de minha cabeça. Corri de encontro aos pingos de chuva que caíam inclinados. Meus olhos captaram alguns vasos de planta ao acaso, mas não vi rododendros. Tudo bem. Ainda precisava fazer compras.

Arranquei um carrinho do amontoado de outros carrinhos. Na seção de hortifrúteis, luzes fluorescentes faziam um zumbido. Examinei uma maçã Red Delicious girando-a lentamente na mão antes de mudar de ideia e deixá-la rolar dos meus dedos de volta para a caixa. Mais à frente no corredor, parei novamente para examinar um pé de alface orgânico. Era pequeno, mas de um verde suave e brilhante. Deixei que a alface deslizesse para dentro de um saco plástico e coloquei-o no carrinho.

Ergui meus olhos para as placas dos corredores suspensas no teto, pensando para onde ir em seguida, foi quando vi, um pouco distante, uma pessoa trabalhando que me parecia familiar.

Seria... Giles Owita?

Não. Definitivamente não. Ele não podia trabalhar no Foodland ensacando mercadorias. Ele trabalhava no Garden Shoppe. E nos jardins das pessoas. Como é que ele poderia ter tempo para trabalhar aqui também?

No entanto, o rosto era inconfundível. Ele exalava uma energia diferente, como se estivesse ocioso, mas em uma velocidade maior do que a dos demais. Eu havia encontrado o autor da minha encantadora carta entregue pessoalmente, mas ele não estava sentado em uma mesa polindo sua poesia ou até mesmo cuidando das flores de um jardim. Em vez disso, entretido em uma conversa com um cliente, colocava cuidadosamente talos de aipo em um saco de papel, como se esse fosse o trabalho mais delicioso e importante do mundo.

Vi uma prateleira giratória com cartões de presente a apenas alguns metros da fila onde Giles Owita estava empacotando mercadorias. Fingi

estar envolvida procurando algo e tomei o cuidado de manter a prateleira entre mim e a caixa registradora. Não poderia haver nenhum argumento sensato que explicasse por que senti a necessidade de espioná-lo e, no entanto, por algum motivo, senti-me forçada a fazê-lo. Giles Owita parecia ter a mesma idade que eu, cerca de cinquenta anos. Ele usava calças cáqui, uma camisa de malha branca e seu avental azul-marinho do Foodland amarrado à cintura. Ele se inclinou sobre o balcão, agarrando as mercadorias da esteira, confortável mesmo estando fora do seu centro de equilíbrio. Ele parecia gostar de facilitar as coisas para os outros. Enquanto eu o observava, ele pegou uma lata de sopa que havia rolado para além do alcance do caixa. Habilmente agarrou um recibo que havia escorregado das mãos de um cliente e caído no piso polido. Suas mãos executavam tarefas repetitivas, mas ele nunca parecia entediado ou ressentido. Parecia ser um homem que havia encontrado a paz que todos nesse verde planeta de Deus estavam procurando.

Algo mais me chamou a atenção enquanto eu o observava trabalhando. Ele parecia mais confortável, mais à vontade do que quando o vi trabalhando no jardim de Sarah. Será que era porque ele sabia que eu estava observando-o naquele dia? Mais uma vez, me perguntei o que será que ele pensou da vizinha branca pisando no freio. Será que ele se sentiu ameaçado quando brequei tão subitamente, só o suficiente para encará-lo, mas não para levantar a mão e cumprimentá-lo? Ou meu carro horripilante mostrava a desaprovação da vizinhança?

Eu deveria ter parado a perua, saído do carro e me apresentado. Então teríamos trocado aquele breve “olá” que muda tudo entre duas pessoas. Como foi que consegui fazer algo tão simples de forma tão errada? *Oh, Deus*, implorei. *Sou eu de novo, Carol. Por favor, me ajude a ser o tipo de pessoa que meus pais criaram.* Sempre me orgulhei por ser extremamente sensível à injúria racial e aos mal-entendidos. Queria tanto não ser responsável por fazer Giles Owita se sentir desconfortável. Meus pais ficariam bastante aborrecidos comigo se isso tivesse acontecido — uma “pessoa de valores e princípios” não faria isso, diria minha mãe. Uma pessoa de valores e princípios sabia que somos todos iguais por baixo da pele.

Quando eu tinha cinco anos, no verão de 1956, meus pais, minha irmã caçula e eu viajamos ao Mississippi para visitar nossos primos que moravam

em Pascagoula, no Golfo do México. Foi a primeira vez em minha vida que me deparei com banheiros e bebedouros separados e, tendo cinco anos, não fazia a menor ideia do que estava vendo. Quanto mais nos distanciávamos de nossa casa no sudoeste da Virgínia, viajando em direção ao sul, mais eu percebia as estranhas placas. Lembrava-me muito bem de minha mãe olhando para baixo, para a calçada, quando perguntei o que significavam as placas nos dois bebedouros idênticos. O silêncio ficou pesado enquanto ficamos ali parados na frente daqueles bebedouros, todos acalorados e sedentos, numa época em que ainda não havia ar-condicionado. Não havia como eu saber o que fazia com que os lindos olhos de minha mãe, com seus longos cílios, parecessem tão tristes. Havia algo que ela não queria me dizer. Era uma sensação esquisita, porque em circunstâncias normais, ela estava sempre ansiosa para nos explicar uma palavra. Eu ainda não conseguia ler, mas era perfeitamente óbvio que as letras naquelas placas (“Pessoas de Cor” e “Branços”) estavam lá por alguma razão. Não me lembro das palavras que minha mãe disse, mas me lembro, sim, do arrependimento incômodo em sua voz e da forma como segurou protetoramente nossas mãos enquanto roubávamos um gole de água, ou assim parecia, de um dos bebedouros. Ela, por sua vez, não conseguiu tomar um único gole.

Meus pais tinham as mesmas ideias a respeito. Papai administrava um pequeno hotel e causou um rebuliço em nossa cidade natal de Radford ao alugar um quarto para um “negro.” Minha mãe, filha única que crescera durante a Depressão, decidiu que o lar que havia construído com papai seria, acima de tudo, rico em sabedoria e bondade. Ninguém jamais seria excluído de seu universo ou do nosso. Sempre nos ensinaram que éramos tão bons quanto qualquer um, mas que não éramos melhores do que ninguém. Papai algumas vezes citava o quarto discurso de posse de Franklin Delano Roosevelt, sobre sermos “cidadãos do mundo” e acrescentava, em tom de advertência, que um filho seu seria assim e não “um ignorante ou um caipira que desprezasse as outras pessoas”.

Fazendo um exame de consciência, ainda escondida atrás dos cartões de presente, tomei uma decisão. Sem tirar os olhos de Giles Owita, empurrei meu carrinho para um lugar na sua fila. Faria agora o que não havia feito antes. Eu me apresentaria da forma correta.

Havia várias pessoas à minha frente na fila, e, agora mais perto, ouvi suas conversas. Giles Owita olhou em minha direção, mas se me reconheceu, não o demonstrou. Ele continuou se mostrando animado enquanto retirava as mercadorias da esteira, conseguindo, não sei como, direcionar sua atenção para as pessoas e não para as coisas que passavam rolando por ele. Reparei que seus olhos eram escuros, mas, de alguma forma, brilhantes também. Sua boa vontade parecia contagiante. Ele soltava apenas algumas palavras aqui e ali, como: “Deixe-me pegar isso para você” ou “Nossa grama está sedenta por essa chuva, não está?” Ele possuía um sotaque agradável, sentimental e reparei como os outros clientes pareciam realmente relutantes em se afastar dele e levar suas compras para casa.

Percebi que um desses clientes, uma moça com um bebê, era nossa vizinha e que eu não a tinha reconhecido à primeira vista. Ela sempre me pareceu ter uma expressão permanentemente azeda. Mas hoje ela trocava gentilezas com Giles Owita enquanto empurrava os cachos de seu cabelo castanho escuro para longe de seu lindo rosto. Os dedos de seu bebê se estenderam para tocar seus lábios. Ela beijou a bochecha de seu bebê e ele se sacudiu alegremente em seus braços.

Voltei-me a tempo de ver um homem jovem se aproximar da fila, carregando um cone de papel de seda verde contendo rosas misturadas com flores mosquitinho. Ele era recém-casado, decidi. Ou havia ficado noivo recentemente. Talvez sua mulher houvesse acabado de ter um filho. Sim, isso mesmo, pensei. Soou verdadeiro. Ele segurou as flores vermelho-rubi como se fossem uma criança. Tomou seu lugar na fila, atrás de mim. Suas faces estavam vermelhas e seu cabelo se projetava um pouco na parte de cima de sua cabeça.

A pessoa que estava à minha frente na fila era um homem idoso que vestia uma camisa de flanela e um colete com zíper. Ele parecia irritado enquanto olhava para o relógio. A caixa informou o total a pagar e ele respondeu entregando a ela um punhado de notas antes de procurar moedas no forro de seu colete. Rapidamente, Giles Owita forneceu um pouco de troco tirado de um bolso de seu avental. Ele disse algo a esse senhor que não consegui escutar, mas o que quer que tenha sido, pareceu relaxar um ponto de tensão nos ombros do velho homem.

Uma adolescente com sombra esfumaçada nos olhos e uma tatuagem de borboleta no pulso entrou na fila atrás do homem com as rosas. Ela foi

rápida ao oferecer uma moeda para ajudar.

— Aqui — ela disse para o cara com as rosas. Ele colocou as moedas em minha mão e eu desempenhei meu papel naquela corrente, passando-as adiante. O rosto fino do homem idoso assumiu uma aparência mais suave e agradável. Depois disso, parecia que todos nós estávamos conectados — eu e Giles Owita; um velho aparentemente rude; uma menina com cabelo roxo e um anel de prata no nariz; um homem correndo para um acontecimento importante em sua vida; e até mesmo minha vizinha normalmente irritada, que agora estendia sua mão para o ar como se dissesse que precisava de ajuda.

Oh meu Deus. Esperava que ela não estivesse gritando algum tipo de ordem para Giles Owita. Ela podia se mostrar bastante mal--humorada.

Um minuto se passou antes que eu percebesse que ela estava simplesmente cumprimentando alguém.

Eu.

Sua vizinha. Lembra, Carol? Acenei de volta.

— Como vai? — eu disse, tentando disfarçar minha surpresa por ela estar sendo tão simpática. Ela diminuiu o espaço entre nós com alguns passos entusiasmados e reparei nas lindas mechas castanhas em seu cabelo. Elas rolaram livremente, roçando levemente as maçãs de seu rosto.

— É difícil fazer compras com um bebê no quadril — ela disse.

— Ah, meu bem. Eu sei. Já passei por isso. Três vezes. Mas você parece estar ótima, porque todas as mães de bebês lindos parecem ótimas.

Fiz cócegas nos pés do bebê e ele sorriu. Minha vizinha e mãe parecia feliz quando saiu. Coloquei minhas compras no balcão, uma a uma. Giles Owita parecia não perceber que eu estava estudando-o quando a caixa, Marie, tentou puxar conversa. Respondi a seus comentários sobre o tempo e sobre um creme para café que eu havia escolhido. Assim perto dele, percebi mais uma vez a aura de calma que parecia envolver Giles Owita. Era algo que eu sentia, mas que não conseguia explicar. Finalmente, dirigi minhas primeiras palavras a ele:

— Eu não conheço você?

Passei meu cartão de débito e Giles Owita me olhou interrogativamente, mas não diretamente. Ele baixou as sobrancelhas, concentrando-se.

— Você é Giles Owita — eu disse, como se ele não soubesse.

— Sim. Sou Giles — ele respondeu. — Já nos encontramos?

O tempo pareceu andar mais devagar quando estendi minha mão. Tomei nota de cada detalhe na forma como ele a sacudiu, num misto de gentileza e firmeza na forma de apertá-la. Mais uma vez ele não olhou para os meus olhos.

Marie colocou um chiclete Juicy Fruit dobrado na boca e nos estudou atentamente. Observei enquanto Giles Owita empilhava meus seis pacotes de refrigerante à base de cola e de ginger ale em um saco de papel. Outra cliente se juntou à fila atrás da garota de cabelo roxo.

— Sou vizinha de Sarah Driscoll. Carol Wall — eu disse. — Você me deixou uma carta hoje. Mas nos desencontramos. Desculpe, e eu...

Seu rosto se iluminou com um sorriso:

— Como vai, Sra. Wall?

Foi aí que minhas boas intenções evaporaram. De repente, tinha esquecido minha promessa de apenas me apresentar como uma pessoa normal. Embora Giles Owita tivesse conseguido deixar todas as outras pessoas que estavam na nossa fila à vontade, comigo sua notável calma teve o efeito, neste momento pelo menos, de me deixar desajeitada e insegura, sem graça diante de tanta graça.

— Eu vou fazer isso bem rápido — eu disse. — Na próxima vez que vier ao meu jardim, gostaria de estar lá e de mostrá-lo. Estou fazendo uma lista e gostaria de repassá-la com você. Quem sabe, se me ligar, seja possível marcar um horário conveniente para você.

— Tudo bem. — Ele fez que sim com a cabeça. — Moramos perto do aeroporto, mas quando saio, frequentemente passo por sua casa. Você tem um lindo complexo, Sra. Wall.

Procurei no fundo da minha bolsa e com um olhar rápido de quem pede desculpas para as pessoas da fila, apressadamente peguei a carta de Giles Owita, desdobrei a página e mostrei a ele a frase que me fez parar quando a li pela primeira vez.

— Só tem uma coisa que me preocupa — eu disse, batendo na folha com o indicador quando ele começou a levar minhas sacolas de compras para o carrinho à espera.

Ele se inclinou, aproximando-se para olhar. Vendo sua própria nota, escrita com a letra característica, inclinada para a direita, que fluiu de sua caneta, ele fez brilhar seu sorriso contagiante. Instantaneamente encantada, comecei a sentir minha determinação se desvanecer.

— Aquelas azaleias do seu complexo ficarão lindas — Giles Owita respondeu. — Logo, logo veremos suas flores rosa-escuras.

Oh, meu Deus.

— Elas só precisam de alguns produtos químicos úteis — Giles Owita me informou alegremente — que eu posso fornecer facilmente da cabana do meu jardim, como escrevi aqui.

No final da fila, alguém disse:

— Que tal começarmos a andar?

Fiquei envergonhada com isso, mas mesmo assim, não desisti:

— Eu tenho essa idiossincrasia. — eu disse, à beira de um ataque de nervos. — Nunca gostei de azaleias. Espero que você não esteja muito desapontado.

Giles Owita pareceu ficar com pena, mas concordar:

— Qual seria a melhor hora para visitá-la, Sra. Wall?

Obrigada meu Deus. Ele iria cooperar sem questionar mais, embora educado. E eu não precisaria mais conviver com as azaleias.

Antes que eu pudesse marcar a hora para nos reunirmos, o novo gerente da loja entrou. Eu o reconheci pelo pôster enorme na entrada, um retrato que de forma praticamente pouco atraente mostrava cada linha e cada poro de seu rosto vermelho. Tinha cerca de quarenta anos e seus ombros largos esticavam a camisa justa e abotoada.

— Por que você não acompanha essa bela jovem até o seu carro? — ele disse a Giles Owita, o tempo todo olhando para tudo e todos em volta, *exceto* para Giles. — Eu fico no seu lugar, amiguinho.

— Amiguinho? — eu me vi repetindo, de rosto fechado. — Você está brincando, certo?

— É como eu chamo meu filho e ele é um aluno respeitado! — declarou o gerente.

Olhei em volta, como se dissesse: Dá para acreditar? Os outros que esperavam na fila também pareciam desaproveitar, mas ninguém disse uma palavra. Nosso momento de união e conexão tinha evaporado. Eles se irritaram e franziram a testa, como se concordassem comigo, mas não quiseram fazer uma cena.

Se Giles Owita sentia a mesma raiva que eu, não demonstrou. Fiquei espantada ao ver a forma como ele empurrou os ombros para trás, pondo-se ereto e parecendo mais orgulhoso.

— Olhe, se você quer culpar alguém pelo atraso... — eu disse ao gerente.

Mas ele claramente voltou sua atenção para o próximo cliente da fila. Giles Owita afastou-se do caixa. Amarrou novamente seu avental do Foodland para obter um caimento melhor. Seus movimentos eram medidos e feitos sem pressa. Enquanto isso, eu me remexia e fervia por dentro. Peguei meu recibo e me afastei de Marie sem oferecer a ela as costumeiras gentilezas. Senti que meu rosto ficava vermelho. Joguei a carta dobrada de volta para dentro da minha bolsa, junto com o recibo. Ser chamado de “amiguinho” foi provavelmente o mais baixo dos insultos que uma pessoa de cor teria que enfrentar em um lugar como Roanoke, mas mesmo assim, Giles Owita parecia estar em paz. Suas mãos agarraram meu carrinho de supermercado:

— Está pronta para ir, Sra. Wall?

Lá fora, a chuva havia parado. Saímos da calçada.

— Desculpe — eu disse. — Deveria ter falado com você outra hora.

— Ok. Não precisa se preocupar.

Dei uma olhada em sua direção. Aos meus ouvidos, seu tom ao pronunciar “ok” soava mais como “oqueii”, o que conferia um tom mais esperançoso e ritmado cada vez que ele dizia a palavra. Seus passos eram rápidos. Era um desafio acompanhá-lo. Esperava que ele não tivesse reparado em como eu me esforçava, dando dois passos para tentar acompanhar seu ritmo.

— Eu só queria marcar uma hora para ver o jardim — falei. — Assim eu poderia estar lá para mostrá-lo a você.

Se eu tivesse sido realmente honesta, poderia ter acrescentado: *E então poderia estar lá para ter certeza que você arrancaria aquelas azaleias.*

— Só para constar — continuei — o que aconteceu lá atrás com seu chefe não foi certo. Nem todos são caipiras aqui em Roanoke. Prometo. Espero que você nos dê outra chance de sermos mais receptivos.

Ele balançou afirmativamente a cabeça, imperturbável, e não disse nada. Estremeci ao imaginar o que ele pensava de nós.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Em Roanoke? Cerca de dois anos. Minha mulher é enfermeira no Hospital Valley. Mudamos para cá por causa desse trabalho, e eu acabei encontrando um trabalho também, na cozinha do hospital. Quando fui

demitido há algumas semanas, imagine a minha sorte quando encontrei dois excelentes trabalhos de meio período. Essa vaga que surgiu no Foodland e, em seguida, como você sabe, eu pude ajudar no Garden Shoppe. A partir daí, comecei a fazer trabalhos de paisagismo, como o da sua casa. Muitas, muitas pessoas nos receberam bem nesses dois últimos anos. Nós gostamos muito de Roanoke.

— Bom, fico feliz em saber — respondi. Parecia que Giles Owita estava tentando me consolar, como se eu é que tivesse sido insultada e não ele.

— Há muitas interrupções no caixa — continuou ele. — Esse homem que colocaram como responsável pela loja não tem paciência. Coisas como essa acontecem quase todos os dias. Ontem, ele perseguiu um menino muito pequeno, acredito que era paquistanês, que havia aberto uma caixa de biscoitos. A mãe gritava em protesto. Ela tinha um carrinho transbordando de compras e estivera muito ocupada gastando dinheiro na loja desse homem para perceber o deslize realmente pequeno de seu filho. Receio que ela tenha jogado algumas coisas no gerente. Primeiro, foi uma garrafa de ketchup. Depois, alguns rolos de papel toalha. Mesmo assim, ninguém se prontificou a ajudar esse homem. Nem mesmo quando a mulher empurrou seu carrinho para cima dele várias vezes, como um touro no ataque. O gerente não se feriu, mas ela conseguiu uma grande vitória. No final, ele se retirou para seu escritório, onde imediatamente se ocupou com alguns papéis que estavam na sua mesa. Estávamos nos divertindo vendo-o pelo vidro. Nem uma única vez ele olhou para nós. Ficamos muito alegres com isso e achamos que foi merecido.

Ri bastante, o que claramente deixou Giles Owita satisfeito.

— Na próxima sexta-feira seria bom? — ele perguntou.

— Na próxima sexta?

— Para você me mostrar seu complexo.

— Ah. Certo. Sim. — Pensei em voz alta por alguns minutos. — É um dia depois da mudança dos meus pais para um novo residencial para idosos. Eles moraram na mesma casa por mais de cinquenta anos. É uma mudança difícil e quero ajudá-los a se adaptar. Que tal às três horas?

— Três horas está bom — ele respondeu.

Assim, resolvemos boa parte do assunto. Já tínhamos em mãos um horário, um local e uma ideia das tarefas. Acima de nós, as nuvens se moveram e se misturaram como se uma daquelas noites refrescantes do sul

estivesse a caminho. A lua prateada, quase cheia, flutuava sobre nós. As luzes dos carros que passavam brilharam na superfície escorregadia de chuva do estacionamento. Os reflexos me fizeram pensar em cometas estendendo suas longas caudas.

— Quando passar lá em casa — eu disse — você acha que poderia me ajudar a escolher outra coisa para colocar no lugar das azaleias?

Seus olhos se iluminaram.

— Tudo bem. Vou pensar a respeito.

De repente me lembrei de algo:

— Ah, espere. Quanto você cobra? Você não disse.

— Dez dólares por hora.

Chegamos ao meu carro e me voltei para ele.

— Só isso? Tem certeza? Não parece suficiente.

— É o meu preço normal.

Tantos bicos, por um pagamento mínimo. Ocorreu-me que Giles Owita não devia ter nenhuma referência além do *Green Card* e fiquei pensando como foi que ele conseguiu obter uma. No entanto, Sarah disse que ele era o funcionário mais trabalhador que eles já haviam tido no Garden Shoppe. Dick ficaria tão feliz por eu tê-lo contratado, disse a mim mesma. Abri o porta-malas e fiquei ao lado observando Giles Owita colocar as sacolas lá dentro, uma a uma.

— Você disse que mora perto do aeroporto? — perguntei, esperando descobrir mais sobre ele de alguma forma.

— Sim. Minha mulher, eu e nossos dois filhos. Moramos na Rua Overland, na zona norte da cidade.

— Overland. Certo. Conheço o lugar. Fica perto da via expressa e da escola onde dou aula.

O que nenhum de nós disse é que Overland ficava do lado oposto a onde eu morava. Roanoke é uma comunidade historicamente isolada, como muitas outras no sul, e foi citada recentemente como estando entre as regiões mais isoladas do país. Overland era, de certa forma, uma anomalia. Era um bairro cheio de casas simples e formava uma comunidade integrada. Acho que a via expressa e a construção de outra grande rodovia foram responsáveis por esse progresso. Eu nunca soube ao certo quem havia administrado essa façanha de engenharia civil (e social), ou até mesmo se esse era um dos objetivos da construção.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Sarah talvez tenha dito a você que sou professora de inglês no ginásio — falei, ainda tentando conversar.

— Não. Nós não falamos muito no trabalho.

— Dick e eu também temos dois filhos. E uma filha entre eles. Costumávamos dizer que ela era nossa rosa entre dois espinhos. Sei que parece bobagem, mas...

— Bobagem? Não acho.

O final de sua frase coincidiu com o barulho cada vez mais alto de um jato que passava no céu. Paramos para observá-lo passar, da esquerda para a direita, pelo céu acima de nós. Parecia quase flutuar à medida que se aproximava da montanha Wildwood. Giles Owita estava especialmente decidido a acompanhar seu progresso, esticando seu pescoço num ângulo estranho. Ainda assim, havia algo de cauteloso na forma como ele compenetradamente esquadrinhou o céu e me abstive de dizer algo mais. O conjunto de sua mandíbula estava firme, como se estivesse contendo uma profunda emoção. Perguntas inundaram minha mente. Quantos anos tinham seus filhos? Eles haviam nascido no Quênia? O que trouxe a família aos Estados Unidos? Mas principalmente, queria perguntar a ele por que parecia tão triste naquele momento, enquanto observava o jato que havia riscado o céu.

Como se houvesse lido meus pensamentos, ele disse:

— Nós também temos uma filha. Ela está no Quênia esperando para ser trazida para cá. Existem algumas complicações com seu visto. Ela é nossa primogênita. Sabe, minha mulher e eu...

Esprei que me desse mais detalhes. Ele hesitou. Dessa vez, eu prossegui:

— Qual é o nome da sua filha?

— O nome dela é Lok. A flor favorita dela é a rosa. Você me deu uma ideia, Sra. Wall. Ela também deve ser nossa rosa entre tantos espinhos da vida. Sim. É isso. Minha mulher vai gostar. — Giles Owita parecia melancólico.

— Fico feliz que você tenha gostado da minha metáfora — eu disse. — E eu tenho a impressão de que Lok estará aqui em breve.

Nesse momento, me pareceu que ele bateu a porta do porta-malas um pouco forte demais, como um ponto final a marcar o fim de nossa conversa.

Dei a volta pelo carro e subi no banco do motorista. Atrás de mim, Giles Owita e os carrinhos que outras pessoas deixaram ali permaneciam prontos para me ajudar a dar ré.

Abaixei a janela.

— *Wabironenore* — disse quando passei por ele.

— Wabir-o-ne-nore — repeti cuidadosamente. — Significa adeus?

— Isso — respondeu Giles Owita. — Mas também quer dizer que nos veremos depois.

Capítulo 4



Uma Promissora Folha de Grama

Não foi fácil convencer meus pais a se mudarem da casa da família para um residencial para idosos perto daqui. No entanto, mamãe finalmente desistiu. Ela estava com um problema que gradualmente afetava seu modo de andar, além de também ter se dado conta que não poderia mais cuidar sozinha, e de forma segura, do mal de Alzheimer do meu pai, que piorava a cada dia.

Eu sabia o que a mudança dos meus pais significaria para mim. Sendo a filha que morava, geograficamente falando, mais perto deles, seria eu quem arcaria com a maior parte do fardo de supervisionar a mudança deles e de acomodá-los lá. Seria eu quem faria suas compras e garantiria que fossem bem tratados. A verdade, no entanto, é que cuidar dos meus pais não era novidade para mim. Sempre achei que meus pais precisavam de mim. Mesmo quando era pequena, me sentia responsável pela felicidade deles.

Eu tinha uma irmã mais velha que se chamava Bárbara. Ela havia nascido “mongoloide”, como eram chamados os bebês nascidos com síndrome de Down naquela época. Hoje os médicos talvez pudessem ter consertado a válvula defeituosa em seu coração, mas, naquele tempo, era impossível e ela morreu quando tinha apenas dois anos. Eu tinha apenas

sete meses na época e, portanto, não tenho nenhuma lembrança dela. Tudo que eu tinha eram as fotos dela que havia visto pela casa.

A causa da morte de Bárbara nunca ficou muito clara (pelo menos para mim e para minha irmã caçula, Judy). Disseram apenas que ela tinha um problema no coração. Eu acho que a maioria das crianças sabe quando estão escondendo algo delas — algo assim tão grande — e eu talvez fosse mais sensível do que a maioria. Parecia haver uma sombra de mistério ao redor da minha irmã e de sua morte, especialmente no que dizia respeito à minha mãe. Meu pai não se importava de falar sobre Bárbara e, normalmente quando estávamos sozinhos, ele falava nela. Papai sempre a chamava de “nosso pequeno anjo”. Mas com minha mãe a história era diferente, e, em casa, a regra tácita era que nunca deveríamos tocar no assunto na frente dela e que tampouco ela poderia saber que meu pai havia falado sobre isso conosco quando ela não estava perto.

Talvez seja por isso que eu era sempre descrita como uma criança adulta. Eu possuía antenas que sintonizavam intensamente qualquer tipo de tristeza, especialmente qualquer coisa que envolvesse minha mãe. Ela era uma mãe maravilhosa em vários aspectos, mas aprendi desde cedo que uma vez irritada, sua raiva podia ser poderosa. Quando cresci, percebi que esse era um efeito colateral de uma tristeza e culpa enormes com relação à Bárbara e de seu desapontamento por não ter conseguido ter uma casa cheia de crianças. Depois que minha irmã mais nova nasceu, disseram que ela não poderia ter mais filhos e acho que essa perda, combinada ao pesar com relação à Bárbara, limitou sua felicidade para sempre depois disso. Mas é claro que eu não sabia nada disso quando era pequena. Naquela época, sabia apenas que era meu papel ajudar papai a manter minha mãe calma e razoavelmente contente.

Meu radar para qualquer coisa que envolvesse Bárbara e o efeito de Bárbara sobre minha mãe era estranhamento aguçado. Lembro-me de uma vez, quando tinha cinco ou seis anos, em que ouvi sem querer uma conversa por telefone entre minha mãe e um de seus parentes distantes. Mamãe e essa pessoa devem ter ficado em silêncio por um momento porque estavam trocando estatísticas vitais. Lembro-me de minha mãe dizendo:

— Sim, Carol está com seis e Judy com quatro. E nossa Bárbara morreu em 1952.

Isso tudo eu já sabia, mas então veio a parte da qual não entendi absolutamente nada. Mamãe disse:

— Bom, você sabe que ela era mongoloide.

Eu não fazia ideia do que essa palavra queria dizer, mas alguma coisa me disse que devia ser uma coisa realmente ruim. E desde então, saber mais a respeito se tornou meu projeto. Não se tratava de bisbilhotice pura e simples, me parecia uma responsabilidade imprescindível. Como poderia proteger minha mãe sem saber do que deveria protegê-la?

Um pouco depois disso, comecei a juntar as peças. Descobri isso quando papai me perguntou se eu queria passear com ele enquanto resolvia algumas coisas, e isso significava que ele gostaria de falar sobre Bárbara. Papai estava explodindo de dor e algumas vezes ela transbordava. Ele me contou como costumava sair para passear com Bárbara, como cantava para ela e como ela erguia a cabeça e olhava para ele, quase como se houvesse entendido. Lembro-me de ele ter dito uma vez:

— Você sabe que Bárbara era o tipo de criança que nunca cresce.

Talvez tenha sido nesse momento que pela primeira vez adquiri a noção de que existem dois tipos de pessoas no mundo — aquelas que tomam conta dos outros e aquelas que precisam de quem cuide delas. Eu sempre achei que era do primeiro tipo. Então, depois do diagnóstico de câncer, passei muito tempo me sentindo como se fosse do segundo. Foi apenas recentemente que soube que éramos todos iguais. Mas estou me adiantando.

Nunca tive certeza, mas acho que depois que Bárbara morreu, meus pais me colocaram no quarto dela. Teria feito sentido, uma vez que era o quarto mais bonito e que agora eu era a mais velha. Quando era pequena, deitava nesse quarto pensando em Bárbara e imaginando se ela estava me procurando da mesma forma que eu a procurava. Uma das fotos de Bárbara que eu examinava com frequência também me incluía — eu devia ter quatro meses, talvez, e estava deitada de costas no sofá. Em primeiro plano, estava Bárbara em um pequeno andador. Ela parou e estava olhando para mim como se dissesse: “Bom, vejamos, quem é essa?” Ou pelo menos era isso que eu imaginava que ela estava pensando. Preenchi muitas lacunas quando era pequena. Acho que foi assim que me tornei uma contadora de histórias. Ninguém me contava nada, então eu tinha que inventar a minha própria narrativa.

Eu era uma criança que muitas vezes ficava perdida e assustada com seus próprios pensamentos. Quando estava atingindo aquela idade em que se começa a pensar em garotos, fiquei muito perturbada com algumas das imagens que vinham à minha mente. Fui criada para ser uma boa menina e essas ideias e sentimentos que eu estava tendo pareciam errados. Então procurei minha mãe e disse a ela com a maior sinceridade que estava tendo alguns pensamentos ruins sobre homens e mulheres. Mamãe olhou para mim e disse:

— Sabe, Carol? O que você está pensando e sentindo é normal. Meu pastor me disse que não se pode impedir os pássaros de voar sobre a nossa cabeça, mas podemos impedi-los de construir um ninho nela.

Achei esse conselho tão reconfortante que tentei aplicá-lo várias vezes ao longo dos anos — nem sempre de forma bem sucedida. Mamãe também não conseguiu seguir seu próprio conselho. Algumas vezes parecia que toda a culpa e tristeza dela havia construído uma estrutura permanente em sua cabeça.

Mamãe tinha uma forma esquisita de lidar com a morte de Bárbara e que geralmente se manifestava na forma de um estranho tipo de humor negro. Havia uma história que ela adorava contar, como se fosse a coisa mais engraçada do mundo. Embora ela normalmente evitasse completamente falar sobre Bárbara e sua morte, essa era a única e estranha exceção. Então ela contava essa história várias vezes e eu aprendi a saber quando ela estava prestes a surgir. Aparentemente, no enterro de Barbara, depois que o pequeno caixão branco foi baixado à terra, meu avô me pegou em seus braços ali perto e tropeçou, quase fazendo com que nós dois rolássemos para dentro da sepultura. Essa lembrança sempre fazia minha mãe rir. Simplesmente a fazia morrer de rir. É claro que o efeito dessa história em mim era completamente diferente. Acabei ficando obcecada com o que poderia ter acontecido se nós realmente houvéssemos caído lá dentro. Como teríamos saído?

Essa não era a única coisa que me perturbava com relação à sepultura de Bárbara. Havia uma fotografia que me afetava profundamente. Eu a encontrei um dia quando estava remexendo em uma gaveta, sem dúvida procurando respostas. Não foi muito tempo depois daquela conversa por telefone que escutei sem querer. Na foto, o pequeno caixão de Bárbara jazia acima da sepultura, esperando para ser abaixado. Em volta dele havia

montes e montes de flores. A imagem estava em preto e branco, mas em minha mente eu imaginava que as pétalas coloridas já estavam murchando. À noite, tentei visualizar os vermelhos e roxos, rosas e amarelos retratados ali e até mesmo contar as flores. De repente, compreendi como nunca havia compreendido antes, que haviam enterrado minha irmã ali no chão, embaixo da terra.

Geralmente meu pai nos levava, Judy e eu, ao túmulo de Bárbara em maio, o mês em que ela havia nascido. Minha mãe nunca foi e ficava subentendido que ela estava muito triste para se juntar a nós. Todas as vezes que fazíamos essa visita, eu colocava algumas flores recém-colhidas no túmulo de minha irmã. Já sabia então que da mesma forma que as flores naquela foto, as flores que eu deixava no túmulo de Bárbara iriam murchar e morrer. Não era de se estranhar que eu nunca tenha gostado de flores. Preferia coisas verdes que cresciam na terra, coisas que nunca iriam florir para somente desaparecer.

Vivíamos em uma casa de uma tristeza secreta. Quando me tornei adolescente, sabia isso tanto quanto sabia meu próprio nome. Mas eu só iria descobrir depois de casada que havia um imenso segredo, ainda por contar, que me envolvia diretamente e de forma assustadora.

Aconteceu quando eu era apenas um bebê, nos meses que antecederam a morte da Bárbara. Eu tinha cinco meses e aparentemente tive um problema terrível de cólica. Eu gritava e chorava o tempo todo. Meus pais, sem dúvida já exaustos por terem que lidar com as profundas necessidades de Bárbara, agora tinham dois bebês que chamavam por eles o tempo todo. Nosso pediatra estava servindo na Coreia, então eles procuraram os conselhos de um médico conhecido por algumas terapias inovadoras. Sua teoria era que eu tinha um timo aumentado, e que isso causava um inchaço, provocando desconforto e fazendo com que eu chorasse. Ele então recomendou três tratamentos completos de radiação no meu timo.

Para piorar as coisas, os tratamentos com radiação feitos na época não eram dirigidos e toda a parte superior do meu corpo foi exposta à radiação. Minha mãe me disse mais tarde que, quando nosso médico voltou da Coreia, gritou:

— Um dia esses tratamentos ainda irão matá-la!

Eu só posso imaginar como ela deve ter chorado, seu universo se desmoronando novamente.

Quando tinha onze anos, meu primeiro caroço não cancerígeno foi removido. Não senti medo e meus pais certamente não me disseram a razão. Disseram-me apenas que eu tinha uma coisinha no pescoço e que o médico iria removê-la. Quando completei dezessete anos, o caroço voltou e fui enviada a um cirurgião diferente. Mais uma vez, não me lembro de ter sentido medo e acho que não tinha permissão para isso. Não havia espaço suficiente em nossas vidas para toda a ansiedade da mamãe, muito menos para acrescentar a minha própria. Eu estava terrivelmente doente no hospital, mas como minha mãe estava muito preocupada com a situação, papai iria me deixar sozinha lá e levá-la para casa.

Não sei se meus pais me contariam sobre a radiação se não fosse por um artigo que leram sobre o aumento do risco de câncer em adultos que foram expostos a tratamentos com radiação quando bebês. Lembro-me nitidamente do telefonema deles. Eu tinha vinte e um anos, já estava casada com Dick e quando o telefone tocou eu estava passando uma de suas camisas (provavelmente a primeira e única vez durante todo o nosso casamento em que fiz uma coisa dessas). Meus pais estavam em extensões separadas e obviamente preocupados. Captando as emoções deles como sempre fiz, comecei a tremer e quando desliguei o telefone estava chorando. Conte para Dick o que eles haviam dito — que parecia haver um período de incubação de cerca de vinte e cinco anos e que, se esse período terminasse sem que você tivesse um diagnóstico de câncer, então provavelmente não iria mais haver nenhum problema. Dick disse:

— Então precisamos controlar isso. Não parece tão terrível.

Quando Dick disse isso, eu pensei: *As pessoas realmente são criadas em casas onde enxergam a vida com tanto otimismo?* Sempre fingi ser otimista por causa de minha mãe, mas na verdade eu não era uma pessoa otimista. Na verdade, eu praticamente sempre esperava por uma catástrofe. Mas sabia que não devia mostrar esse medo ao mundo. Sabia que, quando não estava leve e alegre, coisas ruins aconteciam.

Pouco tempo depois que o primeiro caroço foi removido do meu pescoço, comecei a desenvolver dores de cabeça terríveis que depois descobri se tratar de enxaquecas. Eu tinha doze anos e um dia pela manhã, antes de ir para a escola, eu estava sentada à mesa do café quando papai disse:

— Carol, quando formos para a escola, vamos passar pelo pronto-socorro.

Eu estava com minhas faixas feitas em casa para o jogo de futebol todas à minha volta e levantei os olhos para meu pai, pensando por que diabos eu precisava ir para o hospital.

Visivelmente desconfortável, seus olhos percorrendo a sala, ele disse:

— Sua mãe quer que você faça um exame de raios-x, porque você tem tido muita dor de cabeça.

Eu poderia ter brigado, insistido que estava bem e que queria ir direto para a escola. Mas fui junto com ele sem reclamar, porque sabia que era mais fácil aplacar os medos de mamãe do que contradizê-los. É claro que, no final das contas, não havia nada errado.

O resultado de toda essa tristeza silenciosa e dessa ansiedade descomunal era que, na verdade, eu ficava completamente perdida, sem saber como responder apropriadamente a qualquer coisa emocional. Por um lado, eu estava aliviada por ver que, depois do telefonema dos meus pais, Dick não havia saído correndo em pânico e me empurrado para dentro de uma ambulância. Mas por outro, nunca achei que tivesse o direito de sentir medo por mim mesma.

Todas as vezes que recebia um novo diagnóstico ou notícias que poderiam ser assustadoras, não podia correr para minha mãe em busca de conforto, como outras mulheres faziam. Em vez disso, meu primeiro pensamento tinha que ser como é que eu poderia amenizar as más notícias, de modo a poupar meus pais de mais dor. Um terapeuta me disse uma vez que eu era como uma pessoa que levou um tiro e que tentava limpar o próprio sangue antes que os fotógrafos chegassem.

Quando era pequena, costumava fantasiar sobre o dia em que nasci e como meus pais deviam ter ficado felizes. Grande parte da minha autoestima vinha da minha capacidade de amenizar o sofrimento deles — e a única forma de fazer isso era sendo perfeita e nunca deixar que se preocupassem. Mas o câncer provou de uma vez por todas que eu não era o bebê perfeito que meus pais esperavam. Eu era uma mercadoria com defeito.

• • •

Era um sábado, um dia depois de meus pais se mudarem para o residencial para idosos, o Heathwood Hearth. Sentei-me no piso da cozinha, cercada por caixas com as coisas deles que não cabiam em seu novo apartamento. Havia tanta coisa — décadas de memórias valiosas misturadas com coisas que deviam ser jogadas fora ou doadas. Por mais que eu quisesse ajudá-los nessa tarefa realmente deprimente, a coisa toda me deixou triste e com raiva.

A mudança havia sido suficientemente tranquila. O diretor de admissão recebeu meus pais pessoalmente e mostrou o lugar a eles, começando pelo grande vestíbulo de dois andares e terminando na sala de jantar, onde limonada e biscoitos de aveia ainda quentes, recém-saídos do forno, eram servidos. Minha mãe ficou satisfeita ao ver o posto de enfermagem e os elevadores bem próximos ao apartamento deles.

No início do dia, uma enfermeira simpática, de cabelos grisalhos, mostrou a papai sua pulseira especial, projetada para disparar um alarme caso ele tentasse sair do edifício. A enfermeira, de forma inteligente, explicou que era “algo que se usa quando se está servindo no exterior para entrar na fila da comida”, depois do que papai endireitou os ombros e ofereceu o pulso sem hesitar. Por um momento, achei que ele fosse bater continência, como um soldado. Depois disso, ele perambulou para cima e para baixo pelos corredores, como se estivesse em uma patrulha.

Papai estava muito mais seguro aqui e mamãe também, mas não era possível ignorar o quanto esse dia foi triste para ela. Se não fosse pela doença do meu pai, ela provavelmente poderia ter ficado na casa. Mas ele tinha começado a perambular a qualquer hora do dia ou da noite, sem falar nos comentários que ele fazia sobre o tamanho dos seios das mulheres. Um desdobramento surpreendente para um homem que sempre havia sido tão gentil.

Minha mãe, mesmo aos oitenta, era uma mulher inteligente e elegante que ainda poderia fingir ser uma estrela de cinema durante um churrasco se a situação pedisse. Nunca pude deixar de me divertir ao ver como, bem no meio de uma conversa com alguém, ela pedia desculpas e saía da sala. Então, depois de um ou dois minutos, ela voltava com o batom e o cabelo renovados. Mamãe podia ser frágil, como eu bem sabia, mas tinha força de vontade também e era claro como o dia que essa mudança havia sido um choque para ela. Mamãe e eu passamos a tarde pendurando algumas fotos

da família nas paredes do apartamento — ou melhor, eu pendurei, enquanto ela me indicava onde colocar as coisas. Gradualmente, seu entusiasmo se esvaiu, e no começo da tarde, ela se rendeu e tirou um cochilo. Saí na ponta dos pés, fui para casa e então desmoronei em minha própria cama.

Hoje, voltei para almoçar com eles. As palavras enraivecidas de minha mãe uma hora antes ainda estavam soando em meus ouvidos:

— Espere só até você ficar velha — ela havia sussurrado ferozmente, enquanto golpeava o frango com seu garfo. — Você vai ver. A casa de uma pessoa é tudo.

— Espero que eu consiga *ficar* velha, mamãe — eu rebatera. Então me senti culpada por lembrá-la de seu inocente erro que não poderia ser mudado. Eu queria tanto ser a filha perfeita nessa situação, mas aparentemente não demorou muito para que eu perdesse a calma. Eu queria ter sido capaz de ter mordido minha língua e lembrado que minha mãe só estava brava comigo porque não havia ninguém mais com quem ficar brava. Ela não podia culpar meu pai por ficar doente. E mesmo se pudesse, ele já havia passado há muito tempo do ponto de assumir a culpa.

Enquanto mamãe e eu nos ocupávamos com nossa refeição, meu pai mastigava seu frango refogado com precisão mecânica. Engolir bocados de comida e tomar goles ruidosos e relaxados de seu café pareciam ser as únicas coisas com que ele se preocupava. Antes de sua vida ser atingida pelo Alzheimer, ele sempre desempenhou o papel de mediador e protetor de minha mãe. Agora, ele olhava para nós como se fôssemos estranhas que ele havia encontrado no ponto de ônibus.

Alcansei outra das caixas que estavam no piso da cozinha, jogando a tampa descuidadamente na direção da lata de lixo. Fiquei surpresa ao encontrar uma fotografia grande, em preto e branco, da época em que meus pais dançavam uma espécie de quadrilha. Eu costumava observar mamãe e papai dançando com todo o seu grupo de amigos em uma noite de verão, no pátio de lajotas do lado de fora da minha janela. Algumas vezes, eu tinha permissão para me juntar aos adultos e provar as taças de sorvete de baunilha feito em casa, decoradas com pedaços de morangos ou de pêssegos frescos, e eles fingiam não notar que já havia passado há muito da minha hora de deitar. Senti a mesma alegria, como se isso tivesse acontecido na noite passada.

Durante esse passeio pela alameda da memória, ouvi, de repente, o toque da campainha da porta. Dei um pulo, como se estivesse apenas esperando por más notícias. Imaginei meu pai fugindo, encontrando minha casa com a ajuda de vários desconhecidos. Imaginei-o invadindo meu vestíbulo a passos largos para anunciar que estava voltando a Radford *nesse exato momento* e que queria que devolvessem as chaves de seu carro imediatamente.

Meu lado racional assumiu o controle e eu verifiquei o relógio do micro-ondas: 2h56. Era a hora do meu encontro com Giles Owita.

Pensei que havia deixado mais tempo para sentir pena de mim mesma. Em vez disso, joguei água no rosto e passei um pente pelo cabelo, enquanto Rhudy trotava em direção ao hall de entrada, emitindo mais alguns de seus “alegres latidos de advertência”. Apanhei um caderno desses com capa de papelão em preto e branco, que imitam mármore, sem uso, que havia encontrado no fundo de uma caixa naquela manhã. Também peguei a lista que havia feito.

Abri a porta da frente e dei ao meu rosto uma aparência agradável, mas fiquei surpresa ao não encontrar ninguém em pé na entrada. Coloquei a coleira em Rhudy e saí. Tanto de um lado como do outro só havia os buchos encurvados e nem sinal de Giles Owita. Um Chrysler Neon azul brilhante estava estacionado na casa de Sarah. O motorista havia abandonado o carro. Talvez eu houvesse imaginado que a campainha tenha tocado.

— Olá? — chamei. Silêncio.

Fechei os olhos. Uma brisa suave ergueu meu cabelo. Logo depois, um som agudo, como um estalo, flutuou em minha direção vindo do lado esquerdo da casa, onde estavam as azaleias. Será que Giles Owita não poderia simplesmente ter tocado a campainha da porta para anunciar sua chegada? Será que ele já havia enterrado sua pá na terra úmida para retirar uma azaleia do seu lugar no solo, mesmo estando eu procurando por ele?

Enquanto caminhava, imaginei as raízes teimosas cedendo, mas não sem lutar. Fiquei feliz ao pensar em Giles Owita aplicando toda a sua força, fazendo o que eu pedira e depois, esperando que eu me juntasse a ele para discutir as diferentes opções. Ou talvez ele estivesse planejando uma surpresa. Eu não queria estragar o momento, mas talvez ele não tivesse se dado conta de quanto tempo certamente levaria para desenterrar uma daquelas azaleias com suas raízes profundas e fibrosas.

Quando Rhudy contornou o canto da casa, o mistério foi desvendado. Ele deu um único e urgente latido e assumiu sua versão da posição de cão de caça. Logo o alcancei e, oh meu Deus. Era Giles Owita mesmo, vestindo seu uniforme azul-marinho e ocupado com as azaleias, como eu esperava. Mas os arbustos dificilmente se encontravam sob um ataque total. Na verdade, Giles Owita cuidava carinhosamente da primeira azaleia com dedos que arrancavam cuidadosamente as folhas mortas e quebradiças e os detritos secos que haviam caído das árvores frondosas. Seus pés estavam plantados firmemente no solo inclinado, coberto de musgo e seus olhos estavam animados pela preocupação enquanto ele examinava as partes verdes e saudáveis da azaleia que agora haviam se tornado visíveis. Em algum nível, percebi que devia me sentir grata por esses esforços. Secretamente, porém, eu me sentia como uma aniversariante cujas velas foram apagadas por um convidado afoito que não havia sido ensinado por sua mãe a se portar corretamente em uma festa. Qualquer gratidão que eu pudesse sentir pelo trabalho duro de Giles Owita se dissolveu em frustração e em uma raiva borbulhante. Eu detestava azaleias e tinha o direito de detestá-las. Eu não as queria no meu jardim e estava pagando a esse homem para removê-las. O que será que ele estaria pensando neste exato momento? Será que ele realmente acreditava que estava lá para obedecer a algum impulso interno e cuidar de toda e qualquer planta do mundo, a fim torná-la mais forte?

Absurdo.

Vi dois recipientes de plástico no chão, ao lado dos arbustos. Era ainda pior do que eu pensava, porque havia um bocal anexado a cada um deles, para borrifar as plantas. Deviam ser os produtos químicos a que ele havia se referido em sua carta.

Estaria ele me desafiando? Ou havia simplesmente fingido entender quando eu disse a ele o que queria?

Apontei para os baldes e tentei manter minha voz firme:

— Fertilizante?

— Isso, e um antifúngico — informou-me Giles Owita com seu jeito sincero. — Suas plantas estão precisando dos dois. Mas logo estarão florindo! — Então ele me ofereceu um sorriso que parecia o nascer do sol — e toda a minha raiva e insignificante contrariedade desapareceram.

Não era algo para se sentir raiva, disse a mim mesma. Eu só precisava ser clara, me impor. Esse homem era meu empregado, afinal de contas, e eu não deveria sentir vergonha por querer que as coisas fossem feitas do meu jeito.

— Pensei que estivéssemos de acordo sobre essas plantas serem removidas — disse eu com a voz mais firme e clara que pude exhibir. — Todas as três. Lembra? Nunca gostei de azaleias, como eu acho que você já sabe. Elas ficam bonitas em um campo de golfe, talvez, mas em casa, as flores não duram muito tempo e quando você tenta cortá-las... — Meu discurso se esgotou e descobri que não tinha mais nada para dizer. Giles Owita olhou inexpressivamente em minha direção.

Tinha certeza que, para nós, aquele era o fim no que se referia às azaleias. Mordi meu lábio, tentando reviver a raiva que havia sentido alguns minutos antes. Eu deveria conseguir evocá-la novamente, pois, afinal de contas, estava totalmente certa. Mas quando tentei, o sentimento nem deu sinal. Havia alguma coisa tão inocente e terna nesse homem que trabalhava com tanto entusiasmo. Ou ele era simplesmente inteligente? Encantador? Teimoso?

Intermináveis segundos se passaram. Giles Owita manteve sua posição, com um pé plantado em um ponto entre os ramos frágeis dessa primeira azaleia, e o outro acomodado firmemente em um pedaço de musgo encharcado que sempre parecia florir desse lado de nossa casa. Um cipreste de Leyland nos separava da casa menor ao lado. Quando olhei para cima, para os troncos delicados, pensei no jardim com paisagismo perfeito de Sarah Driscoll e em todos os outros jardins da nossa rua. O que Dick e eu tínhamos aqui era uma bagunça. Talvez eu devesse abrir mão do controle e deixar Giles Owita prescrever as soluções. Tive a repentina, fugaz e ilógica impressão de que este momento com Giles Owita no meu quintal era algo pelo qual havia esperado durante toda a minha vida.

Mesmo assim, hesitei. Aguentar firme ou desistir?

Giles Owita olhou para mim. A preocupação estava estampada em sua frente. Ele iria defender seu ponto de vista, eu temia. (“Elas ficarão lindas!” eu quase podia ouvi-lo dizer). *Não deixe que ele vença*, disse a mim mesma. *Não ceda*.

— Como estão seus pais no novo apartamento, Sra. Wall? Minha esposa e eu rezamos para que eles enfrentassem a mudança com um mínimo de

stress.

Respirei profundamente.

Meus pais? Giles Owita teve tempo de rezar pelos pais de outra pessoa?

Perscrutei seu rosto. Ou ele estava sendo totalmente sincero ou era um bom ator. Dei um pequeno passo para trás, mas meus pés começaram a escorregar à medida que a correia de Rhudy deslizava pelos meus dedos com um assobio. Comecei a cair. A azaleia tremeu quando Giles Owita saltou para me segurar pelo cotovelo. Minha mão direita agarrou a manga do seu uniforme azul-marinho e minha outra mão encontrou a aspereza do tijolo da lateral da minha casa. Essa foi uma das poucas vezes que toquei em Giles Owita.

— Ah. Obrigada. Quase caí. — Soltei sua manga. Havia recuperado meu equilíbrio, mas meu pulso ainda estava acelerado. Rhudy andava nervosamente por perto, arrastando a coleira roxa atrás dele. — Você e sua mulher rezaram pelos meus pais? Foi muita gentileza. Sou grata. — Minha voz se partiu quando disse a palavra pais e pensei no sofrimento deles ao passar por mais uma perda em sua longa vida juntos.

— Ficamos alegres em orar por eles — disse Giles Owita.

Ele parecia tão sincero. Vasculhei sua expressão séria procurando por sinais de cinismo ou falsidade. Ele continuou com o olhar perdido ao longe.

— Agradeço pelas orações — respondi — e tenho rezado por Lok. — Acrescentei a última parte com a ênfase especial de um mentiroso em cada palavra. Mas mesmo quando as pronunciei, soube de repente que precisava que essas palavras fossem verdadeiras e resolvi me ajoelhar pela filha de Giles a partir de amanhã, na missa. — Teve alguma notícia dela essa semana?

Ele balançou a cabeça. Encarei novamente o cipreste de Leyland e tentei evocar o delicado formato do rosto de uma filha distante que amava rosas.

— Você tem uma foto que eu possa ver? — perguntei.

— Em nossa casa existem várias fotos. Vou tentar me lembrar de trazer uma comigo na próxima vez. Nossa Lok é uma linda garota. Nós a consideramos nosso tesouro desde o dia em que ela chegou.

— É claro — eu disse. — Tenho certeza que sim. Tem alguma coisa que Dick e eu possamos fazer para ajudar? Ele é advogado, você sabe. Então, se você resolver...

— Nós vamos continuar esperando, não vamos perder a esperança — ele disse.

Enquanto ficava ali de pé observando-o, Giles Owita continuou seu trabalho com as azaleias e eu decidi deixá-lo fazer o que quisesse com elas, sem brigar mais. Seu trabalho no segundo pé foi rápido. Ele pareceu não se importar que eu ficasse flanando por perto enquanto ele arrancava os detritos para encontrar as partes saudáveis. Aproveitei a oportunidade para fazer mais perguntas sobre sua família. Ele me disse que o nome de sua mulher era Bienta. Seu rosto brilhou ao falar dela. Eles pertenciam à tribo Luo, a segunda maior tribo entre as mais de quarenta tribos do Quênia. O nome Bienta era “uma versão Luocizada”, como ele disse, do nome francês Bernadette.

— Ela nasceu no continente, perto de Kisumu — explicou. — Ao passo que eu fui trazido ao mundo em ambientes mais rurais, na pequena ilha de Rusinga, no Lago Vitória.

— Bom, espero conhecer Bienta logo — eu disse.

— Você vai conhecê-la — ele concordou rapidamente. — Qualquer hora dessas, vou trazê-la até o seu complexo. Ela é reservada e correta, mas não é tímida.

Minha natureza invejosa borbulhou até a superfície. Fiquei imaginando se Dick chegou a mostrar alguma vez esse olhar de adoração ao falar sobre mim. Senti-me desanimada ao recordar uma pequena discussão que tivemos não fazia muito tempo. Gritamos um com o outro até nossos rostos ficarem vermelhos. Dick havia feito mais um de seus comentários sentimentais sobre quantas lições de vida havíamos aprendido com meu tratamento do câncer. Imediatamente, tive vontade de esbofeteá-lo até deixá-lo atordoado. No final, fizemos as pazes — sempre fazíamos — mas ninguém venceu e na verdade, nada ficou resolvido. Em contraponto, e como forma de autotortura, imaginei Giles Owita e Bienta dando-se as mãos antes de uma refeição. Seus filhos (de acordo com a minha imaginação) sentavam-se do outro lado. Todos eles curvando suas cabeças em oração. Sua casa era pequena, mas bem cuidada. Como se fosse mágica, as rosas floresciam na porta em todas as estações. Enquanto repetiam suas orações não respondidas até aquele momento, continuavam sendo generosos em espírito, preocupados com outras pessoas. Pensei na carta de Paulo aos Gálatas, em que ele ensinava que não deveríamos “nos cansar de fazer o

bem”. Estava claro que os Owitas não se cansaram de fazer o bem. De fato, eles se deram ao trabalho de elevar dois estranhos, meus esforçados pais, à terna misericórdia de Deus lá em cima.

Então me vi pensando em algo:

— Sua tribo Luo possui sua própria religião, não é verdade?

Giles Owita parecia despreocupado e relaxado, como se estivesse completamente aberto para um momento de ensinamento, mesmo que nossos outros projetos ficassem à espera. Na verdade, ele parecia satisfeito com esse convite para revisitar o modo de vida que havia aprendido quando criança. Trouxe-lhe uma garrafa de água de casa e ele interrompeu seu trabalho por um momento.

— As crenças tribais se baseiam no respeito aos ancestrais — começou Giles Owita. — Em nossa cultura, os mais velhos, vivos ou mortos, são reverenciados. Nós ensinamos que nossos ancestrais vivem aqui embaixo — e apontou para o solo — e são nossa base. No lugar onde se encontram, oferecem uma sabedoria especial. Se eu sonhasse com meu pai, não diria que havia sonhado *com* ele e sim que meu pai *havia trazido um sonho*. Nossos ancestrais também participam de nossas vidas, são uma fonte de sabedoria e proteção. Esses sonhos são compartilhados com as outras pessoas da vila, com todos oferecendo uma interpretação. Na época de meu pai, um pouco de comida e bebida seria aspergido sobre o chão antes de uma refeição. Dadas as condições de assistência médica e o fato de as doenças e a morte serem lugares-comuns nessa parte do mundo, considerava-se uma façanha ter alcançado essa fase da vida que seus pais atingiram, Sra. Wall.

Como um pianista num concerto que conclui o segundo movimento de uma apresentação impecável, Giles Owita ergueu suas mãos das profundezas cheias de folhas da segunda azaleia. Como se houvesse sido combinado, uma perua cinza fosco enfiou seu nariz sujo no topo da Mount Vernon Road. O carro prosseguiu pelo suave declive em sua costumeira maneira cuidadosa e os freios piscavam repetidamente, como se os amortecedores estivessem sendo testados.

Oh, meu Deus. Ele não, pensei.

— Não se esqueça da terceira azaleia — pedi desesperadamente, na esperança de impedir que Giles Owita reparasse no carro empoeirado e em seu motorista irascível.

Tratava-se de uma pessoa que nós conhecíamos bem e com quem tomávamos cuidado, o Reverendo Gerald Jacks, viúvo de longa data. Era um pastor luterano, aposentado, e que morava duas ruas acima. Seus filhos, que moravam longe, haviam se esgueirado cautelosamente para a cidade para oferecer-lhe uma pródiga festa de aniversário em seus oitenta anos, e, em seguida, voltaram para a Costa Oeste, onde pareciam se esconder. O silêncio deles era compreensível, sendo seu pai uma daquelas pessoas intimidantes que parecem destinadas a manter o poder até o túmulo. Seus espessos cabelos brancos assumiram a forma de chamas lambendo o poço do inferno e ninguém do bairro jamais o viu sem os grossos óculos de aros pretos. Eles ampliavam suas indomáveis sobrancelhas grisalhas e enfatizavam a dureza de seus olhos penetrantes, de um azul pálido.

À medida que a perua avançava, o Reverendo Jacks fez questão de olhar atravessado para Giles Owita. Esta grosseria aconteceu exatamente como eu previra e me senti responsável e impotente, tudo ao mesmo tempo. No entanto, dada a forma como ele respondeu a um insulto semelhante feito por seu gerente no supermercado, não fiquei surpresa quando Giles Owita deu a outra face com um aceno de cabeça respeitoso.

— Ele deve ser parente do seu chefe do supermercado — brinquei sem entusiasmo. Percebi um brilho de satisfação nos olhos de Giles Owita como resposta.

O Reverendo Jacks havia realmente testado minha paciência ao longo dos anos. Quando nosso filho mais velho, Chad, estava aprendendo a dirigir, ele era impiedoso, dirigindo colado ao carro dele ou tocando a buzina para apontar qualquer pequeno erro. Mais imperdoável ainda, ele se tornou a única pessoa do bairro a lançar um olhar ameaçador em direção aos jovens companheiros do time de basquete de Phil, especialmente os de cor.

— Dá para acreditar que quando sumiu uma tesoura de jardinagem da garagem desse homem, o reverendo ligou aqui em casa e me perguntou se algum dos amigos “de cor” do Phil havia estado por aqui naquela tarde?

— Sim. Acredito — respondeu calmamente Giles Owita.

— Falei o que pensava ao Reverendo Jacks, sem me conter — continuei. — Chamei-o de racista e pecador e perguntei por que diabos alguém iria querer sua tesoura enferrujada. Mais tarde, ele achou a tesoura

no arbusto em que ele mesmo a deixara quando o sol ficou muito forte para ele.

Giles Owita fez um som com a língua.

— Pelo menos ele ligou para nos contar — eu disse, enquanto Giles Owita voltava ao trabalho. — Talvez eu devesse dar algum crédito a ele por isso. Envelhecer é um feito, como você disse.

— É mais difícil esconder o que nos fere quando outras pessoas são afetadas — observou Giles Owita. — Tendemos a falar em nome dessas pessoas, como você fez por mim aquela tarde no supermercado. Isso é bom, eu creio. É claro que eu gostei e falei sobre isso com minha mulher. Momentos assim podem ser solitários. Existem momentos em que ninguém parece ser um amigo.

— Você deve ter tido que enfrentar esse tipo de tratamento intolerante e desrespeitoso mais vezes do que posso imaginar — observei.

Giles encolheu sutilmente os ombros:

— A maior parte das pessoas é muito simpática, e é possível perceber, logo na primeira vez que os encontramos, quem não é.

Por fim, ele deu os últimos toques na terceira azaleia. Em seguida, puxou uma máscara protetora branca do bolso de seu uniforme de trabalho e colocou-a. Seus olhos brilharam quando ele me fez sinal de que, por razões de segurança, eu deveria me afastar. Com Rhudy, afastei-me para o topo do ligeiro declive no qual me sentia feliz por sentar na grama, a uma distância segura de onde Giles Owita pulverizava seus produtos químicos. Ficava impressionada com a forma como ele conseguia encontrar satisfação em um mundo tão distante de tudo o que ele provavelmente mais conhecia e amava quando pequeno. Era estranho, mas sentada ali na grama do meu próprio jardim da frente, me senti um pouco em êxtase também. Minhas inúmeras listas pareciam menos importantes. O que eu precisava era ter paciência.

Inclinei meu rosto em direção ao céu e respirei profundamente. Talvez não fosse apenas uma desculpa o fato de Dick e eu estarmos muito ocupados com outras coisas, como educar nossos filhos e ajudar nossos pais, para cuidar do nosso jardim. Talvez não fossemos tão terrivelmente preguiçosos como eu temia, não tão secretamente assim. Talvez fôssemos pessoas dignas que eram apenas um pouco avoadas. Perfeito ou não, no seu

atual estado, esta pequena faixa verde de longitude e latitude estava destinada a ser nossa e tinha potencial para ser bela.

Talvez não fosse tarde demais.

Fazia algum tempo que não tinha pensamentos tão otimistas.

Meu olhar caiu sobre uma única e promissora folha de grama. Giles Owita estava ligeiramente fora de foco no fundo. Talvez isso realmente fizesse parte de sua missão na vida, trabalhar em toda e qualquer planta que encontrasse e torná-la mais forte. Talvez isso não fosse tão absurdo.

E se esse elegante queniano com seu dom para cuidar de flores fizesse parte de um plano maior para a obra de Deus no mundo? Será que eu ousaria frustrar esse esforço?

Era uma linha de pensamento impressionante e arrebatadoramente ilógica. Quando me levantei para limpar meu jeans, tive um vislumbre de meu reflexo na janela da sala. Parecia pálida, muito provavelmente por pensar demais nas coisas. *Controle-se*, disse a mim mesma. Há um homem trabalhando em nosso jardim. É uma pessoa interessante, atenciosa e agradável de conviver. Fiz questão de demonstrar respeito por ele. Isso foi tudo.

Depois do prometido passeio pelo jardim, que acabou sendo breve, Giles Owita e eu concordamos em deixar as azaleias florescerem antes de discutir seu destino novamente. Também combinamos deixar qualquer bilhete endereçado ao outro na caixa de correio em que ele deixou sua primeira carta para mim. Ao partir, ele prometeu verificar sua agenda com relação à poda da bétula negra.

Mas havia mais uma coisa que precisávamos discutir, algo que devia ser resolvido. Dirigi-me a ele:

— Você poderia me chamar de Carol, por favor? Sra. Wall parece tão formal.

— Você prefere assim?

— Honestamente, prefiro. Você pode me chamar de Carol e eu vou chamá-lo de Giles.

Giles sorriu e olhou para além de mim e, nesse momento, percebi que ele jamais me chamaria de Carol, da mesma forma que nunca me olharia diretamente nos olhos. Da mesma forma que eu nunca ficaria nua e andaria pelo meio da nossa rua. Simplesmente não fazemos essas coisas em nossas culturas. Mesmo assim, esperava convencê-lo um dia.

— *Erokamano*, Giles — disse a ele enquanto estávamos em pé na calçada em frente à minha casa. — Andei praticando a pronúncia.

— *Wabironenore*, Sra. Wall — ele respondeu e então se voltou para caminhar até seu carro no alto da rua.

Entrei e fui até o balcão da cozinha. Olhei para o caderno e fiz o melhor que pude para manter minha respiração estável. No peitoril da janela, uma pequena foto colorida de minha irmã Bárbara sorria docemente para mim. Minhas unhas estavam gritantemente limpas, mas mesmo assim lavei as mãos, usando uma escova com cerdas duras para atacar qualquer poeira ou sujeira que pudesse ter se enfiado em uma fissura da minha pele ou embaixo das minhas unhas.

Sequei minhas mãos com um papel toalha limpo e achei uma caneta hidrográfica. NOTAS DO JARDIM, escrevi em meu caderno. Eu tinha muito a aprender com Giles e prometi a mim mesma que anotaria tudo para que não pudesse esquecer.

SEGUNDA-FEIRA

Caro Giles,

Espero que você e sua família tenham tido um bom fim de semana. Detesto fazer esse tipo de pedido novamente, mas você poderia dar um jeito de vir podar a bétula negra quando eu estiver presente? Se meu carro estiver no meio do caminho, é só tocar a campainha. Ou, se souber antes da hora, deixe um bilhete aqui, conforme combinamos. Não tenho muita certeza sobre a forma e a intensidade que eu gostaria de usar para controlar o crescimento dessa árvore em particular, então espero que não seja um problema se eu orientá-lo enquanto estiver fazendo o trabalho. A bibliotecária da escola está me ajudando a encontrar um livro sobre o assunto, pois hesitei em procurar Melanie ou Sarah para pedir que me aconselhassem. Como você sabe, é a época do ano em que elas estão mais ocupadas. Esqueci de dizer a você que, há muito tempo, em uma rara explosão de entusiasmo pela jardinagem, eu mesma plantei a bétula negra. Foi logo depois que nos mudamos para a casa, quando a árvore era um pouco mais alta do que as crianças. Mas, da mesma forma que meus filhos,

ela cresceu rápido, subindo em direção aos céus mais ou menos sem a minha permissão, embora eu esteja feliz em ver que as raízes aparentemente mergulharam profundamente ao lado deste riacho, onde ela parece ter vicejado.

Devo admitir que as azaleias já estão com uma aparência melhor. Sarah e eu estávamos passeando ao lado da casa ontem à tarde e pudemos ver as pontas dos botões cor-de-rosa despontando em meio às folhas. Você vai ficar feliz em saber que ela me incentivou a ouvir seus conselhos em todas as áreas, pois você é “o melhor”, como ela disse.

Minhas orações por Lok continuam. Por favor, me conte sempre que tiver alguma notícia. Obrigada por todos os seus esforços e não se esqueça de deixar sua conta de vez em quando. Estou ansiosa para trabalhar com você novamente em breve.

*Atenciosamente,
Carol Wall*

QUARTA-FEIRA

Cara Sra. Wall,

Minha agenda está livre na sexta-feira. Bienta e eu temos alguns assuntos de negócios para resolver pela manhã, mas vou passar por sua casa depois do seu horário de aula e levarei as ferramentas apropriadas.

Ultimamente, o caso de Lok parecia estar perto de avançar, mas o telefonema da irmã de Bienta, de Nairóbi, ontem à noite (já passava da meia-noite lá) trouxe notícias de mais complicações ainda, com exames médicos, atestados e outros documentos. Depois de já haver se passado tanto tempo, alguns materiais prescreveram e o processo deverá ser reiniciado, com mais fundos a serem pagos e períodos de espera em vigor. Sinto lhe dizer que pode haver corrupção em qualquer parte do planeta, e as pessoas que ocupam altas posições geralmente estão sujeitas à tentação. Um visto de viagem para os Estados Unidos é muito cobiçado. Algumas vezes, são exigidos até mesmo exames de DNA para estabelecer a identidade do candidato. Nós estamos no meio desse processo.

De qualquer forma, Bienta e eu agradecemos por suas orações. Ela sempre foi muito devota e insiste que, em qualquer circunstância, as orações são mais necessárias do que a paciência, do que os recursos, assinaturas, declarações juramentadas ou qualquer outra coisa que um governo controlado por seres humanos seja capaz de produzir. Como “aguardamos em alegre esperança” por nossa filha, estou ansioso pelo prazer de encontrar as melhores linhas de sua linda bétula entre os ramos fluorescentes e as folhas abundantes que ela produziu durante os anos em que seus filhos estavam crescendo. Nesse dia da poda, esta irá criar um formato mais bem delineado que trará sua própria recompensa. Enviarei minha conta depois disso.

Para terminar, deixe-me dizer que levarei outro par de luvas de jardinagem na sexta-feira. Muitas vezes precisamos de ajuda em projetos de jardinagem maiores e fiquei muito feliz por saber que você vai estar por perto para ajudar.

*Meus melhores votos,
Giles Owita*

Capítulo 5



Flores Precoces

Uma brisa suave penetrava por entre os galhos da bétula do meu jardim. Giles estava ao meu lado, conseguindo parecer sério e alegre ao mesmo tempo. Com sua mão esquerda pegou uma serra e uma tesoura de poda. Eu segurava um livro encadernado com tecido.

— A Bétula negra é ocasionalmente chamada de bétula-do-rio — li em voz alta. — *A árvore é nativa de uma área que abrange a maior parte do leste dos Estados Unidos... do oeste de New Hampshire ao sul de Minnesota, e de norte a sul da Flórida, além do oeste do Texas. Geralmente, cresce até atingir dois metros e meio de altura, com vários troncos. Depois da poda, os galhos estruturais devem ter a aparência de raios de uma circunferência ao redor de um eixo central.* — Virei o livro para Giles, para mostrar-lhe a imagem. Ele assentiu respeitosamente, para indicar que havia entendido. — *Isso irá proporcionar uma árvore estruturalmente forte, atraente e equilibrada, permitindo que a luz do sol penetre e que o vento passe através da copa. Para garantir a resistência, os maiores ramos estruturais devem ter pelo menos vinte centímetros e de preferência cinquenta e um centímetros de separação vertical.* Devo pegar um metro daqueles de madeira, Giles? Tenho um em casa.

Ele não respondeu imediatamente. Ouvi o vento assobiando, o canto dos pássaros e o bater das asas de um falcão vermelho planando lá em cima,

sobre o riacho borbulhante. Fiquei pensando se Giles havia gostado das informações que estava compartilhando com ele. Não queria dar a impressão de ser arrogante ou grosseira. Só achava que trabalhando juntos poderíamos conseguir melhores resultados.

— Esta árvore é um ótimo exemplo de um tipo comumente encontrado de bétula que gosta de molhar os pés — finalmente Giles respondeu. — Já pudei essa espécie antes e não vou precisar de um metro.

— Não deixe que eu atrapalhe.

Fechei o livro de paisagismo. Aparentemente, Giles viu isso como um sinal para começar a trabalhar. Ele deu dois enormes passos para trás, seu rosto refletindo uma energia concentrada e percebi, horrorizada, que ele pretendia subir na árvore. Gritei para ele:

— Você não precisa de uma escada, Giles?

Ele correu a toda velocidade, passando por mim como um raio de energia avançando em direção à árvore. Ele lançou-se com um pé e à medida que eu o via subir, ficava impressionada em ver como uma pessoa com a sua idade podia ser tão ágil, forte e destemido. Os ramos estremeceram quando ele encontrou um lugar no meio deles. Seus tênis raspavam a casca da árvore até que se firmaram no primeiro dos galhos horizontais mais sólidos, cerca de dois metros acima do solo. Dali, ele subiu até desaparecer dentro da copa formada pelas folhas. Ciente de que não tinha absolutamente nada que contribuísse para esse esforço, afastei-me para a área pavimentada que formava nossa quadra de basquete e puxei uma cadeira de metal e cambraia de linho para sentar. Não conseguia enxergar Giles, mas podia ouvi-lo trabalhando e ver a agitação das folhas.

Coloquei meu livro de lado. Meu olhar caiu sobre um par novinho em folha de luvas de jardinagem verde-escuras que Giles tinha tirado do bolso quando chegou (embora eu tivesse rezado para que ele esquecesse). Elas jaziam por cima do seu moletom cinza dobrado, à sombra da bétula, exatamente onde ele as havia colocado, com o que parecia ser uma rápida e cuidadosa olhada em minha direção.

Uma onda de irritação me invadiu. Ele as trouxera, mas depois não deu nenhuma explicação. Aproximei-me e confirmei minha impressão inicial: duas luvas de algodão verdes que eram volumosas e muito grandes para mim. Examinei-as. Minha boca secou. Esperava que ele não pretendesse me fazer cavar a terra. Só de pensar ficava enjoada. Eu poderia simplesmente

ter perguntado a Giles o que ele quis dizer com precisar da minha “ajuda”, mas tive a impressão de ter passado dos limites ao ler o livro para ele.

As folhas que cobriam Giles estremeceram:

— Você está bem, Sra. Wall?

Rhudy levantou o focinho e latiu para que eu soubesse que ele estava trabalhando. Subi de volta para buscar meu livro:

— Você está prestes a cortar?

— Vou esperar pelas instruções — ele disse.

Imaginei-o pendurado precariamente por um braço, um pé apoiado contra um galho firme e a serra de poda pronta para entrar em ação. Eu precisava correr:

— Aqui diz que não se deve cortar rente à árvore ao podar — gritei para ele.

— Ok.

— Você deve deixar um ângulo, o que eu acho interessante. Queria que você pudesse ver essa foto. Ela mostra porque você não vai querer que seja horizontal, porque a maneira como costumava ser feita a poda antigamente causava doenças e fazia com que os galhos ficassem voltados para baixo. Horizontal com relação ao tronco, é isso. Nós não queremos isso.

— Muito bom — disse Giles. — É verdade mesmo.

Ouvi o som da serra e imaginei a luz do sol piscando sobre a lâmina de aço.

— Giles, há quanto tempo você trabalha com plantas? — Estava surpresa por perceber que não havia perguntado isso a ele antes.

O barulho da serra parou.

— Eu adoro plantas desde que me entendo por gente. Especialmente as flores. — Sua voz era suave, porém vibrava de emoção.

— Vocês têm a bétula-do-rio no Quênia?

— Existem cultivares de outros países. Mas não são nativas.

Senti meu rosto ficar vermelho de vergonha e a leve impressão de ter cometido um erro ao pensar que Giles precisava da minha ajuda para podar a árvore corretamente. Pulei para outra página que havia marcado. Mostrava uma fileira de *ilex glabra* misturadas a alguns rododendros e plantadas em um desenho interessante na base de uma casa tradicional de alvenaria como a nossa. As azaleias não desempenhavam nenhum papel no projeto.

Talvez eu só precisasse atualizar o ponto de vista de Giles com relação às azaleias. Gritei para ele:

— Você não acha que determinadas plantas entram e saem de moda?

Não houve resposta e me perguntei se ele havia escutado. No exato momento em que estava quase repetindo a pergunta, as páginas do meu livro de paisagismo foram desfeitas pelo vento. Meus dedos agarraram a capa firmemente para que o livro não fosse lançado para longe. As folhas moviam-se para frente em rápida sucessão, da direita para a esquerda, como se um fantasma nervoso as estivesse virando. Para deixá-las sob controle, segurei o livro de encontro ao peito e plantei meus pés mais firmemente. Então meu olhar caiu novamente sobre o par de luvas de jardinagem, cujos dedos sem vida estavam curvados sugestivamente como se, assim como eu, tivessem escutado boatos de alguma tarefa inominável pela frente e quisessem estar preparados.

As luvas de Giles eram de cor marrom castanho. Ele as havia tirado do bolso de seu uniforme azul-marinho um pouco antes de saltar para a árvore. Agora, enquanto eu estava de pé observando, uma das luvas de Giles dava cambalhotas em cima das folhas verde-limão, com as partes de baixo prateadas, parecendo vivas. A luva tombou rapidamente sobre os finos ramos com suas cascas ondulantes, cor amarelo-creme e seus anéis castanho-amarelados semelhantes a papel, ao longo do tronco triplo. Ela pousou entre as folhas da grama em que nossos filhos costumavam fazer seus piqueniques de verão. Corri para pegá-la.

— Por favor, volte — Giles disse, com a voz invulgarmente firme. Fechei meu livro de jardinagem com um estalo ressonante e corri pela grama até a quadra de basquete, onde minha cadeira de metal me esperava. Rhudy também recuou, como se tivesse entendido o aviso. Ouvi mais ruído de serra e o primeiro ramo aterrissou a cerca de quatro ou cinco metros de distância de onde eu havia sentado. Tinha o comprimento aproximado de um taco de golfe, mas com diâmetro maior, com um galho menor e folhas esvoaçantes ligadas a ele para formar um V meio torto.

— Rhudy, você consegue ver o céu? — perguntou Giles, visivelmente satisfeito. Um triângulo de um azul brilhante surgiu através do espaço arejado que Giles acabara de criar. O magnífico verde-limão das folhas ficava ainda mais acentuado em contraste com o azul-turquesa do céu sem nuvens.

— Isso é absolutamente lindo — eu disse.

— Agora essa linda árvore pode respirar — comentou Giles, com visível prazer.

— Isso serve para todos nós.

Foi só nesse momento que percebi o quanto estava perturbada e preparada para um desastre, o quanto eu realmente não tinha certeza se Giles sabia o que estava fazendo e se não cairia rolando dessa árvore, como sua luva de trabalho. Ouvi Giles serrando novamente e outro galho de tamanho parecido com o do anterior caiu com estrondo. Esse corte deixou uma segunda e elegante faixa azul próxima ao topo da bétula.

Em seguida, surgiu uma resposta com relação ao mistério das luvas verde-escuras. Giles provavelmente queria que eu me juntasse a ele para recolher os detritos depois. Aliviada por essa tarefa não envolver nenhuma escavação, retirei alguns pequenos galhos do chão e comecei a fazer uma pilha. Um pouco mais tarde, Giles pousou no chão com um equilíbrio digno de um expert. Voltei para a cozinha para pegar uma garrafa de água gelada para ele. Desse ponto de vista mais elevado, tive uma perspectiva completa da transformação da minha árvore. Onde antes havia apenas um tronco triplo, branco e curto, com uma vastidão informe de verde por cima, agora eu via folhas e ramos, membros que alcançavam o céu. Uma gralha azul empoleirada em um dos galhos mais altos, cumprimentou-me com os olhos brilhantes. Um par de cardeais vermelhos arremeteu bem abaixo, como se dissessem: “Onde você estava?” A poda magistral de Giles também proporcionou vislumbres mais claros da luz do sol dançando sobre o riacho agitado. Em contraste com o pano de fundo dessas melhorias, fiquei surpresa ao notar Giles rapidamente fazendo o trabalho de limpeza que eu achava que seria meu. Na velocidade com que ele ia, acabaria de recolher todos os resíduos e limpar a área antes que eu conseguisse chegar lá. Dick sempre me criticou por atrasar os trabalhadores em torno da casa, fazendo-os falar quando estavam trabalhando e sendo pagos por seu tempo. De repente, me ocorreu que Giles provavelmente estava com pressa e talvez tivesse uma agenda a cumprir — visitar outros jardins ou, quem sabe, ir para o seu turno no supermercado. Não pela primeira vez, me surpreendi ao pensar em como ele devia estar exausto. Peguei meu talão de cheques e saí para o jardim com a garrafa de água.

Havia uma leveza em meus passos enquanto caminhava em direção a Giles, mas minha sensação de alegria durou pouco. Quando entreguei a garrafa, ele me estendeu as luvas verde-escuras.

— Mas você já limpou e terminou rápido! — protestei. — O jardim parece ótimo.

— Mas há mais uma coisa que precisamos fazer — disse Giles.

Ele pegou a pá que havia encostado ao muro e deu alguns golpes preliminares sobre a grama que crescia de forma esparsa ao longo de uma área de dois metros e meio, muito vazia, ao lado das estacas.

— Que diabos você está fazendo, Giles?

— Nós vamos fazer um canteiro de flores — ele disse. Sua lâmina desmatava o solo. — Boas notícias. Tenho alguns exemplares que encontrei na pequena estufa de outra cliente. Ela me ofereceu, porque tem muitas coisas e eu disse a ela: “conheço uma senhora muito simpática que talvez as queira”. Elas são anuais, então se você não gostar delas, deixe-as no solo e elas não voltarão no próximo ano. Possuem cores vermelho-escuras, com algumas flores roxas e, em outras espécies, amarelas. Não seria colorido demais, não é? Eu poderia trazê-las para o seu jardim quando o perigo da geada passar, em meados de maio, e plantá-las enquanto você estiver na escola, se quiser, e você só teria que voltar para casa e apreciar a beleza. Mas por enquanto, temos que preparar o solo. É por isso que você vai precisar das luvas.

Durante todo o tempo em que falava, Giles cavava a terra com cortes rítmicos. Então ele parou, e com seu jeito inimitável, me olhou sem realmente olhar para mim. Embora seu rosto estivesse imóvel e ilegível como sempre, havia um brilho inconfundível de diversão em seus olhos:

— Você vai me ajudar a deixá-lo pronto, Sra. Wall? Afinal de contas, é o seu jardim.

Eu queria desesperadamente ser capaz de piscar de volta para ele, num reconhecimento silencioso do nosso cabo de guerra com relação às azaleias e do meu discurso para ele, feito com base no livro de jardinagem, do qual era tão óbvio que ele não precisava. Mas em vez disso, me esforcei para manter uma expressão agradável. Um sentimento familiar de medo afundou como uma pedra no meu estômago — e no meu coração. Virei-me para encarar o riacho, segurando as estacas da cerca até os nós dos meus dedos ficarem brancos. Eu esperava que Giles não notasse minha angústia em

relação à simples ideia de me juntar ao seu projeto. Eu ficava surpresa ao ver como ele não parecia se incomodar nem um pouco com quaisquer pensamentos tristes sobre a forma como suas flores inevitavelmente ficariam marrons, por mais que se esforçasse. Eu queria tanto que Giles pensasse bem de mim, e me perguntei como poderia explicar que o que ele tanto amava me enchia de horror. Como eu poderia dizer a ele que não conseguia suportar a sensação de sujeira sob as unhas ou mesmo pesando fortemente sobre uma luva úmida de jardim? Ele acharia que eu estava louca se confessasse o quanto estava enojada com a ideia de um canteiro de flores plantado no jardim, a circundar nossa aconchegante casa. Estremeci, imaginando pétalas caindo antes do inverno que estava sempre a caminho.

Em vez de fazer minha confissão, disse a mim mesma que Giles era apenas uma pessoa trabalhando no meu jardim ou, na melhor das hipóteses, um amigo casual, que não precisava ouvir a minha complicada história familiar.

— Não gosto de sujeira em volta das minhas unhas — eu disse. — E luvas de jardinagem me fazem sentir desajeitada. Isso é tão difícil de entender? — Percebi, envergonhada, que, apesar das minhas melhores intenções, minha voz tinha ficado impaciente, com um acento agudo. Mas depois de começar, não conseguia parar. — Esse lugar era uma quadra de basquete para os meus filhos. Não é lugar para um jardim.

Giles olhou em volta, como se estivesse pesando nossas opções:

— Vou espaçar as flores. Os pés ficarão bonitos sem ficar opressivos. A bola de basquete fica na garagem por esses dias, até onde eu sei. Assim nosso problema lá está resolvido.

Isso marcou o fim da minha paciência:

— Não, Giles! — explodi.

Minha voz agora exprimia raiva. Então, para provar para nós dois que eu não tinha problemas em empregar qualquer pessoa, eu disse:

— Estamos dispostos a aumentar o seu pagamento.

Eu realmente era uma mulher ridícula, pensei comigo mesma — subornando meu próprio jardineiro para que não fizesse seu trabalho.

O rosto de Giles registrou meu pânico e ele direcionou seu olhar para um ponto bem próximo do meu rosto. Foi o mais perto que ele jamais chegou de me olhar nos olhos.

— Não se preocupe — ele disse, um pequeno brilho de satisfação voltando ao seu rosto. — Não é necessário fazer uma combinação luxuriante de flores. — Então sua expressão tornou-se mais brilhante, como se uma ideia tivesse acabado de lhe ocorrer. — Vamos plantar alguns arbustos, porém sem azaleias.

Olhei para Giles e depois para cima, em meio à copa do que era agora uma bétula negra bem podada. Eu não tinha percebido até que ponto a árvore frondosa tinha banhado nosso quintal em sombra. As coisas pareciam mais alegres com a luz mais brilhante se derramando pelas folhas. Até mesmo Rhudy parecia encantado. Ele comemorava correndo em círculos em volta da árvore. Giles abaixou-se para acariciá-lo.

— Rhudy, vejo que você também é jardineiro — disse ele, apontando para um buraco que Rhudy conseguiu cavar perto da base da árvore, enquanto estávamos ocupados com outra coisa. Pensei na resistência teimosa de Giles com relação ao assunto da remoção das azaleias semana passada, e na sua paciência hoje, enquanto eu discorria sem parar sobre as instruções para cortar a bétula negra. Às vezes, Giles parecia meditar antes de partir para a ação, mas quando tomava uma decisão, não demorava muito para agir. Sua intuição parecia guiá-lo em questões importantes.

Quando era veterana no ensino médio, estudei as ideias de Aristóteles sobre a natureza da amizade. Ele descreveu o nível mais alto como “uma amizade da virtude” em que não existe outra agenda além da dedicação ao bem estar de seu amigo. Não havia lugar para o egoísmo nesse tipo de relacionamento. Era mais como uma vocação, ancorada no respeito e em uma ardente consideração pela outra pessoa que não podiam ser facilmente abaladas. Seria possível que Giles Owita fosse esse amigo para mim? Eu merecia ser sua amiga? Só havia um jeito de descobrir.

A verdade que não fora dita estava entre nós. Tomei minha própria e rápida decisão.

— Algumas pessoas dizem que minhas perspectivas são sombrias — eu disse. — Acho que eles talvez tenham razão, mas eu queria contar a você uma coisa que me faz ser desse jeito. Há cerca de dez anos, fiz alguns exames que indicaram que eu tinha câncer no seio. Fiz uma mastectomia, vários tratamentos de radiação e meu prognóstico é bom. Mas toda essa experiência me mudou tanto espiritual quanto emocionalmente. Não consigo deixar de me preocupar. Todas as vezes que vejo comerciais sobre

o câncer de seio na TV ou vejo mulheres bem ajustadas em seus moletos cor-de-rosa, simplesmente não consigo me identificar com elas. Fico pensando no que vai acontecer comigo em seguida. Não consigo suportar a ideia de perder todas as coisas maravilhosas da minha vida.

— Sim, Sra. Wall. Eu compreendo. — Giles olhou o riacho e seus olhos se estreitaram. Sua expressão, como sempre, era difícil de ler. — Preocupar-se faz parte da vida. Por enquanto, há trabalho a ser feito em nosso jardim. — Ele se ajoelhou para peneirar o solo com as mãos nuas. A visão era hipnotizante.

Cheia de uma crescente determinação, coloquei minhas mãos nuas dentro das luvas verdes de jardinagem. Meus dedos pareciam magros, muito pequenos para as aberturas escancaradas. Simplesmente toque o solo da Mãe Terra. Isso vai deixar Giles feliz, disse uma voz dentro de mim.

— Tudo bem, Giles. Mas eu prefiro fazer dessa forma. — Arranquei a luva da direita e depois a da esquerda.

Deixei que as pontas dos meus dedos roçassem a superfície da terra. O solo parecia congelado no início, mas mesmo assim, logo descobri meus dedos explorando a sujeira que empapava e endurecia e, se estivesse seca, caía em faixas de uma mão para outra. Sua cor e textura me lembraram grãos de café. Lembrei-me de como, na minha infância no sul, costumávamos sair descalços, sem nos preocuparmos com picadas de abelha, vidros quebrados, parasitas ou pedras pontudas. Em agosto, nossos pés estariam como couro duro, preparados para qualquer coisa. O som de pés descalços batendo contra a camada endurecida de sujeira seca enquanto jogávamos *softball*, *kickball*, pega-pega e outros jogos, voltou-me à lembrança. Já havia se passado muito tempo desde que pensei no quanto costumava ser rápida — uma companheira de equipe astuta e confiante que quase sempre era a primeira a ser escolhida quando as crianças mais velhas estavam formando seus times.

Enquanto eu refletia sobre essas lembranças, estava vagamente consciente de Giles indo e voltando para a garagem, procurando suprimentos. Ele me deu um ancinho de aparência familiar com a pintura vermelha lascada no cabo de madeira e comecei a me perder em um trabalho que era quase tão antigo quanto o próprio planeta — raspar, cavar e misturar a fim de preparar o solo para o que ele fazia de melhor.

Enquanto trabalhava, caía sob o feitiço de outras lembranças. O efeito era hipnótico. Até mesmo minha percepção de Giles desapareceu quando fui transportada para um pinheiro solitário onde costumava parar para descansar quando era criança e fazia o caminho da escola para casa. Eu não pensava nisso há anos. Na minha visão, eu estava sentada na grama ao lado da árvore compacta de aparência delicada, e ramos de um azul opaco se estendiam sobre mim. Havia dentes-de-leão amarelo-brilhantes em torno da saia do vestido de algodão estampado que minha avó costurara para mim e eu ainda era jovem o suficiente para sentir pena das crianças cujas avós não costuravam e, portanto, infelizmente, tinham que comprar seus vestidos nas antiquadas lojas de roupas femininas do centro da cidade. Eu não tinha que cumprir horário e tampouco tinha uma lista de coisas para fazer naquele dia. Tudo que eu conhecia era o corre-corre alegre da vida em uma casa administrada de forma eficiente e amorosa.

Lembrei-me também de como havia andado de patins descendo a colina íngreme da Sleepy Hollow Road com as crianças mais velhas, em um ritmo alucinante. Ou, quando o sol começava a se por, como eu subia até o topo da minha macieira amarela com um livro da biblioteca debaixo do braço. Eu jogava *touch football*, uma espécie de futebol americano sem contato, com os garotos da vizinhança, sendo considerada uma grande receptora (até mesmo para uma garota). Jogávamos em nosso jardim da frente, plano, cuja calçada curva de calcário formava a perfeita linha ondulante de cinquenta jardas. A brisa transportava o delicioso aroma da carne assada macia e dos biscoitos amanteigados que emanava da cozinha de mamãe para o nosso campo de futebol. Ela gostava de assistir aos nossos jogos, mas em algum momento percebi que o que ela realmente queria era ter mais filhos. Ela queria crianças felizes, saudáveis, para preencher todos os cantos de sua casa e compensar as perdas que sofrera. Em vez disso, ela teve que se contentar com dois, eu e minha irmã mais nova, Judy.

Finalmente, com o solo preparado, peguei as luvas e as coloquei em cima do muro. Giles e eu ficamos juntos, olhando para o outro lado do riacho.

— Seus pais estão vivos, Giles?

Seus olhos ficaram enternecidos.

— Meu pai faleceu. Mas ele teve uma vida muito interessante e cheia de acontecimentos. Sua primeira mulher foi morta por um raio no Lago

Vitória. Isso deve ter acontecido no começo dos anos 1940. Minha mãe, que tinha doze ou treze anos na época, foi trazida para a casa dele como babá dos filhos do meu pai, órfãos de mãe. Ele era um herbanário em nossa tribo. Muito mais velho do que minha mãe, que ainda está viva. Ela tinha apenas catorze anos quando nasci. Somos muito próximos e, quando vou para lá, preferimos passar mais tempo conversando e poderíamos conversar praticamente para sempre. Ela se lembra de tudo. E gosta de rir.

— Consigo imaginar isso facilmente, Giles.

— Ela mal chega a um metro e meio, ainda assim é inteligente e talentosa — continuou ele. — Dizem que ela me deu à luz quando o sol estava se pondo e que, em seguida, me levou com ela para realizar algumas tarefas. Muitas pessoas mais altas do que ela ainda a respeitam.

— Ela teve outros filhos?

— Tenho três irmãs e um irmão mais velho que ainda está vivo. Perdi quatro irmãos quando ainda eram pequenos. Suas doenças pareciam ser misteriosas. Sempre achei que poderia ter sido uma arritmia do coração, mas ninguém tinha certeza. Do lado de fora, no ar úmido, brincando com as outras crianças da vila, eles simplesmente tiveram um colapso, um deles quando era bem jovem, e o outro alguns anos depois. Eu me preocupava com meus próprios filhos, temendo uma doença hereditária. Oh, como minha mãe sofreu. Lembro-me dela curvada sobre seus corpos sem vida, gemendo, incapaz de ser consolada. Eram irmãos e amigos maravilhosos, cheios de vida. Não tive tempo de me despedir. Pensávamos que estavam conosco, mas como dizem os ilhéus, parece que eram apenas visitantes, no fim das contas. Eles “voltaram”.

— Voltaram? Essa é uma linda frase. Parece reconfortante, de alguma forma. Quanto tempo levou para sua mãe se recuperar?

— Há certas tristezas que nunca superamos. Mas em minha cultura não existe pressão para superar a perda de alguém que amamos. É muito diferente daqui. De onde eu venho, a infância é muito perigosa. Existem muitos perigos e doenças. É por isso que algumas vezes dizemos que uma criança só é sua depois que tiver sobrevivido ao sarampo.

Minha voz ficou presa em algum ponto da minha garganta. Subitamente, um vento brusco trouxe pesados pingos de chuva que atingiram nossos rostos como agulhas e salpicaram o tecido das nossas

roupas. Em meio a tudo isso, o sol continuava a brilhar. Em seguida, a chuva parou tão rápido como começou.

— Qual foi a última vez que você viu sua mãe? — perguntei.

Mas antes que ele pudesse responder, ouvimos uma buzina de carro balindo na rua ao lado de casa.

— Bienta! — ele gritou, alarmado. — Que horas são, Sra. Wall?

Com certo ar de urgência, ele juntou suas coisas. Eu o segui enquanto ele corria em volta da casa, em direção à rua. O Neon azul celeste estava estacionado à beira da calçada, com Bienta na direção. Ela estendeu a mão e empurrou uma pilha de jornais que estava no banco do passageiro para o chão.

— Nosso outro carro está no concerto — respondeu Giles por cima do ombro, enquanto abria a porta do lado do passageiro. — Estamos dividindo o carro hoje.

Ele abaixou as janelas para me dar adeus. Bienta falou com ele em outro idioma. Esperava que ela estivesse pedindo a ele que nos apresentasse.

Fiquei feliz quando Giles disse:

— Sra. Wall, posso lhe apresentar Bienta, minha mulher? Bienta, esta é a Sra. Wall.

— Todo mundo me chama de Carol — ofereci, esperando que desta vez funcionasse.

Bienta estendeu a mão. Suas feições estavam agradavelmente distribuídas em um rosto bonito e seus lábios brilhavam com um toque de gloss. Como seu marido, ela parecia ter passado um pouco dos cinquenta. Ela estava usando jeans e uma blusa vermelha de tricô e mangas curtas. Seu cabelo era bem curto e ela estava com um brinco de argola de ouro.

— Muito prazer em conhecê-la, Bienta — eu disse.

Ela me olhou fixamente. Levada para o continente e educada em escolas particulares, Bienta aparentemente não obedecia às regras sobre contato visual direto que Giles aprendera em sua aldeia. Então ela falou com Giles em Luo novamente.

— Minha mulher está dizendo — Giles começou a traduzir.

Mas Bienta o interrompeu:

— Você canta no coro da Saint Benedict's. — Ela falou com entusiasmo e um leve sotaque britânico. — Agora me dei conta que já vi você, desde o começo, indo para a comunhão com seus colegas do coro. Giles me falou

sobre o Sr. e a Sra. Wall e descreveu onde vocês viviam “com seu pequeno beagle ao lado do rio”, como ele gosta de ressaltar. Mas eu não sabia que era você, uma colega da mesma paróquia e que eu reconheceria facilmente ao ver, não até ter visto você virando a esquina de sua casa, neste exato momento.

— Você é paroquiana da Saint Benedict’s e me viu? — repeti, incapaz de esconder meu espanto. Senti-me terrivelmente envergonhada por não tê-la reconhecido, e ela deve ter percebido. — Normalmente, uso meu turbante tribal na Missa — disse Bienta. — Talvez por isso você não tenha me reconhecido hoje. Não se sinta mal. Além disso, o seu grupo já está no altar enquanto nós ficamos de pé para entrar na fila. Eu gosto de me sentar na janela da Santa Isabel da Hungria. Você já se sentou ali, sob essa luz dourada? Ela é a santa que distribuiu pão aos pobres, no século treze. Ela e seu marido pertenciam à nobreza e ele achava que essas atitudes não estavam à altura deles. Quando seu marido veio para acusá-la, Nosso Senhor transformou os pães que estavam em seu manto em rosas. Esse foi um de seus santos milagres. Todos nós precisamos de alguns milagres de vez em quando, não é, Sra. Wall?

— Milagres. É. Eu definitivamente aceitaria alguns.

Fiquei me perguntando se Bienta pensava em Lok enquanto observava a janela todas as semanas durante a Missa. E quanto às rosas, as flores favoritas de Lok? Eu adoraria ver o jardim dos Owitas. Eu o imaginei coberto de rosas.

— As rosas amarelas são muito bonitas — disse Bienta, como se houvesse lido meus pensamentos.

— São mesmo — respondi. Aguardei, esperando para ver se ela iria mencionar sua filha.

Em vez disso, Bienta e Giles se despediram de mim e fiquei observando enquanto ela dirigia o carro ao longo da Mount Vernon Road, em direção ao cruzamento. Bienta já não era mais uma abstração, e sim uma pessoa real que dirigia um Neon e que entrava na fila da Comunhão junto comigo. De agora em diante, eu iria procurá-la todas as vezes, sentada fielmente ao lado de sua santa favorita, quando estivesse no coro e olhasse para baixo.

Capítulo 6



Abordando Sistemas

Conforme entrávamos no verão, depois dessa primeira primavera, nosso vale sofria com a duração de um calor sufocante que se estendeu até setembro. A chuva era escassa, mas parecia que Giles não precisava de chuva. Nosso jardim continuava a vicejar sob suas mãos talentosas.

Giles havia incluído mais clientes à sua lista e havia vezes que eu poderia passar uma semana ou mais sem vê-lo. Se ele chegasse quando eu não estava em casa, normalmente me deixava um bilhete na caixa de correio, me contando o que havia feito. Algumas vezes, quando saía para pegar o carro, simplesmente me virava e dava uma boa olhada em uma casa e num jardim dos quais agora me orgulhava. Dois grandes vasos de cerâmica, escolhidos por Giles e Sarah, flanqueavam a porta da frente. Eles continham uma espécie de gerânio rasteiro, roxo claro, as primeiras flores com as quais concordei. Giles estava em êxtase por ter conquistado esta pequena vitória. Embora não tivesse admitido isso para ele, vi que estava certo com relação a realçar a beleza “que já faz parte do seu complexo”. Com meu consentimento, Giles também plantou três pés de *ilex glabra*, que pedimos por intermédio de Sarah, no espaço que tratamos aquele dia ao lado do muro do jardim atrás da casa. As folhas eram brilhantes, agradáveis aos olhos, com pequenas flores de um branco imaculado.

Quando as azaleias floriram mudei de ideia e disse a Giles que as manteríamos por “mais um ano, pelo menos”.

Enquanto caminhávamos por elas em uma tarde úmida, ele disse:

— Suas raízes são profundas e elas pertencem a este lugar.

Em uma única estação, Giles transformou nosso jardim. Largos canteiros contendo aquela mistura de palha, folhas e estrume emolduravam os arbustos do jardim da frente. Nossos buxos resplandeciam. Nossos vizinhos nos transmitiam, surpreendidos, sua aprovação, enquanto espalhavam cumprimentos cautelosos, dizendo coisas como: “Seu quintal está bonito. Sua grama parece macia. Aquele homem que está sempre aqui — nós também o vimos na casa da Sarah. Diga uma coisa, ele não é aquele cara que trabalha na Foodland de vez em quando? Ouvimos falar que ele é bom com as plantas. Será que ele nunca dorme?”

Quando junho cedeu seu lugar a julho, outros vizinhos se aventuraram a descer a rua e encurralar Giles para uma consulta na calçada. Eu sempre conseguia identificá-los por seus passos tímidos, pela folha ressecada ou pela flor de aparência débil que eles carregavam em suas mãos:

— O que você acha que pode estar errado? — perguntavam timidamente a Giles. Alguns até mesmo davam notas dobradas, se oferecendo para pagar por suas instruções detalhadas. Mas ele se recusava a cobrar algo deles por uma conversa de alguns minutos. Um vizinho brincou dizendo que suas técnicas deveriam ser patenteadas.

Na primeira vez em que ouvi um vizinho dizendo que considerava Dick e eu como modelos, mal contive o riso. Posso dizer que Dick ficou satisfeito também. Notei que seu andar ficara lépido ao cortar a grama. Ele se demorou no processo, saindo corajosamente das dimensões limitadas de nosso jardim e golpeando várias vezes a área ensombrecida embaixo dos arbustos com o cortador, para assegurar que até mesmo as folhas invisíveis de grama fossem igualmente cortadas. Suas pernas se moviam com uma energia vista apenas uma vez, em sua arremetida desenfreada para o campo de treino de golfe mais próximo. No final do verão, ele ostentava um bronzeado mais escuro do que o normal.

Enquanto isso, eu subitamente me tornei viciada na previsão do tempo. Verificar a previsão do tempo on-line para nossa região era um ritual diário tranquilizador. Desenvolvi um carinho especial pelo homem do tempo na TV, que tinha uma peruca horrorosa, mas usava termos sexys como “frente

quente”, “radar Doppler” e “umidade relativa”. Quando agosto chegou, até comprei um *Almanaque dos Agricultores*, folheando-o na fila do caixa da farmácia como se estivesse devorando um tórrido romance. Era aconchegante pensar no quadro geral de uma zona climática e em como tantas pessoas se uniam ao abordar sistemas que ninguém poderia controlar. Foi o maior sentimento de afinidade que tive pelos meus semelhantes em muitos anos.

Todos os domingos, eu procurava Bienta na igreja. Após a Missa, normalmente tentava alcançá-la andando rapidamente em direção à saída que ela costumava usar, ao lado da pia batismal, mas ela sempre me enganava. Dick sugeriu que se eu talvez me demorasse sob sua janela favorita, poderia encontrá-la. Mas eu tinha a impressão de que nunca a alcançaria, até que, e a não ser que, ela quisesse ser alcançada. Tentei não insistir nisso, mas não conseguia deixar de me preocupar, achando que havia feito algo para ofendê-la e não era da minha natureza deixar de me preocupar com as coisas.

Um domingo típico de verão também incluía um passeio de carro da igreja até Heathwood Hearth — em respeito ao meu pai e à minha mãe. Quando chegava para nossa visita semanal à sorveteria, eles estavam sempre esperando ansiosamente na sala verde-musgo. Eu os ajudava a subir no pequeno carro de quatro portas de Dick e passeávamos de carro pela cidade olhando para os jardins das pessoas.

A fim de conversar e tentar manter papai preso ao momento, algumas vezes eu fazia perguntas para refrescar sua memória:

— Lembra quando você costumava escrever aquela coluna no jornal, papai, apresentando os cidadãos proeminentes de Radford? — (ele disse não). — Lembra como todos os invernos costumávamos medir a quantidade de neve que havia caído com o cabo de uma vassoura? — (“Lembro”, ele respondeu. “Eu ia de trenó e uma garotinha subia nas minhas costas”).

Nesses momentos, um rubor subia à face de minha mãe. Embora ela tentasse se mostrar estoica, sua pele pálida e sardenta sempre a denunciava. Eu sabia que ela não iria chorar — mamãe raramente cedia aos sentimentos. Ela tinha muita prática, eu supunha. Enquanto isso, eu me esforçava para conter as lágrimas. Nunca havia passado pela minha cabeça pedir a mamãe para dar vazão aos seus sentimentos, em vez de simplesmente repassá-los

para mim como se fossem uma batata quente em suas mãos. Sequei uma lágrima que escorreu, formando listras em meu rosto.

Algumas vezes, papai parecia estar prestes a lembrar das coisas que havia esquecido. Tentei conciliar o reflexo do estranho em meu espelho retrovisor com o pai que conheci, o homem por trás da caixa registradora de seu velho hotel que ajudava os esforçados. Frequentemente, ele emprestava pequenas quantias em dinheiro àqueles em dificuldades, sabendo muito bem que nunca as receberia de volta. Agora ele estava sentado no banco de trás do nosso carro, ocupando-se com a trava de segurança para crianças, rangendo os dentes entre grandes lambidas no sorvete de caramelo e trabalhando em uma teoria de como foi acontecer de eu estar dirigindo, levando-o para passear.

Em outro domingo à tarde, levei meus pais com seus sorvetes até minha casa quando Giles estava trabalhando no jardim. Chamei Giles para que viesse até o carro conhecê-los e papai conseguiu até mesmo parecer minimamente simpático, como se Giles fosse um cliente regular da banca de jornal de seu hotel comprando uma pilha de revistas, alguns livros de bolso e uma cópia do *The Wall Street Journal*. As pálpebras de minha mãe tremeram com interesse e aprovação crescentes à medida que seu olhar perpassava pelo jardim. Ela elogiou Giles por seu trabalho:

— Minha filha fala de você com grande respeito e agora vejo o porquê.

Era a primeira vez em muitas semanas que eu a via entabular uma conversa agradável com alguém. Era um desdobramento positivo. Mas, pelo lado negativo, seu andar havia começado a ficar vacilante e ela tinha tropeçado várias vezes. Eu havia marcado uma consulta com seu médico, mais isso ainda levaria semanas.

Dividi minhas preocupações com Giles um dia depois que ele e meus pais se conheceram. Ele mencionou que ela poderia querer começar a usar uma bengala. Então, alguns dias depois, ele me surpreendeu ao trazer uma de casa, para que eu desse a minha mãe. Havia sido entalhada a partir de uma única peça de madeira com figuras de zebras, elefantes, girafas e outros animais exóticos que ganhavam vida no cabo. Giles me contou que entre os Luos, cada pessoa de idade escolhia o estilo de sua bengala. Quanto mais elaborada a bengala, mais alta a posição do idoso na comunidade. Essa bengala era feita da madeira do tulipeiro do Nilo.

Apalpei a curva da bengala.

— Tão maravilhosa — disse eu, admirada com os animais que circundavam o cabo com tanta vivacidade.

Eu pensava no milagre que seria se os movimentos graciosos dos animais pudessem ser transferidos para quem quer que usasse a bengala. Mais uma vez, meu talento de professora de inglês para fantasiar me causou uma profunda impressão e me obriguei a voltar à realidade.

— Não podemos aceitar essa linda bengala, Giles! É uma obra de arte.

— Não tem problema — respondeu Giles indulgentemente, como se estivesse falando com uma criança. — Considere como um empréstimo e eu a pegarei de volta algum dia. Melhor que seja usada por uma pessoa de profundidade espiritual e caráter honrado, alguém exatamente como sua mãe. Senti sua bondade e seu sofrimento quando nos falamos aquele dia no seu complexo.

— Você sentiu, Giles?

Acho que estava ainda mais grata por sua consideração por minha mãe do que pelo empréstimo generoso da bengala.

Lembro-me de ter hesitado enquanto Giles segurava a bengala em minha direção. Alguma coisa na transferência parecia não ser recomendável, embora eu não tivesse palavras para explicar a estranha sensação que se tornou outro mistério associado a ele. Chegaria um tempo em que eu me lembraria daquele momento como um prenúncio. Estariam nossos futuros problemas à espreita, mesmo naquele momento? Ou fui eu que os colocou ali, em retrospecto?

Capítulo 7



A Copa da Batata Yukon Gold

No final desse primeiro verão com Giles, marcado pelas transformações, me vi mais voltada para o exterior. Foi uma mudança mais agradável do que era usual para mim. Em vez de vagar pela casa, procurando caroços, inchaços e possíveis verrugas assassinas todas as vezes que passava por um espelho, eu ficava feliz por sentar em minha varanda da frente e ver as crianças brincarem na rua. Todos os problemas que me aguardavam no futuro pareciam remotos.

Em uma tarde do mês de setembro, com o céu num tom de azul profundo que eu sempre associava à chegada do outono, me dirigi ao Garden Shoppe. Sarah havia me chamado para ver um pedido especial de abóboras que acabava de ser entregue. Ela se ofereceu para separar algumas para mim. Antes de desligarmos, Sarah e eu rimos juntas, concordando que as senhoras da alta roda da cidade pagariam cem dólares por uma abóbora, apenas para conseguir o que queriam.

— E *duzentos* dólares para conseguir o que *você* quer! — acrescentou Sarah.

Quando cheguei, procurei por Giles na loja, na estufa e no estacionamento ao redor, mas nem sinal dele. Fiquei secretamente aliviada.

Eu vinha esperando por um momento a sós com Sarah para perguntar a ela sobre a atitude um pouco arrogante de Giles com relação às listas que eu dava a ele. No fim das contas, suas ideias eram sempre melhores do que as minhas instruções, mas mesmo assim, havia momentos em que eu gostaria que ele simplesmente fizesse as coisas do meu jeito, sem questionar.

Quando me aproximava da estufa do meio, a porta se abriu subitamente e Sarah correu em minha direção, um carrinho a reboque. Ela parecia cheia de energia.

— Olá, estranha — ela gritou, pegando um par de luvas de jardinagem azul-marinho com um desenho de uma joaninha estampado, uma amostra do estoque da estufa. — Será que você se interessaria por algumas abóboras?

— Eu gosto mesmo delas — disse, ajoelhando-me para inspecioná-las. — Você realmente escondeu estas para mim?

— Mais ou menos. Deixei algumas na frente. Melanie quer um grande mostruário perto da entrada.

O rosto de Sarah estava vermelho. Boa parte de seu trabalho envolvia esforço físico e eu não pude deixar de sentir inveja de sua energia. Sempre que passava por lá, na maioria das vezes, ela estava carregando as pesadas compras das pessoas em seu carrinho: vasos de arbustos, potes e bebedouros para pássaros.

Escolhi algumas belas abóboras, mais do que as três que pretendia. Nós as removemos para um local próximo à porta da estufa e marcamos o meu lote como “Vendido” e assim estávamos livres para dar uma volta.

Nesse momento, lembrei-me de que precisava de alguns crisântemos.

— Giles tirou os gerânios na semana passada, aqueles nos vasos ao lado da porta. Acho que você viu.

— Vi sim. Eles ficam lindos quando estão no auge — disse Sarah.

— Eu estava querendo dizer a você, Sarah, que Giles é absolutamente admirável. Não tenho como agradecer a você por tê-lo recomendado.

— Ele não é incrível? Henry e eu também gostamos muito dele. E a Melanie o adora.

— Gostaria de perguntar uma coisa a você, Sarah. Uma coisa meio confidencial e se você achar que não pode responder, vou entender perfeitamente.

— Pelo amor de Deus, Carol. O que é?

— Você realmente dá ao Giles uma lista dos trabalhos a serem feitos aqui? E se dá, ele obedece?

Sarah parou e apoiou o punho no quadril. Fiz uma pausa, suspendendo o passo.

— Você ainda está zangada por causa das suas azaleias, Carol?

— Bom, “zangada” não, mas eu...

Ela deu uma pequena risada:

— Quando Giles está trabalhando numa loja é completamente diferente. Ele não tem motivo para não obedecer, já que nenhuma raiz foi sacrificada e tudo está à venda. Mas quando ele trabalha em meu jardim, tenho que ficar de olho nele. — ela baixou a voz antes de continuar. — Ele não gosta de matar as coisas a não ser que encontre um lugar para elas. No começo, eu achava realmente esquisito. Eu ficava um pouco brava, porque parecia que ele estava sendo teimoso. Mas isso também fez com que eu pensasse duas vezes sobre algumas coisas. Será que é certo arrancar algumas espécies porque estamos enjoados delas, mesmo sabendo que algum coração mole irá revigorá-las? Por favor, não conte à Melanie que eu disse isso. Dificilmente seria bom para os negócios. Não vou dizer isso a mais ninguém. Mas, sabe, talvez eu me torne uma pessoa melhor se aceitar o que tenho e não ficar sempre achando que o jardim perfeito está fora de alcance.

— Acho que sei o que você quer dizer. Uma vez, Giles se ofereceu para me trazer algumas flores de uma senhora que tinha uma estufa cheia demais. Acho que talvez tenha ferido os sentimentos dele quando recusei a oferta.

— Reciclar. Esta é a política dele. Ele não consegue imaginar que ninguém as queira — disse Sarah.

— Nunca pensei nisso dessa forma. “Reciclar”. Isso nos torna modernas. Éticas. Guardiãs Responsáveis do Planeta. Gosto de como isso soa.

Sarah pegou alguns crisântemos amarelos para que eu usasse na varanda da frente. Cada uma de nós carregou um pote enquanto nos dirigíamos à terceira estufa, onde ficava o caixa. Sarah continuou falando, em um fluxo constante:

— Melanie estava dizendo, semana passada, que se tivéssemos uma vaga em tempo integral para um especialista em horticultura, com ganhos decentes e assim por diante, nós a ofereceríamos ao Giles.

— Ofereceriam?

— Com certeza. Num piscar de olhos. Mas por que você parece tão surpresa?

— Ah, mas eu não estou nem um pouco surpresa. Só fiquei feliz em saber que você o admira tanto quanto eu. Acho incrível o que ele aprendeu ao longo dos anos, trabalhando nos jardins das pessoas.

Todas as outras palavras ficaram presas em minha garganta quando vi o olhar chocado no rosto de Sarah.

— Carol, eu não contei a você sobre o passado de Giles?

— Do que é que você está falando? — o tom agudo da minha voz aumentou desconfortavelmente e tive a horrível sensação de ter entendido algo terrivelmente errado. Sarah me pediu para esperar um pouco e me disse que voltaria em um instante. Parada ali, sozinha e rodeada por meus pensamentos acelerados, senti como se perdesse o equilíbrio.

Sarah voltou, ligeiramente sem fôlego e segurando uma folha de papel.

— Aqui está. Imprimi. A inscrição dele. Leia, Carol e você vai perceber que ele poderia falar por um milhão de anos e não dizer a metade do que sabe. Sim, ele é talentoso, mas isso se resume simplesmente a trabalho duro e ao seu desempenho escolar. Ele fez uma dissertação bastante técnica sobre a copa da batata Yukon Gold. Realizou vários projetos na área. Que diabos você estava pensando, sua doida? Você estava com a cabeça na lua?

Peguei a folha de papel da mão dela. Folheei a lista de títulos acadêmicos, ensino em faculdades, trabalhos feitos para o governo do Quênia no campo da pesquisa em horticultura e agronomia e, por último, a obtenção do grau de doutorado em Horticultura na Virginia Tech, onde eu havia passado meus primeiros dois anos de faculdade antes que Dick e eu nos casássemos, a aproximadamente 55 quilômetros de distância de onde me encontrava, envergonhada, aqui e agora. A escola era conhecida internacionalmente por seus programas de horticultura. De fato, os alunos de horticultura eram a alegria e o orgulho da universidade.

Terminei de ler e fiquei em silêncio por um momento. Lembrei-me do dia em que li para ele o manual de jardinagem e o questionei sobre sua familiaridade com a poda dessa espécie de árvore em particular. Nesse dia da poda, de alguma forma, eu sabia que estava cometendo um erro. Podia sentir a sensação crescendo lentamente dentro de mim, mas ignorei essa

pequena voz que me dizia para tomar cuidado. Como Giles deve ter me achado tola. *Meu Deus, Carol*, pensei comigo mesma, *você fez de novo*.

A forma como as cenas de meus vários constrangimentos sociais passaram diante dos meus olhos foi como uma experiência de quase morte. Antes disso, a pior das minhas gafes havia ocorrido no início de meu casamento com Dick, quando ele era um jovem advogado. A esposa do sócio principal de Dick, Dorothy, era membro proeminente da sociedade local e me convidou para ser guia em um *tour* que ela estava organizando em sua casa. Ela me levou ao seu quarto e eu deveria explicar a origem dos vários móveis. A única coisa sobre a qual ela não havia me falado, no entanto, era sobre o retrato que estava em uma mesa ao lado de sua cama. A mulher naquele retrato possuía um cabelo bastante cacheado por um permanente, mas, a não ser por isso, era extremamente parecida com o marido de Dorothy, John. *Devia ser a mãe de John*, pensei. Depois que o *tour* acabou, os guias e nossa anfitriã se reuniram. Introvertida por natureza, muitas vezes eu era socialmente inepta. Além disso, tinha uns bons trinta anos a menos do que ela e já me sentia um peixe fora d'água. Em uma maldita tentativa de estabelecer uma conversa, eu disse:

— Dorothy, aquele retrato em seu quarto é tão bom e se parece tanto com John que deve ser sua mãe.

Os segundos que se seguiram foram como aqueles momentos carregados de eletricidade que antecedem a queda de um raio, quando você sabe que alguma coisa ruim está para acontecer. Então, de repente me dei conta. A “mulher” daquele retrato era o próprio John, durante um flerte imprudente com um permanente. Em minha defesa, ele parecia ridículo, com o cabelo tão alto e duro que parecia um penteado bufante. Mas não há defesa para o que fiz em seguida. Em uma descarga de adrenalina induzida pelo medo, eu disse:

— Bem, esse retrato com certeza precisa de um corte de cabelo.

Fui para casa e fiquei de cama por uns bons dias depois disso. Mas até mesmo essa mortificação não foi nada comparada ao que senti naquele momento, lembrando como havia sido condescendente com Giles.

— Nem uma única vez sequer suspeitei ou me arrisquei a perguntar sobre a formação dele — consegui finalmente dizer a Sarah.

— Sinto muito, Carol, achei que você soubesse. Ele e Bienta vieram para os Estados Unidos há 14 anos, em grande parte porque assim os dois

poderiam estudar aqui. Bienta tem seu próprio doutorado em nutrição humana. No entanto, nenhum deles conseguiu encontrar um emprego em suas áreas. É por isso que Bienta é enfermeira. Sinto-me tão mal por eles. O único motivo pelo qual eles deixaram sua filha para trás no Quênia é que eles poderiam construir uma grande e nova vida aqui e isso simplesmente não deu certo no caso deles. Não obstante, os dois filhos deles nasceram aqui, o que é uma benção. E Giles simplesmente continua trabalhando, dessa forma resignada dele. Se trazemos à baila qualquer coisa que seja até mesmo vagamente pessoal, notamos que ele logo encontra uma tarefa que o leve para o outro lado da propriedade.

Coloquei minha cabeça entre as mãos, balançando a cabeça.

— Puxa, Carol — disse Sarah. — Você se preocupa demais. Giles não se preocupa com essas coisas. Ele não está querendo impressionar ninguém. Eu vi vocês dois conversando no seu jardim. Ele parecia tão relaxado e seu sorriso era amplo e verdadeiro. É mais do que o sorriso estilizado, pensativo, que ele tende a dar em outros locais. É tão raro o que vocês têm, como se você e Giles cruzassem o Oceano Atlântico ou qualquer outro obstáculo que pudesse existir entre vocês e simplesmente dissessem, “Vamos nos abrir. A vida é curta. Sejamos amigos”. Algumas vezes, quando passo de carro pela sua casa, tenho um vislumbre de vocês dois de pé na varanda. Aposto que não percebeu, mas você fica tão envolvida com o que está falando. Fico tão feliz sempre que vejo você assim. Se estou de mau humor, começo a me sentir melhor no mesmo instante.

Lembrei-me do brilho nos olhos de Giles. Esperava que Sarah estivesse certa e que mesmo que eu tivesse agido como uma estúpida e idiota, ele tivesse se sentido mais divertido do que ofendido.

— Bom, vou começar me desculpando com Giles. Eu deveria tratá-lo como “Doutor Owita” o tempo todo.

— Pelo amor de Deus, Carol — replicou Sarah. — Giles respeita você. Ele jamais acharia... — Ela tirou os óculos escuros da cabeça e golpeou o ar para dar ênfase. — Você não vê que as suas gentilezas são uma via de mão dupla? Você não acha que ele é bom em julgar o caráter das pessoas? Ele a conhece melhor do que você pensa.

— Nos deveríamos tratá-lo de “Doutor” — disse novamente. Eu não conseguia tirar essa omissão da cabeça.

Sarah deu de ombros.

— Ele nos disse para não chamá-lo assim desde o começo. E escute. Faz realmente alguma diferença para a amizade de vocês ou para o seu jardim?

Fiquei pensando. Teria feito alguma diferença? Se eu soubesse teria agido diferente com relação a Giles durante todo aquele tempo?

Resposta sincera: definitivamente sim. Ler um livro para ele, realmente!

Dar instruções a ele sobre como podar uma bétula do rio, pelo amor de Deus.

Quis mostrar que era melhor do que ele e tentei ensinar-lhe coisas. E ele enfrentou meus tolos esforços com humildade.

— O que ele está fazendo no meu jardim? — consegui dizer. — Ele passou a vida inteira se preparando para coisa melhor.

— Acho que empregos em sua área são difíceis de encontrar. Um amigo disse a Melanie que Giles conseguia marcar as entrevistas, mas no final, parecia que nunca conseguia o emprego. Talvez seja o sotaque dele. Também me perguntei se a forma como ele afasta o olhar das pessoas não poderia ser mal interpretada.

Imaginei um comitê de pessoas supondo que poderiam julgar um homem como Giles por meio de uma conversa formal com chá de ervas ou café com leite. O que eles realmente precisavam era testemunhar a forma como ele dava o exemplo. Em alguns meses, aprendi mais sobre plantas com ele do que jamais conseguiria aprender com aquele manual de jardinagem — ou com qualquer outro livro, imagino.

— Durante todo esse tempo, achei que eu fosse a professora. Não é patético, Sarah? Espere. Não responda. Ele nos superou de longe. Vamos simplesmente deixar como está.

Dito isso, dei um sorriso triste para ela e fui embora.

Quando cheguei em casa, peguei meu caderno. Como um aluno mal comportado chamado para a sala do diretor, me sentei à mesa da cozinha, virei as folhas até encontrar uma página em branco e comecei a escrever.

1. A disposição para realizar trabalhos manuais é incompatível com o fato de se ter um diploma avançado?

2. E VOCÊ NÃO SE LEMBRA de como a “área agrícola” de Blacksburg foi usada para mostrar o trabalho dos estudantes de agronomia e

horticultura altamente qualificados da faculdade?

3. Havia estereótipos em jogo? Afinal, Dick e eu somos da geração nascida entre 46 e 64, os chamados “*baby boomers*”. Deveríamos ser esclarecidos!

4. Carta com pedido de desculpas:

Querido Giles (Dr. Owita, eu soube):

Desculpe-me. Mesmo que eu soubesse como dizer essas palavras em luu, suaali ou em todos os idiomas das tribos do Quênia, não seria suficiente.

Uma amiga me contou que você deseja ser professor de faculdade. Até o dia em que você conseguir esse emprego, eu gostaria de ser sua aluna extraoficial. Aqui vai o que já aprendi com você:

— que a intuição é um subconjunto da inteligência (ou talvez seja o contrário)

— a considerar todas as pessoas como seus semelhantes e nunca fazer suposições

— a nutrir a partir da alma

Assinado: Sua muito humilde aluna da Mount Vernon Road.

Puxei a carta, dobrei a folha duas vezes e a coloquei em um envelope A4 endereçado ao *Dr. Giles Owita*. Contra meus hábitos, comecei a colocar o envelope na caixa do correio, mas algo me fez parar. Não era justo que Giles tivesse que tentar pegar meu pedido de desculpas na caixa do correio dessa vez.

No dia seguinte, vi o carteiro subindo a Mount Vernon. Ele já havia passado por nossa casa e nossa correspondência normal estava na caixa. Rapidamente, encontrei um selo e escrevi o endereço de Giles, que por sorte havia anotado do lado de dentro da capa do meu caderno.

Abri a porta.

— Charlie — chamei.

O jovem carteiro voltou-se para mim. Eu levantei o envelope.

— Eu quero enviar esta correspondência de forma certa e digna, adequada às realizações de um amigo. Você entendeu o que eu disse?

Ele tirou o boné e coçou o topo da cabeça.

— Ah. Tudo bem. Nós podemos nos encarregar disso.

Depois de levar minha carta, ele continuou a subir a Mount Vernon. Senti que havia tomado uma decisão sábia. De agora em diante, iria me ater a determinados padrões.

Três dias depois, fiquei surpresa ao encontrar a ponta do meu próprio envelope para fora da pequena caixa do correio do lado esquerdo da minha porta. Puxei-o. Giles havia riscado seu nome com uma linha grossa, substituindo-o por: *Sra. Carol Wall*.

Minhas mãos tremeram. Abri a carta e li:

Cara Sra. Wall,

Obrigado pela sua carta. Você me faz sentir honrado ao me dar a oportunidade de cuidar do seu jardim. Não é preciso nenhum título. Na próxima primavera, acho que devemos plantar mais hostas nas margens do rio. Também irei misturar alguns produtos químicos para tratar os abetos e seus ácaros persistentes. Seu vizinho, o Sr. Robert Maxim, pediu uma consulta sobre um problema em seu jardim. Vou chamá-lo na próxima semana, assim que terminar parte do trabalho em nome da nossa comissão de uso do solo da Saint Benedict's. Estou ajudando na construção e no projeto do novo lago de carpas, em memória dos filhos de nossos paroquianos que "voltaram". Embora este trabalho voluntário no comitê do Lago do Memorial vá tomar grande parte do meu tempo, lembre-se que há sempre um momento reservado para o seu jardim em minha agenda. Vou esperar pelo seu telefonema. Como sempre, estou disponível para colocar mais flores no seu jardim.

Celebro seus ouvidos atentos e seu coração compreensivo. Meus sinceros cumprimentos,

Seu amigo ("osiepa", que significa "amigo" na parte do mundo de onde eu venho),

Giles Owita

Capítulo 8



Todo Jardim Deve Ter Suas Próprias Flores

*A*lguns dias depois, Sarah me enviou por e-mail as primeiras seis páginas da dissertação de Giles. Era um tratado científico sobre as copas das batatas com vários gráficos e tabelas. Não havia nenhum desvanecimento poético sobre flores. Senti-me mais envergonhada do que nunca.

Comecei a evitar Giles, dizendo para mim mesma que estava dando um tempo para que ele concluísse o lago do memorial que ele concordou em fazer para nossa igreja. Mergulhei no trabalho da escola e me dediquei a tomar conta dos meus pais.

Mas o interlúdio durou pouco. Em um final de tarde, cerca de uma semana mais tarde, puxei minha cortina da sala a tempo de ver o Neon do meu “professor” passar em frente. Intrigada, abri minha porta deixando apenas uma fresta, espiando o lado de fora. Giles estacionou na calçada em frente à casa de Sarah. Ele tirou algumas ferramentas do porta-malas e desapareceu dando a volta do outro lado da casa, em direção à entrada do jardim de meditação. Dick não deveria estar em casa por várias horas devido a um compromisso de última hora, por isso era uma noite em aberto, com a comida pedida no *delivery* esperando em um saco sobre o balcão da

cozinha. Ouvi nosso forno começar a funcionar pela primeira vez nessa estação. Só o som me deu uma sensação de aconchego, de me sentir aninhada.

Parecia que não havia ninguém na casa de Sarah. A luz de sua varanda estava ligada. Uma conversa rápida com Giles se encaixaria perfeitamente nesse intervalo solitário do meu dia. Depois, nós dois poderíamos recuperar nossa dignidade e eu poderia fingir que minhas terríveis gafes nunca haviam acontecido. Vesti uma jaqueta com capuz.

Caminhei até a casa de Sarah, parando no jardim da frente. A casa dela era a maior e mais elegante do bairro, com um charmoso portão de jardim em cada lado do terreno. A entrada mais próxima a nós tinha uma treliça delicada onde rosas trepadeiras se estabeleceram e pareciam estar indo bem. Foi a primeira vez que entrei no jardim de Sarah depois de um bom tempo e senti que ele parecia ter alma própria. Nesta noite de outono, os holofotes iluminavam as formas fantasmagóricas das primulas e gardênias, do sedum autumn cor de amora, das hemerocallis laranjas e amarelas e das equináceas, com suas pétalas apontadas para baixo, presas em hastes que pareciam arames. Uma lua minguante entrava e saía das nuvens.

Giles estava trabalhando na parte mais afastada do terreno, próximo ao rio, e o chamei:

— Doutor Owita.

— Sra. Wall. É você! — disse Giles.

Ele parecia genuinamente feliz em me ver e o alívio tomou conta de mim. Eu tinha cometido tantos erros ao tentar ficar amiga de Giles, mas sabia que, naquele momento, e sem pedir, Giles havia me perdoado.

— Eu deveria ter chamado você de doutor o tempo todo — insisti calmamente. — Você não me contou, Giles. Sinto-me tão mal com isso. Espero que você não ache que eu estava faltando com o respeito. Porque, em Rusinga, eles teriam decidido me colocar para fora da ilha!

Sua risada era forte e sincera e acabou com um simpático cacarejar que acabei por associar a ele. Puxa, como havia sentido falta desse sorriso contagiante. Mais do que imaginava.

— Uma coisa tão pequena deveria ser importante, Sra. Wall?

Eu tinha planejado fazer um pequeno discurso, como penitência. Eu pretendia falar de como havia lido para ele sobre a bétula do rio, dizendo como havia sido arrogante e tirado conclusões baseadas em preconceitos.

Mas as palavras evaporaram no ar frio da noite. Minha explicação teria levado muito tempo e até mesmo em um quintal que parecia tão perfeito como esse, havia muito a fazer. Por um momento, me perguntei se Giles havia trazido um par extra de luvas. *Eu não deveria ficar*, disse a mim mesma. Mas Giles não parecia estar com pressa. Ele inclinou o ancinho na parte de trás de um dos dois bancos de ferro fundido, situados um em frente ao outro, perto do portão que dava para o rio.

— Estive trabalhando no lago do memorial das crianças na igreja hoje — ele me contou enquanto eu me sentava do lado oposto a onde ele estava. — A placa acabou de ser instalada. Ela diz: “Para as crianças da Saint Benedict’s que voaram dos nossos braços para os braços de Deus”.

— Isso é lindo — eu disse. — Nós fizemos uma contribuição. Em memória de alguém. Os peixes já foram colocados?

— Nenhuma carpa. Ainda não. Ainda estamos ajustando os vários elementos desse novo ecossistema que irá simbolizar tantas coisas para os pais pesarosos. Equilibrar esse sistema e manter os peixes vivos não pode ser feito de improviso. — Giles começou a andar de um lado para outro. Ele ergueu as sobrancelhas e sua expressão ficou ainda mais brilhante, enquanto explicava que um crescimento excessivo de algas era o motivo pelo qual o lago ainda não estava indo bem. — Imediatamente, vi que era necessário ter coisas como taboas e algumas gramíneas ornamentais para privar as algas da luz solar. Vou de carro até Blacksburg para pegar os jacintos e as taboas na estufa. Minha esposa e eu vamos pagar por eles, se necessário, embora eu saiba que o custo não será nada em comparação com o muito que será ganho.

— Estou tão feliz por você estar fazendo isso — eu disse. — Existe tanta gente que sofreu durante anos pela morte de um filho. Esta será uma oportunidade para os pais homenagearem seus filhos e para mostrar que eles nunca serão esquecidos.

— Foi o que eu disse na primeira reunião da comissão. Acho que eles talvez quisessem que eu me ativesse aos assuntos relativos ao entorno do lago. Alguns deles haviam ouvido falar do Lago Vitória e sabiam que ele é conhecido como “o Gigante Doente”, devido à formação de algas que bloqueiam a luz. Quando comecei a falar, em vez de falar ao comitê como um pai, decidi tentar imaginar a dor que a perda de um filho poderia causar.

— Giles, por algum motivo, em nossa cultura, achamos difícil falar sobre isso.

— Sra. Wall, seus ouvidos atentos e gentis me deram coragem para expressar minhas opiniões. Tenho reparado cada vez mais nisso. E isso é bastante libertador. Fico abatido quando penso nos pais que realmente perderam seus filhos. Se Lok não está conosco, é apenas por pouco tempo. E só posso culpar eu mesmo.

— Oh, Giles. Tenho certeza de que não é verdade. Você estava tentando fazer o que era melhor para a sua família quando deixou o Quênia.

Ele olhou para o céu novamente.

— Eu sou o culpado por deixar minha filha para trás, em busca do título avançado. Desse doutorado. No entanto, achávamos que poderíamos fazer muito mais por ela ao obter esses diplomas e garantir empregos como professores em universidades. Eu deveria ter me lembrado que as coisas nem sempre acontecem como planejado. Minha filha suplicou para ficar no Quênia para terminar seus estudos junto com seus vários primos e amigos. A mãe de Bienta defendeu Lok nesse assunto e minha mulher e eu nos sujeitamos. Não devíamos ter concordado. Nos anos que se seguiram, desde que chegamos, viajar tornou-se mais complicado. Agora nossa preciosa filha espera que nossos esforços sejam bem sucedidos. Ela deve se sentir abandonada, embora não diga. Nossas vidas estão cheias de muitas complicações.

Giles olhou para longe. Eu nunca o tinha visto assim, ele parecia desamparado.

— Lok era muito pequena quando Bienta a teve — continuou Giles. — Sabíamos que teríamos uma luta pela frente. Ela nasceu dois meses antes do tempo. Felizmente, havia uma incubadora. Era a única incubadora em muitos, muitos quilômetros de distância e nossa encantadora, pequena Lok foi colocada nela imediatamente!

— Oh, meu Deus — disse em voz alta, imaginando um lugar em que não se podia ter certeza de contar com uma incubadora.

— Ela era uma lutadora. É, era sim! — ele disse. — Nós vimos isso desde o começo. Eu segurava a mão da Bienta cada vez que olhava para ela. Nós havíamos perdido outro bebê antes e, por isso nossos corações feridos estavam cheios de amor e de saudades dessa minúscula criatura com sua força de vontade, seu rosto tranquilo e seus punhos pulsantes. Rezamos

tanto, tanto para que ela simplesmente crescesse e vivesse entre nós. Mesmo assim, a cada visita ao hospital, nós a víamos lutando. Tínhamos medo de que, apesar de seus minúsculos punhos erguidos, de nossas orações e de todo o nosso amor, no final ela acabasse voltando.

— Oh, Giles. Isso deve ter sido muito difícil. Mas Lok não vai “voltar”. Ela está saudável agora e todas essas complicações são do tipo com que se pode lidar. Ela vai usar essa força inata que você descreve para passar nesse teste.

O frio estava muito mais penetrante do que eu pensei e vesti meu capuz. Giles me olhou com expectativa. Nós sempre contávamos histórias um ao outro. Ele havia me contado a dele e, agora, era eu quem deveria contar a minha. Respirei fundo. Chegara a hora de contar a Giles sobre Bárbara.

— Giles, preciso contar uma coisa a você. É algo que só o Dick sabe. Uma coisa em que sempre penso, mas sobre a qual dificilmente consigo falar.

O olhar esquivo de Giles refletia sua curiosidade.

— Minha irmã, Bárbara, nasceu em 1950, pouco mais de um ano antes de mim. Era um bebê com síndrome de Down. Ela morreu de insuficiência cardíaca dez dias depois de seu aniversário de dois anos, quando eu tinha sete meses. Era dia das mães, um domingo. Eu não me lembro disso, é claro. O que eu sei é o que meus pais me contaram ao longo dos anos. O médico que fez o parto de Bárbara foi deliberadamente cruel.

Aparentemente, ele achava que estava poupando meus pais de se apegarem a uma criança que provavelmente não conseguiria sobreviver. Ele entrou no quarto de minha mãe, no hospital, e anunciou aos meus pais que sua filha era uma “idiota mongoloide” e que “nunca conseguiria nada”. Eles deveriam colocá-la em uma instituição e esquecê-la, aconselhou. Em vez disso, eles a levaram para casa, para o belo quarto de bebê que haviam preparado e algumas semanas mais tarde, cheios de esperança em seus corações, foram para Nova York, consultar um especialista recomendado por um companheiro de exército e sua esposa, que haviam se instalado lá depois da guerra. O caso de Bárbara não era dos mais graves, disse o médico, da forma mais gentil e cuidadosa. Mas realizar uma cirurgia cardíaca não era uma alternativa e ela não viveria muito. Eu aconselharia vocês, disse o médico, a ter outro filho.

Fiz uma pausa. Minhas mãos tremiam. Empurrei meu capuz para trás, como se houvesse estado em fuga durante anos e finalmente estivesse pronta para me render. Uma suave brisa soprou por entre as rosas.

— Eu sou o próximo capítulo na história da nossa família, Giles. E a culpa pesa sobre mim todos os dias de minha vida. Todos os dias, me pergunto por que Bárbara tinha que morrer. Eu a teria ajudado se ela houvesse sobrevivido. Ela poderia contar comigo. Mas nunca tive oportunidade de dizer isso a ela.

Giles me olhou com pena. Seu coração também havia sido testado. Minhas lágrimas começaram, mas descobri que não sentia vergonha delas. Limpei o rosto com a manga da minha jaqueta. Olhei para cima e vi Giles olhando ferozmente para longe.

Golpeando o ar com o dedo indicador para dar ênfase, ele disse:

— Sua irmã era uma inocente. Um presente da vida. Uma criança assim é incapaz de fazer maldade. Elas revelam o que há de melhor em nós. Os lugares mais altos do céu estão reservados para elas. No dia em que sua Bárbara voltou para casa, os anjos lhe deram as boas-vindas. Nossa palavra em suaíli para anjo é *malaika*. Eles se alegraram quando sua irmã voltou para eles. Ela é uma deles agora.

— Meu pai enquadrou um poema sobre rosas subindo por um muro em direção ao outro lado. É assim que ele pensa em minha irmã.

— O poema lhe trouxe conforto, Sra. Wall?

— Não. Não trouxe. Eu o achava triste. Mas eu fingia por ele. Flores sempre me deprimiram, Giles. Elas me fazem lembrar do caixão de minha irmã. E em como tudo morre.

Giles hesitou, cuidadoso com suas palavras, como sempre.

— Todo jardim deve ter suas próprias flores, Sra. Wall. Você sabia que existem flores que florescem à noite? Por exemplo, o cacto rainha-da-noite, as flores de pitaia, as maravilhas e os gladiolos noturnos. Por que não deixar que novas ideias sobre todas essas flores façam uma homenagem à sua irmãzinha durante a noite, enquanto você dorme? Quando você acordar, continue com sua vida feliz e produtiva, em que uma crescente sensação de alegria certamente ocupa um lugar importante e na qual flores coloridas não são necessárias.

— Flores assumem muitas formas e possuem vários matizes. O solo abaixo de nossos lentos pés é o lar de tesouros e de muitas tristezas também. Isso é muito poderoso, Sra. Wall. Algumas pessoas podem dizer: “Vá em frente”, mas não é tão fácil, não é? A tristeza nos acompanha. A criança em nós está sempre lá.

— Obrigada, Giles, por me ouvir. Você é um bom amigo.

Giles e eu fizemos companhia um ao outro em silêncio por mais um pouco. Em seguida, esperei enquanto ele recolhia suas ferramentas, e fui com ele até seu carro. Minha caminhada de lá até em casa foi curta e o perfume das flores de Giles me acompanhou todo o tempo.

A ROSA DO OUTRO LADO DO MURO

UM POEMA DE A. L. Frink

*Próximo a um muro sombreado, uma rosa certa vez cresceu,
Brotando e florescendo sob a luz divina,
Regada e alimentada pelo orvalho da manhã,
Derramando sua doçura dia e noite.
À medida que crescia e floria, ereta e alta,
Erguendo-se lentamente até as alturas
Encontrou uma fenda no muro
Através da qual um raio de luz brilhava.
Avançando esgueirou-se com renovada força
Sem sequer pensar em medo ou orgulho.
Seguiu a luz por toda a fenda
E se revelou do outro lado.
Deve o chamado da morte nos causar sofrimento
E fazer com que nossa coragem esmoreça e se renda?
Não! Recebamos a fé e a esperança —
A rosa ainda cresce do outro lado do muro.
Espalhando sua fragrância ao largo e ao longe
Assim como fez em tempos passados,
Assim como fez do outro lado,
Assim como fará para todo o sempre.*

Bárbara Ann Gregory. Nascida em: 21 de maio de 1950
Entrada na vida eterna: 11 de maio de 1952

Capítulo 9



Tons de Branco

Gradualmente, ao longo dos meses seguintes, Giles abrandou — e curou — meu horror às flores.

A primeira etapa do meu tratamento aconteceu na primavera, quase exatamente um ano depois de ele ter entrado pela primeira vez em nosso jardim. Era uma manhã do começo de abril e a neve esquisita que havíamos tido na noite anterior já havia derretido.

Dentro de meu closet, eu tomava goles cuidadosos de café. Decidir o que vestir para ir à escola nessa época do ano era complicado. Eu me movia rapidamente entre as saias, calças compridas e blusas penduradas nos cabides. Nada me atraía. Era sexta-feira e passou pela minha cabeça simplesmente alegar um resfriado, ligar para o trabalho, pedir para ser dispensada por estar doente e subir para me enfiar embaixo das cobertas com minha caneca de café, alguns bons livros e o controle remoto na mão.

Em vez disso, puxei a cortina novamente para ver o tempo. Foi quando vi o primeiro deles, um cacho de narcisos brancos pendurados entre o primeiro e o segundo buxo, no canteiro embaixo da minha janela.

Eu não havia planejado essas flores. No entanto, imediatamente soube de quem eram as mãos amorosas que haviam preparado essa surpresa.

Meus pés estavam descalços, mas não deixei que isso me impedisse. Com o roupão de seda esvoaçando, desci as escadas correndo e abri a porta

da frente.

— O que você está fazendo? — Dick gritou, mas eu continuei.

Atravessei rapidamente o jardim. Na frente, encontrei as flores de crocus. Elas eram pequenas, brancas e floresciam em profusão. Há quanto tempo elas estavam ali? Como é que não as tinha visto antes?

No jardim de trás havia mais flores — narcisos e crocus. Havia flores em todos os tons de branco. Elas estavam em todos os lugares, flores brancas emoldurando o pavimento da quadra de basquete e mais flores ainda, todas esparramadas ao longo da linha do muro. Havia campânulas brancas e um estrado do que mais tarde soube que se tratava de flor de mel branca. Em breve haveria tulipas e flores da suave aspérula odorífera que eu também viria a amar.

Recuando para ficar embaixo da bétula do rio, eu sabia que a primavera havia chegado e, com ela, um momento importante da minha história com Giles. *Todo jardim deve ter suas próprias flores*, ele havia me dito. Há quanto tempo ele devia ter planejado essa surpresa para mim? Devia ter sido antes de eu contar a ele sobre Bárbara. E mesmo assim, de alguma forma ele sabia que esse mar de flores brancas era o que meu coração partido precisava.

Com uma alegria infantil, estiquei a mão para arrancar um único narciso. O perfume era doce. Eu queria vê-lo de pé em uma pequena quantidade de água. Em algum lugar dessa minha casa, embora em outra vida, talvez, eu tinha quase certeza de ter um vaso solitário.

Durante os meses de verão após minha surpresa de primavera, eu me vi realmente pensando em acrescentar um pouco de cor ao nosso organizado espaço verde. Essas flores brancas foram o ponto crítico e agora essa guinada em direção à cor parecia uma tendência suave, inevitável. Além disso, eu confiava em Giles. Então, num final de tarde de agosto, perguntei a ele se ainda tinha alguma flor colorida precisando de um lar. Ele ficou em êxtase.

— Nada espalhafatoso, Giles — lembrei-o nervosamente. — E não se esqueça, só algumas. Não muitas e nem muito coloridas. É realmente uma forma de reciclagem, quando se pensa nisso — acrescentei humildemente.

Minha resposta veio em alguns dias, quando doces prímulas vermelhas apareceram. A elas se seguiram algumas hemerocallis amarelo-limão para complementar os zimbros anões que pareciam um pouco solitários em seus canteiros semicirculares no final da calçada.

No início de setembro, Giles trouxe íris roxas para um espaço que parecia vazio ao lado da garagem. Mais tarde naquele mesmo dia, observei-o trabalhar em um canto do jardim de trás a fim de criar um espaço para transplantes feitos a partir de uma grande hosta que ele encontrou “em um complexo que estava muito, muito cheio”.

Eu teria adorado ver o que “muito, muito cheio” significava para ele. Mesmo assim, novamente fiquei imaginando com o que o jardim dele se parecia. Será que ele tinha uma bétula? Buxos? Um caramanchão para acomodar uma rosa trepadeira? Pensei em Lok, como sempre fazia todas as vezes que via uma rosa ou quando um jato prateado passava acima de minha cabeça.

Pensei em meu próprio pai. Parecia que ele já não me reconhecia mais e as saídas ficavam cada vez mais difíceis de controlar. Fiquei feliz por ele não ter estado comigo hoje, para ver o que deixei que acontecesse com mamãe no estacionamento do Dr. Mitchell.

Ao chegar ao consultório do médico, me senti nobre ajudando minha mãe a sair da minha perua. Imaginei as pessoas sorrindo ao nos ver, dizendo: “Dê só uma olhada nessa filha responsável, cuidadosa. Ela é tão dedicada”. De fato, mamãe parecia bem cuidada com um conjunto de moletom azul-marinho, com detalhes em branco e um zíper longo e largo na jaqueta. Seu cabelo fora recém-lavado e cortado no salão de beleza de Hearth. Uma nova tintura branca, com suaves tons de rosa, ressaltou o melhor de sua coloração, e, como sempre, sua maquiagem foi aplicada meticulosamente por suas mãos competentes. Seus sapatos, tipo tênis de corrida, eram daqueles que não haviam sido muito usados e quando os vi ao apanhá-la no salão de beleza, contive o impulso de sugerir que voltássemos e escolhêssemos um par mais gasto, por razões de segurança.

Ela insistiu que os novos sapatos eram confortáveis e me disse o que eu sabia ser mentira, que ela havia experimentado andar com eles durante várias semanas.

— Carol, eu não vou cair. Você se preocupa demais.

— Eles não são brilhantes e brancos? — ela acrescentou ao segurar meu braço. — Eles parecem novos. Como se eu os tivesse engraxado. Ou os estivesse guardando para as Olimpíadas da terceira idade.

Ao atravessarmos o estacionamento em direção ao consultório do Dr. Mitchell, notei que mamãe estremeceu praticamente a cada passo. Entreguei a ela uma bengala comum que havia comprado no Walmart. No começo, ela falou em trazer a bengala do Quênia, da qual tinha muito orgulho e que a fascinava. Eu disse a ela que não achava uma boa ideia. A bengala era muito bonita para ser usada. De qualquer forma, eu havia estimado que com apenas dez ou doze passos, poderíamos alcançar a porta do consultório do médico.

Começamos nossa jornada. Eu estava com a minha bolsa Vera Bradley em um braço e a Aigner da minha mãe pendurada no meu outro ombro. Toda mulher sabe que, quando você controla a bolsa de outra pessoa, você é a Fêmea Alfa. Minha mãe estava usando sua bengala em uma mão e se segurando em meu cotovelo com a outra. Ela estava em segurança e eu no controle. Ou, isso era o que eu achava.

Mas quando chegou a hora de subir no meio fio, parecia que, num momento ela estava na minha frente e então, antes que eu percebesse, ela havia caído feio. Com seus braços tão fracos e seus reflexos lentos, ela não tinha como interromper sua queda. Olhei impotente enquanto sua testa batia na calçada de concreto. O som foi horroroso, e eu gritei.

Minha mãe conseguiu deitar de costas. Ela fitou o céu azul brilhante, incapaz de se levantar. Ajoelhei-me ao seu lado, horrorizada pelo enorme galo que estava se formando no meio da sua testa. Eu esperava que fosse enfaixado rapidamente e que ela não o visse. Mas seus dedos encontraram o galo. Ela o tocou delicadamente, mas parecia estar em choque e não teve nenhuma reação. O Dr. Mitchell diria mais tarde que o meio fio estava cerca de dois centímetros e meio além de sua capacidade atual para subir um degrau. Repreendi-me a mim mesma. Eu devia ter pensado nisso. Tenho certeza que havia um caminho diferente que poderíamos ter usado se eu não estivesse tão concentrada em projetar uma imagem de filha ideal e sim mais atenta às reais dificuldades de minha mãe. *Nenhum de nós é perfeito*, pude imaginar meu pai dizendo. Esse foi o único momento de redenção em toda a tarde.

Ah, como eu queria ouvir seus conselhos nesse momento. Mamãe, ferida e incapaz de se levantar, deitada com a cabeça e os ombros na calçada. Suas pernas se estendiam para dentro do estacionamento. Foi quando uma mulher de cerca de trinta anos entrou.

— Oh, meu Deus! — ela disse. — Quer que eu chame um médico ou uma enfermeira aqui fora?

— Definitivamente — respondi. — Você é um anjo. *Malaika*, em suaíli. Ela me olhou de um jeito estranho, mas eu estava simplesmente agradecida por ela ter chegado.

Já no consultório do Dr. Mitchell, mamãe passou por um exame completo, mas não estávamos nem perto de descobrir porque seu andar havia se deteriorado tão rapidamente. Segurei o braço de mamãe com cuidado enquanto saíamos do consultório do médico e caminhávamos para o meu carro. Eu estava trêmula enquanto dirigia de volta para a casa de repouso, mas consegui deixá-la acomodada para um cochilo.

Mais tarde, naquela mesma tarde, enquanto eu estava na minha cozinha engolindo Xanax com um chá gelado e doce, sentindo pena de mim mesma, ouvi o carro de Giles parando.

— Como estão seus pais? — ele perguntou quando apareci. Sentindo-me paranoica, me perguntei se as notícias sobre a queda de mamãe já haviam se espalhado. — Especialmente sua mãe, com esses problemas ao andar — ele acrescentou inocentemente. — O que os médicos descobriram?

O pânico por pouco não abalou meu aparente equilíbrio.

— Meus pais estão muito bem — respondi, juntando-me a Giles ao lado do porta-malas aberto do Neon.

Esperando mudar de assunto, espiei dentro do porta-malas e vi uma caixa de papelão contendo várias sacolas plásticas.

— Alguma notícia de Lok? — perguntei.

— Agora, notificaram Lok que ela terá que se submeter a um teste de DNA — respondeu Giles. — Para mostrar que ela é realmente nossa filha e não uma impostora que roubou a identidade de outra pessoa.

O sol de setembro estava implacável e refletia fragmentos penetrantes de luz nos para-choques dos nossos carros. Usei minha mão para proteger meus olhos. Giles abriu uma sacola e puxou algumas folhas, que pareciam lâminas, pelas suas raízes fibrosas, de um branco pálido.

— Sinto muito pelo adiamento, Giles. Tenho certeza que é apenas uma formalidade e depois Lok estará com vocês. — Giles estava quieto e senti que ele não queria mais falar sobre isso e, portanto, mudei de assunto. — Continuo querendo dizer a você o quanto minha mãe gosta de ouvir sobre o seu progresso no nosso jardim, Giles.

— Eu gosto muito, muito da sua mãe — ele disse. — E vou plantar mais rosas em homenagem a ela, em algum lugar deste jardim. Diga isso a ela, e diga que vou acompanhá-la muito em breve por esse gramado verde e brilhante para vê-las. De qual delas ela gostaria?

— Oh, qualquer uma. Para ela, tanto faz — Mas então, me lembrei e disse. — Quando estava crescendo, tínhamos aquelas rosas vermelho-escuras realmente lindas. Elas eram bem grandes e tinham o perfume mais doce. Ela adorava colocá-las na nossa mesa da cozinha. Ela as deixava flutuando em uma tigela transparente de vidro trabalhado. Sabe, parecia até que essas rosas deixavam a comida mais gostosa.

— As flores adoçam tudo — disse Giles, feliz porque concordávamos sobre isso finalmente.

— Bom, eu gosto de todas essas — disse, examinando a carga que ele havia trazido em seu porta-malas. — Então, se você quiser plantá-las aqui, tudo bem. — No momento que minha voz se interrompeu, Giles já havia se virado em minha direção com um olhar de preocupação.

Já não podia mais fingir que tudo estava bem.

— Giles, ela caiu no consultório do médico hoje e foi minha culpa. Eu estava pensando no que não devia e ela tropeçou no meio fio. Ela está bem, mas ficou com um galo horrível na testa.

— Sinto muito, Sra. Wall — disse Giles.

Olhei para longe.

— Ela queria usar a sua bengala do Quênia e por que foi que eu não a deixei fazer isso? É emocionante como ela gosta daquela bengala. Ela me disse que iria levá-la para uma apresentação em Heathwood Hearth.

— Eu sei — respondeu Giles. — Eu estava lá.

— Você estava lá, Giles?

— Eu estava fazendo uma entrega em Heathwood Hearth para a Garden Shoppe algumas semanas atrás e vi sua mãe. Ela me perguntou se eu poderia voltar no dia seguinte para responder algumas perguntas sobre a

bengala. Sua mãe aprecia as coisas belas. Ela disse ao grupo que aprender sobre outras culturas é um pouco como viajar pelo mundo.

— Verdade, Giles? Fico feliz em saber. Ela parece tão quieta ultimamente. Para falar a verdade, fiquei com medo que estivesse deprimida. Fico me perguntando por que ela não menciona essas coisas para mim. Talvez eu precise ser uma ouvinte melhor, você não acha?

Alguns dias depois, fui a Hearth para almoçar com meus pais. A cabeça de minha mãe ainda estava enfaixada e eu disse a ela que estava errada ao aconselhá-la a não usar a bengala de Giles. Ela deveria usá-la exatamente como bem entendesse, eu disse. Então contei a ela sobre as rosas que Giles estava plantando para ela no meu jardim — rosas vermelho-escuras, exatamente como aquelas que tínhamos em casa.

Capítulo 10



A Árvore de Natal Perfeita

Minha crescente amizade com Giles era como um rio que às vezes se dividia em dois riachos separados, mas que sempre voltavam a se encontrar. Ficamos ocupados com outros aspectos de nossas vidas e seguimos nossos próprios caminhos por um tempo. Com a chegada do inverno não havia muito trabalho a fazer no jardim, e Giles trabalhava por longos períodos no supermercado, portanto, poderiam se passar dias ou semanas sem que trocássemos sequer algumas poucas palavras. Mas quando nos víamos novamente, recomeçávamos do ponto onde havíamos parado, como se estivéssemos guardando tudo que tínhamos para o outro, esperando apenas por uma oportunidade para contar.

Nossas conversas sempre começavam com a família. Eu perguntava sobre Lok, ele perguntava sobre meus filhos e sobre meus pais. Então, inevitavelmente, algo nos fazia decolar em um voo de fantasia intelectual, e acabávamos imersos em uma conversa sobre espaço e tempo e sobre a teoria da relatividade. Fosse qual fosse o assunto, Giles parecia saber alguma coisa a respeito. Isso era incrível e maravilhoso para mim. Eu não tinha outro amigo como ele, ninguém que estivesse tão disposto e feliz por refletir sobre essas coisas junto comigo. O destino havia enviado um

professor à minha porta e minhas conversas com ele eram como uma aula dos sonhos — não falávamos sobre nada que não nos interessasse e não havia absolutamente nenhuma lição de casa.

Eu havia sido uma boa aluna na escola, mas ninguém jamais havia me acusado de ser intelectual. Na verdade, ninguém queria que eu fosse — quando eu era jovem, as garotas não eram pressionadas para se sobressair academicamente. Uma garota que tirasse média 4,0 também poderia pendurar um cartaz em seu peito dizendo: “Condenada a nunca se casar”. Havia duas opções de carreira consideradas aceitáveis para as mulheres: professora ou enfermeira. Durante um dia do segundo grau, os meninos e as meninas eram divididos em grupos para falar sobre suas futuras aspirações. Nossa orientadora, uma mulher com o cabelo penteado tão alto que praticamente arranhava o teto, pediu que nós, as meninas, escrevêssemos em um formulário o que queríamos ser quando crescêssemos. Eu obedientemente escrevi “Professora”. Minha amiga escreveu “Médica”. Quando a orientadora perambulou pela sala recolhendo os formulários, fez com que minha amiga apagasse “Médica” e alterasse sua escolha para “Enfermeira”.

Eu me considerava uma aprendiz permanente com uma mente curiosa, mas fiquei plenamente satisfeita ao encerrar minha educação formal após a faculdade. Com o passar dos anos, à medida que as crianças cresciam, às vezes me perguntava o que teria acontecido se houvesse escolhido outro caminho — talvez um mestrado em inglês ou até mesmo um doutorado, com um emprego como professora. Mas esses eram pensamentos ociosos — eu me conhecia suficientemente bem para saber que a pós-graduação não era para mim. Eu era uma feliz diletante e adorava seguir minha intuição, escolhendo os assuntos dos livros conforme me interessavam. Assim que alguém me dizia o que eu deveria estudar, toda a alegria acabava. Portanto, minhas conversas com o Dr. Giles Owita se tornaram minha pós-graduação ideal. Eu chegava a fazer anotações.

Podia ver que Giles também gostava de nossas conversas. Quando ele respondia às minhas perguntas, o ritmo de sua voz mudava. Ele não conseguia esconder a alegria que sentia ao ensinar e, em momentos como esse, eu tinha que me segurar para não dizer como essas universidades eram limitadas por não contratá-lo. Seu talento para explicar conceitos que de outra forma poderiam ser entediantes ou muito difíceis me impressionava e

então adotei o hábito de fazer perguntas a ele sobre qualquer coisa que passasse pela minha cabeça. Uma vez, eu estava lendo uma biografia de Einstein e remoendo uma de suas experiências que envolvia um raciocínio mais complexo.

— Giles, estou confusa. Acabei de ler sobre o passageiro em um trem que é atingido por um raio. Ainda não entendo porque a pessoa que está no trem e a pessoa que está na plataforma vêm duas coisas diferentes e o que exatamente isso prova.

Exatamente como eu sabia que ele faria, Giles aderiu ao assunto com prazer e anunciou que iria procurar um de seus textos da faculdade que me ajudaria a entender o conceito. Ele disse que me emprestaria o livro e me senti honrada, como se houvesse sido promovida do nível iniciante para o intermediário.

Pensava nisso ao dirigir para a cidade algumas semanas antes do Natal. Giles havia me dado tanto desde que nossa amizade começara, um ano e meio atrás. Fiquei imaginando o que poderia lhe dar em troca. Por mais feliz que ele ficasse ao me ver, acho que não chegava aos pés do quanto eu ficava feliz com nossas conversas. Todas as vezes que me afastava de Giles, eu me sentia iluminada por seu brilho ou aliviada de minhas preocupações e tristezas. Gostaria de poder fazer o mesmo por ele.

Já havia anoitecido e flocos de neve rodopiavam quando entrei em um estacionamento no centro da cidade, ao lado do Farmer's Market. Dick deveria me encontrar lá depois do trabalho para procurarmos uma árvore de natal. Estrelas cintilavam no aveludado profundo da noite. Os fios de luzes coloridas de Natal ziguezagueavam para cima e para baixo por toda a Market Street. Atraída pela atmosfera festiva, parei em vitrines alegres, decoradas com cenas familiares de renas na neve ou de crianças na escada, olhando para baixo para ver o que Papai Noel havia trazido.

Ouvi a voz de uma mulher me chamando. Era Elaine, a professora de biologia da escola. Ela segurava um punhado de galhos de pinheiro na mão. Trocamos cumprimentos e eu disse a ela que estava a procura de uma árvore.

— Você deveria comprar uma do Giles — ela disse. — Ele está ali, do outro lado da rua. Parece que o filho dele faz parte de um time de futebol que participa de competições fora da cidade e eles estão fazendo isso para arrecadar fundos.

Levantei a mão.

— Pare! Já passamos por isso!

Rindo, contei sobre todos os brownies, barras de chocolate e caixas de pipoca com diferentes sabores que eu havia vendido sobre mesas de metal dobráveis em vários estacionamentos comerciais ao longo dos anos. Sem falar nas vendas de garagem. Tudo a serviço de um dos times das crianças.

— Diga oi ao Giles por mim — disse Elaine ao sair correndo com seus galhos. Ela também era um dos muitos fãs de Giles, desde que eu havia dado o nome dele a ela, depois de ter me dito que seu quintal estava sofrendo com a seca. Perguntei-me de novo como Giles conseguia fazer tudo o que fazia — manter vários empregos, trabalhar para cada vez mais clientes particulares e vender árvores de Natal para o time de futebol de seu filho. Vi a placa feita à mão do outro lado da rua, onde árvores de natal mantinham seus braços abertos, como se estivessem apanhando os flocos de neve.

ROANOKE COMETS

CAMPEÕES ESTADUAIS DE FUTEBOL. . . DIVISÃO 3-A

. . . AJUDEM-NOS A PARTICIPAR DA LIGA NACIONAL!

Olhei para o estande de futebol procurando algum sinal de Giles. Foi quando um pinheiro com quase dois metros de altura e simetria perfeita atraiu minha atenção.

Havia uma pessoa guarneendo o estande, de costas para mim. Pela forma, suspeitei que fosse um dos jogadores de futebol — ele era alto o suficiente para parecer totalmente crescido, mas tinha a constituição vigorosa de um adolescente.

— Desculpe, posso ver esta aqui?

A árvore estava frouxamente amarrada com um barbante e encostada em uma coluna de apoio. Acima de onde a árvore estava, um toldo de lona estava cheio de neve. Puxei minhas luvas de inverno, tocando com os dedos

as agulhas perfumadas enquanto a neve caía, peneirada pelos galhos desfolhados das árvores de bordo que ladeavam a rua.

O garoto que se virou parecia familiar e percebi imediatamente que devia ser o filho de Giles. Ele estava de fato na adolescência e se ergueu sobre mim. Seu sorriso era tão eletrizante quanto o de seu pai.

— Claro — ele me disse. — Eu também gosto dessa. Deixe-me levá-la para você. Os galhos estão perfeitos. Parece um cartão de Natal.

— Você é filho do Dr. Giles Owita? — perguntei impulsivamente ao rapaz. Ele fez uma pausa, parecendo desconfortável, como qualquer adolescente se sentiria ao ser colocado em uma situação difícil.

— Seu pai é um amigo nosso. E também faz um trabalho de paisagismo para nós.

— Ah, certo. Ele é muito bom nisso. Eu sou Naam.

— Sou Carol Wall — eu disse. — Meu marido e eu simplesmente adoramos o trabalho do seu pai.

Apertamos as mãos.

— O seu irmão também está aqui? E a sua mãe?

— Sim senhora. Eles estão vendendo guirlandas. Do outro lado da rua, mais para baixo. Consegue ver?

A neve caindo criava uma tela temporária, mas logo diminuiu para permitir uma visão de Bienta encolhida ao lado de uma mesa coberta de folhas verdes, guirlandas e laços de veludo para vender.

Naam pegou algumas tesouras de poda e cortou o barbante da árvore. Resisti à tentação de constrangê-lo ainda mais, dizendo que havia escutado tudo sobre ele e seus irmãos há algum tempo. Em vez disso, concentrei-me na forma como os ramos do pinheiro tremeram quando retomaram sua forma.

— Oh, ele é lindo — eu disse. — Gostaria de comprá-lo.

Ele pegou minhas notas dobradas. Então vi Giles avançando em nossa direção a cerca de um quarteirão. Seus passos eram vigorosos enquanto corria pela calçada da cafeteria.

— Aí vem o papai — disse Naam.

— Chocolate quente! — anunciou Giles, balançando vários copos em uma bandeja de papel. Ele entregou um ao filho e depois sorriu para mim.

— Gostaria de um chocolate quente, Sra. Wall?

— Ah. Não obrigada. Dick vai me levar para comer um sanduíche logo, logo e não quero estragar meu apetite. Você está levando um para Bienta? Importa-se se eu for até lá com você? Eu adoraria dizer oi.

Giles fez que sim com cabeça e disse é claro, mas reparei que enrijeceu-se e ficou mais cauteloso. Eu tinha notado que, ultimamente, muitas vezes ele fazia isso quando o assunto de Bienta surgia. Eu sabia que a perda de um filho podia atingir os cônjuges de diferentes maneiras, por vezes causando uma divisão. Perguntava-me se a separação de Lok teria feito o mesmo a eles. Giles sempre fazia todo o possível para elogiar Bienta e dizer como ela era talentosa, mas pareceu-me que havia uma melancolia na forma como ele falava sobre Bienta, uma tristeza misturada à admiração. Ele me contou como ela tinha administrado uma fazenda no Quênia e, como em seu trabalho de enfermeira, havia feito o parto de dois bebês com nada além de uma lanterna para encontrar as cabanas das mães e uma lâmina de barbear para cortar os cordões umbilicais. Bienta era uma mulher incrível e Giles, um homem excepcional. Sob muitos aspectos, eles pareciam perfeitamente adequados um para o outro. Mas a vida havia causado muitos desapontamentos a eles.

Quando alcançamos Bienta, ela sorriu educadamente.

— Como vai sua mãe?

— Minha mãe está um pouco melhor, obrigada. Seu estado de espírito está bom.

Giles estendeu um copo de chocolate quente para Bienta depois de ter enrolado cuidadosamente um guardanapo em volta deste para absorver o calor. Vi quando ela balançou a cabeça, o corpo virado para o outro lado. Ele estava claramente ansioso para agradá-la e eu me senti desconfortável, como se tivesse entrado em uma conversa particular que não estava indo bem.

Apresentei-me a Wath, o filho mais novo deles. Ele era mais baixo do que Namm e possuía uma constituição mais compacta. Seus cílios eram longos e sua expressão possuía uma aparência alegre que me fez lembrar Giles. No entanto, ele parecia ficar mais rapidamente à vontade, ser mais extrovertido e falante do que seu irmão ou seu pai. Ele exalava a confiança do filho mais novo e bem amado.

Comprei uma guirlanda de Bienta e uma fita vermelha de Wath. Do outro lado da rua, Naam tinha envolvido o meu lindo pinheiro com uma

corda e chamou seu pai para ajudar a levá-lo para a minha perua.

— Pode ser que eu a chame ou escreva para você em breve. Sobre meus pais — disse a Bienta em despedida — se você não se importar por eu aproveitar seu conhecimento em enfermagem.

— Eu adoraria ajudar — ela respondeu e senti que ela estava falando sério. Alguns minutos mais tarde, enquanto Giles encaixava a árvore dentro da perua, perguntei a ele:

— Como está você?

Ele puxou um barbante para amarrar a tampa do porta-malas e mantê-la abaixada.

— Estou muito bem — ele disse.

Giles tirou suas pesadas luvas para amarrar o barbante. Enquanto o observava trabalhar, vislumbrei uma cicatriz do lado de seu pulso, na qual nunca havia reparado em todo o tempo que estivemos juntos. A cicatriz tinha de oito a dez centímetros de comprimento e era ligeiramente irregular.

— Meu Deus, o que aconteceu com seu pulso, Giles?

Ele olhou para a cicatriz e seus olhos se estreitaram, como se houvesse esquecido e precisasse refrescar a memória. Então piscou, as pálpebras parecendo duas luas crescentes.

— Tive um melanoma. Isso foi há vários anos, em Blacksburg. Foi prescrito um tratamento.

— Cirurgia?

— Sim. Remoção da verruga e de parte do tecido adjacente.

Giles teve câncer? Eu me esforçava para juntar esta nova informação à ideia que havia formado de Giles como a imagem da saúde. Passei um tempo imaginando Giles pulando novamente em minha bétula do rio, mas desta vez ele errava o alvo e caía no chão. Isso me fez sentir um arrepio e me encolhi ainda mais dentro de meu casaco de lã.

— Não consigo acreditar que você teve um melanoma, Giles.

As palavras saíram depressa, tão depressa, que lamentei tê-las dito. De alguma forma, soavam acusadoras. Exatamente da mesma forma que uma conhecida, Ella, falara comigo na igreja na época do meu diagnóstico de câncer. Ela havia usado um tom de voz mais adequado para se dirigir a alguém que houvesse sido apanhado roubando dinheiro do prato de coleta:

— Você, Carol? Ah não! Você sempre pareceu tão saudável. Eu nunca teria imaginado. Sua voz é tão forte e soa tão bem lá do sótão. Você é

vegetariana? Parece que você se exercita bastante. Você foi amamentada quando era bebê?

— Não e não — eu dissera, abafando uma risada, o que pode ter me impedido de matá-la.

Agora percebi que o meu próprio tom de voz traía uma nota de choque que realmente tinha tanto (ou mais) a ver com meus próprios medos do que com o medo por Giles. Era assustador quando um homem saudável e capaz como Giles tinha câncer. Assim como Ella tinha feito comigo, me esforcei para achar um sentido nisso, para achar algo que Giles pudesse ter feito, ou não, para causá-lo. Eu, que entre todas as pessoas deveria saber melhor do que ninguém, aqui estava tendo a mesma atitude ignorante contra a qual havia protestado desde o meu próprio diagnóstico. O câncer era uma doença, não um julgamento, e todos estávamos arriscados a ter a doença — apesar dos nossos hábitos saudáveis.

Finalmente, me arrisquei a fazer outra pergunta:

— Você teve que fazer quimioterapia?

— Foi recomendada uma série de quimioterapia. Isso é verdade. Não recebi essa notícia muito bem. Na verdade, interrompi a quimioterapia antes que a série terminasse. Após a primeira sessão, vi que o tratamento interferia com o trabalho e eu tinha uma família para alimentar. Então disse a eles que não voltaria. Isso não impediu a pessoa que agendava os horários das sessões de me telefonar todas as vezes e quando eu respondia, ela me fornecia o horário e o local da consulta. E para todas as chamadas, minha resposta era a mesma. “Muito obrigado. Não estarei lá!” — ele riu com a lembrança, balançando a cabeça com um ar de irônico divertimento. Aparentemente, ele não havia explicado bem sua resposta à pessoa que agendava a quimioterapia. Ele apenas ofereceu uma recusa educada naquele seu tom ritmado, como se estivesse simplesmente recusando uma segunda xícara de café.

A enfermeira provavelmente pensou que estava tratando com um piadista ou com um homem com problemas mentais. Eu mesma não resisti. Ri alto, junto com Giles.

— Não estarei lá! — eu disse, repetindo suas palavras enquanto sacudia minha própria cabeça com espanto. Ele via seu tratamento de câncer como se tivesse uma opção, como se fosse o cardápio de um restaurante e ninguém pudesse forçá-lo a comer o que não quisesse. Deus sabe que isso

nunca havia me ocorrido. Meu lindo oncologista havia dito que os pacientes de câncer geralmente são excessivamente complacentes. Pode ser que eles não gostem de um determinado tratamento; no entanto, desesperados para ficarem bem, eles fazem o que lhes mandam fazer. Aparentemente, Giles era uma das exceções.

Dei a Giles mais alguns dólares para os meninos usarem em sua viagem. Ainda pensando em sua decisão sobre a quimioterapia, eu me senti tonta ao imaginar um alarme soando no consultório do seu médico e um alerta para todos os policiais sendo enviado para toda Blacksburg e arredores. “Fiquem atentos a um paciente educado, com câncer, que decidiu não receber seu veneno!”

Deixei minha cabeça pender para trás, assustada com a própria noção de riso se despreendendo do fundo do meu coração. Alegria era uma emoção que eu nunca havia associado ao câncer. No entanto, Giles parecia encontrar um lugar para a alegria em todas as experiências da vida. Ele me lembrava um jogador na mesa com sua última ficha. Giles desfrutaria o jogo até a última partida.

Essa era uma ideia completamente nova para mim. A liberdade contida em apenas um segundo, ao perceber que todas as pessoas deste mundo iriam viver até morrer, trouxe lágrimas aos meus olhos. Meu câncer não me colocava em uma categoria especial, disse a mim mesma. Como todo mundo, eu viveria até morrer (talvez por causa do câncer ou talvez por alguma outra coisa, como um caminhão de Coca-Cola passando em alta velocidade por um cruzamento).

Tirei um lenço de papel da minha bolsa para limpar os olhos, rindo ao me lembrar de como Dick havia recusado as vitaminas que seu médico tinha receitado, explicando que ele teria que “ler mais”. Dick então examinou todos os rótulos do que comia e anotou seu peso, semana após semana, em fichas especiais. Ele vivia com a ilusão de controlar as coisas. Era bastante compreensível, mas também muito irritante. E como eu sentia falta dessa ilusão para mim mesma. Parecia que haviam se passado mil anos desde a última vez em que senti que nada podia me atingir.

Mas o que eu mais sentia falta era de ser simplesmente Carol, sem o complemento “sobrevivente de câncer” acrescentado ao meu nome.

Giles estava silencioso. Incluímos nossos diagnósticos de câncer em nossa lista de coisas em comum. A diferença é que Giles agia como se esse

fosse o menor dos seus problemas.

— Com prática, pode ser que eu aprenda a ser como você — disse a ele.

— Não, não como eu — ele protestou e uma sombra inesperada cruzou seu rosto.

— Você é muito surpreendente. Sabia disso, Giles? Todo mundo diz isso.

De repente, ele pareceu ter se dado conta de que estava frio. Limpou a neve que se acumulava em seu boné e ao longo dos ombros de seu casaco. Sacudiu suas botas para soltar o gelo que havia ficado preso nelas.

Dei um aceno de gratidão a Giles e fui até a livraria onde me encontraria com Dick. Giles foi para a direção oposta, de volta à árvore de natal.

Senti uma paz que não experimentava há anos. Eu não estava só. Sempre nos dizem isso, mas naquele momento pude acreditar. Voltei-me para dar mais uma olhada em Giles e vi minhas pegadas se enchendo de neve. Quando me virei, Dick havia atravessado a rua e caminhava em minha direção.

— O que aconteceu? — ele perguntou.

— O que você quer dizer?

— Você parece diferente. Bom. Cortou o cabelo?

— Não. É só...

Ouvi um coral de natal à distância. Suas vozes se misturavam lindamente. Tentei pensar em uma forma de explicar esse sentimento a Dick, mas não consegui. Então simplesmente disse:

— Encontrei a árvore de Natal perfeita.

Capítulo 11



Fragil Magnófia

¶ ram as primeiras horas de uma manhã de domingo, uma semana antes do Natal. Eu estava sob um relógio gigante cujo impetuoso ponteiro dos segundos parecia um grilo pulando com precisão mecânica sobre cada centímetro das horas implacáveis. Dick estava comigo e um médico do pronto-socorro nos encarava dentro das entranhas do Valley Hospital.

Minha mãe lutava por sua vida. Ela havia sido trazida por uma ambulância por volta da meia-noite, depois de cair em seu apartamento. Mamãe havia tido um derrame. Dr. Bell, o neurologista de plantão, nos deixou ver o exame de varredura. Uma grande e feia massa de sangue se espalhava por seu tecido cerebral, com traços dos danos ainda em evolução.

Uma hora antes, com as agulhas intravenosas colocadas, ela se ergueu para me dar boa noite. Perguntei como ela estava se sentindo e ela respondeu, sem convicção:

— Bem, eu acho.

Mas à medida que o sol surgia, notei que seu rosto caíra mais e ela não conseguia mais falar. Seu lado direito estava paralisado.

Na semana anterior, em seu apartamento no Hearth, eu havia compartilhado a diversão, ajudando mamãe a embrulhar uma pilha de presentes de Natal para os netos. Papai andou um pouco de um lado para o

outro, mas ele parecia ter um senso de propósito e sentir algum envolvimento com as atividades natalinas familiares.

Mamãe sempre adorou o Natal. Trabalhamos juntas ao lado de sua cama, que transformamos em uma mesa para embrulhar os presentes. Suas unhas tinham o formato de amêndoas e estavam perfeitas, pintadas com um esmalte cor de pêssego claro que ela mesma havia passado. Aqui no hospital, nas horas que se seguiram ao derrame, o esmalte havia sido removido sem a menor cerimônia, porque eles precisavam ver a pele sob suas unhas.

O Dr. Bell conversou comigo sobre estabilizar minha mãe. Ela teria que fazer um “teste de deglutição” para ver se conseguia engolir alimentos sólidos. Depois começaria a fisioterapia o mais rápido possível. O Dr. Bell continuava me olhando nos olhos, mas a nota de resignação em sua voz me disse muita coisa.

Eu havia tentado parecer alerta enquanto o Dr. Bell continuava a falar, mas minha mente vagou para o telefonema que tinha recebido da enfermeira do Hearth pouco depois da meia-noite. Papai havia encontrado mamãe caída no chão. Sua fala estava ininteligível. Em um único esforço que fez sentido, ele encontrou a enfermeira.

— Minha mulher precisa de ajuda. Tentei levantá-la, mas ela não consegue falar e as coisas não estão indo muito bem.

Era muito fácil imaginar seus olhos piscando perplexos. Quase tudo que havia por trás deles havia desaparecido, mas na hora em que mamãe precisou, ele veio em seu auxílio, como sempre fez.

Agora, eu seguia a maca da mamãe para o andar de cima, onde haviam designado outro quarto a ela. Recortes de Natal decoravam as paredes. Passamos por bicos-de-papagaio de aparência triste, pousados em uma fileira de janelas no corredor.

Esperei do lado de fora enquanto eles colocavam minha mãe em seu novo quarto. Minha bolsa pesava, pendurada em um dos meus ombros, enquanto a bolsa de minha mãe pendia do outro. Lembrei-me de como ela tinha tropeçado no estacionamento do Dr. Mitchell, quando eu deveria estar cuidando dela. Fiquei imaginando se algum dia ela carregaria essa bolsa novamente, se nossas conversas encheriam uma sala ou tumultuariam as linhas telefônicas.

Logo a enfermeira saiu.

— Tudo em ordem — ela disse. — Pode entrar agora.

Entrei e fiquei ao lado da cama. Parecia que mamãe estava apenas dormindo. Sentindo-me estranhamente desconectada da cena, eu me perguntava se estava me transformando em uma pessoa terrível, uma estranha para mim mesma, a pessoa legalmente responsável, o parente mais próximo, cuja principal emoção era um vergonhoso alívio por ser a pessoa que estava em pé, bem e inteira.

Então veio a inspiração. Peguei uma folha de papel em um compartimento com zíper dentro de minha bolsa e disse suavemente:

— Mamãe, esses são os últimos planos de Giles. Ele o chama de *Jardim de Flores Silvestres da Sra. Wall*. Essa é a descrição: “Localização: jardim na parte de trás... ao lado do bebedouro dos pássaros. Borda a ser construída com pedras (pipa) do rio (arora) — *Rudbeckia hirta* (margarida amarela), *Trillium undulatum* (trillium pintado), *Silene virginica* (rosa de fogo), *Cypripedium acaule* (sapatinho de princesa)”.

Percebendo que ela me ouvira, fiz uma pausa. Senti que minha voz estava prestes a se romper e mesmo assim, continuei em frente, apressada.

— Mamãe, isso vai ser feito na primavera. Será uma versão menor do jardim de meditação de Sarah Driscoll. Giles fará o trabalho pesado. Você e eu vamos supervisionar enquanto saboreamos nosso chá doce e gelado. Rhudy vai se enrolar embaixo da sua cadeira, muito feliz por ver você. Agora, não se esqueça!

Seus olhos se moviam rápidos sob as pálpebras que agora pareciam finas como pergaminho. Os dedos de sua mão boa tremeram brevemente, no lugar onde descansavam sobre os lençóis brancos engomados. Era tentador imaginar que ela poderia tecer minhas palavras em um sonho agradável de flores em um jardim terreno, num lugar que ainda estava por nascer.

Giles passou em nossa casa uma noite, enquanto mamãe estava no hospital, para entregar uma panela fumegante com cozido de carne e um prato de arroz de Bienta. Giles disse que o cozido era chamado de *Pilau* em suaíli. Bienta tinha muito orgulho dos temperos secretos que havia incluído

na sua versão do prato e não dava sua receita para muitas pessoas, explicou ele.

— Mas, no seu caso, ela está fazendo uma exceção. Você passou por uma grande tensão com sua mãe. E foi gentil o suficiente para ajudar o time de futebol a levantar fundos. Por favor, mantenha o conteúdo deste envelope estritamente para si mesma. Bienta colou ele na panela para você.

— Sem problemas — eu disse. — Sou uma excelente guardiã de segredos.

Dick e Giles começaram a aquecer a panela na cozinha. Eu os segui e gentilmente puxei o envelope secreto de Bienta, que estava embaixo da fita sobre a tampa da pesada panela de metal.

— Vou ligar para Bienta para agradecer — disse a Giles.

— Isso não é necessário — ele insistiu rapidamente, mais uma vez adotando aquele tom de nervosismo que eu viria a associar a ele e Bienta. — Eu direi a ela o quanto você ficou satisfeita.

Depois que Giles saiu, li a carta de Bienta.

Cara Sra. Wall,

Venho pensando em uma questão muito importante que afeta a minha família. Por algum tempo, me senti incomodada e, desde que fomos apresentadas, queria conversar com você em particular. Acreditando, como acredito, que a confiança de meu marido em você é bem fundada, gostaria de pedir cerca de uma hora do seu tempo para que nos encontremos em minha casa. Reservarei um momento em que os meninos e Giles estejam fora, pois não quero que eles saibam nada sobre esse assunto até que uma decisão seja tomada. Terça-feira à tarde, na próxima semana, seria conveniente para você? Se você pudesse passar depois da escola, eu agradeceria muito. Abaixo estão as indicações de como chegar à nossa casa. Os temperos secretos para o cozido estão incluídos no lado de trás deste cartão.

Grata,

Bienta Owita

Liguei as luzes do jardim e depois fiquei de pé ao lado da janela da cozinha, relendo o bilhete. Se ela pelo menos tivesse me dado mais pistas.

Obviamente, os temperos de família para o cozido não eram o único segredo mantido aqui.

• • •

Desci a calçada dos Owitas na tarde que havíamos marcado, com meus braços circundando a panela de cozido de Bienta. O ar de inverno estava seco, eu estava quatro minutos adiantada e meus nervos estavam no limite. O bilhete no cozido podia ser interpretado como algo semelhante a uma intimação.

Minhas botas de inverno deixaram marcas na grama congelada do arranjo paisagístico do jardim dos Owitas. Uma janela panorâmica na frente da casa oferecia um vislumbre enevoado do cacto de Natal e dos bicos-de-papagaio.

A panela era pesada e a apoiei no meu quadril, tocando a campainha. Após alguns momentos, Bienta respondeu.

— Olá — ela me cumprimentou, educada e cautelosa como sempre. Seus olhos se dirigiram à panela vazia.

— Estava absolutamente maravilhoso — eu disse. — E seus temperos secretos estão seguros comigo.

Seu rosto ficou um pouco mais suave e senti-me relaxar um pouco mais também.

— Por favor, entre — ela disse.

Uma vez lá dentro, eu disse:

— Bienta, você me manteve em suspense por muito tempo. Está tudo bem?

— Tudo bem? Claro! Qual seria o problema?

— Bem — eu disse, tentando encontrar uma resposta plausível — Acho que eu estava pensando em Lok.

— Lok está bem. Não há nada de novo para contar.

— No verão passado, eu cortei três rosas do jardim de meditação de Sarah e as presei. Vou dá-las a você e assim você pode enviá-las a Lok. Giles diz que são as flores favoritas dela.

— Isso seria muito bom — disse Bienta. Ela olhou para a estante de livros da sua sala de estar, cheia de fotografias de momentos felizes.

O cabelo de Bienta estava envolto em um tecido de seda estampado em marrom, preto e branco. Ela estava vestida elegantemente com uma blusa de manga comprida e uma saia fluída que ia até o chão. Por outro lado, minhas botas, calças jeans e jaqueta de couro com cinto pareciam nitidamente da L.L. Bean¹. Eu invejava a graça e a feminilidade de Bienta. Parecia que era natural nela, enquanto, no meu caso, sempre achei que tinha que trabalhar duro para conseguir o mesmo efeito.

— Você está tão bonita — eu disse.

— Vou a um chá de panela no final da tarde — ela disse. — Por favor, me diga como vai sua mãe.

— Ela está na mesma. O médico diz que vai levar algum tempo.

Examinei as prateleiras de livros e as diversas fotos. Uma delas mostrava Lok, com seis anos, posando nas margens do Lago Vitória. Um céu azul se estendia infinitamente acima da superfície verde e opaca das águas tranquilas. Outra foto mostrava Giles com um jaleco branco, no que parecia ser um campo no Quênia. Ele estava cercado por uma dúzia de jovens segurando grandes repolhos.

Bienta convidou-me a sentar. Eu escolhi o sofá, mas ela se acomodou em uma desconfortável cadeira de madeira em frente a mim.

— Há algo que eu gostaria de lhe perguntar — ela disse. Ela puxou um cartão do bolso de sua saia e consultou-o rapidamente. Havia algo escrito dos dois lados. — Há tantas coisas sobre as quais preciso falar. A escola onde você leciona, Saint Benedict's. Seus filhos estudaram lá. Não é?

— Ah. Sim. Estudaram. Todos os três se formaram.

— Então, você a recomendaria muito, eu acho? Estamos pensando nela para nossos meninos.

O alívio me fez relaxar. A escola era um assunto fácil comparado a qualquer pergunta misteriosa que eu temia.

— Eu a recomendaria expressamente. Sim — confirmei. — E se seus filhos estudarem lá, talvez eu tenha a sorte de ser a professora de inglês deles algum dia!

— Oh, realmente. Isso seria bom. — Mais uma vez ela tirou o cartão do bolso e levou algum tempo estudando-o. Sua expressão se ensombreceu. — Sua mãe — ela disse. — Conte-me mais. Você disse que talvez quisesse

minhas recomendações. Trabalhei com vários pacientes que sofreram um derrame.

— Minha mãe... — Comecei a dizer, mas parei e tentei novamente. — Ela parece tão horrível — falei sem pensar. — Eu sinto em meu coração que ela nunca mais vai ser a mesma. Ultimamente, ela começou a fechar os olhos quando eu entro no quarto. É quase como se ela estivesse com raiva e não pudesse suportar olhar para mim.

— Isso é muito, muito comum. No meu trabalho como enfermeira, vi situações como essa muitas vezes. Sua mãe tem afasia receptiva e expressiva. Isso é muito limitante. Ela age assim com você porque sabe que você vai compreendê-la e amá-la, não importa o que aconteça. Eu sei que parece absurdo, mas tente pensar nisso como um elogio, da mesma forma que uma criança colocaria a cabeça no colo de sua mãe quando está chateada. Ela sempre pôde contar com você. Não é?

— É.

Senti-me aliviada por finalmente admitir meus medos egoístas com relação à mamãe. Então, imediatamente, senti inveja, mais uma vez. Bienta estava sentada à minha frente, calma e serena, como se pudesse enfrentar qualquer coisa e sair com sua dignidade intacta. É assim que eu gostaria de ser.

Bienta levantou-se para mostrar fotografias das crianças crescendo. Então mostrou sua foto de casamento.

— Dick e eu também casamos cedo — eu disse. — E fomos muito felizes, também, com exceção das brigas e mal-entendidos habituais.

Ela não respondeu.

Senti-me cada vez mais frustrada, como se estivesse sendo testada sem saber e houvesse sido vergonhosamente reprovada.

— Falei demais. Acho que deve haver algumas coisas mais que você gostaria de me perguntar. — Parei de falar e desta vez jurei que seria eu quem esperaria calmamente até que Bienta preenchesse o silêncio.

— Não contei a ninguém — ela começou e então hesitou. Ela fez uma pausa e colocou uma mão na mesa em busca de equilíbrio. Sua expressão estava perturbada. Será que ela estava com medo de alguma coisa ou de alguém? De repente, ela olhou para a frente da casa. — Espere. Você escutou um carro?

Nós duas ficamos surpresas quando Giles irrompeu pela porta. Ele usava um par de calças cor cáqui bem passadas e uma jaqueta pesada com o zíper apenas parcialmente fechado. A gola azul-marinho de sua camisa da Foodland se destacava.

Seu horário havia sido “reorganizado”, ele explicou. Ele havia reparado em meu carro estacionado na rua e ficou encantado ao me ver.

— Os meninos ainda estão no treino — ele disse a Bienta. — Serão mais noventa minutos.

— Ah. Tudo bem. Claro. Vou buscá-los — ela respondeu. Seu tom estava frio e reservado novamente. Era como se toda vez que eu estivesse perto de penetrar a concha de Bienta, algo acontecesse e ela, mais uma vez, se fechasse hermeticamente. — Em todo caso, tenho algumas coisas para fazer agora.

Pareceu-me que, de repente, ela parecia quase louca para fugir dali. Na pressa, deixou cair as chaves do carro. Quando as retirou do chão, percebi como seus dedos tremiam.

— Estávamos falando de minha mãe — disse interrompendo. — Bienta foi muito útil, oferecendo-me uma perspectiva mais agradável com base em sua experiência.

— Ah, sim — Giles respondeu prontamente, olhando na direção de Bienta, seus olhos brilhando com respeito e admiração genuínos. — Bienta sempre tem a resposta.

— Tenho que ir — anunciei.

— Talvez você queira mostrar à Sra. Wall seus projetos para o jardim quando ela sair — sugeriu Bienta.

— Realmente não tenho muito tempo — eu disse. Meus dedos nervosos se dirigiram ao meu cinto fechado para deixá-lo mais apertado. — Nos próximos dias, vou pegar alguns folhetos para você, Bienta. Sobre a Saint B’s.

Bienta me agradeceu e saiu, então Giles me acompanhou até a cozinha e saiu pela porta dos fundos para um trecho árido de grama, com o qual, inexplicavelmente, ele parecia estar bastante feliz. Uma lona encerada de um azul brilhante cobria boa parte do jardim e o que estava exposto parecia vazio e sem vida aos meus olhos. Enquanto andava, fingindo admirar a vista, me perguntava o que me havia me surpreendido mais — o estado

descuidado do jardim de Giles ou as tensões óbvias no casamento dos Owitas.

Giles me levou em direção a uma pequena magnólia no lado mais distante da sua cabana de jardim levemente inclinada.

— Esta flor veio de um galho da árvore de magnólia do jardim da Sra. Driscoll. — Giles prendeu uma flor entre dois dedos e a segurou para que eu a visse.

— É. Eu vi. É linda e sei que ela ficará feliz aqui — eu disse.

— Em Blacksburg, que fica nas montanhas, é muito frio para uma magnólia. Mas aqui, em nosso vale fértil, com o ar um pouco mais quente e úmido, essa árvore pode muito bem ultrapassar seus limites máximos normais.

— Como minha bétula do rio? — perguntei.

— Exatamente — ele respondeu, com seu rosto otimista voltado para as nuvens, como se não tivesse nada a temer.

Ele me acompanhou durante metade do caminho até a perua, mas parou para pressionar os dedos no solo congelado, avaliando alguma coisa não identificada. Ao sair dali, tive um vislumbre dele caminhando a passos largos em direção ao portão do jardim com um andar leve.

Pareceu-me profundamente estranho que ele sentisse orgulho de seu jardim sem brilho, com sua lona azul brilhante, a frágil árvore de magnólia e uma cabana de jardim que parecia já ter visto melhores dias. Com o talento de Giles, como isso podia ter acontecido? Talvez a resposta estivesse no subconsciente coletivo de uma família exilada. O fértil jardim da frente refletia o lado feliz da família para o público, e a área estéril dos fundos expressava a infelicidade que eles escondiam de vista.

Certamente, eu estava analisando demais. Precisava que Dick me dissesse que estava sendo ridícula. Talvez os Owitas apenas preferissem gastar seu dinheiro e seus esforços na parte da frente, onde os transeuntes poderiam apreciar a vista. Mas alguma coisa me dizia que a verdade não era tão simples. Lembrei-me do cartão que Bienta havia guardado no bolso da saia. Vi seus dedos trêmulos procurando as chaves do carro e sua expressão perturbada. Havia angústia naquela casa e eu não sabia o porquê.

1 Loja de artigos esportivos dos Estados Unidos.

Capítulo 12



Limão

A recuperação do acidente vascular cerebral da minha mãe foi lenta, mas, nos primeiros dias quentes da primavera, comecei a me sentir otimista novamente. Pelo menos, cada vez que a deixava, não me preocupava achando que podia ser que não a visse nunca mais. Então Dick e eu decidimos nos cuidar, dando uma escapada, durante três dias, para nossa pousada favorita nas montanhas da Carolina do Norte.

O fim de semana correu bem, e nós dois nos sentimos revigorados no caminho para casa. Dick elogiou meu suéter decotado e admirou minha saia jeans recém-adquirida. Rimos ao pensar como nossos filhos ficariam chocados se suspeitassem que ainda estávamos apaixonados, seguindo velhos padrões, com direito a corações e flores, apesar de nossas articulações rangentes e de nossos cabelos grisalhos.

De vez em quando, eu olhava para Dick e admirava seu belo perfil e seus fortes braços sardentos. Agora estávamos juntos por muito mais do que a metade de nossas vidas, mas eu nunca havia me cansado dele. Esse era um subproduto positivo de minha natureza ciumenta, eu suponha. Nunca o considerei 100% seguro. Passei meus dedos por seus cabelos prateados, penteados para trás. Sempre que ele reclamava que estava ficando careca, assegurava-lhe que achava que isso o fazia parecer distinto. Depois de todos

esses anos, o segredo de nosso sucesso era realmente muito simples. Ele ainda era o meu homem.

Quando tinha vinte anos, começando meu segundo ano da faculdade, meus pais deram o seu consentimento para que eu me casasse com Dick, que estava um ano antes de mim na escola. Os pais de Dick estavam emocionados, e suponho que o entendimento tácito era que pelo menos estávamos fazendo as coisas na ordem certa — casamento primeiro, gravidez depois. Em uma cidade pequena como Radford, as pessoas puxavam seus calendários quando uma jovem noiva começava a mostrar sinais de gravidez, fazendo contas rápidas, curiosos para descobrir se a noiva e o noivo haviam realmente esperado até a noite de núpcias.

No colégio, Dick era conhecido como um encenqueiro liberal cuja família havia vindo de algum lugar lá do Norte. Ele usava óculos de aro de metal quando isso era praticamente sinônimo de ser hippie e deixou o cabelo crescer desalinhado, até tocar suas orelhas. Pior, Dick não fazia segredo de sua antipatia por Lyndon B. Johnson, e era óbvio que não nascera dizendo “sim, Senhora” e “não, Senhor” da mesma forma que o resto de nós, bons filhos do Sul. Ele foi, inclusive, um dos dois estudantes brancos que se juntou a todos os estudantes negros da nossa escola para protestar contra o fato da banda marcial tocar “Dixie” no início de cada encontro de torcida para animar o time. Todos eles saíram da quadra da escola em massa e essa maldita música nunca mais foi tocada nesses encontros.

Nada disso representou um problema para meus pais. Na verdade, eles admiravam Dick por suas crenças. Mas o que realmente deu um bocado de preocupação a mamãe foi que Dick era — suspiro — católico. É francamente cômico imaginar isso agora, mas essa era uma época em que ser católico, na minha pequena e tacanha cidade, era visto como algo exótico, até mesmo herético. As pessoas faziam vagas associações com encantamentos de mística sonoridade e orações para estátuas. Mesmo assim, diga-se em seu favor que mamãe superou sua hesitação e ficou acertado que nosso casamento seria celebrado por um padre na igreja metodista dos meus pais. Era um dia gelado de janeiro, mas a igreja estava lotada. Parecia que vários dos protestantes locais estavam dispostos a “afrouxar” seu Cinturão Bíblico o suficiente para ver que tipo de confusão um padre católico poderia fazer.

Dick e eu ficamos em silêncio por alguns momentos. O cenário passou voando, uma tapeçaria feita de uma mistura de folhagens verdes amadeiradas. Dentro de minha cabeça, surgiu uma ponta de preocupação. Não pude evitar o medo de chegar em casa e receber a notícia de que mamãe ou papai tivessem piorado.

— Lembra quando as crianças eram pequenas? — disse a Dick. — Eu sempre tinha essa ânsia de falar com a babá para ver se estava tudo bem e você tentava me dissuadir.

— Lembro. Exatamente. Mas nunca consegui, então você ligava e se sentia melhor por doze horas mais ou menos. E aí o ciclo recomeçava.

Dick se ocupou com o dial do rádio e finalmente achou uma estação que aprovou. Era uma daquelas estações antigas e estava tocando “Baby Love”. Cantei junto, fazendo o acompanhamento e Dick, amavelmente, se absteve de me pedir para parar. Recostando-se, ele reajustou seus óculos de sol e eu pensei nos dias em que éramos mais jovens e mais esguios, tínhamos o cabelo mais grosso, os dentes mais brancos e muito mais energia. Envelhecer não era nenhuma festa, mas nossos quase trinta e cinco anos de casamento eram algo para nos orgulharmos. Senti uma onda de satisfação por saber que a sabedoria de nossos pais ao nos dar suas bênçãos havia se confirmado. Nossos pais não eram loucos e nossos detratores estavam errados. Dick e eu tínhamos resistido ao teste do tempo.

Quando entramos na Mount Vernon Road, o bairro parecia diferente. Parecia que a grama tinha crescido um pouco mais grossa, mesmo nestes últimos dias. Surpreendentemente, flores cor-de-rosa presas a caules sem folhas haviam florescido ao lado da garagem. Dei um pequeno suspiro quando paramos. Como estavam lindas as flores e que prazer inesperado.

Cada um de nós apanhou um punhado de sacolas para trazer para dentro de casa e eu consegui ser a primeira a checar nossa caixa de correio, onde vi um envelope branco e fino me esperando. O endereço do remetente era o do centro de diagnósticos por imagem onde havia ido fazer minhas mamografias periódicas. Eu havia ido a esse centro algumas semanas antes de nossa viagem e tinha a esperança de obter os resultados antes de sairmos. Mas não tive essa sorte.

Não havia dito nenhuma palavra sobre isso a Dick, mas, apesar do prazer que senti enquanto estivemos fora, a chegada desse envelope havia ocupado um canto escondido em minha mente durante toda a viagem. Fosse enquanto fazíamos compras ou relaxávamos, fosse dormindo tarde ou enquanto éramos mimados no *spa*, ele se fazia presente na ausência. Agora o resultado estava aqui.

Eu reconheceria o logotipo azul brilhante do centro de diagnósticos em qualquer lugar e sabia que Dick também. Perguntei-me se ele se lembrava de que estávamos naquela época do ano novamente. Fiz as contas de cabeça: trinta dias entre a mamografia e o dia em que saímos de férias. Certamente eles teriam me ligado antes se houvesse algum problema. Uma vez, após a mastectomia, eu tive que voltar para fazer outros exames, mas tudo acabou bem, lembrei-me.

Eu não queria que Dick soubesse das novidades contidas no envelope antes de mim. Por que preocupar Dick, pensei comigo mesma, se apenas alguns minutos mais tarde eu poderia verificar o conteúdo e, em seguida, anunciar, com dignidade, que havíamos conseguido escapar novamente?

Mas, no exato momento em que meus dedos agarraram o envelope com o endereço azul brilhante do remetente, a mão de Dick segurou a minha e nós brigamos pelo controle daquela fina folha de papel.

Ele também havia reconhecido o endereço azul do remetente. Lewis-Gale Medical Center, Departamento de Radiologia. Mais tarde, ele confessou que havia visto meu calendário e sabia exatamente quando eu havia feito a mamografia. Ele também fez sua vigília durante as férias. Assim, mesmo nos momentos em que estivemos mais próximos, o resultado foi algo que esteve entre nós, apesar de nenhum de nós ter admitido isso para o outro. Os belos olhos verdes que há apenas alguns momentos haviam me olhado com amor, agora exibiam um olhar vazio, como se estivessem se preparando.

De alguma forma, consegui arrebatá-lo da mão dele. Sem o envelope para segurar, Dick parecia ainda mais desamparado, sem ter sequer a ilusão de controlar a situação. Ele virou a chave da fechadura da porta da frente. Eu girei a maçaneta. Enquanto mantinha o envelope longe dele, pensei em todas as sacolas de compras da nossa viagem de fim de semana. A minha compra favorita foi a de um par de sapatos de veludo

preto que me fizeram me lembrar de Audrey Hepburn. Talvez eu surpreenda a todos e morra em grande estilo.

Já no vestibulo, virei-me para Dick abruptamente.

— Aqui — eu disse. — Pegue. Você é o chefe desta família. Leia para mim.

Relutantemente, ele aceitou. Quando recuei, minha bolsa bateu em alguma coisa que estava perto da mesa estreita do corredor. Era uma foto dos pais de Dick quando jovens. Cheia de remorso, peguei o retrato. O vidro havia quebrado, mas a fotografia estava intacta e poderia ser emoldurada novamente. Olhei para cima e vi Dick e eu refletidos no espelho oval dourado que tinha vindo da casa da minha avó. Notei as veias salientes como cordas no pescoço de Dick, o movimento para a frente de sua bonita mandíbula, o sangue que correu para transformar seu rosto em uma máscara de raiva que encobria um sentimento ainda mais profundo: medo. Medo de perder.

— Aqui está, Carol. Leia. Sinto muito — ele disse. — As notícias serão boas. Vamos chegar a essa parte, ok?

— Você sabe como eu odeio essa conversa alegre — certo?

Pobre Dick. Ele não podia ganhar para depois perder. Meus dedos rasgaram o papel em um único movimento e percorri o conteúdo com os olhos. *Cara Sra. Wall: Sua última mamografia...* dizia, e então, no espaço de vários segundos, me senti como se fosse a heroína de um daqueles filmes antigos, parada de pé sobre o parapeito da janela de um prédio de vinte andares, enquanto a multidão abaixo se juntava para assistir ao espetáculo.

Puxei uma cadeira da sala de jantar e sentei-me.

— Não é bom — eu disse.

— O que você quer dizer?

— É o outro seio desta vez. O “saudável”. Eles querem que eu volte para fazer outra mamografia.

— Oh, meu Deus.

— Eu falei — disse, contraindo o estômago.

Conforme meu autodomínio caía por terra, o olhar de Dick se endurecia. Sufoquei vários soluços silenciosos. A pressão sobre meu diafragma aumentava.

— Agora, ouça — ele começou o sermão, andando de um lado para o outro, como se estivesse fazendo as alegações finais em uma espécie de

tribunal do júri. — Você não pode ficar nervosa com cada ruga que aparece. Você teve câncer...

Comecei a roer as unhas, fazendo o possível para dar a impressão de ser um adulto que havia recebido algumas notícias ligeiramente decepcionantes. Pisquei rapidamente para refrear as lágrimas.

— Sério, Dick? Que parte do meu câncer de seio parece ser simplesmente uma ruga para você? Tirar uma parte do meu corpo? Ficar deitada em uma mesa enquanto todo mundo sai em disparada antes que a minha dose de radiação seja aplicada?

Dick colocou as mãos nos meus ombros. Ele tentou exibir uma voz calma:

— O que eu quis dizer, Carol, é que primeiro temos que tentar entender com o que estamos lidando. Não podemos reagir a cada pequena coisa que acontece. Você vai simplesmente voltar lá e deixar que eles façam outros exames. Eles estão sendo cautelosos. Não é isso que nós queremos que eles sejam?

— *Nós?* — gritei, perdendo a compostura. — Esse é um lugar ao qual você não pode ir. O que você faz quando eu estou em cirurgia? Você pega uma xícara de café, lê o jornal na sala de espera. Quando eles fizeram a biópsia, você simplesmente deu a eles o seu número de celular e mandou que ligassem para você no escritório. Você acumulou algumas horas e foi pago por elas, enquanto eu passava pela faca. Será que você consegue colocar isso na cabeça? O amor que existe entre nós, nossos filhos e nossa casa, têm sido o centro de nossa vida desde que mal tínhamos idade para votar. É isso que *essa doença* ameaça. A pior parte é que não podemos controlar o resultado. O fato de você ser tão saudável vai ficar entre nós. Simplesmente sei que vai. Já me sinto excluída, sem valor e ressentida. Espere para ver.

Dick pareceu atordoado. Ele passou os dedos pelo cabelo. Olhou para o lindo tapete oriental que ancorava a mesa da sala de jantar e as cadeiras. Nós o compramos em Richmond alguns anos atrás, quando nossos filhos eram pequenos e demos uma escapada. As cores do tapete haviam esmaecido ao longo do tempo, fazendo-me lembrar da vida que Dick e eu tivemos durante mais de trinta anos. Pensei em nossos três filhos, nas brincadeiras que tinham feito sobre este tapete, no leite e nos pedaços de

biscoito que haviam derramado sobre ele. Todos nós havíamos deixado nossa marca.

— Nós sempre tivemos muito a perder — disse eu, cheia de remorsos por minha explosão.

— Eu sei — ele disse.

— Não consigo ficar calma com uma coisa como essa, Dick. Não sou assim como você.

Dick tinha um olhar distante em seu rosto quando comecei a pensar em como detestava aquele lugar, o departamento de radiologia. Era como estar no túmulo... sem janelas... frio. Havia me ocorrido, em um momento particularmente mórbido, que eles poderiam muito bem ter situado o necrotério nas proximidades, convenientemente perto, para depois de terem acabado de matar você de susto. Todos eram tão simpáticos lá, tão prestativos. Mas a ideia de que eles sabiam algo sobre que mim que eu ainda não sabia me deixava louca.

Pensar em doença e morte inevitavelmente me fez voltar à infância. Todos os caminhos me levavam àquela época. Lembro-me de quando papai, Judy e eu fomos diagnosticados com o vírus da poliomielite. Eu tinha provavelmente cinco anos então. Papai ficou no hospital por um breve período. Enquanto isso, o restante de nós ficou de quarentena em casa. A crise logo acabou, mas cobrou seu preço da mamãe. Um dia depois que papai voltou do trabalho, ela teve o que devia ser um ataque de pânico: ela deitou-se no sofá e me disse para chamar papai no trabalho. Isso nunca, jamais havia acontecido, e eu instintivamente sabia que era meu trabalho manter a calma e tentar manter mamãe calma até papai chegar. Assim, enquanto ela estava deitada no sofá, com uma mão no coração, sentei-me no chão ao seu lado e fingi ler as histórias em quadrinhos. Foi nesse momento que as coisas realmente ficaram estranhas. Quando papai chegou em casa, ele e mamãe decidiram que a melhor forma de atrair a menor atenção possível dos vizinhos era evitar chamar uma ambulância. Então, em vez disso, eles chamaram um amigo de papai que possuía uma funerária e pediram para ele enviar um carro fúnebre para mamãe. Enquanto eu e Judy ficávamos em pé na varanda da frente, como dois jovens membros da guarda de honra, levantaram mamãe em uma maca e desceram os degraus para fazê-la deslizar para dentro do carro fúnebre. Desde então, me pergunto que diabos fazer com esse incidente. Mamãe teria mais medo da

doença do que da morte? De minha parte, sabia que sentia um medo mortal das duas.

— Preciso de um pouco de ar — disse Dick. — Assim que você marcar sua consulta, por favor, me avise. — Antes que eu pudesse responder, ele pegou as chaves novamente. — Existem algumas coisas que preciso verificar no escritório.

Observei-o se afastar apressadamente em seu carro e em vez de me sentir abandonada, fiquei aliviada ao vê-lo partir. Dick e eu precisávamos nos afastar um do outro por algumas horas. Naquele momento, só iríamos lembrar um ao outro o quanto tínhamos a perder e o quanto estávamos aterrorizados. Então, como se houvesse sido planejado, vi Giles dirigindo seu Neon pela nossa rua.

O carro de Dick tinha ido embora e Giles provavelmente pensou que ainda não havíamos voltado de nossa viagem. Espiando lá fora, vi como ele foi direto trabalhar junto ao canteiro de flores que havia construído na frente, entre os buxos, onde grandes pilhas de pés de maria-sem-vergonha laranjas e roxas irrompiam em encantadores montes coloridos. Havia também duas pequenas roseiras, uma para Lok e uma para mamãe.

Alguns momentos depois, da janela da cozinha, observei-o inspecionar o jardim de flores silvestres que havíamos criado recentemente ao lado do bebedouro dos pássaros. As pedras eram lisas, bastante desgastadas pela água que fluía ao longo do tempo e cercavam flores que pareciam contentes por estarem livremente organizadas, com seus botões despontando aqui e ali, chegando até mesmo a se entrelaçarem. Havia sapatinhos de princesa, margaridas amarelas, trilliums pintados e assim por diante. Ele fez tudo da forma como havia prometido.

A sombra do cornus criou um padrão na grama quando Giles se moveu para verificar a margem do rio. Ele fazia pausas, aqui e ali, inclinando-se para arrancar uma folha ou para esparramar a terra com as mãos. Por que será que eu não podia ficar serena como ele?

Nossa casa parecia quieta demais. Rhudy foi se hospedar em um hotel para cachorros durante toda a semana, então não estava ali para me distrair. O que eu mais queria era falar com Giles. Gostaria de perguntar-lhe como ele conseguia lidar com o lado emocional de se ter câncer. Sabia que ele não se importaria com a pergunta. Mas, apenas alguns momentos depois, saí para descobrir que ele havia ido embora. Como se houvesse simplesmente

desaparecido. Quase me perguntei se ele realmente havia estado lá ou se eu o havia evocado apenas por necessidade.

Estaria eu ficando louca afinal? Dick muitas vezes havia dado a entender que eu sempre cedia aos meus medos mais profundos, respondendo às ondas de emoção e a pensamentos estranhos arraigados em mim antes mesmo de conhecê-lo. Fui para dentro pegar a coleira de Rhudy. Seu amor cego por mim era puro e ele não se importava se eu estava usando uma roupa de hospital ou se não lavava meu cabelo há dias. Essa pequena criatura, sortuda e salivante, não sabia o que era câncer. Eu não teria jamais que consolá-lo quando eu mesma estava por um fio.

Uma vez em casa, Rhudy parecia especialmente feliz por se aconchegar ao meu lado. Eu havia ido para a cama mais cedo e meu jantar foi um simples sanduíche em uma bandeja. No andar de baixo, Dick olhava para a monótona TV de sua cadeira de couro, como sempre. Havia trazido meu caderno para cima comigo, mas não pude me distrair com a jardinagem, não esta noite. Em vez disso, joguei-o na mesa de cabeceira, mas errei por pouco e ele escorregou para o chão, com as páginas abertas. Rhudy levantou a cabeça do travesseiro do Dick.

As fotos dos meus filhos me olhavam docemente da prateleira. Algumas eram da escola, outras eram poses profissionais da época em que os fotógrafos montavam seus estandes nas lojas de departamento da Kmart ou da Hills. Minha mente voou para a época em que eles eram todos loiros, antes dos cabelos escurecerem e ficarem morenos. Eles eram adoráveis e divertidos, exatamente como se esperava que fossem. Lembrei-me de como costumava niná-los para dormir quando eram bebês.

Não pela primeira ou última vez, eu me perguntava por que diabos meus pais não tinham simplesmente me deixado chorar um pouco mais em vez de me levar correndo a algum médico elogiado da cidade em busca do mais recente tratamento.

Pensei nas majestosas magnólias de Sarah Driscoll com suas flores vistosas. A árvore estava deslumbrante, atingindo orgulhosamente o céu para que todo mundo visse. Vendo pelo lado de fora, o observador desavisado não teria a menor ideia de que a madeira fosse, na verdade, macia e imprópria para construção. Da mesma forma, o diagnóstico de câncer que me deixou sentindo tão vulnerável e enfraquecida não era algo que pudesse ser visto. Mesmo a cicatriz deixada após minha mastectomia

era pequena, insignificante. Vendo através das lentes do amor, Dick achava que eu era bonita e me disse isso muitas vezes. Mas o medo que eu guardava dentro de mim era algo completamente diferente. Eu podia aplicar a maquiagem com uma mão habilidosa ou me vestir para exibir meu corpo, mas, por dentro, lutava contra a sensação elementar de haver falhado. Eu sabia que era horrível e contraproducente me sentir assim, mas não conseguia evitar. Alimentava terríveis fantasias do quanto seria fácil Dick recomeçar sua vida depois que eu me fosse. Sua primeira mulher — eu — acabou por se descobrir, era um verdadeiro limão, mas ele teria mais sorte na segunda vez. Encontraria alguém tão saudável e vigoroso quanto ele.

Eram pensamentos horrorosos e Dick não os merecia. Mas sentir pena de mim mesma era como rolar um montanha coberta de grama — quanto mais se fazia, maior a velocidade e mais difícil parar.

Dick se ofereceu para ir comigo fazer o ultrassom de acompanhamento, mas eu disse a ele que não, que nem pensasse nisso. O que eu não disse foi que não suportaria ficar ali sentada com os medos dele e os meus alimentando-se uns dos outros e de alguma forma se multiplicando. Disse que ele não deveria se preocupar, eu poderia facilmente pedir para Sarah ou outra amiga que fosse comigo. Mas mesmo quando disse isso, sabia que iria sozinha. Eu não queria ser anfitriã do câncer, enquanto minha amiga tentava me tranquilizar ou enquanto eu tentava ser positiva por ela. O máximo que eu podia fazer era sentar na sala de espera sozinha, com os braços em volta do meu próprio corpo, como para me manter fisicamente inteira.

Depois disso, eu ficaria escondida por algumas semanas, evitando olhares penetrantes e perguntas curiosas enquanto rezava para que tudo ficasse bem. Eu não me importava em contar os detalhes da minha aventura médica depois de obter um resultado benigno. Depois do final feliz, pode até ser divertido admitir que, enquanto estava aparentemente calma, na verdade eu era puro pânico. Eu poderia brincar sobre temer o pior e sobre minha discussão com Dick. Eu administraria os fatos e controlaria minha mensagem. Talvez fosse isso o que minha mãe estava fazendo quando a levaram embora no carro fúnebre.

Engoli um Xanax e comecei a ficar cada vez mais sonolenta. Quando estava quase dormindo, ouvi os passos cansados de Dick na escada. A lua estava pálida e fria. Ela me espiava através de uma abertura entre as

cortinas. Joguei as cobertas para trás e aguardei na esperança de que Dick viesse deitar ao meu lado.

Três dias depois, sentindo-me zozza em um pequeno cubículo, tirei meu suéter. Depois foi a vez do sutiã. Pendurei-o num cabide. Deus que me perdoe, mas evitei usar rosa. Atualmente escolho cores de que gosto mais e que parecem mais adequadas para a ocasião — chocolate e cinza escuro acobreado.

Uma das enfermeiras colocou a cabeça na sala onde eu estava me trocando e disse:

— Não se esqueça de pegar um adesivo para a “*Big Pink Parade*”, o “Grande Desfile Rosa”. É para o mês de Conscientização sobre a Prevenção do Câncer de Mama. Este ano o prefeito vai falar.

Examinei a expressão da enfermeira. Ela parecia sincera. Se eu tivesse que pensar em um desfile em prol do câncer de mama, certamente não usaria rosa. Em vez disso, gostaria de ver uma fila de cientistas com seus jalecos desfilando por montanhas distantes. Seriam homens e mulheres não sexualizados com os cabelos cortados de forma discreta, usando óculos e carregando lápis apontados. Eles estariam procurando a cura. Pensei em uma conhecida, Dora, que disse uma vez que manteve uma atitude positiva quando foi chamada novamente para fazer mais alguns exames e atribuía os resultados benignos que se seguiram à maneira positiva de controlar seus pensamentos. Os pensamentos que eu controlava naquele momento se referiam a bater a cabeça de Dora até que sua alegre voz parasse de chiar. Tirando esse pensamento claramente não cristão, eu sabia que não faria nada para que esse exame desse certo, e se ao menos Deus simplesmente cooperasse e fizesse tudo desaparecer.

O ultrassom de acompanhamento mostrou o que a mamografia havia apenas sugerido. Havia uma lesão, quase certamente maligna. O exame seguinte mostraria ainda mais e meu lindo oncologista já havia me dito que era provável que eu fosse enfrentar uma dupla mastectomia. Enquanto esperava ser chamada para o exame, pensei em como amava minha casa: o armário pequeno demais onde empilhava ao acaso nossas xícaras de café, as maçanetas que precisavam de polimento, a campainha que precisava ser

consertada e até mesmo o pó que caía sobre os móveis. *Por favor,* supliquei, *que tudo isso esteja lá para mim quando eu voltar.* Prometi não contar com nenhum prazer ou aborrecimento, grande ou pequeno, que Deus me concedesse em sua sabedoria e misericórdia.

Duas horas mais tarde, meu surto de oração positiva foi substituído pelo entorpecimento cultivado na esteira do terror. Tropecei como um robô no estacionamento em frente à entrada do departamento de radiologia. O sol, um ponto pálido e branco, brilhava impiedosamente. Minha garganta estava arranhada por causa dos comprimidos de Xanax que eu havia engolido sem levar em conta a dosagem apropriada. O carrinho de golfe, cortesia do hospital, decorado com um adesivo rosa no para-choque, parou para me oferecer uma carona até meu carro. Aparentemente, eu parecia um pouco bêbada.

— Só me mostre onde está o seu carro — o motorista mais velho ofereceu e teve paciência enquanto eu pensava um pouco em minha resposta.

Parei um momento para ligar para Dick. Nossa conversa foi breve. Ele me garantiu que ficaria tudo bem.

Eu disse:

— Sim. É claro. Com certeza.

Deixei-me levar por uma fantasia na qual me via inclinar para frente, implorando ao homem mais velho na direção que dirigisse mais rápido. Vi uma mulher saudável saindo de seu carro e entrando na nossa frente. Ela conseguiu escapar de ser atingida, mas imaginei a mim mesma caindo, os membros macios, o cabelo voando livre, num gracioso salto mortal para encontrar meu destino. Eu morreria com um olhar de choque em meu rosto e o batom intacto, a eterna animadora de torcida que estava envelhecendo e apenas mais uma vítima trágica da direção imprudente. Um administrador graduado do edifício telefonaria para Dick dizendo: “Ela morreu após uma corajosa batalha envolvendo o nosso serviço de transporte em carrinhos de golfe. Você pode continuar a levar uma vida normal agora”. Vi meus pais desamparados, confinados à cama, e alguém dizendo que eu estava “de férias por um tempo”. Imaginei Rhudy rodando em volta de sua tigela de água, esperando em vão pela minha volta.

Precipitando-me ladeira abaixo no carrinho de golfe, sem confiar nem um pouco que tudo ficaria bem, pensei em todas as coisas que odiava nas

conversas sobre câncer que eu estava prestes a colocar em movimento. Ouvi o telefone e a campainha da porta tocarem. Vi os cartões com imagens do pôr do sol, arco-íris, anjos, Jesus, trevos de quatro folhas, Bíblias abertas, nuvens flutuantes ou campinas pontilhadas de flores se estendendo sem nenhum verdadeiro fim à vista. Eu sabia que deveria ser grata pela preocupação que, sem dúvida, se seguiria às notícias esperadas. Mas que Deus me ajude, tudo isso me deixava cansada.

Em casa, esperei Dick chegar do trabalho. Eu o vi sair do carro e o esforço parecia esgotá-lo. No começo, ele não me viu, embora nossa porta estivesse entreaberta. À medida que caminhava, ele me viu e havia uma pitada de coragem no sorriso que ele ofereceu, mas seus olhos escureceram e eu podia jurar que ele recuou. Mais um dos meus pensamentos sombrios pousou sobre mim como neblina venenosa. Havia outras mulheres no mundo. Imaginei como elas empurrariam seus seios saudáveis em direção a ele e como os seus penteados brilhantes ficariam sugestivamente ondulados enquanto mastigavam a marca secreta de vitaminas eficazes para prevenir coisas como esta.

No entanto, era a mim que ele queria, e eu sabia disso. O que, de alguma forma, tornou isso tudo ainda mais angustiante. Eu detestava o que meu corpo estava fazendo com ele — conosco.

Lá dentro, deslizamos nossos braços em volta um do outro, igualmente desanimados e num encaixe perfeito, como sempre. Mas ainda havia aquela separação que eu não conseguia deixar de sentir em momentos como este. Nós pertencíamos a dois reinos diferentes, Dick e eu. Os sãos e os doentes. As facas afiadas estavam se revelando para mim, não para ele. Pode ser que eu também precisasse fazer quimioterapia, mas só saberíamos com certeza depois da cirurgia.

Dez anos atrás, em nossa primeira relutante viagem pelo reino das surpresas celulares, fomos forçados a soltar algumas frases para nos alegrar. Diríamos um ao outro: *As coisas ficarão bem. Somos fortes. Segure firme. Eu estarei do seu lado.* Desta vez, Dick disse que não havia problema em ficar brava. E então nos abraçamos em silêncio.

Acima de nós, estava a lanterna onde pendurávamos nosso visco todos os anos. Ficamos ali abraçados, esperando apenas conseguir passar por esse momento e pelo próximo.

Capítulo 13



Um Lindo Céu

O veredito foi proferido e seria feita uma mastectomia dupla.

Se eu chorei? Ah, chorei sim.

Chorei sozinha, antes e depois de cumprimentar Dick.

Com a porta do banheiro trancada, pressionei uma toalha em meu rosto. Ao sair, tentei manter uma sensação de calma. No jantar, Dick admitiu que tinha uma reunião marcada com um cliente no trabalho. Insisti para que ele fosse. Dick já havia me feito o favor de contar as novidades para nossos filhos, porque eu não poderia suportar fazer isso.

— Verdade — disse a ele — vou ficar bem. Tenho algumas coisas para fazer. E preciso de alguns itens do supermercado.

Ele me olhava desconfiado enquanto pegava sua pasta e trocamos um beijo recatado. Então o vi entrar no carro. Uma estranha que se parecia vagamente com Carol cumprimentou-me no espelho enquanto eu limpava as manchas do meu delineador e passava e repassava um batom ao longo de meus lábios ligeiramente inchados.

A mastectomia levaria várias horas e a reconstrução várias horas mais. Seriam envolvidos dois cirurgiões, um para a mastectomia e um cirurgião plástico para a reconstrução. Seria realizada em um sábado, quando a sala de cirurgia fica disponível o dia inteiro. No início da cirurgia, eles verificariam os linfonodos para ver se o câncer havia se espalhado — uma

“biópsia de linfonodo sentinela”, como chamavam o procedimento, o que soava como algo saído de *Jornada nas Estrelas*. A primeira vez que o cirurgião usou esse termo, me senti como se estivesse batendo continência. Se os linfonodos estivessem limpos, então não teria que fazer quimioterapia. Se...

Não conseguia pensar nisso naquele momento. Em vez disso, me sentei para fazer a lista do supermercado. Em seguida, entrei em minha perua e dirigi até a Foodland.

Fiz compras de forma eficiente, desviando os olhos, esperando não ser reconhecida por ninguém que estivesse com vontade de conversar. Eu não queria nem mesmo ver Giles e me senti aliviada quando vi que não havia sinal dele nos caixas.

Dirigi-me rapidamente ao estacionamento, com minhas compras fazendo barulho no carrinho. Um pôr do sol ardido de verão purificava o céu. Sua beleza me atingiu como uma dor física e a lembrança de minha família me inundou, deixando-me incapaz de respirar mais uma vez. Eu é que deveria confortá-los. Como é que eu podia fazê-los sofrer assim? Amigos bem intencionados haviam me pedido para ir a um grupo de apoio na época de meu primeiro diagnóstico, mas sempre resisti. Agora me perguntava se realmente não precisava conversar com outras mulheres que estavam enfrentando os mesmos medos que eu. Mas depois pensei: Não. Uma observação isolada me faria titubear e eu teria certeza que os sintomas de todas as outras pessoas indicariam coisas que meus próprios médicos haviam deixado passar.

O Neon de Giles precipitou-se no estacionamento assim que cheguei ao meu carro. Eu não poderia enganá-lo, então, em vez disso, tentei evitá-lo, mantendo a cabeça baixa e pretendendo saltar para dentro do carro e ir embora antes que ele pudesse me reconhecer.

Mas então percebi com que alegria ele caminhava para um trabalho que nunca pretendia ter. Não importa quantas decepções houvesse experimentado, ele nunca havia se isolado em uma concha de tristeza, como eu ansiava por fazer. Giles manteve o rosto voltado para o céu e os braços abertos para o mundo.

Então mudei de ideia quanto a sair correndo. Bem ali, no estacionamento da Foodland, onde qualquer pessoa poderia escutar, fui até Giles e extravasei as tristes notícias. À medida que eu falava, o franzido das

sobrancelhas ficava mais pronunciado. Esse é um câncer diferente, não é uma recorrência ou metástase, expliquei.

— Não é um retrocesso? Por favor, diga que entende. Alguma vez você já se preocupou achando que seu câncer iria voltar?

— Sim. Pode voltar. Eu me preocupo.

Seus olhos estavam claros, como se estivesse perscrutando o horizonte em busca de nuvens de tempestade. Quando outros clientes passavam por nós, ele esperava até que eu contasse mais.

— É tão injusto! — falei sem pensar, como uma criança. Seu sorriso era tenso, e eu continuei. — Desde o derrame de minha mãe, realmente comecei a achar que sobreviveria a ela. Achei que ela morreria antes que o câncer pudesse me alcançar novamente e, assim, não teria que conhecer a dor de enterrar outra filha.

Giles balançou a cabeça e tive a sensação de desaprovação. Desesperada para fazê-lo entender, tentei novamente.

— No fundo, papai queria que eu a protegesse, como sempre fiz, desde que fiquei grande o suficiente para entender aqueles pequenos retratos na gaveta. Mas agora ele está doente e não pode dizer isso. Minha mãe, impotente em sua cama, não pode nem fazer uma pergunta. Dessa vez, eu é que deveria ser a pessoa saudável, cuidando deles. Minha vida deveria tornar as coisas melhores para eles, não piores. O que nós vamos fazer, Giles? Estraguei tudo de novo!

Gesticulando, tirei minhas mãos do carrinho e ele foi parar no meio do caminho de uma perua que dava marcha à ré. Giles resgatou-o a tempo. Em seguida, me ajudou a colocar as sacolas na perua.

— Você não é responsável por essa doença. Ela aconteceu com você. Você tem que ficar bem por você mesma e se libertar desse sentimento de aflição. Os membros de uma família desejam essa saúde e essa liberdade uns aos outros.

O conceito dessa liberdade era mais desconhecido para mim do que eu poderia exprimir para Giles. E, de certa forma, me assustava. Vivi muito tempo sob o peso da crença de que era responsável pela felicidade dos meus pais. Perguntava-me se eu não poderia apenas flutuar para longe, tão insubstancial como uma pena, caso me livrasse de uma característica tão básica. Mesmo assim, me vi respirando mais profundamente, meu pânico dissipado pela calma determinada de Giles.

Nesse exato momento, um vizinho, Robert Maxim, passou por nós de shorts e chinelo. Sua camiseta do exército estava molhada, como se ele estivesse lavando seu carro e não houvesse parado para trocar de roupa.

— Oi, pessoal. Um lindo céu ali, não?

Giles e eu nos interrompemos para olhar o tom de rosa que se dissolvia em outros tons de rosas no céu.

— Está um lindo céu — respondi, esperando parecer interessada.

Robert fez que sim com a cabeça e continuou.

Olhei novamente para Giles.

— Liberdade. Faz todo o sentido. No entanto, não sei se consigo.

— Você tem muitos, muitos pontos fortes — disse Giles.

Como eu queria — esperava — que fosse assim. Giles me fez acreditar que poderia ser. Um nó se formou na minha garganta e eu engoli apesar dele.

— Quem diabos vou me tornar, além deste poço de amargura?

— A doença entra na vida de todo mundo, mas não devemos deixar que ela nos defina — disse Giles como resposta. Suas palavras eram reconfortantes, mas não pude deixar de notar que o homem que as disse parecia estranhamente perturbado.

Na noite antes de minha cirurgia, senti uma forte necessidade de dar um último beijo em mamãe e papai, um pouco como costumamos fazer quando enfiamos as crianças na cama e desejamos que elas tenham lindos sonhos. Dirigi-me sozinha a Heathwood Hearth.

Fiquei aliviada ao descobrir que mamãe já estava dormindo. Seu rosto estava tranquilo e sua respiração estável. Com sorte, eu não precisaria de quimioterapia e minha recuperação seria rápida o suficiente para que pudesse voltar a fazer minhas visitas periódicas em apenas algumas semanas. Coloquei uma mão no cobertor dobrado sob seu queixo e me lembrei de como Judy e eu gostávamos de chamá-la no meio da noite, quando estávamos doentes, de como ela sempre vinha, uma presença angelical que instantaneamente me fazia sentir melhor. Naquele momento, sufoquei meu impulso de chorar por nós duas.

No quarto de papai, encontrei o homem que costumava ser meu pai roncando pesadamente em sua poltrona. Ele se assustou, sentindo que havia alguém próximo.

— Dick e eu vamos fazer uma pequena viagem — sussurrei para ele — mas estarei de volta antes que você perceba. Vou trazer algo de nossa viagem para você. Por favor, obedeça às enfermeiras enquanto eu estiver fora.

Fiquei perturbada por estar falando com meu pai como se ele fosse uma criança. Eu sabia que era a coisa certa a fazer, esconder meu novo diagnóstico deles, mas eu queria ser confortada, e não o contrário, queria ser capaz de colocar minha cabeça no colo de papai e ouvi-lo me dizer que tudo ficaria bem, que ele cuidaria de mim.

Ele olhou para mim, a boca ligeiramente aberta, como se estivesse perpetuamente surpreso, respirando com esforço exagerado.

Tudo bem, disse a mim mesma. *Tivemos nossos momentos*. Então virei-me para ir embora. Por incrível que pareça, no entanto, enquanto saía, ouvi sua voz suave de velho chamando meu nome.

— Carol, alguma coisa errada? — ele limpou a garganta. — Pelo seu jeito, parece que tem algo errado — ele repetiu de forma convincente.

Suas sobrancelhas se uniram em uma ruga, o que me fez lembrar dos meus anos de crescimento. O olhar era penetrante e tive um lampejo do homem que era impossível enganar, embora fácil de adorar. Sua ideia de disciplina consistia em uma grande ruga entre as sobrancelhas, que era usada para os grandes delitos, como contar mentiras ou demonstrar um desrespeito descarado com ele ou com mamãe. Também havia a pequena ruga, para coisas menores, como um amassado no para-choque de nosso Dodge Dart Swinger, causado pelo meu bate-papo com um amigo adolescente, e por cantar junto com uma canção dos Beatles enquanto dirigia. Eu teria vendido minha alma para continuar tendo o respeito e a aprovação deste homem sábio e amoroso e para mantê-lo feliz. Era um sentimento que nunca havia diminuído com o tempo e que havia me mantido honrada e respeitável ao longo de todos esses anos.

— Oh, papai. Por favor, não se preocupe.

Meus dedos acariciaram sua testa. Aos poucos, ele relaxou e era quase insuportavelmente triste a forma como ele confiava em mim. Sua expressão se suavizou, mostrando primeiro alívio e depois, contentamento.

— *Wabironenore* — sussurrei. Deixando-o, sufoquei os soluços. No carro, descansei a testa no volante. Pensei no conselho de Giles, permitindo que a tristeza se apoderasse de mim enquanto chorava. As ironias de minha vida me oprimiram. Meus pais só queriam me ajudar ao me submeter a esses tratamentos com radiação quando eu tinha apenas cinco meses de idade. Mas, em vez disso, inadvertidamente haviam plantado uma semente perigosa dentro de mim. Agora eu lutava com meu conflitante desejo de amá-los e protegê-los, enquanto, ao mesmo tempo, queria brandir o punho para o universo — e se eu fosse honesta comigo mesma, para eles — e perguntar: *Por que eu?*

Na verdade, tratava-se da velha questão do envelhecer, um clichê. No entanto, sentada sozinha em meu carro, não me senti nem tão santa nem tão orgulhosa demais para suplicar.

Logo depois das quatro horas da madrugada, Dick nos levou ao hospital. Um pouco mais tarde, eu estava deitada na mesa, preparada para a cirurgia e totalmente sozinha. Temporariamente me rendi ao meu destino. Havia lido que entregar-se dessa forma poderia ser uma estratégia para enfrentar a situação. Ou talvez fosse apenas um reconhecimento da realidade — ninguém é mais vulnerável do que um paciente deitado essencialmente nu em uma mesa de operação. Que opção temos, senão nos entregarmos?

Em todo caso, senti uma súbita calma. Pode ter sido uma piedosa ajuda da paz que supera todo entendimento. Ou talvez tenha sido apenas o sedativo que o anestesiológista acrescentou à minha medicação intravenosa.

No início, simplesmente supliquei: *Por favor, faça com que os linfonodos estejam limpos.*

Depois, menos egoisticamente: *Por favor, guie Lok e todos aqueles, que como nós, alimentam lindos sonhos de voltar para suas famílias.*

Acordei para notícias ruins sussurradas em meu ouvido por Dick.

— Foi tudo ótimo! — ele me disse enquanto eu era levada para meu quarto de hospital na maca. — Você está indo bem!

Ainda grogue, eu não podia nem mesmo pressioná-lo para que fosse mais específico ou perguntar por que ele não tinha me dito se os linfonodos estavam todos limpos.

Quatro horas mais tarde, o cirurgião fez uma visita e eu soube a razão das generalidades e trivialidades esquivas de Dick. Um único linfonodo foi positivo e era tudo o que precisava. Eu teria que fazer quimioterapia.

Senti uma tristeza além de minha capacidade de expressar para Dick ou qualquer outra pessoa. Havia um cerco bem ali nas esquinas e eu não tinha certeza se teria forças para resistir.

Capítulo 14



Vasos de Plantas e Flores Recém-Colhidas

*A*cima das primeiras árvores de outono, o sol lançava para baixo seus raios oblíquos, fazendo com que a calçada em que Giles subia realmente brilhasse. Apreciei a beleza do reino florescente do lado de fora da minha janela, mas poderia muito bem ter sido um mundo longe de mim. Eu estava irremediavelmente presa dentro de casa, prisioneira da quimioterapia.

Espiando Giles da minha sala escura, pensei em quanto tempo fazia desde a última vez que tínhamos trocado pouco mais do que uma palavra apressada de saudação na porta. Ele parecia mais reservado do que o usual naqueles dias, mas disse a mim mesma para não levar isso para o lado pessoal. Ultimamente, não andava fácil encontrar as palavras certas para me dizer.

Até aquele momento, havia feito duas sessões e minha contagem de glóbulos estava baixa. Por isso a quarentena. Supostamente, eu estava sendo mantida em segurança longe dos micróbios, mas eu estava enlouquecendo lentamente com o isolamento. Eu estava proibida até mesmo de visitar meus pais e me torturava imaginando-os como crianças em um acampamento, com todas as malas prontas, mas sem ninguém para buscá-los.

Eu não tinha como mudar a situação, então, em vez disso, sentei na minha janela, como James Stewart em *Janela Indiscreta*, espionando meus vizinhos.

Observei enquanto Sarah conversava com Giles, o rosto corado, o cabelo brilhante jogado para trás e preso pelos óculos de sol. Eles se demoraram, conversando entre si na forma animada que constitui uma segunda natureza para aqueles que estão bem. Era algo com o qual eu contava antes, mas agora ansiava por isso com uma fome da qual podia sentir o gosto. A fadiga em todas as suas formas fluía pelas minhas veias. Até mesmo levantar os braços para o abraço de Dick era um esforço, embora meu espírito cansado quisesse muito isso.

Outro vizinho se juntou à reunião do lado de fora. Era Meg, que segurava seu bebê nos braços e parecia ter alguma dúvida que fez com que todos os três olhassem para trás na direção de seu jardim.

No espelho do vestíbulo, examinei minha peruca. Soube que era feita de cabelo humano vindo da Europa. Tinha uma cor castanho alaranjado, bem grosso. Com grampos para segurar algumas partes da franja para trás, eu imaginava que parecia vagamente “natural”, embora a verdade é que meu rosto havia afinado nas últimas semanas e meus olhos estavam sublinhados por duas listras cinza pouco saudáveis. Talvez fosse melhor mesmo ser banida para dentro de casa. Eu podia apenas imaginar como meus amigos fingiriam que eu parecia estar bem e ofereceriam cumprimentos gentis que teriam que se esforçar para levar a sério.

Todos haviam sido tão simpáticos — prestativos e generosos, extasiados por eu ter recebido outro “bom prognóstico”, pois meu tipo de câncer não era considerado particularmente agressivo.

Eu tinha recebido dezenas de lindos cartões, vasos de plantas e buquês de flores recém-colhidas. A pessoa que havia me substituído na escola enviou-me junto uma pasta com bilhetes de meus alunos. Nosso congelador estava transbordando com cozidos, os balcões da cozinha com tortas, bolos e pratos com biscoitos e o telefone continuava tocando com chamadas de nossos amigos se oferecendo para nos trazer qualquer coisa de que precisássemos.

Mas deixei as ligações irem para a caixa de mensagens. À medida que a quimioterapia avançava, Dick e eu nos tornávamos bons em manter as aparências, mas a verdade era que nós dois estávamos esgotados com o

fardo. O que eu precisava naquele momento era difícil de dizer e ainda mais difícil para qualquer pessoa entender. Eu precisava que este câncer metastático, presente em um único linfonodo, voltasse no tempo, evoluindo para algo totalmente saudável e benigno ou para algo que nunca existiu — uma sombra em uma mamografia que acabasse não sendo nada. Meu primeiro diagnóstico pode ter terminado suficientemente bem, mas este segundo me trouxe uma mensagem inexorável: *Sou o câncer e estou aqui enquanto puder. Escolhi você. Você jamais irá fugir.*

Bienta calmamente juntou suas mãos, as pontas dos dedos apenas se tocando. Isso aconteceu alguns dias depois e ela ocupou seu lugar atrás de mim em minha penteadeira. Eu a vi pelo espelho enquanto puxava um pedaço de tecido azul claro de sua bolsa de tricô. O sol estava se pondo, e Dick estava em uma reunião com os sócios, portanto, Bienta e eu estávamos sozinhas. Dick não queria que eu a convidasse para vir em casa. Ele vivia me lembrando de minhas imunidades suprimidas. Usei o ilógico argumento de que uma vez que Bienta era enfermeira, seus micróbios não ofereciam perigo. Além do mais, disse a ele, eu estava ficando louca em casa e espiar pela janela as pessoas felizes conversando na rua havia tomado um aspecto patológico. Eu precisava da ajuda de Bienta. Minha peruca estava começando a ficar solta, e eu estava com medo de parecer uma doida varrida caso tentasse sair de casa com ela parecendo completamente torta. Eu queria que Bienta me ensinasse como fazer um daqueles lindos turbantes que às vezes ela usava na igreja.

Olhos afastados do espelho, deixei minha peruca escorregar e coloquei-a no isopor duro e branco. Ela tinha um ar meio altivo ou jefersoniana, jazendo ali. Mas não havia nada altivo naquilo que vi no espelho. Vi-me admitindo uma coisa para Bienta que não pude suportar contar para Dick. Desde que a quimioterapia levou embora meu cabelo, comecei a tomar banho à noite, sem ligar a luz do banheiro.

— Sério?

— Por favor, não conte ao Dick. Ele não sabe.

— Entendo — ela respondeu rapidamente, mas seu tom não mostrava nem choque nem recriminação. Alguma coisa na maneira reservada como

ela controlou sua expressão facial sem trair o que realmente sentia me pareceu totalmente familiar. Eu me reconheci na forma como ela se obrigou, de forma determinada, ao que parece, manter todas as promessas que havia feito.

Pela janela da cama, vi a lua, uma presença flutuando no céu de um roxo profundo. Suspirei.

— Minha hora favorita do dia — confessei prontamente.

— É?

— A escuridão é minha amiga — ofereci, encorajada pelo interesse de Bienta e pelo aconchego envolvente da noite iminente. — Ela ajuda em minha campanha para minimizar meus vislumbres de nudez aqui em cima. — pressionei a palma da mão em meu couro cabeludo. Parecia estranho, como se fosse de borracha. — Também imagino que vejo câncer por todo o meu corpo. Controlo verrugas, caroços, inchaços. Reparo em manchas, erupções, sangue de qualquer orifício. Também controlo para ver se encontro reentrâncias, bolsas ou rugas. Respiração ofegante, dores de cabeça, indigestão e várias cicatrizes antigas também compõem a lista imaginária. Não consigo desligar, Bienta. Então, em vez disso, desligo as luzes. Pelo menos, esse interruptor é algo que eu controlo.

Animeei a mim mesma. Supus que Bienta fosse me dizer que eu precisava de um orientador psicológico. Eu já havia cuidado dessa parte, no entanto. Tinha uma boa terapeuta e a via todas as semanas. Mas, o que eu também precisava realmente, era da amizade de uma mulher que não se assustasse com o meu desvio do *script*. Eu simplesmente não podia fingir ter espírito esportivo o tempo todo, enquanto doses controladas de veneno gotejavam em meu corpo — um corpo que eu não reconhecia mais. Acontece que eu não era uma dessas mulheres que adotavam o uso da cor rosa como um símbolo de orgulho e solidariedade e que saía por aí careca com uma flor pintada na cabeça.

No entanto, não achava que Bienta esperasse isso de mim. E, instintivamente, eu também sentia que ela nunca trairia minha confiança. Eu tinha amigos queridos na cidade, mas não havia ninguém que eu pudesse ter absoluta certeza de que não compartilharia meus medos com outras pessoas. E eles não fariam isso por maldade — fariam por preocupação e por terem vontade de ajudar. Mas eu não poderia suportar isso. A cidade era muito pequena. Uma vez, lembrei-me de passar por uma jovem mulher na

rua e me surpreendi porque não lembrava o nome dela, mas recordava vividamente que haviam me dito que seu primeiro filho havia nascido sentado. Longe de mim julgar outra pessoa nesse quesito, mas eu estava determinada a não ser objeto das conversas.

— É. Eu entendo — disse Bienta depois de alguns momentos de cuidadosa consideração. — Fazemos coisas estranhas quando estamos nos escondendo. Na África, você encontraria muitas pessoas que se banham à noite, nos lagos ou rios, à luz da lua, em busca de privacidade. Um banheiro dentro de casa é um luxo.

— Mas e os hipopótamos? Não são perigosos? — lembrei-me de Giles dizendo algo sobre os hipopótamos em uma de suas histórias sobre como era crescer.

— Oh, eles irão matá-la só por esporte — ela disse suavemente. — Verdade. É preciso ter cuidado.

Fiquei impressionada em ver o quanto Giles e Bienta se sentiam confortáveis — ou talvez “acostumados” fosse uma palavra melhor — com o perigo e a morte.

Os olhos marrom-escuros de Bienta encontraram os meus. As cores de nossos olhos eram perfeitamente iguais. Observei a habilidade com que Bienta enrolava seu lindo tecido para transformar minha nudez. No espelho, eu parecia sedutora, feminina e até mesmo misteriosa.

— Você é tão talentosa quanto meu cirurgião plástico — eu disse.

— Você ainda o vê?

— Todas as semanas, ele coloca um pouco de água esterilizada para expandir os implantes. Assim que meus seios atingirem o tamanho que eu desejar, ele irá colocar os implantes permanentes. É outra cirurgia. Talvez na primavera. — era estranho estar falando assim sobre uma parte tão íntima do meu corpo, mas o calmo bom senso de Bienta afastou qualquer vergonha ou embaraço que eu pudesse sentir.

— Pelo menos até o momento, você está feliz com o resultado?

Essa era uma pergunta difícil de responder. Mesmo achando que meus seios pareciam muito bons de uma forma meio abstrata, não pareciam reais para mim. Fui avisada que eu talvez nunca recuperasse a mesma sensibilidade que tinha antes, mas não estava preparada para a profunda falta de sensações. Eu poderia andar pela rua com minha blusa acidentalmente desabotoada e não sentiria o sopro de uma brisa quente

sequer. Embora antes eu tivesse seios pequenos e agora pudesse deixá-los do tamanho que quisesse, sempre gostei deles do jeito que eram.

— Estou com certo medo de olhar para eles — admiti para Bienta.

— Tenho medo de gostar deles, porque não consigo parar de me preocupar achando que outro tumor irá surgir. Levei um susto algumas semanas atrás, porque pensei ter sentido algo e, no final das contas, era apenas uma sutura. Então tenho a impressão de que estou usando duas bombas em meu peito. Se eles não explodirem, bom, então acho que estão muito bons.

O céu escureceu ainda mais. Bienta com seu jeito quieto entendeu tudo o que eu disse e havia algo reconfortante na forma como ela enrolou minha cabeça com metros de seu lindo tecido. Meus seios não pareciam muito ser meus, mas pelo menos, nesse caso não estava usando o cabelo de uma pessoa desconhecida.

— Eu costumava sentir certa liberdade em existir — disse, enquanto estudava os dedos hábeis de Bienta apertarem e colocarem o tecido. — É tão errado assim querer ter isso de novo? Você acha que estou louca? Por favor, diga a verdade.

— Dificilmente, Sra. Wall. Já contei como conheci meu marido? — ela perguntou abruptamente.

— Não, não contou.

— Foi na Faculdade Egerton. Owita estava sentado em uma mureta quando cheguei com minha bagagem e ele pediu a um amigo que nos apresentasse. Eu era da cidade, de Nairóbi. Ele havia chegado, o brilhante e bem sucedido filho da comunidade de Rusinga e membro da nossa tribo Luo.

— Então, depois, ele ajudou você com a bagagem...

— É.

— E foi amor à primeira vista?

— Houve um interesse dos dois lados — ela admitiu, com um sorriso maroto. Ri alto. — Meu pai era religioso e Giles foi batizado um pouco antes de nos casarmos.

— Eu me converti logo depois do meu casamento — disse. — A cidade de Radford achou que tínhamos ficado loucos! Éramos tão jovens e eles nunca haviam ouvido falar numa coisa dessas. Ele tinha dezenove anos e eu vinte — ainda estávamos na faculdade.

— Mas seus pais concordaram?

— Sim. Não conseguíamos ficar separados e eles ficaram com pena de nós. Ou... eles viram... — hesitei. — Eles viram — comecei a dizer novamente. — Acho que, de alguma forma, eles viram nossa felicidade futura. Em sua sabedoria. Não vou dizer mais nada.

Peguei um lenço de papel para secar meus olhos úmidos.

— Temos brigado muito nesses últimos dias, Bienta — puxei outro lenço de papel da embalagem de plástico e levou um tempo até que eu me recompusesse antes de continuar. — Cheguei a dizer que o odiava. Como pude dizer algo assim? Dick ficou ao meu lado, em meio a todas essas provações, mas uma pessoa tem seus limites. Você não acha? E se meu marido, sendo humano, procurar consolo com outra mulher mais atraente, talvez até mesmo mais jovem do que eu? Ele poderia ter mais filhos com essa nova esposa, mais saudável, mais jovem. Ele poderia recomeçar a vida.

Bienta girou levemente a cabeça, mas manteve o olhar em mim.

— Essas ideias são suas ou dele?

— Ontem à noite, sonhei que estava esperando um trem. Senti uma alegria tão grande quando o trem se aproximou da estação e fiquei olhando horrorizada quando ele passou por mim sem nem sequer diminuir a velocidade.

— Isso parece mais um pesadelo — disse Bienta.

Lutei contra as lágrimas enquanto contava o resto.

— De vez em quando, através da janela do trem em alta velocidade, tinha um vislumbre de Dick no vagão-restaurante, com uma pessoa que eu não podia ver. Imaginei a escuridão engolindo Dick e me perguntei se ele sentiria metade da falta que eu sentiria dele.

— Então, ela teria que ser perfeita? — disse Bienta.

— Teria.

— Como você define perfeita? — ela perguntou.

Respondi sem hesitação:

— Alguém que pudesse apresentar uma mamografia normal, certificada pela Clínica Mayo e que pudesse fazer a mala perfeita, andando a passos largos com pernas de bailarina para encontrá-lo no aeroporto a caminho da escapada perfeita!

— A mala perfeita? O que é que ela contém? — fiquei surpresa por ver seu sorriso travesso.

— Vários *negligés* e um bom *tailleur* da Talbots — repliquei impulsivamente. Então, nós duas caímos na risada. Foi um sentimento delicioso, conseguir admitir meus medos mais sombrios em voz alta — e saber que perder Dick, meu amante e melhor amigo, seria muito mais terrível para mim do que ter câncer. Talvez houvesse algum poder em perceber que, na verdade, o câncer não era a pior coisa que poderia acontecer comigo.

Uma hora depois, Dick chegou em casa. Ele me elogiou pelo turbante na cabeça.

— Você está se sentindo melhor, não é? — ele se arriscou a dizer casualmente, enquanto folheava a correspondência.

— Sim. Acho que estou.

Não disse a ele que quando Bienta saiu, um pouco antes, fiquei em pé diante do espelho do banheiro por um bom tempo, estudando os ângulos do meu rosto e carregando na maquiagem, como se fosse noite de formatura ou o dia do meu casamento. Não tinha certeza qual deles era.

Exatamente nesse momento, Giles tocou a campainha, entregando a Dick um vaso de plantas para mim e dizendo que não poderia entrar porque os meninos estavam esperando no carro. Correndo para ficar ao lado de Dick para cumprimentar Giles, rapidamente examinei o cartão de melhoras. Olhando a caligrafia, percebi que Giles havia assinado o nome de Bienta ao lado do seu. Alguma coisa nesse pequeno detalhe prendeu minha atenção. Ele admirou meu turbante e ficou surpreso ao saber que fora Bienta quem me ajudara.

— Quer dizer que ela não disse a você que viria aqui hoje? — eu disse. Giles respondeu que não, enquanto retrocedia para a varanda.

— Eu estava gripado — ele disse, à guisa de explicação, uma estranha explicação.

Comecei a segui-lo até seu carro, mas Dick me conteve com um braço protetor. Eu já havia corrido riscos suficientes por um dia, com minhas imunidades suprimidas.

Lá dentro, mantive a cortina afastada para observar Giles enquanto ele partia. Os meninos estavam no carro, mas Bienta não. Cada vez mais, me

surpreendia ao ver como este casal brilhante, realizado e atraente percorria os mesmos círculos, mas na verdade, pareciam realmente nunca estarem juntos.

12 de setembro

Caros Giles e Bienta,

A espada-de-são-jorge (S. trifasciata laurentii, devo dizer) é absolutamente maravilhosa. Deixei um espaço para ela na cornija de nossa lareira, onde a beleza arquitetônica de suas folhas em formato de lâmina pode ser apreciada mais plenamente. Certamente, quando você selecionou essa planta, tinha em mente meu “dom” para cultivar coisas, pois na ficha de informações diz que ela é uma das plantas de interiores mais resistentes e que só é possível matá-la se for regada em excesso ou se não for regada de jeito nenhum. Tentarei o máximo possível não fazer nenhum dos dois. Vamos todos torcer por isso.

As folhas cinzeladas, eretas, de certo modo me fizeram lembrar do meu bom prognóstico, então celebramos juntos, mesmo em meio aos desafios. Bienta, eu quis salientar ontem que minha cadeira no coro ficará vazia por algum tempo. Você seria mais bem-vinda do que imagina, e poderia facilmente trazer-me algumas notícias sobre as coisas de vez em quando. Um pouco antes de sair correndo para fazer a cirurgia, Mike, nosso diretor, estava pensando na música “He Shall Feed His Flock” de Handel para o Advento. Sabendo como você gosta de “Lord’s My Shepherd” de Crimond, desconfio que essa também seja uma de suas favoritas. Em todo caso, acredite quando digo que suas notas de soprano são necessárias.

Por último, arrisquei-me a dar um passeio de carro com Dick ontem à noite, com meu turbante intacto e o resto de minha roupa escolhido de forma a acentuar o azul celeste do tecido, isto é, calça jeans e uma blusa branca convenientemente selecionadas. Paramos em frente à casa de Sarah, onde ela e Henry saíram para admirar seu trabalho. Todos nós concordamos que, definitivamente, esse é o meu melhor “look” para a estação, embora também vá usar a peruca de vez em quando.

Continuo a orar por Lok. Por favor, me contem qualquer novidade.

*Erokamano e com gratidão (redundantemente),
Carol Wall*

13 de setembro

Cara Sra. Wall,

Bienta e eu apreciamos seu amável bilhete. Por favor, sinta-se à vontade para me consultar em caso de qualquer desdobramento desagradável com relação à espada-de-são-jorge, uma suculenta que cresce bem alto em nosso país de origem e com a qual estou bem familiarizado.

Com relação às informações que você solicitou antes:

— abóboras, abóbora-cheirosa e abóbora moganga, todas as abóboras, possuem alto teor de betacaroteno (Vitamina A... úteis no combate às infecções)

— as abóboras que plantei ao lado do muro devem ser colhidas de duas a três semanas depois de se tornarem cor de laranja, mas antes da primeira geada leve, época na qual devem estar fisiologicamente maduras. Elas não estão prontas ainda.

— A Sra. Driscoll e eu ficaremos felizes em criar uma decoração de outono: abóboras e outras hortaliças do mesmo tipo, com fardos de feno, exatamente como você pediu, para saudar os membros de sua família quando voltarem ao seu complexo para ver seu progresso.

Por último, Bienta me pediu para dizer que apreciamos, como sempre, sua fidelidade em orar por nossa querida Lok. Estivemos conversando com um funcionário da embaixada de Nairóbi e, portanto, temos muita esperança de receber uma resposta favorável em breve.

*Atenciosamente,
Giles Owita*

[ESCRITO DO LABORATÓRIO DE QUIMIOTERAPIA]

4 de abril

Caro Giles,

Peço desculpas por não ter escrito a você antes, mas minhas ideias andam um pouco enevoadas esses dias. Não consigo acreditar quanto tempo venho evitando falar com você pessoalmente. Foram realmente oito longos meses? Mas com minha contagem de glóbulos ainda baixa, meu “carcereiro” — Dick — continua determinado a me manter dentro de casa. Acho que você ouviu falar sobre isso: depois de um tratamento anterior, tive que tomar uma injeção e tive flebite, voltando assim ao hospital por vários dias. Eu acrescento que estou perfeitamente bem, tendo inclusive passado por alguns problemas com uma das minhas incisões, o que agora, por meio de uma pequena cirurgia, foi resolvido. Essas complicações me mantiveram dentro de casa por mais tempo ainda do que eu previa e me arrependo de ficar tanto tempo longe dos amigos e vizinhos, sem falar nos meus alunos da St. B’s. Espero que os meninos gostem de estudar lá.

As visitas aos meus pais ainda estão proibidas para mim neste momento, o que tem sido uma terrível fonte de preocupação e culpa. Se você puder fazer uma oração por eles, eu ficaria grata. Minha mãe provavelmente teve outro pequeno derrame. Todos nós ficamos pensando onde mamãe imagina que estou. Ela não consegue dizer isso, mas parece agitada com alguma coisa. Por enquanto, estamos dizendo a ela que saí da cidade e que irei vê-la em breve. Quanto a papai, peço a Deus que o mantenha longe de confusão, preso por algum sentimento, embora tênue, de saber que é extremamente, extremamente amado.

Prometo continuar minhas orações noturnas por Lok. A oração é a coisa mais poderosa que posso fazer neste exato momento. Com que ansiedade vocês todos devem esperar uma solução! Também rezo para que os meninos continuem a ser bem sucedidos na St. Benedict. Eles podem me ajudar a ficar a par das fofocas mais tarde, na primavera, quando eu voltar.

Minha bolsa de quimioterapia está quase vazia e todos nós temos tantos quilômetros a percorrer antes de dormir. Por favor, lembre-se apenas que eu aprecio sua gentileza neste momento.

Sua amiga (osiepi),

Carol Wall

6 de abril

Cara Sra. Wall,

Anexo encontra-se a conta solicitada pelo Sr. Wall.

Bienta e eu nos alegramos ao saber que sua quimioterapia está quase no fim. Sua falta é sentida no seu jardim, na vizinhança, na escola e na igreja também. No entanto, sabemos que seu confinamento e suas provações se dão para melhorar sua saúde futura e por isso somos pacientes.

Todos na rua estão perguntando. A Sra. Driscoll tem nos fornecido relatórios sobre suas conversas por telefone e de suas breves visitas. Hoje, ela manda dizer a você que está esperando problemas adicionais com suas belas gardênias e com aqueles pulgões que podem muito bem estabelecer-se novamente. Ela vai tentar usar algumas fêmeas de besouros que irão comer os pulgões. Se você tiver alguma sugestão, ela informa que está totalmente aberta e exasperada. O Sr. Roberto Maxim anunciou seu noivado com a sobrinha de uma mulher da região. Foi marcado um casamento ao ar livre para o fim de julho, na casa do Sr. Maxim e ele pede que você ajude a Sra. Driscoll e a mim no planejamento de uma treliça que possa funcionar como ponto focal. Subindo a rua, a senhora dos Saunders envia a você notícias de fartas quantidades de abobrinha amarela que ela irá plantar e enviar a você. Ela a deixará em sua varanda, mais perto do fim da estação. Aquela senhora viúva da esquina contempla um girassol para celebrar sua coragem e prevê um tempo em que vocês estarão juntas no jardim dela, admirando-o.

Em todas as casas da rua, você tem um vizinho que está ouvindo e esperando. Bienta sempre diz que todos nós nos sairíamos um pouco melhor se cultivássemos nossas conexões com aqueles ao nosso redor e as palavras dela são sempre sábias. Qualquer notícia de sua melhora acrescenta uma nota de alegria enquanto percorro a calçada de cima abaixo. Fico feliz em dizer que Lok recebeu a rosa cor de rubi que você prensou entre as páginas de seu pesado dicionário, antes que esse seu problema atual começasse. Eu a enviei assim que você me deu, mas o correio demora a chegar. Finalmente chegou. Lok a colocou em seu Testamento Luo e ela agradece muito, muito a você.

Bienta disse que seu nome foi incluído recentemente nas orações dos fiéis durante a Missa. Ela me convenceu a acompanhá-la na semana passada e eu fui, ficando ao seu lado enquanto ela acendia uma vela em nome de todas as suas necessidades e dos dilemas de sua família.

Acredito que suas orações subirão rapidamente. Os Santos de Deus estão bastante acostumados com minha esposa. Se existe alguma coisa de que tenho certeza, é disso.

*Seu amigo,
Giles Owita*

Capítulo 15



Somente Plantas Verdes

Meus sentimentos estavam confusos quando toquei o sino para marcar o fim da minha quimioterapia. Meu lindo oncologista disse que eu talvez me sentisse assim, embora não tenha acreditado nele até este momento. Por nove longos meses, fiquei presa ao laboratório de quimioterapia com sua mistura tóxica de produtos químicos úteis, eu espero, administrados por uma equipe atenciosa e muito talentosa. Em outras palavras, fiz algo positivo para combater as possíveis células cancerosas que poderiam ter restado — e muitas pessoas especiais me apoiaram e me ofereceram um atendimento de alto padrão.

Agora estava sozinha novamente. Senti-me como se estivesse em queda livre.

Dick estava ao meu lado quando fomos embora. Acenamos para fora do carrinho de golfe e Dick se ofereceu para trazer a perua até onde eu estava. Mas eu disse não e o acompanhei, passo a passo, pelo estacionamento, minha sombra estreita e fina ao lado da sua, maior e mais proporcional. Fiquei imaginando se ele se sentia um pouco vazio, da mesma forma que eu me sentia.

Chegando em casa, vimos Giles caminhando pela linha de buxos do nosso jardim. Atento à sua inspeção, ele não levantou os olhos até que paramos na garagem.

— Eh! — gritou para nós dois.

— É isso! — anunciei alegremente agitando as mãos escancaradamente.
— E em mais alguns dias, quando minha contagem de glóbulos tiver aumentado um pouco, posso começar a ajudar você novamente.

— Todo dia traz algo de bom! — Giles respondeu com a tranquilidade que era sua marca registrada, o forte acento, como sempre, na consoante final.

— Vou aprender muito desta vez — eu disse. — Mais coisas práticas. Ok?

— Este jardim está pronto para você, Sra. Wall. — ele acendeu seu sorriso contagiante. — Muitos dos meus projetos vão precisar de sua ajuda. Também tenho algumas ideias novas para nós.

Vi um pequeno livro branco saindo do bolso de trás de seu uniforme de trabalho.

— O que é isso? — perguntei.

Estendendo a mão em direção ao livro, ele se tornou mais grave.

— Bienta enviou isto. Ela disse que espera que este livro ajude a responder a algumas de suas dúvidas. Acho que você falou com ela sobre sua mãe? Como ela está se saindo, Sra. Wall?

— Não a vi mais desde aquela noite em que os coloquei na cama, há nove longos meses. Vou visitá-los na próxima semana. Pobre Dick, tomou conta de todos nós. Dá para acreditar?

Giles balançou a cabeça e fez um simpático som com a boca. De repente, pensei em Lok e senti uma pontada de culpa por remoer minha longa separação dos meus pais, enquanto a situação de Giles e Bienta era muito pior. No entanto, todos tínhamos nossas tristezas, como o próprio Giles havia me dito e eu tinha que aprender a parar de comparar a parte que coube a cada um de nós.

Em casa, abri o pequeno livro branco e encontrei uma carta que fora colocada dentro dele.

26 de abril

Cara Sra. Wall,

Obrigada por suas perguntas. Encontrei este livro entre as minhas coisas e o empresto na esperança de que determinadas passagens abaixo possam ser úteis.

Lembrei-me de nossa discussão sobre a dificuldade de sua mãe com as palavras faladas. O caso dela é particularmente difícil, uma vez que ela não pode fazer perguntas ou expressar-se de forma confiável. Além disso, ela pode exibir emoções que não condizem com a situação, então você não deve esperar muito desse encontro. Acima de tudo, você não deve levar as coisas para o lado pessoal se ela gritar ou parecer chateada com você. Quanto à pergunta específica feita em nossa última conversa por telefone, ela provavelmente não tem consciência de quanto tempo se passou desde a última vez que a viu. Vou acrescentar aqui, no entanto, que seu dilema toca meu coração de um modo que não consigo expressar apropriadamente. Você e sua família continuam em minhas orações. Você e seu marido enfrentaram a situação de forma admirável. Nem todo mundo consegue fazer isso.

No geral, eu diria que sua mãe não ficará assustada se você decidir usar sua peruca em vez de aparecer com o turbante ou com o cabelo bem curto que você descreveu. Se ela conseguir e, se sua visão estiver intacta, ela bem que pode notar a diferença, mas acho que ela dará mais atenção à alegria de ver você novamente depois de todos esses meses e não ficará inclinada a perguntar se você estava fazendo um tratamento para câncer.

Em todo caso, não leve nenhum tipo de arrependimento para o encontro com seus pais. Simplesmente deixe que a alegria deste precioso momento no tempo seja sua, da mesma forma como você faria em seu alegre e tão esperado retorno aos seus alunos. A substituta tem sido adequada, informam meus espiões. Mas, durante vários meses, seus alunos ansiaram por ouvir sua voz e apreciar as coisas divertidas que você diz. Seus caminhos são justos. Você é amada em Saint B's.

Vamos todos rezar para que você e seus queridos pais continuem a receber a graça da cura do Senhor.

*Deus a abençoe,
Bienta Owita*

Talvez mamãe tenha esperado por mim e isso a tenha mantido viva. Eu disse a papai que estava saindo de viagem, mas acabou sendo uma ausência mais longa do que qualquer um de nós esperava. Mas ela me esperou antes de dizer adeus e sou grata por isso.

25 de junho

Cara Bienta,

Obrigada por me emprestar esse texto tão útil. Seu sábio conselho me ajudou a fazer com que as últimas poucas semanas de vida de minha mãe se transformassem em um tempo de conforto e cura espiritual para ela. Minha mãe morreu em paz.

Você estava certa sobre a peruca. Eu a usei e ela pareceu nunca questionar essas coisas, embora tenha estendido as mãos uma ou duas vezes como se fosse puxá-la. Graças a Deus, fui mais rápida, esquivando-me de sua mão para impedir uma “revelação”.

Por favor, agradeça também ao Giles por me dar excelentes sugestões para o arranjo de flores do caixão. Irei me encontrar com a florista hoje mais tarde, em Radford. Pensarei em vocês dois na sexta-feira enquanto executarmos o tema de “For the Beauty of the Earth,” o hino favorito de minha mãe. Devo acrescentar que, durante estas últimas semanas, parecia que ela gostava especialmente de qualquer história do trabalho que Giles está fazendo no meu jardim. Tive que embelezar-me um pouco devido ao meu longo inverno em que estive indisposta e desligada. Enquanto eu tecia esses contos, os olhos de minha mãe estavam fechados, mas um ar de satisfação algumas vezes iluminava seu rosto. Só sinto por ela não ter tido a oportunidade de conhecer você. Ela sempre foi uma admiradora das “pessoas de valores e princípios”, e sinto que um dos maiores dons que ela me deu foi a capacidade de reconhecê-los sozinha.

*Com o coração cheio de gratidão,
Carol Wall*

Fiquei ao lado da sepultura aberta da minha mãe, uma mão pressionada mais do que levemente contra minha cabeça enquanto a brisa soprava. Usei a peruca, um sinal definitivo de respeito por mamãe, no caso de ela estar olhando para baixo e ainda não ter recebido um resumo da minha segunda saga do câncer.

O momento que eu havia temido por toda a minha vida havia chegado. A tenda funerária estalou e tremeu enquanto os medos mais sombrios da minha infância afundavam. Mamãe havia morrido. Seu corpo juntou-se ao de Bárbara no solo.

Fiquei satisfeita com a forma como o arranjo para o caixão exibia vários tipos de folhagens verdes, musgos aveludados e o lírio-da-páscoa que celebrava o papel da fé na jornada terrena de minha mãe.

Quando éramos pequenos, ela costumava nos levar para passear em meio à natureza. Cada um de nós tinha um saco de papel para coletar abóboras, ramos de musgo verde-limão, folhas exibindo formas e formatos para excitar a imaginação. Visualizei a página de caderno contendo sugestões de Giles para o arranjo do caixão de mamãe, escritas em sua letra nítida característica. “Folhas de hosta”, lembro-me de vê-lo escrevendo enquanto eu mantinha o caderno firme sobre a balaustrada da varanda.

— Somente plantas verdes — eu havia pedido. — Ela amava as coisas naturais e era o que ela nos levava para descobrir em nossos passeios.

— Samambaia e chorão, orelha-de-lebre — continuou Giles. — Musgos verde-limão, se forem selecionados cuidadosamente. — depois que terminou sua lista, ele olhou em minha direção. — Esses passeios pela natureza, talvez, façam parte do motivo pelo qual você prefere os tons mais verdes a flores cultivadas mais coloridas?

— Pode ser, Giles. Nunca havia pensado nisso. — certamente era uma forma positiva de encarar minha aversão pelas flores.

Nesse momento, meus filhos haviam saído do cemitério. Cada um deles tinha recebido uma rosa de um branco leitoso com um longo caule para colocar no caixão da avó, sobre o arranjo de folhas verdes. A poucos metros dali, estava a lápide de Bárbara, onde suas datas de nascimento e morte pairavam juntas, apontando para o pesar que nenhuma fotografia poderia jamais captar. Da minha posição privilegiada, olhei para as colinas ondulantes de Radford, lembrando-me de todas as vezes que papai havia me trazido aqui para colocar flores em seu túmulo.

Um trovão retumbou enquanto eu observava os telhados das casas mais recentes entre o aglomerado de copas de árvores. Não havia uma caverna, ao redor da qual costumávamos escalar, em algum lugar ali? Agora que eu era apenas mãe, a vida parecia muito mais perigosa, os riscos que corri um pouco chocantes. No horizonte, vi os contornos do colégio que Dick e eu frequentamos, agora com alas adicionais, um ginásio de esportes novinho em folha, um campo de futebol formado em uma área antes composta de poeira, grama alta e pinheiros.

Dirigindo pela cidade hoje, passamos pelo antigo hotel de papai. A banca de jornal e livraria que ele cuidou por tantos anos havia se convertido em uma sanduicheria. Ele não reconheceu nem mesmo a rua e conversou com mamãe como se ela estivesse lá:

— Margaret, veja como o céu está azul! Nem uma nuvem à vista!

As pontas de meus dedos acariciavam a samambaia que tremulava no caixão. Eu estava achando difícil deixar mamãe aqui.

Dick ajudou papai a entrar no carro, que estava parado em um declive. Vi meu pai dobrar suas pernas magras para dentro do carro, cooperando rigidamente, o olhar um exercício executado debilmente com fortuita cautela. Coitado, mesmo depois de ver mamãe em seu caixão, continuou confuso, sem saber o que estávamos fazendo aqui. Várias vezes hoje, apesar de nossas repetidas explicações, ele dissera:

— Meninas, preciso encontrar sua mãe!

Talvez não devêssemos tê-lo trazido. Na semana passada, Dick recebeu um telefonema da polícia de Roanoke, que encontrou papai vagando pela cidade, não muito longe do trânsito pesado. Ele não voltaria para Heathwood Hearth depois disso. Judy havia encontrado um lugar mais seguro e mais próximo a ela.

O trovão ressoou novamente e as árvores estremeceram, os carvalhos e bordos derramando suas folhas com relutância. As perenifólias que formavam uma borda para o cemitério me fizeram pensar nas saias de hula dançando loucamente. Prendi minha peruca mais firmemente no lugar.

Estávamos em segurança no carro quando os pingos de chuva começaram a deslizar pelo para-brisa e outros trovões ressoaram. Riachos de água escorriam pela tenda de lona sobre a sepultura da mamãe. Lembrei-me de mamãe se ajoelhando para amarrar meu boné de inverno ou para abotoar minha capa de chuva em dias de tempo como este. Agora,

inacreditavelmente, parecia que íamos deixá-la aqui nesta terrível tempestade e também em qualquer clima que fizesse depois disso.

Era reconfortante pensar em minha mãe e Bárbara juntas por fim. Eu não pretendia ser uma especialista em assuntos celestes, mas acreditava que era assim que funcionava.

O vento aumentou ainda mais. Olhei para fora através da cortina de água formada pelas gotas de chuva na janela do carro. Os auxiliares ficaram afastados do túmulo, seus olhos respeitosamente abaixados. Um deles sentou-se no equipamento de escavação pesada que estava no fundo, esperando para completar sua missão assim que tivéssemos deixado o cemitério.

Nenhum de nós parecia ter pressa de sair e conversamos um pouco. Finalmente, fui eu quem disse:

— O que você está esperando, Dick?

Enquanto Dick dirigia, tive uma visão de minha mãe — poderia ter sido uma lembrança, mas mesmo assim parecia bastante nítida e real. Ela usava um vestido caseiro rosa e marrom de algodão, sandálias de tiras e tornozeleiras, e segurava Bárbara apoiada em seu quadril. As franjas de mamãe estavam cortadas no estilo de Mamie Eisenhower e um pequeno beagle preto e branco que tínhamos — seu nome era Crisco — pulou na piscina de plástico no fundo do quintal. Bárbara inclinou-se em direção à nossa mãe sorrindo e mamãe sorriu de volta.

Capítulo 16



Marias-sem-vergonha

Meu celular quase nunca tocava quando estava na escola. Mas logo depois do almoço, eu o ouvi balindo no fundo de minha bolsa.

Quando consegui fisgá-lo, ouvi o novo garoto, Sam, ler sua citação favorita de *Our Town*. Todos os estudantes da sala deveriam escolher uma e depois fazer uma apresentação sobre qual a relação entre essa citação e o tema geral da peça. Sam proferiu as frases escolhidas muito bem.

— Alô? — sussurrei ao meu telefone.

Era Sarah.

— Carol? Oh, desculpe por atrapalhar você, mas... — sua voz estava trêmula. Normalmente ela era bem firme.

— Qual o problema? — perguntei.

— Giles teve um derrame — ela se esforçou para controlar suas emoções. — É sério. Ele desmaiou em casa. Paralisia. Perda das competências linguísticas. Ainda estão avaliando.

Sentei em uma carteira vazia. Igual à mamãe. Apenas dois meses atrás, Giles havia me ajudado com o arranjo para o caixão dela.

— Sra. Wall, a senhora está bem? — uma garota atenciosa chamada Maggie tocou meu braço.

— Sim. Estou bem. Apenas cansada — eu disse.

Meu olhar encontrou a fileira estreita de janelas na parte de trás da minha sala de aula. Carros e caminhões corriam na via expressa. Eles se moviam bem rápido, ziguezagueando. Para que tanta pressa? O mundo lá fora parecia irreal. Estávamos tendo um dia perfeitamente bom, e então...

Ouvi a voz de Sam recitando suas frases:

— Será que algum ser humano já entendeu o que é a vida enquanto a vive? — cada, cada minuto?

Nesse dia, depois da aula, sentei-me em casa esperando para saber notícias de Giles. Incapaz de me concentrar em qualquer outra coisa, eu olhava fixamente para o jardim. Para qualquer lugar que eu olhasse, o trabalho de Giles era evidente e fácil de identificar. Tudo que parecia especialmente bonito havia sido cultivado por suas mãos nestes últimos três anos.

Sarah telefonou para perguntar se eu soubera de algo da parte de Bienta.

— Era isso o que ia perguntar a você — eu disse.

— Não soubemos de mais nada — ela respondeu. — Escute. Tenho uma cliente que exige atenção especial em Wildwood Mountain e que quer que sejam entregues algumas plantas a tempo para uma festa hoje à noite. Por que você não vem comigo? Eu adoraria a companhia e poderia usar um par de mãos extra. Tem mais, essa cliente adora Giles e tenho medo de contar a ela. Ela vai ficar tão chateada.

Concordei em ir com ela. Seria melhor do que ficar sentada aqui sozinha, me preocupando.

Quando chegou, a perua de Sarah estava cheia até o teto de samambaias e cestas penduradas de gerânios vermelhos. Nós fingimos estar alegres, mas ficamos em silêncio durante a maior parte do caminho. Pensei em quanta gente dependia de Giles, em Bienta e nas crianças e especialmente em Lok, que estava a um oceano de distância. Eu estava horrorizada por eles — e por ele.

Sarah conduziu a perua da Shoppe até uma estrada sinuosa que nos levou através de uma exibição luxuriante de cornus selvagens, pinheiros e louros-americanos espalhados.

— A mansão Blue Hills é a última casa da Wildwood Drive. Você já entrou lá?

— Não — eu disse — mas já vi fotos no jornal. Ouvi dizer que é uma atração turística.

— Essa é nossa cliente. Ela viveu nesta casa por 40 anos e quer que as coisas exatamente desse jeito.

Passamos por várias outras casas imponentes, todas construídas no *boom* das estradas de ferro no começo de 1900, todas feitas do mesmo tijolo escuro e apresentando amplas varandas cobertas. Atingimos o topo e estacionamos na garagem de mansão Blue Hills. Observei da perua enquanto Sarah tocava a campainha e uma mulher bem vestida com um capacete de cabelo branco e laquê atendeu. Uma mulher mais jovem, provavelmente sua filha, saiu também.

Não pude deixar de notar a suavidade da figura da jovem e a perfeição hollywoodiana de seus cabelos saudáveis e ondulantes. Houve uma época, não muito tempo atrás, em que eu teria me identificado mais com a filha do que com a mãe. Teria olhado para a mulher mais jovem com os olhos apertados, perguntando como me sairia na comparação e muito provavelmente ficaria oprimida pela inveja. Mas eu havia passado por uma lenta transformação durante o último ano e havia chegado a uma aceitação gradual de que era “aquela senhora” — aquela que dirigia mais devagar do que todos os jovens impacientes na estrada, aquela que os homens mais novos consideram invisível e que faz com que as mulheres jovens se lembrem de suas mães. Mas em vez de me ressentir dessa mudança, decidi adotá-la. Em nossa cultura obcecada pela juventude e pela saúde, era ganhar ou perder e decidi não entrar no jogo de jeito nenhum. De qualquer forma, a competição já havia sido manipulada — porque, cedo ou tarde, todos irão envelhecer e serão eliminados. Então decidi simplesmente superar a mim mesma. O mundo não acabaria se eu tivesse um dia de cabelo ruim ou se eu não monitorasse cada pedaço de comida que entrasse em minha boca.

Essa jovem na flor da idade não era minha inimiga e eu estava feliz por estar viva e ter um pouco de cabelo. Embora este tivesse apenas alguns centímetros de comprimento, estava começando a ter certo potencial em termos de estilo.

Enquanto Sarah e eu descarregávamos as plantas e as arrumávamos conforme as instruções da dona da casa, me permiti um momento de

otimismo. Se eu pude ficar bem, então com certeza Giles também poderia. Seria simplesmente justo.

Quando Bienta me ligou, alguns dias depois, estava controlada. Ela deu poucos detalhes sobre a situação de Giles e eu estava tomando cuidado com minhas perguntas, sabendo como me senti protetora com relação à minha mãe naqueles primeiros dias. Ela me disse que um amigo da família, chamado Blake, havia se oferecido para coordenar as comunicações e, portanto, eu saberia as notícias através dele.

Blake ligou naquela tarde, dizendo que Giles havia sido removido para um quarto no sexto andar do hospital. Foram programados tratamentos de fonoaudiologia e fisioterapia, que começariam imediatamente. Nesse momento, não era muito recomendável fazer uma visita, informou Blake.

— Você o viu?

— Vi — ele respondeu cuidadosamente. — Acho que ele já passou pela pior parte, mas não está falando muito. É cedo, foi o que o fonoaudiólogo disse.

Depois de desligar o telefone, remói as palavras de Blake. Seguidora de regras por natureza, surpreendi-me ao decidir ignorar seu conselho para não visitar Giles. Simplesmente decidi, certo ou errado, que eu deveria ser uma ilustre exceção a essa regra.

No dia seguinte, deixei que minha perua seguisse pela estreita avenida que me levou ao lado do rio, em direção ao hospital. Parei minha perua para retirar o bilhete de estacionamento do bocal de metal, lembrando-me de como Dick e eu passamos por este mesmo lugar na manhã da minha cirurgia, quase um ano atrás, com uma mistura de medo e esperança a nos sustentar. O percurso que fizemos através dessa garagem de concreto, o “ventre da besta”, me era muito familiar agora.

No quarto 605, encostei minha mão na porta e dei um suave empurrão. Uma pequena placa me lembrou: “Não se permite visitas”, mas eu a ignorei. A porta se abriu e uma faixa de luz iluminou uma cama. Ali estava o corpo imóvel de Giles, completamente coberto por lençóis bem esticados. Outro lençol cobria sua cabeça. Eu senti todo o medo e horror que agora associava aos hospitais. Minha mão se dirigiu à minha garganta de forma protetora.

Uma enfermeira entrou e sussurrou para mim:

— Ele não vai falar. Todos estão fazendo o melhor que podem, mas ele não está comendo, nem bebendo ou tomando os remédios. Você o conhece bem?

— Pode-se dizer que sim. — ergui minha voz. — Giles Owita, esta é a pior aluna de jardinagem que você já teve.

Não houve resposta, e tive medo de duas coisas ao mesmo tempo — que ele não conseguisse me entender e que ele houvesse nos abandonado. Então rezei. Oh, por favor, meu Deus, não me diga que ele morreu. Chamei seu nome novamente:

— Giles.

Ele ergueu uma das mãos para o ar, os dedos dobrados. Giles agarrou o lençol e o puxou de seu rosto.

— Eh!

Estava mais magro e mais frágil do que eu esperava, mas o alívio tomou conta de mim quando ele me cumprimentou com seu sorriso alvo, embora débil.

A enfermeira se inclinou em minha direção e disse suavemente:

— Você se importa se eu ficar aqui e tomar algumas notas sobre a conversa de vocês? Ele não falou durante vários dias.

— Você está brincando. Essa é a pessoa mais amigável que eu já conheci — eu disse. — É claro que não tem problema. Sente-se ali. Este homem tem um doutorado em horticultura. Talvez ele esteja apenas em estado de choque por causa da condição lamentável de algumas plantas por aqui.

A enfermeira riu e Giles sorriu.

Olhei novamente para Giles. Os dedos de sua mão direita se agitaram ligeiramente. Em minhas lembranças, eu as via curando minhas azaleias.

— Como você está? — perguntei.

Ele tentou falar, mas saíram apenas sílabas ininteligíveis. Sua voz estava enferrujada, como se só precisasse de exercício. Quando eu suavemente agarrei sua mão mais próxima, ela estava fraca e sem vida, exatamente como a de mamãe. Lembrei-me de seus esforços em vão para se comunicar e de sua raiva.

— Apenas me escute — disse a Giles. — Você vai ficar mais forte e ficaremos ao lado do rio novamente. Preciso de alguns bons conselhos sobre como fazer a subdivisão, porque meu jardim está transbordando com

tantas coisas, como gramas ornamentais e mil flores vibrantes, graças a tudo o que você fez.

Seus olhos estavam ansiosos e ele soltou mais sílabas, mas nenhuma delas fazia sentido. Fingi entender, embora fosse difícil superar o crescente constrangimento que sentia. Esse homem brilhante era fluente em tantos idiomas e, no entanto, agora ele havia ficado sem fala. Eu queria chorar.

De repente, senti outra presença no quarto. Minha suspeita se confirmou quando Giles olhou rapidamente para a minha esquerda. Voltei-me para ver Bienta de pé junto à porta. Ela também parecia exausta.

— Oh, Bienta! — exclamei.

Fui a sua direção, oferecendo um abraço, e ela parecia contente.

— Espero não estar me intrometendo. Lembra-se de como você me ajudou quando mamãe teve o derrame? Eu queria ser uma amiga para você, da mesma forma que você foi para mim.

Houve um momento de silêncio. Perguntei-me se ela realmente pensava em mim dessa forma.

Giles tentou ao máximo falar. O que se ouviu foram mais palavras ininteligíveis. Mas, então, fiquei surpresa quando um olhar de alegria transformou o rosto de Bienta.

— Você sabia que Giles está falando com você, muito claramente, em suaíli? A voz dele estava forte! Eu a ouvi, vindo pelo corredor. Agora ele está falando com você ainda mais.

Olhei para Giles, que piscou os olhos algumas vezes — de alívio, parecia.

— Ele está preocupado com aquelas “coisas”. Diz que não consegue se lembrar dos nomes delas. Aquelas que ele plantou ao lado do seu muro, lá atrás — traduziu Bienta.

— Você quer dizer as marias-sem-vergonha?

— Isso — disse Giles em inglês, enquanto seus dedos se agitavam no lençol.

Bienta falou com ele em Luo. Reconheci o ritmo do idioma na economia clara da forma de se expressar e vi Giles assentindo com a cabeça, confirmando determinadas frases.

— Ele queria dizer que o lugar onde as plantou é um pouco ensolarado e, portanto... — Bienta ficou esgotada.

— Um pouco de água não faria mal — encerrei por todos nós.

Giles sorriu, um olhar de satisfação relaxando suas feições e aquietando sua mão agitada.

— Essas são as primeiras palavras sensatas que ele falou para qualquer pessoa em qualquer língua — disse Bienta suavemente. — Obrigada, Sra. Wall. Por ser amiga dele.

Perscrutei o rosto de Bienta. A emoção ameaçou a minha calma e eu me esforçava para ficar firme. Não seria bom desmoronar na frente de duas pessoas tão fortes, que haviam suportado tanta coisa.

— Lok vai telefonar hoje à noite — ela disse a Giles em inglês. — A Sra. Wall nos deu boas notícias para contar a ela.

Bati de leve na mão esquerda de Giles e disse a ele que continuaria rezando pela cura.

Em seguida, voltei-me para partir em silêncio.

Pude ouvir a voz de Bienta enquanto ia embora, falando novamente em Luo, a língua de seus dias de juventude.

Capítulo 17



Seminários sobre Jardinagem

O sinal tocou para dispensar os alunos e, em menos de trinta segundos, eu estava sozinha. Todo professor vive para este momento.

Uma macieira que havia entrado precocemente no outono balançava na brisa de setembro. Eu admirava seus galhos robustos através da minha janela da sala de aula. Espiando através da copa reluzente das folhas, vi as casas próximo ao aeroporto a muitos quarteirões de distância. Em uma delas morava meu amigo e jardineiro favorito. Já havia se passado um ano desde seu derrame e eu o visitava com frequência. Seu andar permanecia instável, mesmo com uma bengala, mas a vivacidade de seus padrões de linguagem estava voltando lentamente.

Cruzei a sala de aula vazia para pegar meu caderno com capa imitando mármore na gaveta da mesa. Sentada, folheava as páginas, tentando encontrar as notas que havia feito no primeiro dia de nossos “seminários sobre jardinagem” — que é como vim a chamar nossas visitas. Lembrei-me da forma como pisei cautelosamente as tábuas de madeira inclinadas da rampa que haviam sido colocadas para a cadeira de rodas de Giles. Chegando à porta, ouvi sua voz enferrujada chamando através da tela:

— Eh! *Amosi!* Entre!

Eu estava preocupada com o que poderia ver quando abrisse a porta. O seguro de saúde de Giles havia cortado sua fisioterapia de forma repentina, e todos nós ficamos preocupados, achando que era muito cedo, que Giles estava longe de haver recuperado a saúde. Mas naquele dia, fiquei surpresa ao encontrar Giles sentado em sua cadeira de rodas com seu sorriso de volta. Ele usava uma roupa de corrida de nylon com zíper. Um tipo de texto da faculdade estava aberto na mesa-bandeja à sua frente. Mesmo assim, apesar de sua vivacidade, não pude deixar de notar que suas pernas pareciam finas e seus joelhos muito proeminentes.

— Por favor, sente-se — ele ofereceu, indicando uma cadeira em frente a ele, enquanto eu tirava meu caderno da bolsa.

— Você trouxe... — ele disse, o dedo indicador girando no ar em minha direção. — Seu caderno! — ele finalmente confirmou, sua expressão mais brilhante devido ao modesto triunfo de uma busca bem sucedida por uma palavra.

— Foi aqui que você fez suas anotações quando mamãe morreu. — mostrei a ele — Agora estamos começando uma nova seção. Todo jardim deve ter suas próprias flores — lembrei lhe.

— Exatamente — ele respondeu, aberto ao plano. — Vejo que minha aluna andou estudando.

Desde aquele primeiro seminário meses atrás, Giles adquiriu um peso necessário e havia um novo entusiasmo em sua voz todas as vezes que eu o via. Em cada uma delas, ele me dava novas tarefas para executar. Setembro deveria ser um mês ocupado:

Semana de 14 de setembro — Mount Vernon Road — 1. dividir os pés de íris, transplantando alguns para a linha do muro.

Semana de 21 de setembro — mesmo local... remoção das folhas mortas das rosas/poda das roseiras. Reduzir a altura entre metade a dois-terços para evitar oscilação com as brisas de inverno, o que pode levar à quebra.

Fechei o caderno, agarrei minha bolsa e corri para minha perua no estacionamento da faculdade. Tinha uma longa lista de coisas para fazer, mas visitar Giles era o primeiro item dela. Minhas outras tarefas teriam que esperar. Ainda assim, tinha consciência de estar me sentindo com pressa e impaciente.

Trouxe minha agitação comigo para a casa de Giles. Ele estava quieto e perguntei sobre Bienta e os meninos como sempre.

— Os meninos viajaram para jogar futebol — ele disse.

— É verdade. Eles saíram da escola.

— Saíram — ele disse. — Espero que vençam. Eles se esforçaram tanto.

— É verdade.

Giles definitivamente não parecia ele mesmo. Talvez, pensei, ele simplesmente não esteja com vontade de receber visitas hoje.

— Você está bem? — perguntei. — Você parece tenso.

— Oh, estamos bem — ele respondeu rapidamente. — Apenas algumas coisas que deram errado.

— Deram errado? O que você quer dizer? — fiz a pergunta, mas não recebi nenhuma resposta. Eu deveria tê-lo pressionado. Deveria ter deixado minhas coisas de lado e dado atenção ao meu amigo com o devido respeito, a mente aberta e minhas habilidades de ouvinte sintonizadas ao máximo. Em vez disso, escolhi o caminho mais fácil. Saí correndo e continuei a resolver minhas coisas.

Na segunda-feira seguinte, cheguei em casa da escola e encontrei uma mensagem de voz.

A voz de Giles era forte, seu recado brusco.

— Sra. Wall... aqui é Giles Owita. Irão cortar a água hoje. Bienta não sabe que estou entrando em contato com você. Muito obrigado.

Acelerando enquanto me dirigia à casa de Giles, refleti sobre questões sérias. Por que eu era tão idiota? Qual a dificuldade em calcular determinadas coisas?

Em vez de dar mais atenção aos planos para o jardim, eu deveria ter feito uma coluna em meu caderno para o fluxo constante de despesas médicas que sempre surgia depois de algo sério, especialmente quando estão envolvidos cuidados intensivos.

Giles tinha seguro de saúde. Em primeiro lugar, foi por isso que ele aceitou o emprego na Foodland. Mas mesmo depois que o seguro pagou sua parte, restaram quantias enormes. Apenas uma fração de uma conta como essa já teria sido demais para qualquer família. Alguns dólares aqui e ali e

alguns cozidos entregues por amigos preocupados não chegavam nem a arranhar a superfície dessa dívida.

Queria que todos nós tivéssemos pensado nisso antes, mas recriminações não ajudariam Giles e Bienta agora. Em vez disso, nos reunimos na sala de Giles para elaborar um plano. Dick rabiscou números em um bloco de notas, enquanto Sarah, Blake e eu discutimos o assunto em busca de ideias. Pela primeira vez, Giles revelou a todos nós que a cobertura de seu seguro fora cortada vários meses antes. As economias de toda uma vida, de milhares de dólares, que ele e Bienta haviam separado para pagar a educação das crianças também havia acabado. E as contas continuavam a chegar. Não é de estranhar que Giles parecesse tão desamparado e sem esperança no outro dia.

Nossas reiteraões de que ele e Bienta não estavam sozinhos pareciam animá-lo. Em uma hora, o telefone começou a tocar com ofertas de apoio — da igreja, da escola, de clientes e amigos. Um cliente particularmente bem relacionado do Garden Shoppe encurralou seus amigos ricos que alegremente ofereceram doações. Gostamos de idealizar as pequenas cidades e os valores que as acompanham, mas, de verdade, eu nunca havia visto uma manifestação como essa e acho que jamais verei algo assim novamente. Eu pensava que sabia o quanto essa família era amada, mas obviamente não fazia ideia.

Era uma tarde de segunda-feira, mas, mesmo assim, o clima na casa de Giles começava a parecer claramente festivo. Um cliente da Shoppe que ouviu falar sobre nossa reunião chegou com uma sacola de hambúrgueres e batatas fritas e as entregou a todos. Giles não comeu nada, mas sorriu aliviado. Perguntei se ele se lembrava da lição que havia me dado enquanto estávamos parados ao lado do rio uma tarde, depois de seu derrame.

— Você explicou como certas plantas são conhecidas por se propagar enviando sementes por meio da brisa ou da água corrente — lembrei lhe. — Suas amizades são fortes, como essas plantas. As notícias foram transmitidas e, como resultado, as necessidades de sua família serão atendidas.

Um carro parou. A conversa cessou. Era Bienta. Ela se arrastou pela rampa com pés pesados. Quando entrou na sala e nos viu, a expressão em seu rosto foi de crescente perplexidade e seu corpo mostrava que estava na defensiva. Ela se sentou e passou os olhos por cada rosto. Enquanto Sarah

explicava por que estávamos todos lá, o rosto de Bienta se transformava em uma máscara de surpresa, a boca em um O redondo e espantado. Ela juntou os braços e seus dedos se curvaram formando um pequeno punho duplo, como se tentasse se fazer tão pequena quanto possível. Meu coração ficou partido por ela.

Pensei em todos os sonhos de Giles e Bienta — que eles obteriam seus doutorados e conseguiriam empregos nas melhores universidades, economizando muito dinheiro e enviando-o de volta às suas famílias no Quênia. Giles havia me dito uma vez que havia planejado voltar ao Quênia mais cedo ou mais tarde, para começar uma fazenda. Agora, ali estavam eles, a filha presa em outro continente, o corpo de Giles atingido pela doença, os dois trabalhando em vários empregos para pagar as contas e conseguir sobreviver e, ainda assim, suas economias haviam se esgotado. Eu podia facilmente imaginar que Bienta sempre havia sido a pessoa responsável, com quem se podia contar. Aquela em quem os amigos confiavam por sua sabedoria, seus recursos e sua generosidade. E lá estava ela, sentada em sua própria sala de estar, forçada a aceitar a caridade. Não é de estranhar que parecia que ela queria desaparecer dentro de sua própria pele.

Decidi que procuraria Bienta mais tarde e afirmaria a ela que compreendia. Eu sabia como era sentir que o mundo havia desmoronado. No entanto, mesmo enquanto pensava nisso, sabia que minhas palavras seriam de pouca ajuda. A terrível vergonha da doença e da necessidade era muito grande para ser dissipada com algumas frases gentis, não importa o quanto fossem bem intencionadas.

Capítulo 18



Neve

*D*ick tinha cometido um erro por descuido e isso não era comum nele. Ele podia ser rude, brusco, completamente irascível? Ah, podia sim, todas as anteriores. Mas violar um mandamento era outra coisa. E de todos os pecados que ele poderia haver cometido, adultério era o único que com certeza me atingiria mais.

Havia sido meu maior medo, desde que fui diagnosticada pela primeira vez, achar que Dick iria me deixar, que ele se cansaria do meu corpo alquebrado. Agora, a prova de que ele havia me abandonado estava me encarando na forma de um vestido feminino tamanho 40. Eu o encontrei fechado dentro de um de seus porta-ternos quando estava limpando o armário de hóspedes. Fiquei ali olhando para ele, meu cérebro se esforçando para compreender como esta peça de roupa feminina que eu certamente nunca havia comprado ou usado tinha vindo se aninhar dentro do terno de Dick.

Nunca misturei remédios e álcool. Na verdade, realmente não bebo muito. Mas depois de encontrar esse embrulho acolhedor “dele-e-dela”, fiz uma exceção.

Um Xanax. Uma taça de vinho tinto. Depois, liguei para Dick no escritório.

— Você faz alguma ideia do que um vestido de mulher estaria fazendo dentro de um porta-ternos junto com um terno seu?

Pela primeira vez, meu sempre fiel marido não tinha resposta. Ele não alegou obrigações de trabalho ou disse despreocupadamente que veria isso à noite. Antes que me desse conta, ele estava em casa. Se isso não era sinal de culpa, não sei o que seria.

Ouvi sua chave na porta e golpeei minha mão no balcão da cozinha. Usei um banquinho para subir e me sentar sobre a superfície da tábua de cortar carne, onde, com raiva e talvez um pouco bêbada, eu oscilava mais do que era realmente seguro. Mas naquele momento, não me importava.

— Você esqueceu, não foi? — disse a ele. — Você precisava de companhia, não a minha, na sua viagem à Flórida? Foi em um daqueles seminários em que você me ligou e conversamos sobre o tempo por 45 segundos?

— Carol, honestamente, não sei sobre o que você está falando. O que foi que você encontrou? Você pode me mostrar?

Marchei para cima, para o quarto de hóspedes. Ele me seguiu. Apontei para o armário e peguei o porta-ternos, abri o zíper e atirei-o sobre a cama. Suas bochechas ficaram vermelhas e os brancos de seus olhos também assumiram um tom rosado. O vestido verde claro, tamanho 40, estava por cima. Estendi a mão sobre ele, puxei-o para fora e o ergui.

— Será que eu, alguma vez, usaria isso? — perguntei. — No berçário, talvez. Com certeza não depois dos doze anos de idade.

Dick manuseava cuidadosamente o terno masculino. Eu podia dizer que ele estava se esforçando para se lembrar de algo. Então, ele sorriu da forma que alguém sorri quando está tão aliviado que poderia chorar.

— Isso não é meu — ele disse. — Comprei para o Chad. Você não lembra? Gostei tanto dele que comprei um para mim também, em tamanho maior. Esse vestido é da Ashley, eu acho. Eles tinham que ir a um casamento quando foram para casa no Natal. Eles devem ter esquecido. — Dick riu com um suspiro.

Dei um passo para trás até alcançar a parede e então, lentamente, escorreguei para o chão.

— Sou uma pessoa horrorosa. Acho que isso resume tudo.

Dick tentou colocar o terno do porta-ternos. As mangas eram centímetros mais curtas. Os botões não fechavam. Ele riu novamente e me

juntei a ele no início e então, minha risada se converteu em choro. Ele tirou o casaco e em seguida, para minha surpresa, gentilmente me levantou do chão e me tomou em seus braços.

Nós dois estávamos tremendo, como se tivéssemos acabado de escapar de sermos atropelados por um trem em alta velocidade. O câncer havia virado nossas vidas de cabeça para baixo e perdemos parte de nossa fé em como o mundo funciona. Mesmo Dick, que sabia com certeza que não havia me traído, havia ficado apavorado. Minha doença havia ameaçado nos separar — e, nos meus piores momentos, ainda parecia que havia uma sombra pairando sobre nós. Embora eu estivesse curada fisicamente, as feridas mais profundas ainda estavam lá, como uma espécie de estresse pós-traumático.

Finalmente, ele me manteve afastada dele e olhamos um para o outro. Foi quase mais do que eu poderia suportar.

— Estou louca, não estou? — Dick segurou-me novamente e me garantiu que eu não estava louca. Ele estava tão confuso quanto eu. Mais tarde naquela noite, depois do jantar e quando nossos corações haviam parado de bater disparados, Dick sugeriu que saíssemos para jantar para comemorar nosso aniversário de casamento no outro dia. Ele disse que havia feito as reservas.

Na manhã seguinte, Dick e eu acordamos para ver a neve caindo. As aulas foram canceladas e implorei para que ele não fosse trabalhar e ficasse em casa. Mas sendo sua natureza de filho mais velho obsessiva, ele foi em frente. Eu o observei limpando o carro e me perguntei se ele estava tão disposto como parecia ou se era apenas sua ânsia de fugir. Ele havia sido gentil e compreensivo na noite anterior, mas senti que voltava para sua concha novamente, afastando-se da terrível verdade que enfrentamos nessa noite — que eu poderia morrer e que estávamos apavorados com a ideia de perder um ao outro.

Sorvi minha segunda xícara de café e fiquei olhando da porta enquanto a pá de Dick dava repetidos golpes em volta de cada pneu para liberá-lo. Nós adorávamos olhar a neve juntos.

Dick entrou para me dar um rápido beijo de despedida e então partiu, suas pegadas vividamente desenhadas na neve. Ele não se voltou para trás. Decidi me alegrar embrulhando os presentes que havia comprado para dar a ele em nosso aniversário de casamento — uma bela carteira de couro, que

ele realmente precisava, e uma de suas fotos favoritas das crianças, que ampliei e enquadrei para que ele a colocasse em seu escritório.

Dick telefonou assim que chegou ao trabalho para me dizer que havia feito reservas no Charlee's, meu restaurante favorito para aquela noite.

Então acrescentou:

— Se você está procurando alguma coisa para usar, há um vestido verde no meu porta-ternos.

O calor voltou à sua voz e eu senti um vestígio do bom-humor que sempre o tornou tão atraente para mim. Como tenho sido boba desde minhas cirurgias e da minha quimioterapia — duvidando dele quando não merecia estar sob suspeita nem por um segundo.

Experimentei várias roupas. Um suéter decotado de gola em V pareceu ser o melhor — exibia meus novos seios. Eu ainda não estava totalmente acostumada com eles, mas tinha que admitir que sua aparência era boa. Decidi usar calças de lã bege escuro e um par de botas de couro pretas para combinar com o suéter.

Mais tarde, quando Dick me pegou para jantar, ele disse:

— Bem, olhe só para você.

Perguntei-me se ele se deu conta de quanto tempo fazia que tinha feito uma afirmação desse tipo.

Nessa noite, nos sentamos em nossa mesa de canto favorita. O brilho da luz das velas lançava fracas sombras em nossos rostos. A música de um quarteto de cordas e os murmúrios dos outros clientes se misturava ao suave tinir dos talheres.

Dick me deu um único pingente de pedra de âmbar polida em um colar de prata. Fiquei satisfeita quando ele me disse que havia sido feito sob medida. Dick disse que voltou ao joalheiro três vezes para fazer outros ajustes a fim de garantir que era exatamente o que ele tinha em mente. O colar estava pendurado até quase o decote saliente que ainda era novo para mim. Olhei rapidamente a partir do V profundo do meu suéter. Eu não estava acostumada com essa abundância. A pele dos meus seios ainda estava dormente e seu conteúdo poderia vazar sem que eu percebesse. Então continuei fazendo uma verificação minuciosa.

Eu queria dizer: “Ainda somos nós, certo?” Mas, embora quisesse desesperadamente saber a resposta a essa pergunta, a guardei comigo. Iria apenas dar início a uma conversa irritante e levar a uma discussão.

Dick exibia um sorriso passivo, com os lábios apertados, que era difícil de ler. Na esteira de sombras vacilantes, ergui a taça de vinho até os lábios. Pensei em como, há muitos anos, houve um tempo em que éramos menos conscientes de nós mesmos. Um de nós teria feito a pergunta engraçada, cliché:

— Feliz?

Então os dois teriam rido. Agora rir já não era tão fácil e cada palavra tinha que ser pesada com antecedência. Ainda assim, fiz a Dick a pergunta cliché e, desta vez, sincera:

— Feliz, Dick?

Ele fez que sim com a cabeça para dizer que estava. Fui atingida pela dor recente de perceber que não mais me sentia segura quanto ao Dick. Sempre tive a impressão de que Dick me considerava um bem. Eu tinha boa aparência e era simpática e depois de ter superado minha juvenil falta de jeito, ele frequentemente fazia com que eu o acompanhasse em encontros sociais com clientes importantes. Eu era boa em suavizar as arestas ásperas de Dick — e ele tinha várias. Sempre ria quando alguém da cidade me perguntava se eu era Carol Wall, aquela casada com Dick Wall, o advogado. Dick havia irritado tanta gente ao longo dos anos que, normalmente, minha resposta a essa pergunta era:

— Bom, não sei, conte-me mais. Ele estava a seu favor ou contra você?

Fazia muito tempo que Dick não me pedia para acompanhá-lo em um jantar com um cliente. É claro que durante meses e meses eu não estava bem o suficiente para ir. Agora me perguntava se minha ausência havia se tornado um hábito. Havia deixado de ser um bem para me tornar uma obrigação — ou talvez uma questão de simpatia. Eu sabia que Dick havia contado aos seus colegas e clientes todos os detalhes sanguinolentos de minha doença e em meus momentos menos generosos, o acusei de fazer o papel do homem que havia se casado com o câncer, de marido sofredor. Foi preciso toda a força que eu tinha para manter uma visão de mim mesma que fosse firme e sólida e não a de uma pessoa permanentemente abalada pelo câncer. E isso incluía como eu me via como esposa. Fiquei completamente abalada ao perceber que não era suficiente eu ser uma boa esposa. Para manter meu marido, também teria que ser uma mulher de sorte e ter escolhido um homem que permaneceria fiel a mim, não importasse o que acontecesse.

Em casa, abri outro vinho e Dick desembulhou seus presentes. Ele adorou principalmente a foto de nossos filhos.

Inclinei-me sobre seu ombro, olhando para ela.

— É um grupo realmente bonito, você não acha? Esses são todos os filhos que eu vou ter. Não tenho certeza quanto a você, entretanto. Pode ser que para você ainda não seja o fim.

Imediatamente soube que havia cometido um erro terrível.

Dick me olhou com uma expressão ferida.

— Com você, ninguém pode ganhar. Quando você encontrou o vestido, eu pude me defender. Mas como posso me responsabilizar por algo que pode acontecer ou não acontecer jamais? Você pode sobreviver a mim. Tudo o que eu tenho que fazer é vir para casa tarde depois do trabalho e você me acusa de estar evitando você, ou então, pelo amor de Deus, de ter um caso. Você fica brava com todo mundo. Você fica irritada com as pessoas que enviam cartões quando está doente e fica irritada com aqueles que não enviam nenhum cartão. Você é a única pessoa perfeita no mundo? Você é uma espécie de santa por que teve câncer? Isso não é culpa minha.

Fiquei espantada e percebi a velocidade de nossas emoções aumentando à minha volta, como se eu houvesse caído de um penhasco, mas ainda não tivesse atingido o chão.

— Quando as coisas começaram a mudar? Foi no primeiro diagnóstico ou no segundo? Nas cirurgias, complicações ou na quimioterapia? Algo está errado — insisti. — Não estou louca por me sentir dessa maneira.

Nossa discussão continuou enquanto subíamos as escadas, meus passos golpeando cada um dos degraus de madeira num ritmo irregular. Dick me seguiu, dizendo que eu estava louca de fato. Respondi chamando-o de “desgraçado”, a raiva irrompendo com uma força que me assustou. Arranquei os lençóis e cobertores de nossa cama *king-size* e os amontoei no chão. Golpeei o colchão com meu punho. Dick agarrou meu pulso e o segurou com força.

— Solte-me! — eu disse, mas ele me ignorou. — Você está arrependido por ter se casado comigo?

— Não — ele disse. — Você está?

Seu olhar era firme. Essa foi uma das primeiras coisas que gostei nele, no colégio, quando ele estava disposto a defender algo que fosse certo, mesmo que isso significasse se tornar impopular. Nossa tristeza era como

um biscoito partido, metade na mão dele, metade na minha. Cada um havia tido a parte que lhe cabia e nossa capacidade de suportar isso era um sinal muito mais significativo do nosso amor do que qualquer conversa alegre que houvéssemos compartilhado em momentos menos tumultuados, de menos provações. Comecei a chorar, me lembrando de todas as maneiras que eu o amava. Supliquei para que ele sentisse o mesmo por mim. Queria saber como poderia ter certeza.

Mais tarde, eu estava suficientemente calma para perceber que ninguém jamais poderia ter certeza. Sabia que não devia mais precisar de garantias. Eu achava que havia me curado desse tipo de incerteza anos atrás — lembro-me até do momento exato em que pensei que havia aprendido a lição de uma vez por todas. Estávamos casados por apenas alguns anos e havíamos sido convidados para um churrasco na casa de um vizinho. Eles pareciam perfeitos em todos os aspectos — casal perfeito, filhos perfeitos, roupas perfeitas. A comida e os talheres pareciam ter saído direto da revista *Southern Living*. Após o jantar, o marido, um fotógrafo amador, trouxe todas aquelas lindas fotos que havia tirado de sua mulher em várias poses de bom gosto. Tudo parecia tão romântico que me perguntei: “Por que Dick não tira fotos minhas? Ele poderia pelo menos me escrever um poema.” É claro que, cerca de um ano depois, o Sr. Perfeito foi pego escrevendo cartas para sua assistente adolescente e seu casamento terminou.

Então, sim, eu sabia que não devia duvidar de Dick. Porém, enquanto algumas pessoas poderiam ter ressaltado que minha doença deveria ter nos unido e aprofundado nossa relação ainda mais, senti que nossa relação era profunda o suficiente, muito obrigada. Eu não precisava do câncer para me fazer amar ou apreciar Dick ainda mais. Já o amava e o apreciava tanto que era quase mais do que qualquer um de nós poderia suportar.

Dick se afastou de nossa discussão, como sempre fazia depois de uma tempestade emocional. Era melhor assim, eu sabia. Olhei para o espelho e fiquei chocada ao ver como parecia abatida. Meus dedos procuraram pela suavidade da pedra de âmbar que Dick me deu. Ao tocá-la, me foi dada a graça de saber que Dick e eu logo estaríamos frente a frente novamente, com nossas desculpas preparadas. Peguei as cobertas do chão e arrumei a cama. Descobri meu caderno no criado-mudo e, cheia de remorsos, comecei a escrever:

Meu amado Dick,

Espero que você receba a correspondência hoje à noite. E mesmo que não receba, por favor, tenha consideração por essa pessoa que te escreve e que te ama muito mais do que você pode imaginar. Você estava certo. Você não fez nada para causar meu sofrimento ou o seu. Mesmo assim, você ainda não passou pela experiência de ir para a cama todas as noites se perguntando se vai ver o sol nascer no dia seguinte.

Esse é o inferno desta situação. Se eu sucumbir à minha doença, muita coisa se perderá. Ainda assim, até o fim, não consigo evitar ser assombrada pelo espectro de você colocando seus braços em volta de outra mulher — provavelmente mais jovem, mais saudável e não tão louca quanto eu.

Quando estávamos discutindo, me ocorreu de repente que seria melhor que eu fizesse o que fosse necessário para me tornar um pouco menos louca. Seria muito irônico se meu amor por você na verdade transformasse meu mundo em um tipo de morte em vida. Ao contrário de você, parte da culpa é minha. Nem todo mundo é perfeito como você.

Regras para um casamento feliz (ao longo do tempo)

- 1. Beijar. Muito. O mundo pode esperar.*
- 2. Tire de sua mente os problemas imaginários, pois os reais precisam de alguns neurônios para serem resolvidos.*
- 3. Com relação às ideias sobre “outras pessoas...” A esposa a quem você prometeu seu coração é uma “outra” pessoa. Que suas palavras e ações protejam a inviolabilidade disso.*

Com amor,

Carol.

Ouvi Dick subindo as escadas. Seus passos eram medidos, sinal certo de que sua raiva também havia diminuído. Rasguei a página do caderno e escondi a carta embaixo do travesseiro.

Capítulo 19



Pés de Tomate

Comemorei o primeiro dia das férias de verão sentando na nossa varanda, de short e sandálias. Rhudy acompanhou Giles enquanto ele caminhava pelo jardim com passos forçados. Giles havia voltado a trabalhar na primavera, e Rhudy era sua companhia constante, percebendo de alguma maneira que Giles precisava de alguém que cuidasse dele.

Giles inclinou-se em sua bengala, absorto no trabalho. Ele parecia estar se sentindo mais forte a cada dia, em um ritmo que combinava com o aumento da temperatura e o desabrochar das flores.

A nova esposa de Robert Maxim andava por ali, apontando para sua casa e buscando pela sabedoria de Giles acerca de alguma coisa em seu jardim. Juro que ouvi a palavra “azaleia” e estremei.

Enquanto Giles falava com ela, pensei ver uma espécie de resignação na forma como ele ficava em pé, parado, e esperei que fosse apenas minha imaginação. Reparei que havia mais fios grisalhos em seus cabelos. Nós não havíamos falado muito sobre sua saúde ultimamente. Ele preferia inspecionar uma folha seca ou fazer uma consulta sobre uma lesma que estava causando danos a ter uma conversa que o fizesse lembrar-se do quanto estivera doente. Isso só levaria à pergunta que atormentava meus pensamentos, mas que não tinha me atrevido a fazer. Fazia quase dois anos

desde que ele sofrera o derrame — algum dia Giles conseguiria recuperar o que perdera?

Alguns dias depois, naquela mesma semana, concordei em ir buscar Giles em sua consulta de rotina com o médico. Voltando para casa pelo caminho mais rápido que eu finalmente havia descoberto, fiquei surpresa quando Giles gritou abruptamente:

— Sra. Wall, precisamos parar aqui.

Ele estava obviamente cansado, mas ficou mais alegre quando me mandou para algumas frutas e verduras em uma barraca ao lado da estrada que pareciam bonitas. Dirigi minha perua pela beira da estrada irregular. Meus pneus protestaram fazendo um pequeno rangido enquanto rodavam pelo asfalto, e antes que eu resolvesse o problema de logística (como dar a volta ao carro e ajudar Giles a sair em meio ao mato que ia até o joelho?), ouvi um estalido. Giles já havia aberto a porta do carro, empurrando-a e abrindo-a completamente com sua bengala. Em seguida, ele se esforçou para sair sem minha ajuda.

Giles ficou ainda mais feliz quando me mostrou pequenos pés de tomate que queria que eu levasse para minha casa, para o meu jardim. Ele me lembrou como o ângulo do sol seria importante para que os tomates vicejassem ou não. Então se interrompeu:

— Em todo caso, você está pronta para fazer isso sozinha — ele disse.

— Essa vai ser a minha primeira tentativa de plantar alimentos — eu disse.

— Lok também é muito boa em cultivar — ele replicou. — Ela sempre teve uma pequena horta.

Não perguntei sobre Lok. Não parecia ser o momento certo — senti que isso só serviria para deixar Giles triste. Em vez disso, peguei uma planta e depois outra. Ele fez que sim com a cabeça e disse que eu havia feito boas escolhas. Os pés de tomate estavam saudáveis, verdes e robustos, com belos ramos que em breve estariam cheios de pequenas flores amarelas com formato de estrela.

— Estes são os melhores, certo? — perguntei novamente, ansiosa para conseguir sua aprovação, como se eu fosse sua aluna de horticultura e isso pudesse pesar na minha nota final.

Enquanto o vendedor contava meu troco, fiquei alarmada ao ouvir Giles tropeçar no cascalho. Sua mão foi de encontro à barraca improvisada de

frutas e vegetais, que tremeu sob seu peso. Sua boca caiu ligeiramente para um lado, como eu havia notado que acontecia algumas vezes, quando ele exigia demais de si mesmo.

— O que o médico disse? — perguntei, como se tivesse o direito de saber. — Você está bem, Giles?

— Estou bem — ele conseguiu responder.

Telefonei antes para saber se os meninos estavam em casa e, em seguida, levei Giles para lá. Eles nos ajudaram enquanto nos esforçávamos para subir a rampa e atravessar a porta. Com seus filhos apoiando-o, Giles afundou no sofá, inclinando as costas nas almofadas com um suspiro. Alguns minutos depois, ele começou a se recuperar. Suas feições pareciam mais equilibradas e ele pediu um pouco de água. Giles chegou a dizer que estava com fome, o que considerei um bom sinal.

De volta à minha casa, voltei minha atenção à tarefa que Giles tinha me dado. No solo resistente do meu jardim, segui as instruções que ele havia demonstrado ao longo do tempo. Ouvi Giles me dizendo para espaçar bem os pés de tomate, de forma a permitir que eles dobrassem de tamanho nos próximos doze a quinze dias. Para obter um caule forte, eu precisava podá-los depois disso. Nunca se deve podar ou amarrar as plantas quando as folhas estão molhadas, ele havia me dito. Você não quer que elas embolorem, apodreçam ou quebrem.

Coloquei minhas luvas de jardinagem de lado para sentir o calor do solo fértil entre meus dedos. Parecia uma coisa tão pequena e ainda assim era monumental para mim. De repente, me fez lembrar de mamãe me ensinando a andar de bicicleta. Nas primeiras vezes, ela segurava a parte de trás do assento, correndo junto comigo atrás da bicicleta. Então, um dia, quando me virei, fiquei surpresa ao ver que já a tinha deixado bem para trás.

Senti-me igualmente alegre e melancólica enquanto guiava as raízes dos meus pés de tomate para dentro da terra. Tanta coisa havia acontecido desde o dia em que descobri o presente carinhoso de flores brancas que Giles havia deixado no meu quintal. E hoje, oficialmente, eu havia me tornado uma jardineira.

O resto do verão passou muito rápido. Giles e eu mantivemos nossa rotina de seminários e visitas ao meu “complexo”. Da janela da cozinha, eu admirava o crescimento dos meus prósperos tomates. Eles eram incrivelmente bonitos, produzindo pequenos globos vermelhos que pareciam brilhar no sol da tarde.

Um dia antes do início das aulas, atravessei a cidade para colocar meu melhor tomate no peitoril da janela de Giles. Encontrei-o sentado em sua cadeira de rodas ao lado da janela da frente.

— Giles, você deve ser realmente um grande professor se consegue ajudar alguém como eu a extrair tanta beleza de um jardim. Nem em sonhos imaginei que poderia fazer isso.

Giles sorriu.

— Sempre gostei de ajudar os outros a descobrir o processo, e eu mesmo acabei aprendendo todas as vezes que trabalhei com os alunos.

Sentei-me perto dele. Eu não queria apressar a visita. Com as aulas começando novamente, podia ser que eu não ficasse com tanto tempo livre por algum tempo.

— Sempre fiquei curiosa com aquela foto na sua prateleira, Giles, aquela que mostra você com seu jaleco branco e os alunos segurando orgulhosamente aqueles grandes repolhos. Foi tirada no Quênia?

— Sim. Eu estava dando aula na Faculdade Egerton, perto de Nakuru. A foto foi tirada em uma unidade de demonstração de três hectares que tínhamos no departamento de horticultura. Eu ensinava produção de vegetais, incluindo preparação do campo, rotação, irrigação, controle de pragas, manejo e até mesmo marketing. As frutas e verduras eram vendidas a preços reduzidos para os funcionários e para a faculdade. — ele levantou um dedo como se para enfatizar a observação que estava prestes a fazer. — Eu sempre disse aos meus alunos que é preciso sair a campo. Um livro é apenas o começo, e um projeto de laboratório empalidece ao lado do exame da coisa em si.

Pensei nas centenas de alunos que devem ter ouvido isso, marchando atrás do professor em seu casaco branco. Giles manteve os olhos fixos na foto, e me perguntei se ele estava pensando em todas as futuras realizações pelas quais havia esperado ansiosamente até aquele momento. Imaginei o quanto ele devia ter se sentido orgulhoso por já ter dado um passo tão grande na jornada sua e de Bienta na direção de seus objetivos finais.

Na estante logo atrás dele, estava um exemplar encadernado em couro de sua dissertação. *Giles Owita: Doutor em Horticultura* estavam estampadas em dourado na lombada.

Estas poucas palavras captavam grande parte do sonho que Giles havia se preparado para transformar em realidade. Sua educação era a única parte de seu plano que ele poderia controlar. Mas ele não poderia se responsabilizar pelos preconceitos ou limitações das outras pessoas. Sozinho não poderia fazer com que sua saúde melhorasse. Rezei para que ele não achasse que havia falhado. Pensei em seus filhos e em como ele era amado.

— Sua vida está dando frutos também — disse Giles, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Aconteça o que acontecer, você deve continuar trabalhando em seu jardim.

— É claro — prometi a ele. — Aconteça o que acontecer, vou continuar. E você deve prometer, meu amigo, que vai continuar a trabalhar ao meu lado.

Giles sorriu e fez que sim com a cabeça, mas não respondeu.

Capítulo 20



Mudas

À medida que o outono ficava mais frio e dava lugar ao inverno, Giles e eu desenvolvemos uma agenda regular para nossos seminários. Eu ia à casa dele todas as quartas-feiras após as aulas e, de vez em quando, quando o tempo permitia, ele vinha ao meu jardim. Nossas aulas de jardinagem eram sempre misturadas com debate de temas mais amplos. Começávamos com nossos filhos, especialmente Lok, que acabara de tirar a foto para solicitação do visto. Então, inevitavelmente, nossas conversas se desviavam por todo um mapa de opções, desde ciência até filosofia e religião.

Para minha grande alegria, Bienta juntou-se ao coro do sótão para os ensaios das noites de quinta-feira. Ela foi recebida calorosamente quando começamos nossa segunda semana ensaiando as músicas para o Advento. Ela cantava sua parte muito bem e ria das piadas junto com todo mundo. Mas eu havia sentido uma distância entre nós desde o dia em que soubemos da dificuldade financeira dela e de Giles. Eu simplesmente não conseguia quebrar essa barreira. Bienta era uma mulher muito forte e intimidante à sua própria maneira. Eu queria muito falar com ela sobre Lok e perguntar sobre a saúde de Giles, que me parecia tão assustadoramente frágil — ele havia até mesmo voltado a usar sua cadeira de rodas com mais frequência. Mas eu sentia que Bienta havia pendurado uma placa de “fechado para balanço” em

seu rosto sempre que me aproximava. Conversas além das triviais gentilezas eram impossíveis.

Então, em vez de falar com ela, dividi meus medos com Sarah. Um sábado, quando estava passeando na Garden Shoppe, puxei-a de lado.

— Você acha que Giles está emagrecendo? Dick diz que estou imaginando coisas. Mas não acho que esteja. Estou preocupada achando que ele tem câncer e não quer que nós saibamos.

— Câncer? — disse Sarah, surpresa. — O que faz você pensar que ele tem câncer?

Pensei em mencionar o diagnóstico de melanoma de Giles, mas então me interrompi. Será que eu me tornara uma daquelas pessoas sobre as quais sempre me queixei, que tratam as doenças das outras pessoas como fofoca?

— Bom, qualquer um pode ter câncer — eu disse.

— Não sei, Carol. Estou inclinada a concordar com Dick nesse caso. Não acho que exista nenhum grande segredo ali. Só acho que Giles está sob muita tensão e a recuperação de uma AVC é muito longa e árdua. Tenho certeza que ele fica terrivelmente deprimido por não ser capaz de fazer as coisas que costumava fazer com tanta facilidade.

Dirigindo para casa, quebrei a cabeça para descobrir formas de animar Giles. Então uma ideia me ocorreu. A espada-de-são-jorge que ele e Bienta haviam me dado sofreram terrivelmente com a minha total incompetência para lidar com plantas para interiores. Então marquei uma hora para falar com Giles o mais rápido possível sobre um assunto urgente de jardinagem.

— Esta é minha confissão — disse a ele. — A verdade é que tenho sido igualmente negligente tanto em regar demais quanto em regar de menos as plantas.

Onde jardineiros não tão bons poderiam ter rido, Giles não encontrou nada para diverti-lo enquanto seus olhos captavam o horror da situação. A suculenta, cuja aureola ereta, verde e dourada era usada para agradar, desbotou até que seu caule se tornasse uma haste marrom ressequida, daquele marrom das sacolas de papel de supermercado.

— Devem ser seriamente podadas. Essa é a única resposta — decretou.

Ele sentou-se um pouco mais ereto em sua cadeira de rodas. Então agarrou o braço do sofá para puxar sua cadeira pelo tapete e salvar a pobre planta de minhas garras mortais. De fato, ele parecia animado ao ver como as plantas haviam sido negligenciadas. Ele me pediu para ir ao jardim e

trazer suas tesouras de podar para dentro. Fechei o zíper do meu casaco e fui para a porta de trás.

Ele me chamou:

— Olhe embaixo das lonas e escolha um espécime que você goste. Traga-o para mim e nós trabalharemos nele também.

Lá fora, parei para erguer as lonas berrantes das quais havia troçado tantas vezes. Embaixo delas, descobri um espetáculo cuja serena beleza me tirou o fôlego. No abrigo das cadeiras e bancos cobertos, havia uma série de pequenas mudas, claramente florescendo. Giles me diria mais tarde que todas elas haviam sido resgatadas do lixo deixado na calçada por outras pessoas. Ao me ajoelhar para dar uma olhada, vi como, sob a superfície sem atrativos, as engrenagens da vida haviam continuado a girar, acompanhadas pelo tique-taque da natureza a soar lindamente, como se fossem o mecanismo hipnotizante de um relógio caro.

O projeto de resgate do jardim do Dr. Giles Owita tinha florescido apesar da doença e dos ventos frios. Encontrar isso era parecido com descobrir uma bicicleta nova e brilhante embaixo da árvore em uma manhã de Natal. Esse sentimento se intensificou quando olhei sob cada lona em todo o jardim e descobri tesouros por todos os lados. Havia inúmeros, incontáveis pequenos vasos contendo pequenas coníferas, incipientes brotos de azevinho e uma miríade de coisas verdes resgatadas da obscuridade e cuidadas pelo dedo mais verde de Roanoke.

— Sra. Wall? Encontrou o que estava procurando? — Giles me chamou pela porta de trás.

Escolhi uma pequena conífera como meu espécime, peguei as tesouras e voltei para dentro. Ajudei Giles a mover sua cadeira de rodas para a mesa da cozinha, situada em um canto encantador fora da sala. Então puxei uma cadeira e sentei ao lado dele, sentindo-me como sempre me sentia quando o via trabalhar — como um estudante de sorte deleitando-se com o brilho refletido por um professor talentoso.

Detritos horrorosos caíam para longe da enferma espada-de-são-jorge, enquanto Giles realizava seu sistema de cortes e podas, seus movimentos sendo tudo menos automáticos.

— Desse jeito vai ficar bom — ele disse. — Por favor, leve de volta para casa com você.

Então, seguindo as instruções de Giles, acrescentei turfa ao solo em redor da delicada muda de pinheiro que eu havia escolhido. Quando eu hesitava em algum ponto, Giles não conseguia deixar de estender sua mão para me ajudar. Depois que terminamos, ele disse:

— Deixe-me cuidar desta aqui um pouco mais. Eu digo a você quando estiver pronta.

Voltamos para a sala de Giles e, como sempre, nossa conversa ficava errática e eu me tornava mais filosófica.

— Sabe, eu estava lendo outro dia sobre a teoria de Einstein de que o espaço e o tempo são elásticos. O que isso significa para você Giles? Você acha que isso quer dizer que podemos passar por aqui novamente?

— Isso é um mistério — disse Giles. — O que você acha?

— Estamos falando sobre ciência ou religião?

— Einstein disse que as duas são uma única coisa — então ele olhou em minha direção com aquele velho e familiar brilho de satisfação nos olhos. — Mas eu sempre posso levar o assunto para o meu painel de doutorado da Virginia Tech para conseguir mais algumas respostas e trazê-las para você.

Depois do Natal, Giles ligou para dizer que a pequena árvore órfã estava vicejando e que era hora de trazê-la para casa.

Quando passei pela casa dele para apanhá-la, me vi emocionada quando ele a entregou para mim. Pensei em como essa árvore havia sido jogada fora, como se fosse lixo, e depois resgatada para um lugar embaixo das lonas, onde seria nutrida. E agora ela tinha a oportunidade de se tornar tudo aquilo para o qual havia sido criada — e tudo porque Giles havia visto o potencial em uma pequena muda raquítica.

— Quero agradecer a você, Giles — comecei a dizer. — Porque com o seu conhecimento, domínio do assunto e a sua paciência... — minhas lágrimas brotaram e me lembrei de nosso filho Chad, e da dificuldade de aprendizagem contra a qual ele lutou na escola. Conteí a Giles como uma das professoras de Chad havia nos informado levemente que ele nunca conseguiria fazer uma faculdade. Chad agora estava trabalhando em sua tese de doutorado.

— Oh, muitas, muitas pessoas falam cedo demais — disse Giles. — Aqueles que sabem um pouco menos falam ainda mais cedo. Um dia desses, talvez eu ajude você a encontrar essa professora que faz profecias com sua abordagem cheia de azedume. Ela não deve ser muito feliz. Mais infelizes ainda são as crianças que a procuram em busca de crescimento.

— É. — meus olhos ficaram embaçados e levei um lenço de papel ao nariz.

Então, para minha surpresa, os olhos de Giles também se encheram de água.

— Talvez eu não devesse criticar. Muitas vezes me pergunto se não tenho sido muito rigoroso com meus filhos, muito propenso a apontar o mal em vez do bem. Mas eles sempre foram bons meninos. Agora vejo isso mais claramente. Por que insisti tanto nas pequenas coisas que não são realmente importantes?

Nunca havia visto Giles parecendo tão pouco confiante em si mesmo, tão arrependido. Queria poder tirá-lo dessa incerteza, da mesma forma que ele sempre fez por mim.

— Oh, Giles, não existe um pai ou mãe que não tenha se feito a mesma pergunta. Eu certamente fiz. Metade do tempo eu achava que estava sendo muito rigorosa e a outra metade achava que estava sendo muito tolerante. Mas você tem que ver suas intenções, Giles. Acho que é isso o que o bom Deus faz, não é?

— Sim, ele vê e compreende tudo isso e ainda mais.

Alguns momentos depois, o encanto de nossa conversa se quebrou quando Bienta e seus dois filhos chegaram em casa. Giles se iluminou e, pedindo desculpas, saí para deixá-los com seu jantar. Nessa noite depois de ter voltado para casa, coloquei meu pinheiro em fase de crescimento sobre a mesa extensível. Com minha visita, esperava ter levado um pouco de conforto a Giles. Eu rezava para que ele pudesse se curar e vicejar, da mesma forma que aquele tesouro de mudas escondidas embaixo da indescritível lona azul do seu jardim.

Capítulo 21



O Rio

*D*urante muito tempo, achei que seria impossível que a condição de papai piorasse — e mesmo assim ele continuou a se afastar cada vez mais de mim. Quando eu o visitava, procurava por sinais que mostrassem que ele se lembrava de mim, mas acabei tendo que admitir que havia me tornado uma estranha para ele. No decurso dessa longa e cruel doença, era como se meu pai houvesse sido arrancado de mim aos pedaços, pouco a pouco.

Então, um dia, ele se foi totalmente e nem mesmo sua concha restou.

Nós o colocamos na colina ao lado da mamãe. Embora muitas vezes eu tenha me horrorizado com os cartões excessivamente melados e otimistas que recebi depois do meu diagnóstico de câncer, apreciei cada cartão de pêsames que recebi depois que papai morreu. Eu sabia como ele ficaria satisfeito com cada gesto. Em Radford, frequentemente ele era chamado para carregar o caixão caso alguém morresse sem família ou amigos que fizessem uma despedida apropriada. Imaginei papai, livre ao morrer, sendo esse homem gentil, expansivo, generoso e amoroso novamente e esse foi o maior consolo que tive com relação a ele em um bom tempo.

Alguns dias depois do enterro do papai, despertei-me lentamente. Eu estava consciente — não estava sonhando — mas me senti tomada por uma sensação de paz. Pisquei os olhos, vasculhei o colchão e confirmei que

estava sozinha na cama. Tudo parecia sólido, real, autêntico. Dick estava lá embaixo na cozinha, fazendo café. A luz incidiu em um ângulo familiar em meio às frestas das cortinas de nosso quarto. Olhei para os pés da cama e ali parado havia um garotinho — mais brilhante do que a luz do sol, quase dourado.

Devia ter talvez entre oito e dez anos de idade, não mais do que isso. E mesmo parecendo tão real para mim, percebi que não o via com os olhos, mas com a alma.

Talvez fosse um anjo. Eu o estudei durante vários segundos. Seu cabelo era loiro e dividido na lateral. Ele usava um macacão jeans que me fez lembrar a época da Depressão e a vida em uma fazenda. Pensei nele como se estivesse descalço, mas não pude ver seus pés.

Havia outra pessoa com ele, mais alta e que parecia um protetor do menino. O sexo desse ser mais alto não estava claro para mim, mas esse fato parecia estranhamente sem importância. O ser mais alto passou os olhos pelo quarto enquanto o garoto me fitava. Era essa criança que havia vindo me ver.

No momento em que me mexi para sair da cama, eles se foram.

No momento de lucidez que se seguiu, resolvi que não diria nada a ninguém sobre esse incidente, nem mesmo a Dick. Ele acharia com certeza que eu finalmente, de uma vez por todas, havia perdido o juízo.

Durante todo o dia, senti-me simultaneamente confusa e confortada pela minha visão matutina. Perguntava-me como podia me sentir das duas formas ao mesmo tempo. Por um lado, alguma coisa me dizia que esse garoto de cabelos louros nos pés da minha cama estava lá para me confortar. Por outro lado, achava que as pessoas em sã consciência não recebiam visitas de espíritos vindos do além.

Nessa tarde, em minha visita regular a Giles, me senti nervosa e ansiosa. Finalmente, e apesar da promessa que havia feito a mim mesma, decidi confessar meu segredo a Giles.

— Giles, você acredita que os mortos podem nos visitar?

— O que os quenianos chamam de “Mundo Acima” está sempre nos alcançando aqui embaixo — ele disse. Ele sentou-se na cadeira de rodas de

frente para a janela panorâmica e sua voz era casual, como se estivéssemos falando sobre a visita de um vizinho. — Nossos ancestrais, que vivem abaixo de nós e fornecem nossa base, nos trazem sonhos. Aqueles que voaram estão conosco todos os dias. Isso faz parte da vida. Nós aceitamos essas coisas como sendo naturais e normais.

— Quando acordei hoje de manhã, vi uma pessoa ao lado da minha cama. Não consigo explicar realmente porque ou como sei isso, mas tenho quase certeza que esse garotinho era meu pai.

— Ok.

— Papai cresceu em uma fazenda e tenho fotos dele usando macacões jeans, exatamente como o que o menino usava. — tirei uma foto apagada da minha bolsa e mostrei-a a Giles

Ele a estudou, seus olhos refletindo um profundo apreço pela situação.

—Agora, ouça, Giles. Normalmente, eu detesto quando as pessoas me dizem coisas desse tipo. Sempre parece que é inventado, como se fosse um desejo. No início, prometi que não iria dizer nada a uma única alma, mas depois pensei em você. Será que estou ficando louca?

Ele riu.

— Você não está louca. Muito pelo contrário. Você é uma das pessoas menos loucas que conheço. Fico feliz por ouvir isso. Seu pai escolheu vir até você. Isso mostra a proximidade e o respeito que existem entre vocês dos dois lados do rio.

Mais uma vez comecei a chorar na frente de Giles e notei que seus olhos também estavam cheios de emoção. Então pneus entrando na garagem interromperam o momento. Bienta estava em casa.

Enquanto ela entreva pela porta da cozinha, deixei a foto de papai escorregar para dentro de minha bolsa.

— Como vai, Sra. Wall? — disse Bienta.

— Estamos bem. E obrigada pelo seu cartão de pêsames.

— É claro — ela suspirou. — Aconteceram tantas coisas, não é?

— Todos nós passamos por tempos difíceis nos últimos anos.

— Sra. Wall, faz tanto tempo desde a última vez que conseguimos conversar— disse Bienta. — Será que você não estaria livre para um almoço no sábado?

Tentei evitar mostrar minha completa surpresa.

— Estou sim — eu disse. — É claro. Eu adoraria.

Esperava que meu sorriso se mostrasse simpático e descontraído, e não chocado ou profundamente curioso. Não podia deixar de sentir que havia algo que Bienta estava escondendo de mim — algo que ela queria me dizer. Mentalmente fiz uma lista do que poderia ser — algo sobre Giles, contas médicas, matrícula dos meninos. Provavelmente algo relacionado ao seu relacionamento com Giles. Muitas vezes, sentia que eles estavam em desacordo, e, se fosse assim, eu certamente poderia entender. Eu sabia por experiência própria o quanto é difícil, em um casamento, quando um dos cônjuges está doente e o outro não.

Analisei o rosto de Bienta em busca de pistas. Sua expressão era agradável e reservada como sempre e mais uma vez ela pendurou a placa de “fechado para balanço”. Eu não ia arrancar mais nada dela até que ela estivesse bem e pronta.

Bienta e eu nos encontramos em um café na cidade. Conversamos um pouco e fizemos nossos pedidos, que acabaram sendo exatamente os mesmos. Eu estava determinada a deixar Bienta abordar seu misterioso assunto e a não fazer qualquer pergunta direta. Então, em vez disso, conversamos sobre nossos filhos.

O assunto da rivalidade entre irmãos surgiu e ela me contou sobre a sabedoria queniana que dizia que quando duas crianças querem a atenção de um dos pais, estes sempre optam pelo mais velho primeiro.

— Esse conhece você melhor e ficaria mais magoado se tivesse que esperar — ela explicou.

— Verdade? Isso é fascinante — eu disse. — Geralmente fazemos o oposto. *Você é mais velho. Pode esperar.* Essa é nossa filosofia. Mas o que você diz faz todo o sentido. Onde estava essa sabedoria quando meus filhos estavam crescendo?

Rimos um pouco disso e eu estava feliz por ver que Bienta parecia um pouco mais relaxada hoje. Então ela suspirou e a tristeza caiu sobre seu rosto.

— Tenho medo que minha filha ache que foi esquecida.

— Tenho certeza que ela sabe que não é verdade e mesmo assim eu me preocuparia, da mesma forma que você.

Bienta apertou os lábios, como se para estancar suas emoções. Ela aquiesceu com a cabeça.

— Nós mães levamos a culpa por muitas coisas — eu disse.

Ela pousou um punho sobre a mesa.

— É. Eu me sinto uma tola por confiar no funcionamento de uma grande máquina para trazê-la até mim. Nem todo mundo é honesto, Sra. Wall. Na verdade, uma pessoa bem colocada pode ser subornada, resultando em caos e atrasos. Você entende?

— Entendo. E fico envergonhada em admitir que isso nunca tinha me ocorrido antes. Sou muito ingênua e realmente não viajei muito.

— O mundo é grande — ela disse. — E com a situação de Giles, nós simplesmente estamos aqui e não podemos ir até onde ela está... nem mesmo para fazer uma visita. Mesmo assim, as coisas estão avançando ultimamente. Tenho quase certeza disso e peço aos santos que nos ajudem.

— Gostaria de poder fazer algo para ajudar de alguma forma. Lembre-se de como você me ajudou com meu turbante num momento em que eu estava me sentindo tão deprimida? O que você fez foi uma coisa muito carinhosa e eu serei sempre grata.

Ela concordou com a cabeça em reconhecimento. Sua expressão era dolorosa.

— As coisas são mais complicadas do que você pode sequer imaginar, Sra. Wall.

— Estou aqui para ouvir, ajudar ou me retirar. Eu não vou perseguir você para descobrir mais coisas ou repassar fofocas para outras pessoas.

— É claro que não — ela disse. — Penso em você como uma das minhas amigas mais sinceras.

Agora era minha vez de ficar emocionada. Uma das amigas mais sinceras de Bienta? Sempre quis ser sincera, mas me sentia tão inadequada para a tarefa.

Ficamos em silêncio novamente e apesar das minhas melhores intenções apressei-me a preencher o vazio:

— Como você acha que Giles está?

— Por que está perguntando?

Mas, por mais aberta que ela estivesse antes, nesse momento Bienta fechou-se para mim novamente, seu rosto uma máscara indecifrável.

— Pergunto, porque me importo. — Minha voz traiu mais impaciência do que eu queria mostrar e senti Bienta recuando ainda mais. O que havia começado como um agradável almoço entre senhoras se desfez diante dos meus olhos.

Quando nossa garçonete entregou a conta, Bienta e eu tentamos pegá-la ao mesmo tempo.

— Eu convidei você — disse Bienta.

Não querendo insultar Bienta ainda mais, retirei minha mão e consegui derrubar seu copo de água. A poça se espalhou pela mesa e, em seguida, correu para o colo de Bienta, encharcando sua saia azul claro.

Bienta estudou a situação horrorizada por um instante e depois deu um pulo com um pequeno grito de angústia, empurrando sua cadeira para trás. Seus pés raspando o chão criaram um eco estridente. Outros clientes espantados se voltaram para ver. Peguei outro guardanapo da mesa ao lado e o bati loucamente sobre a bagunça que havia causado.

Quando o gerente do restaurante veio para oferecer a Bienta uma toalha limpa, em vez de aceitar, ela abriu caminho por entre as mesas em direção à saída, como se estivesse fugindo de uma cena de crime. Paguei nossa conta e corri para encontrá-la.

Lá fora, Bienta encostou em um poste, soluçando, um lenço rendado cobrindo o rosto.

— Sinto tanto, tanto — eu disse. — Eu esperava tanto ter um almoço gostoso com você e aí acabei jogando água gelada por toda parte.

Ela aquiesceu com a cabeça.

— Não é sua culpa. E não foi a água que me deixou chateada.

— O que você não está me dizendo, Bienta? Eu quero ser sua amiga, de verdade. Espero que você não se importe por eu visitar Giles com tanta frequência. Ele é seu marido e eu tenho o meu, se esse é o problema. Olhe, eu não preciso passar lá todas as semanas. Nós nos afastaremos, se você quiser.

Quase imediatamente, seu choro cessou. Ela pareceu surpresa, e logo depois arrependida.

— Oh, não — ela respondeu alarmada, seus olhos sinceros sobre mim.

— Na verdade, nós gostamos e precisamos... — sua voz sumiu. — Você já é mais minha amiga do que imagina. Quando você está ajudando meu marido, está ajudando nossa casa. Algum dia falaremos mais a respeito.

Bienta esticou o braço e colocou sua mão no meu antebraço. Olhei para ela e disse:

— Bom, *wabironenore*. Giles me ensinou isso.

Ela apertou meu braço.

— Sim, nos veremos depois.

Vi quando ela subiu a rua em direção ao lugar onde havia estacionado seu carro. Mais uma vez me senti enganada e me perguntava se Bienta algum dia confiaria em mim. Eu queria tanto merecer sua confiança.

Meus passos eram lentos enquanto procurava minha própria peruca.

— Um dia desses — disse para mim mesma — saberei mais.

Capítulo 22



Um Caminho Difícil

Dias depois, cheguei em casa após a aula para ouvir uma mensagem de voz atordoante.

Ao ouvir a mensagem, por alguns segundos duvidei de meus ouvidos. Em um momento de otimismo irracional pensei: *Deve ter havido algum tipo de confusão. Essas notícias terríveis não eram para mim.*

Mesmo assim eu sabia que eram. O interlocutor do sexo feminino, uma assistente do consultório do meu lindo Oncologista, começou a mensagem com palavras que eu, em minha jornada como paciente com câncer, já temia:

— Esta mensagem se destina a Carol Wall...

Ouvi novamente. Descrença era tudo que eu sentia. Não. Impossível. Não eu.

Não eu de novo.

Desliguei o telefone cuidadosamente, como se todas as minhas ações representassem perigos escondidos e bombas caíssem todas ao meu redor. Fazia três anos desde que havia terminado minha quimioterapia e meu mais recente exame de rotina havia sido bom. Meu lindo Oncologista e eu discutimos uma série de temas não relacionados, na nossa maneira usual, amigável. Ele me garantiu que tudo parecia bem. A única coisa que restava verificar eram meus marcadores tumorais e conversei com a enfermeira

como sempre fazia enquanto ela colhia o sangue. Eu não estava preocupada. Os meus marcadores tumorais nunca haviam variado nem um pouco.

Até aquele momento. Os novos resultados estavam ali e os números estavam aumentando.

A sala parecia balançar. Chamei Dick no escritório. Ele não respondeu e disse a mim mesma que este não era o tipo de notícia que eu deveria deixar em uma mensagem.

Fui tomada por um desejo de fugir, como se pudesse ultrapassar meus próprios marcadores do câncer. Só havia uma pessoa com quem eu poderia me imaginar falando nesse momento e eu ansiava por sua presença tranquilizadora. Giles. Precisava ver Giles.

Eu estava apavorada e com raiva enquanto dirigia ao longo das rodovias secundárias que levavam à casa dele. Pensei que não seria uma grande tragédia se, no cruzamento, eu esquecesse de frear e deixasse que um caminhão acabasse logo comigo. Era um pecado, tinha certeza, pensar desta forma. No entanto, tentar ser virtuosa não havia me levado a lugar algum, então dei lugar à amargura.

Era um dia de primavera cinza e tempestuoso, perto da hora do jantar. A luz estava desaparecendo quando cheguei e vi Giles dar passos vacilantes em direção à sua cabana do jardim, bengala na mão.

A única coisa pela qual havia suplicado nos últimos minutos estava agora ali perto. Então ouvi a voz melódica de Giles se dirigindo a mim, soando como uma benção na brisa.

— Eh! Sra. Wall! — ele me chamou.

Caminhamos um em direção ao outro, nos encontrando em seu muro. Sua oficina viva se estendia atrás dele, com todos os pequenos vasos de plástico embaixo da lona. Eu não havia percebido o quanto a magnólia havia crescido e estava alta. Lembrei-me de como ela me pareceu triste e frágil quando a vi pela primeira vez.

Esforcei-me para manter a voz calma.

— Que bom que você está aqui, porque achei que deveria saber...

Ele virou a cabeça e estreitou os olhos. Como sempre, ele olhou em minha direção, mas não para mim.

— Qual o problema?

— Não sei como dizer. Eu... bom, isto é, a julgar por alguns testes que fiz no outro dia, e de forma inesperada, para dizer o mínimo, considerando-

se os resultados supostamente obtidos...

— Você ficou sabendo... ?

— Meus marcadores do câncer de seio estão subindo, Giles. Pode ser que não seja nada... ou pode ser que seja... tudo ou qualquer coisa. — minha voz se rompeu. — O pior. Você sabe?

Com sua bengala, ele fez três tentativas até destravar o portão.

— Entre — ele disse — e conte-me mais.

— Vou ter que fazer alguns exames de varredura. Exames repetidos, o médico disse quando retornei o telefonema.

Olhei para as finas nuvens que alternadamente corriam e vagavam conforme trocavam suas marchas através do céu. Isso era exatamente o que eu temia todos os anos desde que mamãe e papai me contaram sobre os tratamentos de radiação que eu tinha feito quando bebê — esse sentimento do qual nunca pude livrar-me e que simplesmente continuaria voltando. Eu nunca havia contado a Giles sobre a radiação. Dick era a única pessoa que sabia. Eu não tinha certeza do que era que estava protegendo mais ao esconder isso das outras pessoas — minha própria privacidade ou os sentimentos de meus pais. Mas meus pais estavam mortos agora.

— Durante anos, Giles, meus pais me esconderam um terrível segredo. E aprendi que segredos podem ser prejudiciais para a alma.

Então contei tudo a Giles — como eu havia chorado como um bebê o tempo todo e como meus pais ficaram desesperados.

Giles parecia alarmado. Ele virou a cabeça como se estivesse ouvindo a entrada da artilharia.

— Eu tinha apenas cinco meses. Naquela época, vivíamos em Radford. Eles me levaram para a cidade grande de Roanoke para fazer três tratamentos completos de radiação para o meu timo.

Giles balançou a cabeça.

— Exposição à radiação. Isso é muito, muito ruim. Especialmente para um bebê.

— Eu sei. A intenção de meus pais era boa. Nós sabemos disso agora. Eles já tinham um bebê com graves problemas de saúde, então acho que o médico quis ajudá-los ou algo assim. De qualquer forma, foi uma reação obviamente exagerada. Eu sinto pena deles agora, e tentei muito entender pelo que eles estavam passando, mas também estou com raiva. Tive um pequeno tumor benigno que foi removido do meu pescoço quando tinha

doze anos e outro quando tinha dezessete. Mas meus pais nunca me disseram por que, não até que eu e Dick já estivéssemos casados. Desde então, sinto como se meu corpo estivesse preso em uma armadilha e que é meu dever examinar cada centímetro dele, como se fosse território inimigo. Agora meus piores medos estão se tornando realidade.

Giles aquiesceu com a cabeça, entendendo tudo o que eu dizia, revirando minhas palavras em sua cabeça como sempre fazia.

— Sabe, eu gostaria que todos simplesmente fossem embora — disse. — Queria mesmo. Os aplicadores de injeção e os aticadores. Os especialistas treinados para olhar, apertar e cortar. Aqueles que leem gráficos e digitam notas. Aqueles que treinam seus raios-X em inocentes e seguram suas chapas brilhantes contra a luz, antes de surpreendê-lo com segredos que você tinha guardado de você mesmo Sinto-me tão só, Giles. Como se houvesse sido marcada — escolhida.

— Eu entendo — respondeu Giles. — Sempre que temos que carregar uma herança do passado com relação à saúde, isso pode ser demais para suportar.

Um vento frio varria o quintal naquele momento. Instintivamente, viramos o rosto para as montanhas, mas ao se voltar, Giles ficou instável sobre seus pés.

— Oh, meu Deus — ele disse. A bengala escorregou de sua mão. Tentei pegá-la enquanto caía, mas não consegui. A grama a recebeu com um frêmito. Sua camisa azul de algodão comprimiu-se contra seu peito. Vi como ele havia ficado magro.

— Deixei você chateado. Isso foi egoísmo. Sinto tanto, Giles.

Uma das vizinhas de Giles que estava verificando sua correspondência do outro lado da rua gritou para perguntar se precisávamos de ajuda. Ela ficou ao lado de sua caixa de correio, fingindo inspecionar a dobradiça, quando todo o tempo sentia que ela era apenas uma daquelas pessoas que possuíam um radar para fofocas de todo tipo. Disse a ela que não. Estávamos bem. Giles e eu baixamos nossas vozes até que fossem apenas um sussurro.

— Esta manhã também recebemos algumas notícias — disse Giles, enquanto eu pegava sua bengala. — O visto de Lok vai sair. Por um bom tempo, soubemos que havia uma possibilidade, mas agora está confirmado. É uma questão de dias.

— Oh, Giles! Isso é maravilhoso. Vamos fazer uma comemoração quando ela chegar aqui. Aproximei-me dele, na esperança de transmitir o quanto me sentia entusiasmada com a chegada de Lok.

Se ao menos eu tivesse sabido dessa boa notícia, teria esperado para dividir meu fardo com ele. Mas sua expressão preocupada persistiu. Eu esperava que Giles estivesse radiante, mas ele parecia mais triste do que jamais havia visto.

— Há algo que eu não disse a você — ele falou. — Com relação à minha condição. — ele fez uma pausa. — É algo que faz com que a chegada de Lok seja um assunto da maior urgência. Muitas vezes eu quis contar a você... sobre o motivo por trás do meu derrame e do meu enfraquecimento... mas estávamos sempre trabalhando no jardim e o momento nunca chegava.

Seus olhos brilharam daquele seu jeito sincero e esperei pacientemente que ele continuasse. Um avião estava baixando em direção ao aeroporto, uma visão que sempre me fazia lembrar de Lok. Observei seu perfil de pássaro avançar rapidamente, desacelerando, esticando seu ventre para o pouso. Giles esperou até que a vizinha desaparecesse dentro de sua casa antes de falar novamente.

— Eu não vou melhorar — ele disse.

— É claro que vai. Minha mãe era muito mais velha e o derrame dela foi pior.

— Não. Não é o derrame. Por favor, ouça por um momento.

Ele virou para o outro lado. O varal subia e descia, lembrando-me das cordas de pular que usamos quando crianças. Notei que Giles finalmente havia feito uma chave para a cabana do jardim, mas ele a tinha deixado pendurada em um prego ao lado da fechadura.

— Sou HIV positivo — disse ele por fim. — Tem sido assim por muitos anos. Eu vivi muito tempo desde o diagnóstico, mas os médicos não acreditam que eu tenha muito mais tempo de vida.

Não pude evitar. Fiquei sem ar. Em seguida, com a mesma rapidez achei que devia ter entendido errado. Sem palavras, entreguei-lhe a bengala e, em seguida, levei-o até o muro para que ele pudesse apoiar-se nele.

— Fui diagnosticado em Blacksburg, 14 anos atrás. Minha vergonha foi profunda e os orientadores psicológicos não fizeram nenhuma tentativa de aliviar nossa dor. Na época, eles me disseram que eu teria mais três anos de

vida. Os meninos eram pequenos e eles nos incitaram a fazer um testamento, como se fosse certo que Bienta também estivesse infectada.

— Oh, Giles, sinto muito.

As palavras me faltaram. Pensei nesse terrível segredo que Giles e Bienta haviam mantido escondido dentro deles por tanto tempo. Lembrei-me de todas as vezes que Bienta esteve a ponto de me dizer alguma coisa, do quanto ela deve ter se sentido vulnerável, doente de preocupação e medo.

— Não importa como eles me trataram, naquela época — disse Giles. — Você se lembra com era a histeria naqueles anos. Este diagnóstico era encarado como uma sentença de morte. Não havia nenhum tratamento eficaz disponível. Havia uma pessoa no nosso conjunto de apartamentos que suspeitamos que poderia ter interceptado uma mensagem do consultório médico. Nós observávamos essa pessoa todos os dias. Será que ela sabia? Se soubesse, o que poderíamos fazer? Chamar o departamento de saúde? Espalhar a notícia pelo campus? Vivíamos constantemente com medo da descoberta.

Levantei minhas mãos até meu rosto.

— Oh, Deus, não consigo acreditar pelo que vocês devem ter passado.

— O estigma foi quase tão ruim quanto a própria doença. Bienta teve que viver com isso, preocupada que a notícia pudesse se espalhar e os meninos fossem tratados como leprosos. Não contamos a ninguém na Virginia Tech. Ninguém aqui em Roanoke sabe, exceto você, Sra. Wall. Não se pode confiar em muitas pessoas nessa nossa vida.

Meu coração ficou partido por Bienta. Quantas vezes eu havia entendido mal sua desconfiança. Achava que ela era reservada e distante, difícil de conhecer.

— Bienta mostrou ser resistente — disse Giles, — e foi poupada. Seus testes deram negativo para a doença. As crianças também.

— Estou feliz por isso, mas sinto muito, Giles, que você teve que manter esse terrível segredo.

— Se Bienta tivesse me mandado de volta ao Quênia — ele disse — para longe do tratamento disponível aqui, eu teria morrido rapidamente. É por isso que nunca pude ir atrás de Lok. Quem sabe que obstáculos podem ser encontrados ao se viajar para fora do país? Não me senti livre para contar a Lok. Só teria servido para aumentar sua dor. Mas as recentes

contagens de glóbulos introduziram um sentido de urgência. Ela deve vir me ver, para se despedir. O fim pode chegar rapidamente.

Eu não tinha ideia do que dizer e só queria tocar Giles fisicamente, para mostrar que estava aqui com ele e que ele estava certo em me dizer. Mas eu sabia que isso seria considerado rude em sua cultura e só serviria para deixá-lo constrangido. Em vez disso, agarrei-me ao muro e esforcei-me para manter o equilíbrio.

Olhei para cima e descobri que Giles estava olhando para mim. Ele olhou diretamente nos meus olhos, algo que nunca havia feito antes. O céu não caiu e ele não se afastou. Sempre soube que seus olhos eram do mesmo marrom escuro, profundo, que os meus. Perguntava-me se ele sabia disso também, antes deste momento.

Nós sustentamos nosso olhar e tenho certeza que ele foi o primeiro a desviar o seu. Queria que ele soubesse que eu nunca o rejeitaria. Nunca lhe daria as costas.

Ele não me disse como contraiu a doença, e eu não perguntei — e nunca perguntaria. Cada um de nós respeitava muito o outro para cruzar as fronteiras cuidadosas que havíamos mantido durante esses anos, um homem e uma mulher felizes no casamento com outras pessoas, mas que encontravam uma alegria única nessa amizade mútua.

— O que posso fazer para ajudar? — perguntei.

Sua resposta veio sem demora.

— No momento em que for avisado que Lok está a caminho, você deve me ajudar. Você deve me levar para encontrá-la. Eu estarei lá, até mesmo no aeroporto, porque todo momento contém uma vida. Você fará isso, Sra. Wall?

— Farei.

Assumi meu lugar ao lado de Bienta em um canto vazio da arquibancada. Os meninos dos Owita jogavam futebol, e eu havia me oferecido para fazer companhia a ela.

Depois que Giles me contou seu segredo, decidi abandonar meus medos sem sentido com relação aos números que alguém houvesse adivinhado no laboratório de oncologia. Em vez disso, concentrei-me na alegria de esperar

pela chegada de Lok. Se Bienta e Giles podiam comemorar em um momento como este, então, certamente, eu também poderia. Enquanto isso, eu esperava que nossa amizade fortalecesse a todos nós.

O alívio de Bienta por Giles ter confiado em mim era palpável, como se uma espessa camada de culpa e vergonha tivesse sido removida e ela pudesse finalmente respirar e mover-se livremente.

Ela disse que há muito tempo havia pedido a Giles para que me contasse e que ela mesma muitas vezes teve vontade de me dizer. Mas ela sentia demasiado respeito pela privacidade de Giles e muita vergonha também.

— No começo, pensamos que ele tinha malária. Os primeiros sintomas podem ser semelhantes. Mas estávamos errados. Quando isso veio à tona... — sua voz suave interrompeu-se. — O diagnóstico de Giles foi feito quando as drogas antivirais estavam no início e um veredito de AIDS equivalia a uma sentença de morte. Lembra das colchas que as mães costumavam costurar em memória de seus entes queridos que foram levados pela AIDS? Nessa fase da pesquisa, um gesto tão carinhoso era tudo o que se podia oferecer. Até mesmo os membros da família corriam o perigo de se tornar párias se o segredo fosse divulgado. Vivíamos com medo, Sra. Wall. Sentíamos-nos como se fôssemos criminosos. A vida era um pesadelo.

— Sim, eu me lembro como era naquela época — eu disse. — Éramos todos tão estúpidos, como se estar na mesma sala com alguém, ou apertando sua mão, pudesse nos expor. Os julgamentos que as pessoas fizeram. A culpa. O resto de nós é que deveria se envergonhar, não vocês.

— O estigma nessa época era grande — ela disse. — Quando mandava nosso filho mais velho para o ônibus todos os dias para ir ao jardim de infância, eu verificava a porta de nosso apartamento para ver se alguém não havia pintado a palavra AIDS ou espirrado sangue na sua superfície.

— Oh, meu Deus. As pessoas realmente fazem isso? Isso é horrível.

— Exatamente. Então, Sra. Wall, era assim que nós vivíamos.

Vi a água correndo em direção a ela na nossa mesa do almoço naquele dia. Eu estava apenas começando a entender o horror que ela enfrentou durante todo esse tempo — a dor sufocante, temendo por sua própria saúde, imaginando como um filho amado que saiu despreocupadamente pela

manhã poderia voltar no mesmo dia sob o peso da acusação, um leproso por associação e um exilado.

Bienta disse:

— Quantas vezes senti que deveria contar a você, mas sempre perdia a coragem. Tentei muitas vezes, sabendo que era errado esconder isso de você.

Balancei a cabeça com compreensão.

— Não era errado esconder isso de mim. Eu não tinha o direito de saber. Mas agora que sei, posso ser mais útil. — o grau de isolamento de Bienta foi difícil de entender. Se pelo menos eu tivesse prestado mais atenção. Mais disposta a ver embaixo da superfície. — Sinto muito, Bienta. Eu sabia que havia alguma coisa errada, mas estava tão envolvida em meus próprios problemas. Deveria ter feito mais perguntas em vez de fazer suposições. Cheguei a pensar que você não gostava de mim e que se ressentia da minha ajuda. E nesse meio tempo, você estava passando por essa tortura, totalmente sozinha. Espero que você consiga me perdoar.

— Você é nossa amiga — disse Bienta com a voz aquecida pela compaixão. — Você esteve firme em um caminho difícil. E, como diz meu marido, vamos precisar de você mais do que nunca daqui para frente.

Capítulo 23



Os Lírios do Campo

Giles apoiou sua bengala ao longo da rampa para dentro de sua casa. O bairro estava decorado para o Halloween, com bandeiras fantasmagóricas, guirlandas pretas e roxas e pequenas luzes laranja piscando nas janelas.

Blake, o amigo de Giles, ajudou-o enquanto eu segurava a porta. Bienta carregava a mala de Giles, que estava em casa depois de uma breve estadia no hospital, onde havia concordado em participar de um estudo que fornecia tratamentos experimentais para pacientes que sofriam de AIDS. Bienta estava feliz por Giles participar.

— É esse tipo de pesquisa que pode levar a um tratamento melhor — ela disse.

Esse pensamento pareceu animar Giles também. Nós duas reparamos como o seu humor pareceu se iluminar com uma renovada percepção de propósito quando o voluntário veio para levá-lo ao hospital.

O círculo de confiança havia se ampliado, ligeiramente pelo menos. Tive permissão para contar a Dick e Giles e Bienta contaram para Blake e Sarah também. Entre nós, tentamos tornar o fardo deles mais leve. Enquanto Bienta saía correndo para seu segundo emprego, Blake saía para fazer as compras deles e eu ficava com Giles. Eu havia trazido uma pequena pilha de provas para corrigir e, mais uma vez, me sentia culpada

por me queixar de meus fardos quando outras pessoas suportavam coisas horríveis como essa e sem um único gemido.

Giles e eu nos acomodamos na sala e nos revezávamos na troca de palavras otimistas sobre o futuro um do outro.

— Seu exame da semana passada estava normal — lembrou-me Giles.

— Mas vou ter que fazer outro em seis semanas — eu disse. — Meu médico diz que parece que está tudo bem, mas que os exames devem continuar enquanto os marcadores aumentarem. Convenhamos. As preocupações nunca terminam. Pelo menos é o que parece no nosso caso.

— É, estamos condenados à constante vigilância — ele disse.

— Temos nosso próprio clube — repliquei. — O lado ruim é que é um clube de que ninguém quer fazer parte. O lado bom é que podemos falar sobre qualquer coisa que quisermos, e ninguém pode nos acusar de sermos mórbidos. Isso é estranhamente libertador. Ninguém nos repreende por causa do nosso peso ou do nosso nível de triglicérides. Não há ninguém para impressionar e nada mais a perder.

— É verdade mesmo — disse Giles.

Ele pegou um livro de couro azul-celeste da sua bandeja da TV. Eu já o tinha visto antes, quando Giles foi hospitalizado devido ao derrame. Era um pequeno livro do Novo Testamento, em Luo, com uma simples cruz dourada estampada na frente. Ele me entregou e eu o abri. Ao folheá-lo, fiquei maravilhada ao ver que as letras agrupadas de forma tão estranha aos meus olhos, traduziam quase exatamente as palavras de fé tão familiares ao meu coração.

— Giles, eu sinto como se estivesse sendo reprovada nessa parte dos nossos seminários. Em alguns dias é difícil manter o otimismo. Digo a mim mesma para não fazer isso, que é autodestrutivo e não tem sentido, mas mesmo assim, às vezes não consigo evitar ficar em pé na frente do espelho, apenas para ter certeza mais uma vez. É como se eu estivesse à procura de problemas. — folheei as páginas um pouco mais. — Vamos ver se consigo encontrar a parte sobre os lírios do campo. Estou precisando desesperadamente de um pouco de inspiração.

— Deixe-me ler para você — ele disse. — Acho que esse trecho restaura meu estado de espírito. — ele leu os primeiros versos em sua língua materna, e, em seguida, com a mesma facilidade, terminou a passagem no inglês das escolas do Quênia, em que ele facilmente se

destacou quando criança. — “Portanto, não vos inquieteis, dizendo: ‘Que comeremos?’ ou ‘Que haveremos de beber?’ ou ‘Com que nos vestiremos?’ Porque todas estas coisas os gentios procuram, de certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais todas essas coisas”.

— Este tem sido o meu problema — eu disse. — Eu me preocupo demais com as coisas que não posso controlar.

— O padre Matthews veio me ver ontem — disse Giles. — Ele trouxe a Comunhão. Abri meu coração para ele. Ele é um homem muito bom. Muito, muito bom.

— Ele fez a mesma coisa por mim quando eu estava no hospital — disse.

— Falei com ele sobre como tenho lutado contra o arrependimento. Descobri-me desejando que pudesse viver para ver meus netos. Mas essa não é a minha sina. — sua voz era sincera e firme, embora suas palavras estivessem cheias de tristeza. — Estive pensando sobre como tudo passou tão rápido e como eu era tão impaciente como pai. Quando meu filho mais novo tinha dez ou onze anos, ele sentia um medo terrível de aranhas. Ele acordava à noite gritando apavorado. Eu costumava repreendê-lo por ter medo de algo tão bobo. Agora percebo o quanto ele é sensível, e como eu não gostaria que ele fosse diferente.

— Giles, você não deve se torturar pelos erros que cometeu. Todos nós erramos. Por favor, não se esqueça de todas as coisas maravilhosas que você fez também. Pense em todas as horas e horas que você passou nos treinos de futebol e nas competições de natação.

Ele sorriu, até riu um pouco.

— Eu costumava adorar as competições de natação. Adorava vê-los cortar a água. Eu sentava bem perto da borda da piscina com meu cronômetro. A água espirrava em meus pés e pernas, mas eu não me importava. Desde que meus meninos estivessem satisfeitos com seus desempenhos, era isso o que importava para mim.

— Isso é o que importa para eles também. Eles amam você, Giles, da mesma maneira que eu sei que meus filhos me amam. Todos nós cometemos erros. Nós só temos que rezar para que os erros que cometemos com nossos filhos sejam pequenos. Só o tempo dirá.

Mencionei um antigo hino metodista, “Minhas Horas Estão em Tuas Mãos”. Cantei alguns versos.

Minhas horas estão em Tuas mãos; Meu Deus, quero que eles estejam lá;

Minha vida, meus amigos, minha alma deixo inteira ao Teu cuidado.

*Minhas horas estão em Tuas mãos; O que quer que seja;
Alegres ou dolorosas, escuras ou brilhantes, O que Tu achares melhor.*

*Minhas horas estão em Tuas mãos, eu sempre confiarei em Ti;
E, após a morte, estarei para sempre à TUA direita.*

Passei os olhos pela sala de Giles e pelos os vários livros em suas estantes. Desejei que eles tivessem a resposta às minhas perguntas sobre o tempo, a morte e o que vem depois. Mas eu teria que aceitar a incerteza.

O silêncio que desceu ao redor de nós era confortável, como se nosso padre nos houvesse chamado para a oração. Aproveitei o momento e me ocorreu que a própria amizade poderia ser um tipo de igreja.

— Penso em você como tendo sido meu melhor professor — disse a Giles por fim.

— E você tem sido minha aluna mais promissora — ele replicou. Nossos olhos, do mesmo tom de marrom, se encheram de lágrimas.

Capítulo 24



Águas que Fluem

*A*lguns dias depois, Giles fez sua última visita ao nosso jardim.

Nós dois tínhamos consciência disso, mas não falamos a respeito. Seu filho mais velho veio com ele e Giles observou enquanto Naam plantava um arbusto sob o antigo cornus ao lado do rio. Giles me disse que ele iria florir na primavera e passou os olhos pela margem como se para fixar a imagem na memória.

Juntando-me a ele ao lado do muro, vi que estava cansado, embora ainda pudesse sentir a luminosidade fundamental que o tornava tão diferente de qualquer outra pessoa que eu havia conhecido. Ele parou por um momento, enquanto observávamos as águas agitadas do rio que passava por nós, caudaloso devido ao breve e recente período de chuvas de outono.

Giles disse:

— Você consegue imaginar o gado que deve ter pastado aqui naquela época, há muito tempo, quando esse lugar era uma fazenda em atividade? Água corrente é essencial. E muitas pessoas no mundo ficam sem ela.

Ele caminhou ao redor do muro, seus passos arrastando-se instáveis à margem do rio. Imaginei-o caindo, e, nesta visão, ficava apavorada ao vê-lo sendo arrastado pela correnteza antes que minhas mãos ansiosas pudessem pegá-lo. Com passos cuidadosos, juntei-me a ele na margem. Parecia que

havia algo em sua mente, e naquele momento falou a respeito, seus olhos fixos na água que fluía:

— Não seja muito dura com seus pais, Carol. O dano que fizeram à sua vida não foi intencional. Muitos de nós gostaríamos de ter a oportunidade de voltar no tempo, mas essas coisas não são possíveis aqui. Nem mesmo Einstein poderia fazer uma coisa dessas.

Agradei a ele. Foi a primeira e única vez que ele me chamou pelo meu nome de batismo.

As boas notícias de Nairóbi tão longamente aguardadas finalmente chegaram. Enquanto isso, embora tivessem se passado apenas alguns dias desde sua visita ao meu jardim, Giles havia entrado em um declínio irreversível. Ele se aferrou à vida, sabendo que Lok estava a caminho. Bienta ligou para perguntar se eu poderia levá-la ao aeroporto de Raleigh para buscar Lok.

Quando cheguei em sua casa, Giles cumprimentou-me de sua cadeira de rodas ao lado da janela panorâmica da sala. Bienta havia ficado retida, ele disse, mas chegaria num instante.

— Por que você não volta e se deita? — perguntei. — Eu ajudo você. Assim você estará mais forte para a chegada de Lok.

Ele balançou a cabeça.

— Se me deitar, não vou levantar novamente.

Uma única lágrima escorreu por sua face. Eu sabia que ele estava com medo de morrer antes que Lok chegasse em casa. Dei a ele um lenço de papel para que pudesse enxugar suas lágrimas.

Por um momento, tive um horrível lampejo de ansiedade — perguntei-me se seria possível pegar sua doença a partir de um lenço manchado de lágrimas. Imediatamente, soube que essa pergunta era ignorante e idiota — vergonhosa. Isso é o que o medo da doença faz com as pessoas — comigo. Tira nossa capacidade de raciocinar logicamente, nossa compaixão e nos separa uns dos outros. O espectro da morte e da decadência traz consigo um impulso de dar as costas. Eu, dentre todas as pessoas, devia saber melhor. Ainda tinha muito que aprender.

Passaram-se alguns minutos. Giles enxugou suas lágrimas e eu as minhas. Lembrei-me das palavras que Giles me disse naquela noite do meu diagnóstico de câncer, quando impulsivamente confessei minha doença a ele no estacionamento da Foodland.

— Você não é responsável por esta doença — ele me disse naquela noite.

Agora eu tentava achar as palavras certas para confortá-lo.

— Você não está sozinho, Giles — eu disse. — Não faz sentido se culpar ou se sentir envergonhado. Coisas ruins acontecem às pessoas boas. Tem gente que se afoga durante as férias de verão. Existem até mesmo bebês que nascem com câncer. Muitas pessoas têm a preferência. Mesmo assim jazem sorrindo tristemente em seus caixões.

Gilles assentiu com a cabeça.

— Não nos esqueçamos das vítimas inocentes da guerra, da fome, dos terremotos. E apesar de muitos avanços terem sido feitos com relação aos tratamentos da AIDS, o estigma se prolongou por mais de 20 anos.

— Não há nada de justo nisso — eu disse. — Nenhuma doença na terra está reservada para pessoas culpadas.

Ele abaixou a cabeça, recebendo esta absolvição. Recebendo-a também, fiz o mesmo.

Quando Bienta e eu vimos Lok pela primeira vez, ela estava na área das bagagens, a postos ao lado de um telefone público. Conforme descíamos pela escada rolante, parecia que ela estava subindo em nossa direção como um anjo terrestre entrando em nossas vidas. Depois de todos esses anos sonhando com este momento, ela passara a simbolizar uma espécie de anjo da guarda para mim — ou uma benção.

Ela tinha as maçãs do rosto proeminentes de Bienta e o sorriso brilhante do seu pai lampejou de volta em resposta ao meu. Ela tinha um pouco mais de um metro e meio de altura, mas seu cabelo, preso em um coque elaboradamente trançado, a fez parecer um pouco mais alta. Ela usava calças jeans e uma camisa branca de linho e tinha uma jaqueta jeans pendurada sobre os ombros. A jaqueta escorregou quando ela correu em direção à sua mãe e eu a peguei. Bienta envolveu Lok em seus braços e elas

falaram em suaíli ou luó. Elas estavam tão entusiasmadas que era difícil distinguir qual dos idiomas estavam falando.

A caminho de casa, uma fria chuva de novembro começou a cair. No banco de trás, Lok dormiu sobre um travesseiro. Bienta sentou-se no banco dos passageiros e serviu como navegador. De vez em quando, ela se voltava para observar as sombras que passavam pelo rosto de sua filha.

A neblina desceu e os sinais de trânsito foram obscurecidos ao longo do percurso sinuoso. Bienta me garantiu que conhecia o caminho, que havia viajado muitas vezes por essas estradas para levar os meninos aos seus jogos de futebol. Mas eu não tinha tanta certeza de onde estávamos. Olhei para o medidor de combustível e percebi que estava quase vazio. Eu deveria tê-lo enchido antes.

Bienta parecia inquieta também. Finalmente, ela se voltou para mim e disse:

— Sra. Wall, acho que errei o caminho.

Eu devia ter ficado calma. Sabia muito bem que, quando se está perdido, o pânico só piora as coisas. Mas pensei em Giles e em seu medo de morrer antes de poder ver Lok. Eu não poderia suportar a ideia de chegar na casa dele apenas para descobrir que era tarde demais. Meu coração disparou e pensei que podia chorar.

Então pensei em uma das fotografias de guerra favoritas de papai que ele mantinha em seu quarto. Nela, ele está dirigindo um jipe e sorrindo largamente para a câmera. Lembrei-me da história de como, depois da guerra, ele visitou os pais de um jovem soldado que havia morrido devido aos ferimentos recebidos em batalha enquanto era transportado na parte de trás do jipe do papai. Papai não conhecia os pais e não iria vê-los novamente, mas fez a longa viagem até Belvedere, Maryland, disse ele, porque queria que eles soubessem que seu único filho não havia morrido sozinho. Ele morreu como um herói e morreu mansamente, protegido por um cobertor na parte de trás do jipe do papai.

Foi reconfortante naquele momento pensar em papai, um líder e protetor, amigo daqueles que estavam com problemas. Senti que ele estava comigo e ouvi sua voz em minha mente, dizendo que tudo ficaria bem, que encontraríamos o caminho de casa.

E encontramos. Chegamos na casa dos Owita um pouco depois da meia-noite. A cadeira de rodas estava vazia, mas brilhava uma luz no quarto de

Giles. Os meninos cumprimentaram sua irmã e correram de volta para ver Giles. Ouvei seu grito de alegria ao ver sua amada Lok. Em inglês, ele disse a ela que lhe traria rosas no verão. Enquanto ela respondia em outro idioma, rezei para que isso fosse verdade e que todas as nossas lágrimas fossem enxugadas um dia.

No dia seguinte, Bienta ligou para dizer que Giles havia perguntado por mim. O tempo da despedida estava próximo.

Quando cheguei, Giles entrava e saía de um delírio, muitas vezes confundindo nomes — todos exceto um: Lok. Ele a manteve ao seu lado, insistindo que ela devia permanecer ali.

Por fim, eu sabia que era hora de falar as palavras do meu coração, aquelas que eu temia ter que dizer em voz alta:

— Eu vou ajudar a tomar conta de sua família, Giles. Porque você faria o mesmo por mim.

Suas pálpebras se agitaram. Houve um momento fugaz em que vi seus olhos se abrirem e tive a impressão de que ele usou toda sua energia para olhar diretamente para mim mais uma vez. Ele não disse nada. Mas olhou dentro de meus olhos e o compromisso final de nossa amizade foi selado. Esse compromisso se baseava no mais puro, no mais belo e lógico dos alicerces.

Na porta do quarto, prestes a sair, fiz uma pausa para lançar um último olhar. Suas mãos jaziam por cima dos lençóis amassados. Suas veias sugeriam a poderosa confluência de vários pequenos rios.

— *Wabironenore* — sussurrei. — Você se lembra do dia em que me ensinou a forma Luo de dizer “adeus”?

Nós vamos nos encontrar depois; era verdade. Ele não podia responder, mas mesmo assim o ouvi prometer.

Capítulo 25



Todas as Coisas que Ele Amava

UM POEMA PARA MEU AMIGO GILES:

Há uma maneira de fazer a passagem que é difícil

E outra que é fácil.

O ar que você inspira e prende,

E depois disso, uma chama brilhante.

O amor que você sentiu por seus semelhantes

Jamais poderá se extinguir.

Descanse ao lado do regato

E possa o Paraíso existir.

¶ ra uma brilhante manhã de novembro. O céu exibia listras de cor lavanda com nuvens deslumbrantemente brancas. Sarah se apressou a descer a calçada em minha direção, carregando uma caixa estreita.

Eu a encontrei em minha garagem, vestindo meu melhor vestido preto, alisando meu cabelo para dar-lhe forma e torcendo a chave na parte de trás da perua para deixar a tampa do porta-malas levantada.

— Deixe-me dar uma olhada — sussurrei.

Os olhos de Sarah estavam cheios de água, mas ela sorriu.

— No começo, não conseguia achar nada. E então, conforme andava pelo jardim de Giles, exatamente como esperávamos, senti que ele estava me mostrando o caminho, me dizendo: “Continue procurando! Não desista! Está aqui e tudo o que você tem que fazer é encontrar!”

Ela puxou a tampa para cima, e eu engasguei. Ali naquela caixa estava o ramalhete de flores para o caixão de Giles, tirado de todas as coisas que ele amava, do lugar que ele amava, do trabalho para o qual havia sido posto aqui na terra. As lágrimas de Sarah começaram a escorrer.

— Eu só não achava que poderia fazer isso — ela conseguiu dizer.

Toquei as folhas brilhantes de magnólia da árvore ao lado da cabana do jardim, as finas faixas de folhagem verde das íris amarelas que Giles adorava, os brotos de azevinho da sua oficina do jardim no fundo do quintal, a callicarpa roxa colhida do pé embaixo da janela panorâmica, os ramos de zimbro retirados dos pés ao lado do pequeno jardim de verão e brotos de alecrim perfumado de certo lugar onde a rampa para deficientes começava a subir vindo da calçada em direção à porta da frente. Era sempre daí que um visitante ouviria Giles chamar:

— Eh! *Amosi!* Por favor, entre!

Tomei a caixa de Sarah e coloquei-a cuidadosamente na perua. Nós nos abraçamos enquanto os vizinhos que passavam por ali de carro nos olhavam de forma compreensiva, e agora eu também estava chorando. Vários desses vizinhos participariam da Missa, junto com muitos outros que vieram a conhecer Giles e que eram gratos pela benção de sua fértil vida.

Dick me deixou na entrada atrás da igreja e seguiu para estacionar o carro. Ouvi o coro ensaiando o Crimond (O Senhor é Meu Pastor) para depois da Comunhão e eu sabia que a alegre melodia de “All Things Bright and Beautiful” também seria ensaiada logo depois.

Levei o arranjo para a capela, onde Bienta e as crianças esperavam. Eles me observavam enquanto eu segurava o arranjo de Sarah, a obra de arte de Giles, sobre a madeira envernizada do caixão fechado. Cuidadosamente, baixei-o e o coloquei no lugar.

Meu olhar fixou-se brevemente sobre os frutos laranja brilhante da roseira que apenas algumas semanas antes balançavam majestosamente em meio à brisa, sob o peso das rosas que esperavam a chegada de uma viajante. Isso deu lugar à visão da adorável viajante. Lok estava em pé do

outro lado do caixão estreito. Seu cabelo trançado estava elegantemente puxado para cima. Ela parecia nobre, digna. Exatamente como seus pais. Eu não conhecia Lok realmente, não mesmo, mas ela olhou para mim com aqueles olhos cheios de vida que eram tão familiares. As lágrimas escorreram pelo seu rosto e tive vontade de ficar com ela. Então Bienta e os rapazes se aproximaram e eu me contive. Quando eles formaram um círculo, os braços graciosos de Bienta se estenderam para me incluir.

Contei o tempo que estava pela frente. Quantas semanas se passariam antes que o verão voltasse? Quando foi que as rosas floresceram no ano passado? Eu encontraria as respostas nas notas que havia feito no meu caderno, esperava. Ou talvez simplesmente me lembrasse das lições dadas por um homem que me ensinou, finalmente, a amar as flores. Coloquei minha mão sobre a madeira envernizada que continha o corpo de meu amigo. Sua superfície parecia tão lisa e havia conforto ali, só nesse fato. Despedi-me amorosamente de Giles e subi as escadas para me juntar ao coro.

Epílogo



Sentei-me ao lado da janela do meu escritório, olhando para fora. O verão havia chegado ao meu jardim novamente, mas sem Giles ele não parecia o mesmo.

O arbusto que Naam havia plantado naquele último dia ao lado do rio finalmente havia mostrado suas flores de um vermelho e amarelo brilhante. Enquanto reparava nisso, o beija-flor que eu havia visto durante vários dias mergulhou no jardim mais uma vez, pairando acima do arbusto de Giles e sugando o néctar das flores.

Ao meio-dia, juntei-me a Bienta para almoçar. Havíamos nos tornado clientes habituais e a anfitriã nos levou até nossa mesa favorita. Contei a Bienta como o arbusto vinha atraindo um lindo beija-flor que o visitava com frequência.

Ela segurou a colher de sopa de tomate no ar.

— Um beija-flor está visitando seu jardim?

— Isso mesmo. Lá embaixo na margem. Mostrei a você o arbusto que plantamos. Lembra?

Ela afundou de volta em sua cadeira. Perguntei qual o problema.

— Você não sabia sobre o beija-flor? — ela disse.

— O que você quer dizer?

Em um tom de voz fascinado, ela me contou sobre um beija-flor que visitava Giles todos os dias na janela panorâmica, no verão passado,

enquanto ele estava sentado em sua cadeira de rodas. Parecia vir do nada e simplesmente pairava no ar, olhando para ele através do vidro.

— Os meninos gostavam de provocar o pai, dizendo que a criatura era seu animal de estimação — ela disse.

— Não — eu disse. — Um beija-flor? Ele nunca mencionou isso. — meu coração estava batendo rapidamente.

— Nós procuramos em vão por esse beija-flor neste verão — ela disse. — Não estava em lugar nenhum. Ele não visitou nosso jardim nenhuma vez este ano.

Dei um pequeno suspiro. Olhamos uma para a outra, apenas um pouco descrentes — afinal, estávamos lidando com Giles — até que a garçonete voltou para ver se estava tudo bem.

— Estamos bem — eu disse.

— Mais ou menos — acrescentou Bienta. Ela me deu um sorriso melancólico. — Nós aprendemos muito, não foi, Sra. Wall?

— Aprendemos sim.

Dirigindo de volta para casa, lembrei-me de ter lido alguma coisa sobre beija-flores. Era lindo, mas inquietante, e eu não conseguia lembrar os detalhes. Enquanto Rhudy entusiasticamente me cumprimentava na porta, de repente me lembrei. Corri para cima até minha penteadeira e tirei a pilha de cartões de melhoras da época de minha cirurgia e da quimioterapia. Eu havia feito um maço com eles usando um elástico de borracha e os havia escondido embaixo de minhas camisetas cuidadosamente dobradas. Removendo o elástico, folheei a pilha até que encontrei. Era um cartão com a figura de um beija-flor do lado de trás. Embaixo da imagem havia uma frase: “Diz a lenda que o beija-flor é capaz de flutuar livre do Tempo”.

Apertei a pilha de cartões contra meu peito e fechei os olhos. Que outras surpresas me aguardariam em volta da curva do rio? Fui para meu escritório, onde meu caderno com capa de papelão imitando mármore ocupava um canto especial da mesa. Algo me dizia que eu ainda não havia terminado de escrever nele. Olhei para fora, para o rio. Vi meu rosto refletido na vidraça.

Giles, diga-me — e o próximo exame e o outro depois desse? Qual será minha contagem? O que o futuro me reserva? Eu simplesmente preciso saber.

Não havia nenhuma resposta definida em um futuro próximo. O beija-flor também não estava em evidência, mas a bengala de Giles estava em um canto escuro ao lado da minha mesa. Pensei naquela que poderia ter sido a maior lição que Giles havia me deixado — seu exemplo de aceitação graciosa das desvantagens e aflições que a vida lhe trouxera. Ele havia me mostrado que a terra estava cheia de tesouros escondidos.

Ouvi a voz de Giles a sussurrar suavemente:

— Todo momento contém uma vida. Todo dia traz algo de bom!

Nota do Autor



Estas memórias são baseadas em uma história real. Os nomes das pessoas — e determinadas informações de identificação — foram alterados para garantir privacidade. Em alguns casos, o tempo decorrido foi comprimido ou ligeiramente alterado para atender aos propósitos da narrativa. As conversas refletem minhas melhores lembranças. Todas as informações médicas pertinentes referentes aos personagens principais (histórias sobre HIV, derrame e câncer de mama) são precisamente acuradas e documentadas.

Agradecimentos



É preciso muita gente para tornar algo assim possível. Quando penso em todas as pessoas às quais preciso agradecer, não sei por onde começar.

Talvez eu deva agradecer a todos os agentes que me rejeitaram ao longo dos anos. Eles permitiram que eu encontrasse Marly Rusoff, uma hiper-agente e a melhor amiga e mentora que qualquer escritor pode ter. Eu tinha a história, mas Marly tornou possível este livro. Ela tem um ótimo faro para narrativas e pessoas. Ela me impediu de desistir mais de uma vez ao longo desses últimos três anos. Marly é a melhor.

Talvez a melhor coisa que Marly tenha feito foi me apresentar e ao *Senhor Owita* a Amy Einhorn, na Penguin. Lembro-me de minha primeira conversa com Amy. Nessa época, ela havia lido apenas a proposta, mas me disse que podia “ver” o livro. Não tive dúvidas de que era verdade. Ela tinha o dom de saber o que eu estava pensando e de me dizer como eu deveria expressar esses pensamentos. Dizer que ela é uma editora meticulosa seria subestimá-la. Sei que muito já se escreveu sobre sua atenção aos detalhes. Todas as vezes que ela tocou no manuscrito, foi para torná-lo melhor. Ela e sua assistente, Liz Stein, tiveram a visão e a determinação para fazer com que este livro se tornasse realidade. Muitas pessoas da Penguin contribuíram para isso, é claro, incluindo Katie McKee

da Publicidade, Diana Van Vleck e todas as pessoas talentosas do departamento de vendas.

Também quero agradecer à minha amiga e consultora literária, Peternelle Van Arsdale, da PVA Books, que usou seus dons especiais e sua escuta aguçada para me ajudar a encontrar a melhor forma de contar esta bela história. Peternelle e eu temos uma conexão especial e tenho sorte por contar com sua ajuda.

Muitos dos meus amigos e familiares me ajudaram a elaborar este livro. Meu marido, Dick, me incentivou no que eu costumava chamar de “minha pretensa carreira de escritora” durante muitos anos. Ele insistiu para que eu levasse o tempo que fosse necessário para fazer isso e permitiu que eu me dedicasse à solitária profissão de escrever. Meus filhos, Chad, Jennie e Phil, também me ofereceram apoio e aprovação. Phil teve um papel importante na criação do livro. Em 2009, logo depois que Giles havia morrido, eu estava me debatendo com um manuscrito sobre meu câncer de mama. “Debatendo-me” é realmente dizer o mínimo. Eu tinha medo de expor meus sentimentos e não estava exatamente apaixonada pela história. Quando estava prestes a desistir, Phil sugeriu que eu colocasse meu amigo Giles em cena. Boa ideia, Phil.

A mulher de Chad, Ashley, e o marido de Jennie, Kenny, apoiaram a ideia desde o começo. Recebi inspiração de uma grande e amorosa família, incluindo meus preciosos netos, Madeline, Caroline, Rachel e David. Como não me sentir uma pessoa de sorte?

Dick é um advogado especializado em Direito Empresarial e uma de suas melhores qualidades profissionais é saber que ele não sabe tudo. Ele também se deu conta que ser casado já é suficientemente difícil sem precisar incluir uma relação advogado-cliente à mistura. Dick me apresentou ao advogado da área de Entretenimento Kirk Schroder, que me forneceu ajuda e aconselhamento ao longo dos últimos anos.

Esta história, é claro, é sobre meu amigo Giles. Sei que nem todas as pessoas são abençoadas com um amigo assim, e agradeço a Deus por enviar Giles para fazer parte de minha vida. Também agradeço à minha amiga Ellen, mestre em jardinagem, por me apresentar a Giles, por ser uma caixa de ressonância durante todo o processo e por fornecer várias informações sobre seu passado. Minha boa amiga Anne me incentivou em cada passo do caminho. Minhas irmãs PEO têm sido uma grande fonte de força, bem

como minha amiga Gerda. Monsenhor Tom Miller forneceu um grande número de inspirações e orações em minhas jornadas. Agradecimentos especiais também vão para Kelly Wheelbarger e para meus amigos do coro.

A mulher de Giles, Bienta, se tornou uma amiga especial e é uma parte importante da história. Ela apoiou todas as etapas do projeto e estou ansiosa para trabalhar com ela na divulgação da mensagem do *Manual de Jardinagem do Senhor Owita*.

Minhas lutas contra o câncer e meu registro médico estão bem documentados neste livro. Por alguma razão, sempre evitei a expressão “sobrevivente de câncer de mama”. Aprendi agora a assumir que sou uma “paciente com câncer de mama”. As muitas irmãs que têm essa doença e que compartilham esse rótulo entendem isso, mesmo que ainda não haja cura, agora temos a possibilidade de viver por muitos anos com a doença. Meu lindo Oncologista, o Dr. Bill Fintel, ajudou-me a entender isso. No fim deste livro, eu digo: “*Giles, diga-me — e o próximo exame e o outro depois desse? Qual será minha contagem? O que o futuro me reserva? Eu simplesmente preciso saber*”. Como Giles me ensinou, eu realmente não tenho que saber. Ninguém sabe. Mas o Dr. Fintel e eu temos um plano. Ele tem cinquenta e sete anos e pretende trabalhar até os setenta. Eu pretendo estar na sua festa de aposentadoria.

Meu maravilhoso residente, o Dr. Lawrence Monahan, também faz parte deste plano. Fui abençoada por ter seu apoio, além da ajuda especializada de muitos médicos e enfermeiras talentosos, especialmente as enfermeiras do 6W no Centro Médico Lewis Gale. Tenho certeza que irei visitar todos eles novamente com o passar dos anos.

Todos os meus alunos ao longo dos anos — de vários lugares como Nashville, Charlottesville, Radford e Roanoke — me ensinaram a ser bondosa em minha aceitação da crítica construtiva e fizeram comentários sobre meu texto que foram oferecidos com sinceridade e recebidos com gratidão. Agradecimentos especiais a Kristi Fry, professora de inglês e redação no Colégio Northside em Roanoke, por conseguir que eu exercesse a função de escritora residente na Roanoke County Schools. Acho que seria justo afirmar que aprendi tanto quanto ou mais do que os alunos aprenderam.

Sou abençoada (e sortuda) por contar com o amor e o apoio de todas essas pessoas maravilhosas. Em 1961, quando estava na quarta série do

Ensino Fundamental na Escola McHarg, tive uma professora especial, uma santa, Marge Roberson. Ela sabia que eu queria ser escritora e usou seu poder, sua beleza e graça para me incentivar. Com o passar dos anos, ela sempre me procurava quando eu publicava algum artigo. Eu a via de vez em quando e ela sempre me perguntava sobre meu trabalho. Ela morreu em janeiro de 2011, um pouco antes de eu assinar meu contrato com a Penguin. Eu a vi pela última vez no funeral de meu pai em 2007. Ela me cumprimentou com as seguintes palavras: “Como vai minha escritora favorita?” Giles Owita me ensinou a responder a essa pergunta. Para a escritora favorita de Marge Roberson, todos os dias são bons.

Carol Wall

Agosto de 2013

Sobre a autora



Os artigos e ensaios de Carol Wall, voltados para a vida familiar, foram populares em publicações como a *Southern Living* e *The Atlanta Journal-Constitution* por mais de vinte anos. Oradora talentosa, Carol exerceu a função de escritora residente na Roanoke County Schools, onde o público formado por alunos do ensino médio aprendeu a esperar ansiosamente por suas divertidas e envolventes apresentações. Começando em 1973, com seu primeiro emprego como professora no Colégio East em Nashville, Tennessee — onde Oprah Winfrey se formou — Carol era conhecida por sua capacidade de se conectar com os ouvintes, compartilhando sua paixão pela narrativa e conseguindo, de forma ardente, incluir até mesmo o aluno mais relutante. Carol e seu marido têm três filhos adultos e quatro belos netos. Construíram seu lar no Vale de Shenandoah, na Virgínia. Carol vem lutando contra um câncer de mama Estágio 4 desde 2008. *O Manual de Jardinagem do Senhor Owita* é seu primeiro livro.

© Lazuli Editora, 2010
Copyright © 2015 by Carol Wall



direção editorial Miguel De Almeida
capa Werner Schulz
foto da capa Leila Fugii
diagramação Daisy Marques
tradução Emilia Ortiz Ramos
revisão Thais Gonçalves

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Wall, Carol

O Jardim do Sr. Owita / Carol Wall ; [tradução
Emilia Ortiz Ramos]. -- São Paulo : Lazuli Editora,
2015.

Título original: Mister Owita's guide to
gardening.

ISBN 978-85-7865-097-1

1. Atitude (Psicologia) 2. Jardinagem 3.
Jardinagem - Psicologia 4. Jardinagem - Uso
terapêutico I. Título.

15-07052
635.03

CDD-

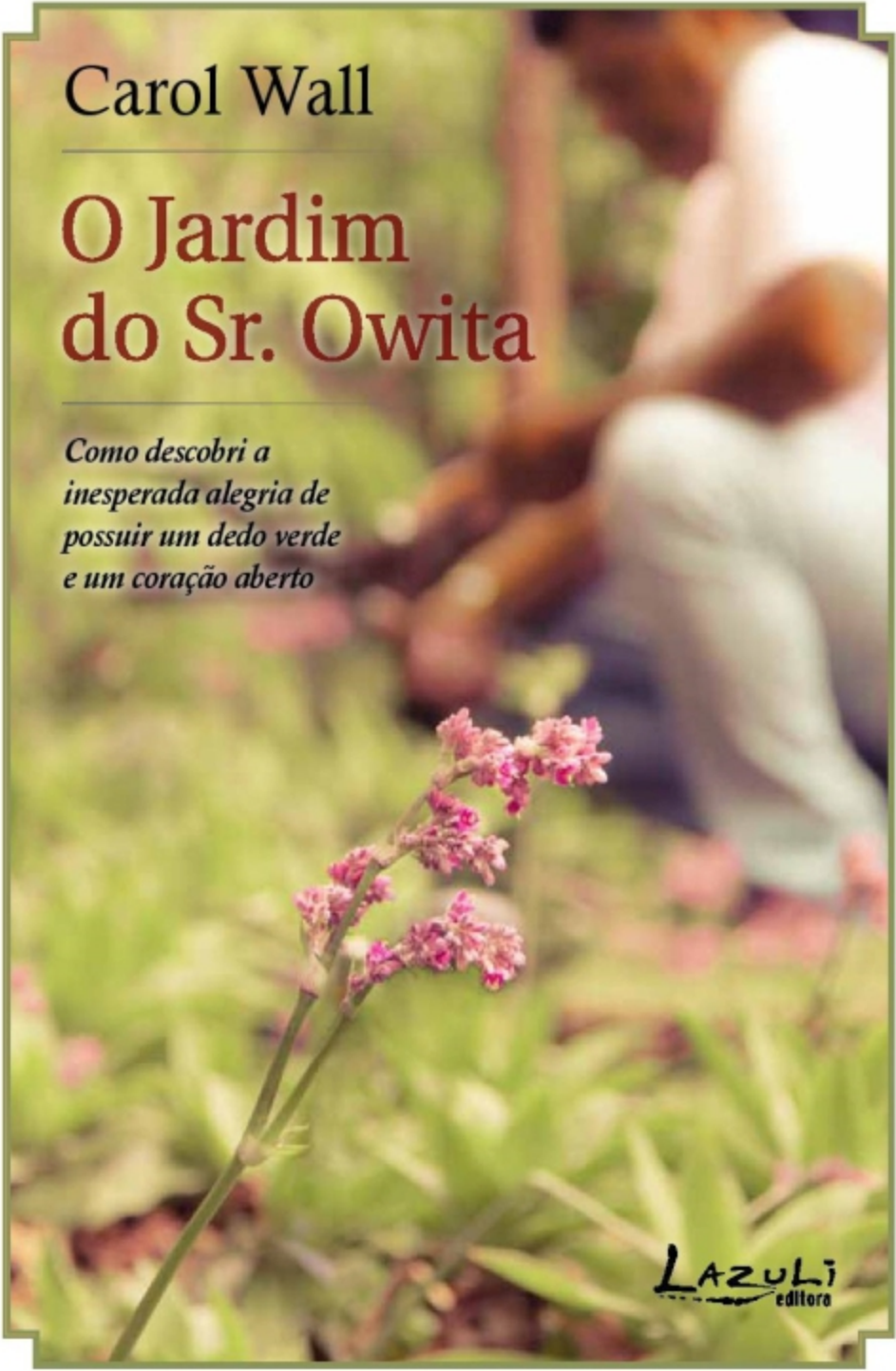
Índices para catálogo sistemático:

1. Jardinagem : Manuais 635.03

Todos os direitos desta edição reservados à Lazuli Editora Ltda.
1ª edição – São Paulo – 2016



Lazuli Editora Ltda.
Rua Patizal, 35, Vila Madalena, São Paulo, SP • CEP 05433-040
Tel. (11) 3729 6077 • www.lazuli.com.br • e-mail: lazuli@lazuli.com.br



Carol Wall

O Jardim do Sr. Owita

*Como descobri a
inesperada alegria de
possuir um dedo verde
e um coração aberto*

LAZULI
editora